Bertolt Brecht

Teatro Completo

9

As visões de Simone Machard
Schweyk na Segunda Guerra Mundial
O círculo de giz caucasiano

PAZ E TERRA

TEATRO COMPLETO

em 12 volumes

BERTOLT BRECHT
TEATRO COMPLETO
em 12 volumes
IX

AS VISÕES DE SIMONE MACHARD (1941-1943)
Tradução de Angelika E. Köhnke

SCHWEYK NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1943)
Tradução de Sergio Viotti

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO (1942-1945)
Tradução de Geir Campos

Copyright by Suhrkamp Verlag.
Títulos dos originais em alemão:
Die Gesichte der Simone Machard © 1957 by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main;
Schweyk im Zweiten Weltkrieg © 1957 by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main;
Der kaukasische Kreidekreis © 1955 by Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main

Coordenação Geral: Christine Roehrig e Fernando Peixoto
Preparação: Carmem T. S. Costa e Hélder Garmes
Revisão: Antônio P. Danesi e Sandra R. Garcia
Capa: Isabel Carballo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brecht, Bertolt, 1898-1956.
Teatro completo, em 12 volumes / Bertolt Brecht.
– Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992 – (Coleção teatro ; v. 9-17)

Tradução de Bertolt Brecht: Gesammelte Werke in 20 Bänden.
Publicados v. 1-9

1. Teatro alemão I. Título. II. Série.

92-3402 CDD-832.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Século 20 : Teatro : Literatura alemã 832.91
2. Teatro : Século 20 : Literatura alemã 832.91

Direitos adquiridos pela

EDITORA PAZ E TERRA LTDA.
Rua do Triunfo, 177
Santa Ifigênia, São Paulo, SP – CEP 01212-010
Tel.: (11) 3337-8399
vendas@pazeterra.com.br
www.pazeterra.com.br

que se reserva a propriedade desta tradução.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Índice

As visões de Simone Machard 11
Schweyk na Segunda Guerra Mundial 91
O círculo de giz caucasiano 179

PERSONAGENS

Philippe Chavez, prefeito de Saint-Martin (nos sonhos, rei Carlos VII)
Henri Soupeau, o patrão da hospedaria (o oficial)
Marie Soupeau, sua mãe (a rainha-mãe Isabeau)
Honoré Fétain, capitão, um rico proprietário de vinhedos (duque de Borgonha)
Coronel (bispo de Beauvais)
Um Comandante Alemão (comandante dos ingleses)
Simone Machard (nos sonhos, a virgem de Orleans)
Os Motoristas Maurice e Robert
Georges e Père Gustave, empregados da hospedaria
Madame Machard e Monsieur Machard, pais de Simone
Um Sargento
Refugiados
Personagens Secundários (nos sonhos, soldados e povo)
O Anjo

A cena representa o pátio da hospedaria "Au Relais". Ao fundo, uma construção baixa, sem piso, forma a garagem. À direita do espectador está a hospedaria com sua entrada de serviço. À esquerda, o galpão de depósito de provisões da hospedaria com dependências para os motoristas. Entre o galpão e a garagem há um portão relativamente grande que conduz à rua. A garagem é espaçosa, já que a hospedaria também abriga uma empresa de transportes.
A ação se passa em junho de 1940 na pequena cidade francesa de Saint-Martin, no centro da França, numa estrada principal que vai de Paris ao sul.

I

O LIVRO

O soldado Georges, com o braço direito enfaixado, está sentado, fumando, ao lado do velho Père Gustave, que remenda um pneu. Os irmãos Maurice e Robert, ambos motoristas da hospedaria, olham fixamente para o céu. Ouvem-se aviões. É noite de 14 de junho.

ROBERT — Devem ser os nossos.

MAURICE — Não são os nossos.

ROBERT *grita para Georges a sua frente* — Georges, são os nossos ou são os alemães?

GEORGES *movendo com cuidado o braço enfaixado* — Agora também já não estou mais sentindo a parte de cima do braço.

PÈRE GUSTAVE — É melhor não mexer.
Entra Simone Machard, uma menina vestindo um avental muito longo e usando sapatos demasiado grandes. Arrasta atrás de si um pesado cesto de roupas.

ROBERT — Pesado?
Simone faz que sim com a cabeça e arrasta o cesto até a base da bomba de gasolina. Os homens observam-na fumando.

GEORGES *para Père Gustave* — Você acha que é por causa da faixa? Ele está mais duro desde ontem.

PÈRE GUSTAVE — Simone, vá buscar um pouco de vinho do galpão para o monsieur Georges.

SIMONE *colocando o cesto no chão* — Mas e se o patrão pegar de novo?

PÈRE GUSTAVE — Faça o que mandam. *Simone sai.*

ROBERT *para Georges* — Será que você não consegue responder para a gente? Isso aí usa uniforme e nem olha para cima quando aparecem aviões! É com soldados como você que se perde a guerra.

GEORGES — O que você acha, Robert? Agora a parte de cima do braço também não está respondendo. O Père Gustave acha que é só por causa da faixa.

ROBERT — Eu perguntei que aviões são esses aí em cima da gente.

GEORGES *sem olhar para cima* — Alemães. Os nossos não sobem.
Simone volta com uma garrafa de vinho branco e serve o soldado Georges.

SIMONE — O senhor acha que perderemos a guerra, monsieur Georges?

GEORGES — Perdendo ou ganhando vou precisar de dois braços.
Henri Soupeau, o patrão, chega da rua. Simone esconde o vinho rapidamente. O patrão pára, olha quem está no pátio e acena para trás, para a rua. Surge um senhor vestindo um grande guarda-pó. O patrão o conduz pelo pátio cobrindo-o cuidadosamente da vista dos empregados e desaparece com ele na hospedaria.

PÈRE GUSTAVE — Vocês viram aquele de guarda-pó? É um oficial. Um coronel. Mais um que abandonou o front. Não querem ser vistos. Mas comer, comem por três.
Simone, que havia voltado para o seu cesto e havia se sentado sobre a base da bomba de gasolina, começa a ler um livro, que estava aberto sobre o cesto.

GEORGES *debruçado sobre seu vinho* — O Robert me aborrece. Ele acha que se perde a guerra com soldados como eu. Mas já se ganhou outras coisas comigo, isso lá é. Por exemplo, um sujeito lá em Tours já faturou com os meus sapatos e um outro lá em Bordeaux com o meu capacete. O meu casaco já rendeu um castelo na Côte d'Azur, minhas polainas renderam sete cavalos de corrida. A França já se deu muito bem às minhas custas, bem antes da guerra ter começado.

PÈRE GUSTAVE — Mas esta será perdida. Pelos guarda-pós.

GEORGES — E nos duzentos hangares têm mil aviões de combate, pagos e tripulados, testados e voados. Mas na hora que a França corre perigo eles não decolam. A fortaleza custou dez bilhões e é de aço e cimento, tem mil quilômetros de extensão, sete andares de profundidade, em campo aberto. E quando a batalha começou, nosso coronel subiu no carro e recuou, e atrás dele saíram vinte carros carregados de vinho e alimentos. Dois milhões de homens esperavam pelo comando, prontos para morrer, mas a namorada do ministro de guerra não entrou em acordo com a namorada do primeiro-ministro, e aí o comando não chegou. É, nossas fortalezas fincadas no chão, imóveis, enquanto que as deles erguidas sobre rodas atropelam a gente. Nada pode deter os tanques deles, enquanto tiverem petróleo — e esse eles buscam nos nossos postos. Amanhã bem cedo eles vão estar aqui na frente do seu posto, Simone, chupando o seu petróleo. Obrigado pelo vinho.

ROBERT — Não fale de tanques — *movendo a cabeça na direção de Simone* — na presença dela. O irmão dela está na frente.

GEORGES — Ela está enfiada no livro dela.

PÈRE GUSTAVE *para Robert* — Que tal uma partidinha de belote?

ROBERT — Estou com dor de cabeça. Passamos o dia inteiro atravessando colunas de refugiados, transportando os barris de vinho do capitão. Um verdadeiro êxodo.

Père Gustave — Você não percebe que o vinho do capitão é que é o mais importante dos refugiados?

Georges — Todo mundo sabe que esse homem é um fascista. Os cupinchas dele no estado-maior devem ter ouvido falar que alguma coisa não ia bem na frente de novo.

Robert — O Maurice está uma fera. Diz que está cheio de ficar transportando os malditos barris de vinho no meio da mulherada e da criançada. Vou tirar uma soneca. *Sai.*

Père Gustave — Para o comando de guerra essas colunas de refugiados são a ruína. Os tanques conseguem atravessar qualquer pântano, mas encalham no humano. A população civil mostrou ser o grande estorvo para a guerra. A gente devia levá-la logo a um outro planeta, desde o começo, porque ela só atrapalha. Ou acabamos com o povo ou com a guerra. Não dá para ter as duas coisas.

Georges *que sentou-se ao lado de Simone, metendo a mão no cesto* — Mas você tirou a roupa ainda encharcada do varal.

Simone *continua lendo* — Os refugiados sempre roubam as toalhas de mesa.

Georges — Provavelmente para fazer fraldas ou panos de pé.

Simone *continua lendo* — Mas a madame confere .

Georges *espantado para o livro* — Ainda é a *Virgem de Orleans? Simone faz que sim com a cabeça.* Quem foi que deu esse livro a você?

Simone — O patrão. Mas eu não tenho tempo para ler. Ainda estou na página setenta e dois, onde a virgem derrota os ingleses e coroa o rei em Reims. *Continua a ler.*

Georges — Pra que ler essa coisa antiquada?

Simone — Eu tenho que saber como continua. É verdade que a França é o país mais bonito de todo o mundo, monsieur Georges?

Georges — Isso está escrito aí no livro? *Simone faz que sim com a cabeça.* Eu não conheço o mundo inteiro. Mas dizem que o país mais bonito é aquele em que vivemos.

Simone — Como é a Gironde, por exemplo?

Georges — Eu acho que lá também se faz vinho. Dizem que a França é a maior consumidora de vinho.

Simone — Existem muitos barcos no Sena?

Georges — Uns mil.

Simone — E como era lá em Saint-Denis onde o senhor trabalhou?

Georges — Lá não tem nada de especial.

Simone — Mas fora isso é o país mais bonito que existe.

Georges — É bom em pão branco, em vinho e pesca. Não se pode falar nada contra os cafés com as marquises alaranjadas. Nem contra os mercados com as carnes e as frutas, especialmente de madrugada. Dos bistrôs onde a gente toma um bom copo de aguardente, não podemos reclamar. As feiras e as saídas de navios com música militar também podem ficar. Quem poderia se queixar dos álamos debaixo de onde se joga boule? Hoje você também tem que ir ao ginásio levar as provisões?

Simone — Tomara que os batedores ainda cheguem antes que eu saia.

Georges — Que batedores?

Simone — Estão esperando a chegada de uns batedores lá na cozinha. Eles perderam a cozinha de campanha na maré dos refugiados e são do 132.

GEORGES — Não é nesse que está o seu irmão?

SIMONE — É. Eles estão avançando. Aqui no livro diz que o anjo exigiu da virgem que matasse todos os inimigos da França. Deus quer assim.

GEORGES — Você vai ter pesadelos de novo, se ficar lendo essa coisa sanguinária. Afinal, para que eu tomei os jornais de você?

SIMONE — É verdade que os tanques deles passam no meio da multidão de gente, monsieur Georges?

GEORGES — É sim. E você já leu o bastante. *Tenta arrancar o livro dela. À porta da hospedaria surge o Patrão.*

PATRÃO — Georges, não deixe ninguém entrar na sala de refeições. *Para Simone* — Outra vez lendo durante o serviço, Simone. Não foi para isso que lhe dei o livro.

SIMONE *que mais do que depressa se empenha em contar toalhas de mesa* — Eu só estava dando uma lidinha enquanto contava as toalhas. Desculpe, monsieur Henri.

PÈRE GUSTAVE —No seu lugar, eu não teria dado o livro a ela, monsieur Henri. Está deixando ela confusa.

PATRÃO — Besteira. Nesses tempos é bom que ela dê uma olhada na história da França. Essa juventude nem sabe mais o que é a França. *Fala sobre o ombro para dentro da casa* — Jean, os hors-d'oeuvre para a sala de refeições. *Novamente aos que estão no pátio* — Leiam vocês também e verão que tipo de espírito que reinava naquele tempo. Sabe Deus o quanto estamos precisando de uma virgem de Orleans.

PÈRE GUSTAVE *fingindo ingenuidade* — E de onde é que ela deveria surgir?

PATRÃO — De onde ela deveria surgir? De toda parte. Podia ser qualquer um. Você, Georges! *Apontando para Simone.* Poderia ser ela. Qualquer criança poderia dizer o que deve ser feito, é muito simples. Até ela poderia dizê-lo ao país.

PÈRE GUSTAVE *examinando Simone* — Um pouco pequena para uma virgem de Orleans.

PATRÃO — Um pouco pequena, um pouco nova, um pouco grande, um pouco velha: onde falta espírito há sempre uma desculpa. *Sobre o ombro, para dentro da casa* — Você pegou as sardinhas portuguesas, Jean?

PÈRE GUSTAVE *para Simone* — Que tal seria? Você tem vontade de se transformar? O meu receio é que hoje em dia os anjos não apareçam mais.

PATRÃO — Chega, Père Gustave! Quero que o senhor reprima o seu cinismo na presença da menina. Deixem-na ler seu livro sem os seus comentários sujos. *Ao entrar* — Só não precisa ser justo durante o trabalho, Simone. *Sai.*

PÈRE GUSTAVE *sarcástico* — Não é o cúmulo, Georges? Agora a lavadeira ainda tem que ser educada para ser virgem de Orleans, e é claro que só nas horas vagas. Entopem nossas crianças de patriotismo. Eles próprios se escondem nos guarda-pós. Ou escondem a gasolina açambarcada em certas olarias, em vez de entregá-la ao exército.

SIMONE — O patrão não comete injustiças.

PÈRE GUSTAVE — Não, ele é o grande benfeitor. Te dá vinte francos por semana, para que tua gente "tenha ao menos isso".

SIMONE — Ele me mantém para que o meu irmão não perca o emprego aqui.

PÈRE GUSTAVE — E assim tem uma frentista, uma garçonete e uma lavadeira.

SIMONE — É porque estamos em guerra.

Père Gustave — E não é nada mal para ele, não é?

Patrão *surge à entrada da hospedaria* — Père Gustave, uma meia garrafa de Chablis 23 para o senhor com a truta. *Entra novamente na hospedaria.*

Père Gustave — O senhor de guarda-pó, aliás, o senhor coronel, deseja uma garrafa de Chablis antes que a França se afunde. *Vai para o depósito de provisões. Durante o que se segue atravessa o pátio trazendo a garrafa de Chablis.*

Voz de Mulher *do primeiro andar da hospedaria* — Simone, as toalhas — é para hoje?

Simone ergue o cesto e quer entrar na hospedaria. Neste momento surgem da rua um Sargento e dois Batedores trazendo um caldeirão.

Sargento — É para a gente pegar comida. O prefeito disse que telefonou.

Simone *obsequiosa, radiante* — Com certeza já deve estar pronta. Vão direto para a cozinha. *Para o Sargento, enquanto os dois Batedores entram* — O meu irmão André Machard também está no 132, monsieur. O senhor sabe por que não estamos mais recebendo notícias dele?

Sargento — Lá na frente está uma bagunça completa. Nós também perdemos o contato desde anteontem.

Simone — A guerra está perdida, monsieur?

Sargento — Claro que não, mademoiselle. São apenas avanços isolados de formações de tanques inimigos. Supõe-se que logo, logo acabará a gasolina desses monstros. Daí eles vão ficar abandonados nas ruas, sabe?

Simone — Ouvi dizer que eles não vão chegar nunca até o Loire.

Sargento — Não, não, pode ficar despreocupada. Do Sena até o Loire ainda tem muito chão. O que é grave são as ondas de refugiados. A gente quase não consegue mais avançar. É preciso consertar pontes bombardeadas, senão as reservas não conseguem atravessar.

Os dois Batedores voltam com a comida. O Sargento olha dentro da caldeirão.

Sargento — Isso é tudo? Que vergonha! Dê só uma olhada no caldeirão, mademoiselle. Não está nem pela metade. Esse é o terceiro restaurante onde mandam a gente. Em dois nada e aqui isso.

Simone *olha atônita para o caldeirão* — Deve haver algum engano. Aqui temos de tudo, lentilha e até toucinho. Eu mesma vou falar com o patrão. O caldeirão de vocês será enchido. Esperem um instante. *Entra correndo.*

Georges *oferecendo cigarros* — O irmão dela só tem dezessete anos. Foi o único voluntário em Saint-Martin. Ela é muito apegada a ele.

Sargento — O diabo que carregue essa guerra, que nem guerra é. Tratam o exército, em seu próprio país, como a um inimigo. E o primeiro-ministro falando pelo rádio “o exército é o povo”.

Père Gustave *que saiu novamente* — “O exército é o povo”. E o povo é o inimigo.

Sargento *hostil* — O que quer dizer?

Georges *olha para o caldeirão pela metade* — Por que vocês toleram isso? Chamem o prefeito.

Sargento — A gente conhece os comandantes: não fazem nada.

Simone *retorna lentamente, sem olhar para o Sargento* — O patrão disse que a hospedaria não pode dar mais — tem muitos refugiados aí.

Père Gustave — A quem não podemos dar nada porque damos tudo à tropa.

Simone *desesperada* — O patrão está furioso porque o prefeito está fazendo muitas exigências.

Sargento *cansado* — Em todo lugar é a mesma coisa.

Patrão *aparece à porta e entrega uma conta dobrada a Simone* — Leva a conta para o senhor com a truta. Diga que os morangos estão a preço de custo, que foram os seus pais que venderam eles para a hospedaria. *Empurra-a para dentro.* O que é que foi? Os senhores não estão satisfeitos? Talvez queiram colocar-se por um momento na situação da população. Já foi sangrada ao máximo e a cada momento surgem novas exigências. Deus é testemunha de que ninguém mais do que eu sente pela França: mas... *Grande gesto de impotência.* Eu só consigo manter o negócio às custas de enormes sacrifícios. Também olhem para a ajuda que eu tenho. *Aponta para Père Gustave e Georges.* Um velho e um aleijado. E ainda uma menina. Eu dou ocupação a eles senão morrem de fome. Eu não posso alimentar ainda o exército francês.

Sargento — Eu não posso exigir que os meus homens marchem de estômago vazio para dentro da noite e do fogo. Consertem suas pontes vocês mesmos. Eu vou esperar pela minha cozinha de campanha. Ainda que demore sete anos. *Sai com seus Batedores.*

Patrão — O que é que eu posso fazer? Não se pode agradar a todos. *Insinuando intimidade com seu pessoal* — Meus filhos, dêem graças que vocês não têm uma hospedaria. A gente tem que defendê-la como contra lobos, não é? Depois de todo esforço que nos custou para conseguir as duas estrelas no guia turístico. *Aborrecido por Père Gustave e Georges demonstrarem pouca solidariedade para com as suas preocupações.* Não fiquem aí parados feito postes. *Grita para trás, para a casa* — Monsieur, o pátio está vazio agora.

Coronel *o senhor de guarda-pó sai da hospedaria e dirige-se ao Patrão, que o conduz através do pátio até a rua* — Os seus preços são descarados, monsieur. Cento e sessenta francos por um almoço.

Georges *que entrara na hospedaria e agora puxa Simone pelo braço para fora. Simone tampa o rosto com as mãos* —Já se foram faz tempo. Não precisa mais se esconder no corredor. Você não tem culpa, Simone.

Simone *enxugando as lágrimas* — É só porque são do 132, sabe? Os da frente esperam por reforço e os batedores têm que consertar as pontes primeiro.

Patrão *volta da rua* — Foie gras, trutas, lombo de cordeiro, aspargos, Chablis, café, um conhaque Martel 84. Nesses tempos! E quando chega a conta puxam a cara meio metro. Mas servir a gente tem que servir no ato, já que não vêem a hora de escapar da zona de combate. Um oficial! Um coronel! Pobre França! *Olha para Simone com a consciência pesada* — E você não se meta em assuntos de cozinha! *Entra na hospedaria.*

Georges *para Père Gustave, apontando para Simone* — Está envergonhada por causa dos batedores.

Simone — O que é que eles vão pensar da hospedaria, monsieur Georges?

Georges *para Simone* — Quem deve ficar com vergonha são bem outras pessoas. A hospedaria engana mais que a vista no escuro, o patrão chuta os preços o mais alto que alcançar. Você não é a hospedaria, Simone. Você não ri quando elogiam os vinhos e nem chora quando o telhado cai. Não foi você que escolheu o linho das toalhas. Nem foi você que negou comida. Você entendeu?

Simone *sem convicção* — Sim, monsieur Georges.

Georges — O André sabe muito bem que você está guardando o lugar dele aqui. E agora vá ao ginásio e visite o pequeno Françoise. Mas não deixe a mãe dele pôr medo de novo em você por causa dos stukas, senão você fica sonhando que está na guerra. *Ele a empurra para dentro da hospedaria. Para Père Gustave* — É excesso de imaginação.

PÈRE GUSTAVE *remendando seu pneu* — Ela também não gosta de ir ao ginásio. Ficam xingando ela porque as provisões são caras demais.

GEORGES *suspirando* — Como eu a conheço... ainda fica defendendo o patrão. A Simone é leal.

PATRÃO *sai da hospedaria e chama na direção do galpão, batendo as mãos* — Maurice, Robert!

VOZ DE ROBERT *do galpão, sonolenta* — Senhor?

PATRÃO — O capitão Fétain telefonou. Ele quer que vocês levem o resto dos barris de vinho a Bordeaux ainda hoje.

VOZ DE ROBERT — Hoje à noite? Mas isso é impossível, monsieur Henri. Viajamos dois dias direto, sem parar.

PATRÃO — Eu sei, eu sei. Mas o que é que vocês querem?! O capitão acha que o transporte está sendo lento demais. É claro que as ruas é que estão congestionadas. Não me agrada nem um pouco privar vocês do descanso, mas... *Gesto de impotência.*

VOZ DE ROBERT — Mas à noite as ruas também estão congestionadas e a gente ainda tem que viajar com luz baixa.

PATRÃO — É a guerra. Não podemos desagradar os nossos melhores clientes. Mamãe insiste nisso. Então ponham-se logo a caminho. *Para Père Gustave* — Termine logo com esse pneu.

O senhor Chavez, o Prefeito, chega da rua com uma pasta debaixo do braço. Está muito agitado.

PÈRE GUSTAVE *chamando a atenção do Patrão para o Prefeito* — O senhor prefeito.

PREFEITO — Henri, tenho que tratar de novo com você a respeito dos seus caminhões. Devo insistir que os coloque à minha disposição para os refugiados.

PATRÃO — Mas eu já disse que fui contratado para transportar os vinhos do capitão Fétain. Não posso me negar. Mamãe e o capitão são amigos de infância.

PREFEITO — "Os vinhos do capitão"! Você sabe, Henri, o quanto me desagrada me intrometer nos negócios, mas agora eu não posso mais levar em consideração suas relações com esse fascista do Fétain.

Simone havia saído da hospedaria com um tabuleiro carregado de provisões amarrado à cintura e carregando dois cestos nas mãos.

PATRÃO *ameaçando* — Philippe, tome cuidado, quando chama o capitão de fascista.

PREFEITO *amargo* — "Tome cuidado". É tudo o que vocês têm a dizer, você e o seu capitão, quando os alemães estão no Loire. A França caiu na miséria.

PATRÃO — O quê? Onde é que estão os alemães?

PREFEITO *forte* — No Loire. E nosso nono exército, enviado para reforço, encontrou a rota vinte congestionada de refugiados. Os seus caminhões estão confiscados como todos os outros em Saint-Martin e amanhã de manhã deverão evacuar os refugiados do ginásio. Isso é oficial. *Retira uma pequena placa vermelha do bolso e põe-se a fixá-la no portão da garagem.*

SIMONE *em voz baixa, indignada, para Georges* — Os tanques estão chegando, monsieur Georges!

GEORGES *coloca o braço sobre o seu ombro* — Estão, Simone.

SIMONE — Eles estão no Loire e vêm para Tours!

GEORGES — É, Simone.

SIMONE — E eles estão vindo para cá, não é?

PATRÃO — Agora eu não entendo essa pressa do capitão. *Abalado.* Os alemães estão no Loire, isso é terrível. *Vai até o Prefeito, que* *ainda está empenhado em afixar sua placa.* Philippe, deixe disso. Vamos entrar. Precisamos conversar a sós.

Prefeito *irritado* — Não, Henri, nós não vamos mais conversar a sós. O seu pessoal deve ficar sabendo que os seus carros estão confiscados e a sua gasolina também. Fiz vista grossa por tempo demais.

Patrão — Você ficou maluco? Apreender os meus carros na atual situação? E eu não tenho mais gasolina, a não ser esse restinho aqui.

Prefeito — E a contrabandeada que você não declarou?

Patrão — O quê? Você está querendo me colocar sob suspeita de ter açambarcado gasolina e de ter desrespeitado a lei? *Fora de si* — Père Gustave, nós temos gasolina contrabandeada?
Père Gustave finge não ter ouvido e põe-se a rolar o pneu até a garagem.

Patrão *grita* — Maurice! Robert! Desçam imediatamente! Père Gustave! *Père Gustave pára.* Falem! Temos ou não temos gasolina contrabandeada?

Père Gustave — Eu não sei de nada. *Para Simone, que olha para ele fixamente* — Vá fazer o seu trabalho e não fique aqui escutando.

Patrão — Maurice! Robert! Onde é que se meteram?

Prefeito — Se vocês não têm reserva de gasolina, com o que então transportam os vinhos do capitão?

Patrão — Uma pergunta capciosa, hein, senhor prefeito? Eis minha resposta: eu transporto os vinhos do capitão com a gasolina do capitão. Georges, você alguma vez ouviu falar que eu possuo gasolina contrabandeada?

Georges *olha para o seu braço* — Só faz quatro dias que eu voltei do front.

Patrão — Está certo, você não pode mesmo saber de nada, mas onde estão Maurice e Robert? Maurice! Robert! *Surgem Maurice e Robert.* Maurice! Robert! O monsieur Chavez acusa a hospedaria de esconder gasolina. Pergunto a vocês, diante do monsieur Chavez: isto é verdade?
Os irmãos hesitam.

Prefeito — Maurice e Robert, vocês me conhecem. Não sou um policial e detesto me intrometer nos negócios. Mas a França agora está precisando de gasolina e eu peço a vocês que confirmem, diante da comunidade, que aqui existe gasolina. Vocês são rapazes honestos.

Patrão — E então?

Maurice *sombrio* — Não sabemos de nenhuma gasolina.

Prefeito — Então, é essa a resposta de vocês? *A Simone.* Você tem um irmão no front? Mas você certamente também não vai me dizer que aqui tem gasolina?
Simone permanece imóvel e começa a chorar.

Patrão — Ah, você quer convocar uma menina para servir de testemunha contra mim? O senhor não tem esse direito, senhor prefeito, de minar o respeito de uma criança pelo seu patrão. *Para Simone* — Pode ir, Simone.

Prefeito *cansado* — Você vai mandar os seus pacotes de usura ao ginásio de novo? O caldeirão dos batedores você só encheu pela metade. E como os refugiados são roubados até o último centavo, não podem prosseguir.

Patrão — Eu não dirijo uma instituição de caridade e sim um restaurante.

Prefeito — Está bem. Só mesmo um milagre poderá salvar a França. Está podre até a base. *Sai. Faz-se um silêncio.*

Patrão — Em frente, Simone. Anda, anda!
Insegura, Simone lentamente dirige-se ao portão, olhando sempre para

trás. No caminho o seu livro, que havia escondido no tabuleiro, cai no chão. Recolhe-o temerosa e sai do pátio com seus cesto e pacotes.

PRIMEIRO SONHO DE SIMONE MACHARD

Noite de 14 de junho

Música. Um Anjo surge da escuridão. Está parado sobre o telhado da garagem — o rosto dourado e sem expressão. Segura um pequeno tambor e chama três vezes em voz alta: "Joana!". Em seguida o palco clareia-se e no pátio vazio está Simone, que olha para o Anjo, com o cesto de roupas no braço.

ANJO —

Joana, filha da França, alguma coisa deverá ser feita
Senão, em duas semanas, a grande França irá desaparecer.
Por isso Deus, Senhor, procurou ajuda
E foi assim que a você, sua pequena serva, ele chegou.
E eis um tambor, enviado por Deus
Para que com ele arranques as pessoas do trabalho e do cotidiano.
Mas saiba que só soará quando tocar o chão
Como se o próprio solo francês emitisse o som.
Agora toque convocando jovens e velhos, ricos e pobres
Para que o filho da França, da França se compadeça.
Chame os barqueiros do Sena, para que a Ele emprestem a embarcação
E os camponeses da Gironde, para que dêem o vinho e o pão.
Os caldeireiros de Saint-Denis para forjarem os carros de combate
Os carpinteiros de Lyon para que derrubem todas as pontes ao inimigo.
Diga-lhes que a França, mãe que os carregou no ventre
E a quem escarneceram e cujo rosto golpearam
A França, grande trabalhadora, do vinho a sorvedora
Precisa deles no perigo. Não demore, a eles corra.

SIMONE *olha ao redor para ver se tem mais alguém* — Devo eu fazê-lo, senhor? Não sou um pouco pequena para Santa Joana?

ANJO — Não.

SIMONE — Então farei.

ANJO — Será difícil. Buita fedra no panino.

SIMONE *tímida* — Você é o meu irmão André? *O anjo cala.* Como vai? *O Anjo desaparece. Da escuridão da garagem surge, com o passo solto, Georges, trazendo a Simone seu capacete e sua baioneta.*

GEORGES — Você precisa de elmo e baioneta. Não é coisa para você, mas o patrão só tem um inválido e uma menina! Não se preocupe com seu trabalho, escute, os tanques atropelam tudo como máquinas de moer linguiça: não me admira que o seu irmão já seja anjo!

SIMONE *pega a baioneta e o elmo* — Quer que eu limpe para o senhor, monsieur Georges?

GEORGES — Não, é você, a virgem de Orleans, quem vai precisar disso.

SIMONE *põe o elmo* — Isso é verdade. Devo ver o rei de Orleans imediatamente. São trinta quilômetros até lá. Os tanques vão a setenta por hora e eu tenho sapatos furados; os novos só vou ganhar na Páscoa. *Vira-se para partir.* Ao menos me acene em despedida, monsieur Georges, para que eu não tenha medo. A batalha é uma coisa antiquada e sanguinária.

Georges tenta acenar com seu braço enfaixado e desaparece. Simone põe-se a caminho de Orleans, marchando em um pequeno círculo.

SIMONE *canta em voz alta* —

Quando fui a Saint-Nazaire
Eu não usava calças
Logo fez-se enorme alarde
Onde é que estão suas calças?
Respondi: em Saint-Nazaire
O céu é tão azul
E a aveia tão alta
E tão azul o céu.

Os motoristas Maurice e Robert de repente trotam atrás dela, vestindo armaduras medievais sobre os macacões.

Simone — O que vocês estão fazendo aqui? Por que estão me seguindo?

Robert — Lhe seguimos como guarda pessoal. Mas por favor, não cante essa canção. Não convêm. Somos noivos, Joana, comporte-se de acordo.

Simone — Também sou noiva de Maurice?

Maurice — Sim, secretamente.
Père Gustave aproxima-se deles coberto com uma armadura medieval primitiva. Ele olha, vira o rosto e quer passar por eles.

Simone — Père Gustave!

Père Gustave — Não se metam comigo. Na minha idade ainda tenho que alimentar os canhões! É pedir demais! Viva de gorjetas e morra pela França!

Simone *em voz baixa* — Mas a França, sua mãe, corre perigo.

Père Gustave — Minha mãe foi a madame Poirot, a lavadeira. Corria perigo de pegar uma pneumonia. Mas o que que eu podia fazer? Não tinha dinheiro para esse montão de remédios.

Simone *gritando* — Então eu ordeno em nome de Deus e do anjo que você dê meia volta e assuma os canhões contra os inimigos. *Conciliadora* — Eu vou limpá-los para você.

Père Gustave — Ah bom, isso é diferente. Tome, leve a minha lança.
Coloca a lança sobre as costas de Simone e segue-a no trote.

Maurice — Quanto tempo ainda, Simone? Afinal tudo isso só beneficia o capital. Trabalhadores de sodos caises, croinem so.
Simone também responde numa linguagem de sonho, incompreensível para o espectador. Fala com grande poder de persuasão.

Maurice *que a compreendeu* — Isto está efetivamente correto. Bom, vamos adiante.

Robert — Você está mancando, Simone. Essa coisa de ferro é muito pesada para você.

Simone *de repente muito cansada* — Desculpem. É só porque eu não tomei café da manhã direito. *Pára e enxuga o suor.* Logo vou estar bem. Robert, você consegue lembrar o que é que eu devo dizer ao rei?

Robert *fala algo na linguagem de sonho, algo incompreensível; depois* — Isso é tudo.

Simone — É claro, muito obrigada. Vocês estão vendo, ali já estão as torres de Orleans.
O Coronel aparece vestindo armadura, sobre ela um guarda-pó. Atravessa o pátio furtivamente.

Père Gustave — Começou bem. Os marechais já estão deixando a cidade e fogem.

Simone — Por que as ruas estão tão vazias, Père Gustave?

Père Gustave — Vai ver que estão jantando.

Simone — E por que não tocam os sinos de alerta quando o inimigo se aproxima, Père Gustave?

Père Gustave — Vai ver que foram mandados para Bordeaux, a pedido do capitão Fétain.
O Patrão está parado à entrada da hospedaria. Usa um elmo com um penacho vermelho e sobre o peito alguma coisa de aço muito brilhante.

Patrão — Joana, leve imediatamente os pacotes de usura para o ginásio de esportes.

Simone — Mas monsieur Henri, a França, mãe de todos nós, corre perigo, os alemães já estão no Loire, e eu tenho que falar com o rei.

PATRÃO — Onde já se viu! A hospedaria faz tudo o que pode. Não esqueça o respeito pelo seu patrão.
Na garagem surge um homem vestido de púrpura.

SIMONE *orgulhosa* — Está vendo, monsieur Henri, ali está o rei Carlos VII.
O homem de púrpura revela-se o Prefeito, que usa o manto real sobre seu terno.

PREFEITO — Bom dia, Joana.

SIMONE *espantada* — Mas o senhor é que é o rei?

PREFEITO — É, eu sou a autoridade e vim confiscar os caminhões. Vamos falar a sós, Joana.
Os motoristas, o Patrão e Père Gustave desaparecem no escuro. Simone e o Prefeito sentam-se sobre a base da bomba de gasolina.

PREFEITO — Joana, está tudo acabado. O marechal viajou e não deixou endereço. Eu escrevi ao oficial pedindo canhões, mas a carta com o lacre imperial voltou sem ter sido aberta. Nosso Gran-Cavalariço diz que já está ferido no braço apesar de ninguém jamais ter visto a ferida. Tudo está apodrecendo até a medula. *Chora.* É claro que você veio para me dizer que sou um homem fraco. É o que sou. Mas e você, Joana? Primeiro eu tenho que ouvir de você onde está a gasolina contrabandeada.

SIMONE — Na olaria, é claro.

PREFEITO — Eu sei, eu fechei um olho, mas você está tirando o último centavo dos refugiados com os pacotes de usura.

SIMONE — Faço isso porque tenho que guardar o emprego para um anjo, rei Carlos.

PREFEITO — E os motoristas transportam o vinho do capitão Fétain em vez de refugiados?

SIMONE — É porque o patrão os convocou especialmente para não terem que servir o exército, sabe.

PREFEITO — Sei, meus patrões e meus nobres. A eles eu devo meus cabelos grisalhos. A nobreza está contra o rei. Assim também está escrito aí no seu livro. Enquanto que o povo está atrás de você, especialmente Maurice. Será que não podemos fazer um pacto, Joana, você e eu?

SIMONE — E por que não, rei Carlos? *Vacilante.* Só que o senhor terá que interferir drasticamente nos negócios para que os caldeirões sejam sempre enchidos até a boca.

PREFEITO — Eu vou ver o que posso fazer. De qualquer maneira eu tenho que me cuidar, senão cortam meu salário real. Como eu sou o homem que faz vista grossa, ninguém me obedece quando dou uma ordem. Tenho que fazer tudo de desagradável. Veja os batedores. Em vez de buscarem o que necessitam da hospedaria à força, vêm a mim: "Consertem vocês mesmos as suas pontes. Nós vamos esperar pela nossa cozinha de campanha". Não é de admirar que o duque de Borgonha passe para o lado dos ingleses.

PATRÃO *parado debaixo da porta* — Ouço, rei Carlos, que o senhor está insatisfeito? Talvez aprecie colocar-se no lugar da população. Já foi sangrada ao máximo. Ninguém mais do que eu sente pela França: mas... *gesto de impotência e sai* .

PREFEITO *resignado* — Como é que poderemos vencer os ingleses desse jeito?

SIMONE — Então devo tocar o tambor. *Senta-se no chão e começa a tocar o tambor invisível. Cada batida ressoa como se ela viesse da própria terra.* Saiam daí, barqueiros do Sena! Saiam daí, caldeireiros de Saint-Denis! Carpinteiros de Lyon, saiam daí! O inimigo se aproxima!

PREFEITO — O que você está vendo, Joana?

SIMONE — Estão vindo, segurem-se. À frente o tamborileiro da voz de lobo, com seu tambor de pele de judeu; sobre o seu ombro um abutre, com a cara do banqueiro Fauche de Lyon. Logo atrás dele vem o marechal Incendiário. Esta a pé, um palhaço gordo, com sete uniformes, e em nenhum ele parece um ser humano. Por cima dos dois diabos um baldaquim de jornal se balança, de modo que posso reconhecê-los bem. Atrás deles viajam os verdugos e marechais. Eles têm uma cruz suástica gravada a fogo em suas testas baixas, e atrás deles viajam, visíveis, os tanques e canhões e vagões de trens, e também carros com altares e câmaras de tortura, porque todos estão motorizados e passam muito rápido. Na frente vão os carros de guerra, e atrás os carros de presos. As pessoas vão sendo moídas mas o grão é recolhido. Por isso, quando passam derrubam as cidades e depois quando partem resta apenas um deserto nu. Mas agora chegaram ao fim, porque aqui estão o rei Carlos e a serva de Deus que sou eu.
Todos os franceses que entraram em cena até agora e os que ainda vão entrar se reuniram, munidos com armas medievais e vestidos com partes de armaduras.

SIMONE *radiante* — Está vendo, rei Carlos, eles vieram todos.

PREFEITO — Todos não, Joana. Não estou vendo por exemplo a minha mãe Isabeau. E o oficial também foi embora furioso.

SIMONE — Não tenha medo. Porque eu devo coroá-lo rei, para que reine a união entre os franceses. Eu já trouxe a coroa, está vendo? *Pega uma coroa do cesto.*

PREFEITO — Mas com quem eu vou jogar o *Tarrock* se o oficial não vier?

SIMONE — Vra acar urm Panhero.
Simone coloca a coroa sobre a cabeça do Prefeito. Ao fundo surgem os batedores, batendo em seus caldeirões com a concha de sopa. Faz-se um grande repique.

PREFEITO — Que repique é esse?

SIMONE — São os sinos da catedral de Reims.

PREFEITO — Mas esses não são os batedores que mandei à hospedaria atrás de comida?

SIMONE — Eles não ganharam nada. Por isso é que os caldeirões estão vazios. Os caldeirões vazios são os sinos da sua coroação, rei Carlos.

PREFEITO — Comtro nupe acra! Te cruda!

TODOS — Salve o rei e a virgem Joana, que o coroou.

PREFEITO *para Simone* — Muito obrigado, Simone, você salvou a França.
O palco escurece. À música confusa mistura-se uma voz de locutor de rádio.

II

O APERTO DE MÃOS

De manhã. Os motoristas Maurice e Robert, Père Gustave e o soldado Georges tomam café. Ouve-se o rádio da hospedaria.

RÁDIO — Repetimos o comunicado do ministro da Guerra, transmitido esta manhã às três horas e trinta. Em conseqüência da inesperada passagem das formações de tanques alemães sobre o Loire, novas colunas de refugiados se derramaram esta noite sobre as ruas de importância estratégica dos departamentos da França central. A população está sendo encarecidamente convocada a permanecer onde está, para que as ruas permaneçam livres para a passagem das tropas de reforço.

MAURICE — Está na hora de ir.

GEORGES — O garçom e os outros já se mandaram às cinco da manhã, depois de terem passado a noite encaixotando a porcelana. O patrão ameaçou chamar a polícia. Mas não adiantou nada.

Robert *para Georges* — Por que você também não acordou a gente logo?
Georges cala.

Maurice — O patrão proibiu, não é? *Ri.*

Robert — Você também não vai se mandar, Georges?

Georges — Não. Vou tirar meu uniforme e ficar. Aqui eu tenho a minha comida. Eu já não acredito que o meu braço vá melhorar.
O Patrão sai atarefado da hospedaria. Está cuidadosamente vestido. Atrás dele Simone, carregando suas malas.

Patrão *batendo as mãos* — Maurice, Robert, Gustave, andem, andem. A porcelana precisa ser carregada. Tudo o que está no depósito vai nos caminhões. Precisam salgar o presunto. Mas primeiro carreguem os vinhos de marca. Deixem o café para depois, agora é guerra. Nós vamos a Bordeaux.
O pessoal continua tomando café. Maurice ri.

Patrão — O que é que há? Vocês não ouviram? É para embalar e carregar.

Maurice *negligente* — Os caminhões estão confiscados.

Patrão — Confiscados? Besteira. *Com grande gesto* — Um decreto de ontem. Os tanques alemães estão avançando contra Saint-Martin. Isso muda tudo. O que valia ontem, hoje já não vale mais.

Père Gustave *a meia voz* — Está certo.

Patrão — Tire a xícara da fuça quando eu falo com você.
Simone havia deixado as malas, e durante as últimas frases voltou furtivamente para a hospedaria.

Maurice — Mais um café, Robert?

Robert — É mesmo, vai saber onde vamos conseguir outro.

Patrão *engolindo a raiva* — Sejam razoáveis. Ajudem o patrão a guardar suas coisinhas. Gorjetas não serão problema. *Como ninguém levanta a vista* — Père Gustave, vá imediatamente e comece com a porcelana. É para hoje?

Père Gustave *se levanta, inseguro* — Eu ainda não acabei de tomar café da manhã. Não olhe desse jeito para mim. Isso não adianta mais nada. *Bravo* — Enfie a sua porcelana no cu. *Senta-se novamente.*

Patrão — Você está louco? Na sua idade? *Olha um a um, depois para a motocicleta; amargo* — Ah bom, estão esperando os alemães? O patrão de vocês já não vale mais nada? Esse é o amor e o respeito que devem a quem lhes deu o pão. *Aos motoristas* — Eu declarei três vezes que vocês eram imprescindíveis para minha empresa de transportes, senão, numa hora dessas, vocês estariam no front, e é assim que me agradecem. É isso que se ganha quando se pensa que a gente forma uma pequena família com os empregados. *Por cima do ombro* — Simone, um conhaque! Estou me sentindo fraco. *Como não vem resposta* — Simone, onde é que você está? — Agora ela também se foi!
Simone sai da hospedaria, arrumada, pronta para partir. Tenta passar despercebida pelo Patrão.

Patrão — Simone!
Simone continua andando.

Patrão — Você endoidou que não me responde?
Simone começa a correr e sai. O Patrão encolhe os ombros e toca a testa com o dedo.

Georges — O que deu na Simone?

Patrão *volta-se novamente aos motoristas* — Então vocês estão se recusando ao trabalho, hein?

Maurice — Sem discurso. Quando terminarmos o café, partiremos.

Patrão — E a porcelana?

Maurice — Será levada. Se o senhor quiser carregá-la.

Patrão — Eu?

Maurice — É, o senhor. É sua, não é?

Robert — Além do mais, não podemos garantir que chegaremos a Bordeaux, Maurice.

Maurice — Quem é que pode garantir alguma coisa hoje !

Patrão — Isso é terrível. Vocês sabem o que vai acontecer com vocês se se negarem a me obedecer na presença do inimigo? Vou deixar que fuzilem vocês aqui mesmo, na parede!
Os pais de Simone vêm da rua.

Patrão — O que vocês querem aqui?

Madame Machard — Monsieur Henri, viemos por causa da nossa Simone. Dizem que os alemães logo estarão aqui e que o senhor vai embora. A Simone é pequena e o monsieur Machard está preocupado com os vinte francos.

Patrão — Ela fugiu, provavelmente para o quinto dos infernos.

Georges — Ela não foi a sua casa, madame Machard?

Madame Machard — Não, monsieur Georges.

Georges — Isso é estranho.
Aparece o Prefeito com dois policiais. Simone está escondida atrás deles.

Patrão — Você chegou na hora "H", Philippe. *Com grande gesto* — Philippe, encontro-me diante de uma rebelião. Interfira.

Prefeito — Henri, mademoiselle Machard me disse que você está querendo remover os seus caminhões. Eu vou impedir essa ilegalidade por todos os meios. Inclusive policiais. *Aponta para os policiais.*

Patrão — Simone, foi você que provocou esse descaramento? Meus senhores, e pensar que admiti essa criatura em minha empresa por caridade à família dela!

Madame Machard *sacode Simone* — O que foi que você aprontou dessa vez?
Simone cala.

Maurice — Eu que mandei ela.

Patrão — Ah bom. E você obedeceu o Maurice?

Madame Machard — Simone, como é que você pôde?

Simone — Eu queria ajudar o senhor prefeito, mamãe. Estão precisando dos nossos caminhões.

Patrão — Nossos!

Simone *começa a embromar* — As ruas estão bloqueadas para o André. *Não consegue prosseguir.* Por favor explique, senhor prefeito.

Prefeito — Henri, de uma vez por todas procure conter o seu egoísmo. A menina está certa em me chamar. Num tempo como este o nosso patrimônio é o patrimônio da França. Os meus filhos estão na frente e o seu irmão também está lá. Isso quer dizer que nem os nossos filhos nos pertencem.

Patrão *fora de si* — Portanto não existe mais ordem! A propriedade parou de existir, não é? Por que é que você não dá a minha hospedaria aos Machard? Talvez os meus motoristas desejem esvaziar o meu cofre? Isso é a anarquia! Gostaria de lembrar, senhor Chavez, que a minha mamãe estava no internato junto com a mulher do governador. E ainda existe telefone.

Prefeito *mais fraco* — Henri. Não faço nada além do meu dever.

Patrão — Seja lógico, Philippe. Você fala do patrimônio da França. Os meus estoques, o meu finíssimo jogo de porcelana, a minha prataria não são patrimônio da França? Será que devem cair nas mãos dos alemães? Nem uma xícara de café deverá cair nas mãos dos alemães, nenhum presunto, nem mesmo uma lata de sardinhas. Onde quer que eles cheguem deverão encontrar um deserto no lugar. Você esqueceu isso? Como prefeito você deveria vir até aqui e me dizer: Henri, o seu dever é salvaguardar os seus bens dos alemães. Ao que eu deveria responder: Philippe, para isso eu preciso dos meus caminhões.

Da rua vem o barulho de uma multidão. Tocam a campainha da frente do hotel e batem à porta.

Patrão — O que foi? Georges, veja lá o que está acontecendo! *Georges vai até a hospedaria.* E ao meu pessoal, que esquece o seu dever a ponto de abandonar os meus bens, você deve dizer: —*para os motoristas* — meus senhores, dirijo um apelo a vocês como franceses, mãos à obra.

Georges *de volta* — Tem um monte de gente aí do ginásio, monsieur Henri. Eles ouviram falar que os caminhões vão ser levados. Estão muito agitados e querem falar com o senhor prefeito.

Patrão *pálido* — Aí está o resultado, Philippe. Tudo por causa da Simone! Georges, depressa, tranque o portão. *Georges vai fechar o portão.* Depressa, depressa! Vai logo! — Eis a conseqüência de atiçar as pessoas contra os meus pacotes de provisões. A plebe. *Aos policiais* — Façam algo! Rápido! Você tem que telefonar pedindo reforço, Philippe, isso você me deve. Eles estão aprontando comigo, Philippe. Me ajude! Por favor, Philippe.

Prefeito *aos policiais* — Fiquem no portão. *Ao Patrão* — Bobagem, não vai acontecer nada a você. Você ouviu que o que eles querem é falar comigo. *E já que agora também batem no portão* — Deixem entrar uma delegação, não mais do que três.

Os policiais entreabrem o portão e negociam com a multidão. Logo deixam três pessoas passar, dois homens e uma mulher com um bebê.

Prefeito — O que está acontecendo?

Um dos Refugiados *excitado* — Senhor prefeito, nós exigimos os caminhões!

Patrão — Vocês não ouviram que as ruas devem ser mantidas desimpedidas?

Mulher — Para o senhor? E nós decerto devemos esperar pelos bombardeios alemães!

Prefeito *aos refugiados* — Madame, monsieurs, nada de pânico. Os veículos já foram colocados em segurança. A hospedaria só deseja ainda tirar alguns objetos de valor da ameaçadora apropriação do inimigo.

Mulher *indignada* — Viram, aí está! Querem levar caixotes em vez de levar a gente.

Ouve-se barulho de avião.

Vozes de Fora — Stukas!

Patrão — Estão descendo.

O barulho aumenta intensamente. Os aviões mergulham. Todos se jogam no chão.

Patrão *depois que os aviões se distanciaram* — Isso é perigoso demais, tenho que ir.

Vozes de Fora — Entreguem os caminhões! — Vocês querem que a gente morra aqui?

Patrão — E não estão carregados, Philippe!

Simone *raivosa* — Agora não é hora do senhor pensar em estoques!

Patrão *desconcertado* — Como você ousa, Simone?

Simone — Poderíamos dar os mantimentos às pessoas.

Refugiados — Ah, são mantimentos? Então são mantimentos que estão querendo levar daqui?

Maurice — É isso mesmo.

Mulher — E nós nem ao menos uma sopa pudemos ter.

Maurice — Não é dos alemães que ele está querendo salvar os mantimentos, é dos franceses.

Mulher *corre para trás até o portão* — Abram aí. *Como os policiais a detêm, ela grita por cima do muro* — O que vão carregar nos caminhões são provisões da hospedaria!

Patrão — Philippe! Não deixe ela falar essas coisas.

Vozes de Fora — Estão querendo levar os mantimentos embora escondido! — Arrombem o portão! — Será que não têm homens por aqui? — Estão querendo levar as provisões e nos deixar para os tanques alemães!

Os refugiados arrombam o portão. O Prefeito vai ao seu encontro.

Prefeito — Messieurs, mesdames, sem violência! Será tudo arranjado!

Enquanto o Prefeito negocia no portão, sucede-se no pátio um enorme bate-boca. Formam-se dois grupos principais. De um lado estão o Patrão, o Refugiado, a Mulher e os pais de Simone, do outro, Simone, os Motoristas, o Segundo Refugiado e Père Gustave. Georges não participa e continua tomando seu café da manhã.

A velha madame Soupeau saiu da hospedaria sem ser percebida. Ela está muito envelhecida e veste uma roupa preta.

Mulher — Ainda tem no mínimo oitenta pessoas sem transporte.

Patrão — Também a senhora está levando a sua trouxa, por que eu devo deixar tudo para trás, se afinal os veículos são meus?

Prefeito — Quanto espaço o senhor vai ocupar, monsieur Soupeau?

Patrão — Para sessenta caixotes pelo menos. O outro caminhão poderá levar então uns trinta refugiados.

Robert — Com os refugiados é diferente.

Père Gustave — Não se meta nisso, Simone, é um conselho que lhe dou.

Simone — Mas a nossa linda França corre perigo enorme, Père Gustave.

Prefeito — Digamos que você se contente com metade do caminhão, para que pelo menos as crianças e os enfermos possam ir junto.

Père Gustave — Isso ela tirou do maldito livro! "A nossa bela França não está em perigo?"

Madame Soupeau — Aqui está a chave, Simone. Dê a essa gente todas as provisões que

Simone — Vocês conhecem bem as ruas, podem dar a volta para que a vinte fique livre para a passagem das tropas.

Robert — Atravessar o dilúvio carregando as suas provisões, nem pensar.

Simone — Mas os doentes e os pequenos vocês têm que levar.

Mulher — O senhor está querendo deixar cinqüenta de nós para trás?

Mulher — O senhor pretende separar as famílias? Desalmado!

Patrão — Uns oito ou dez ainda podem sentar em cima dos caixotes. *Para madame Machard* — Isso eu devo a sua filha.

Père Gustave — Isso ela tirou do maldito livro! "A nossa bela França não está em perigo?"

quiserem. Père Gustave, Georges, ajudem.

Robert — A madame Soupeau desceu. Ela está acenando pra você.

Mulher — A menina tem mais coração do que todos vocês juntos.

Madame Machard — Perdoe a nossa Simone, monsieur Henri. Ela pegou essas idéias do irmão, é terrível.

Mulher *para a multidão no portão* — Por que a gente não se apropria dos veículos e dos mantimentos?

Simone vai até madame Soupeau.

Madame Soupeau — Aqui está a chave, Simone. Dê a essa gente todas as provisões que quiserem. Père Gustave, Georges, ajudem.

Prefeito *em voz alta* — Bravo, madame Soupeau!

Patrão — O que você está dizendo, mamãe? E por que é que você desceu? Você pode pegar a morte aqui nesse vento. E nos porões têm vinhos raros e reservas no valor de setenta mil francos.

Madame Soupeau *ao Prefeito* — Estão à disposição da comunidade de Saint-Martin. *Ao Patrão friamente* — Você prefere ser saqueado?

Simone *para a Mulher com o bebê* — Vocês vão receber os mantimentos!

Madame Soupeau — Simone! O meu filho, seguindo sua sugestão, acaba de colocar todas as reservas de provisões da hospedaria à disposição da comunidade. Agora só restam a porcelana e a prataria, que não ocupam muito espaço. Será que vão colocá-las nos caminhões para nós?

Mulher — E quanto ao espaço nos carros?

Madame Soupeau — Madame, levaremos tantas pessoas quantas couberem, e a hospedaria dar-se-á a honra de alimentar os que tiverem que ficar.

Um dos Refugiados *gritando para o portão* — Gastão! Os velhos Creveux e a família Meunier ficariam se recebessem comida?

Grito de trás — É possível que sim, Jean!

Mulher — Espera aí, se tiver comida eu também fico!

Madame Soupeau — A senhora é benvinda.

Prefeito *no portão* — Senhores, senhoras, sirvam-se. As reservas da hospedaria estão à disposição.

Alguns dos refugiados entram vacilantes no galpão.

Madame Soupeau — Simone, vá buscar algumas garrafas do conhaque para nós, do Martel 84.

Simone — Sim senhora, madame. *Acena para os refugiados e entra com eles, Georges e Père Gustave no galpão.*

Patrão — Isso vai ser o meu fim, mamãe.

Um dos Refugiados *arrasta com Georges um caixote de provisões para fora do galpão; divertindo-se, parodia um vendedor* — Frutas, presunto, chocolate! Provisões para viagem! Hoje é de graça!

Patrão *contemplando indignado as latas que o refugiado e Georges carregam, atravessando o pátio até o portão* — Mas isso são delicatessen! Isso é foie gras!

Madame Soupeau *contida* — Cala a boca! *Aos refugiados, gentil* — Espero que aproveitem bem, messieurs. *O outro fugitivo, ajudado por Père Gustave, atravessa o pátio carregando cestos de provisões.*

Patrão *lamentando* — Meu Pommard 1915. E isto é caviar. E isto...

Prefeito — É um tempo de sacrifícios, Henri. *Patético* — O que importa é mostrar ter compaixão.

Maurice *imitando o patrão* — Meu Pommard! — *Bate nas costas de Simone, em meio a muito riso* — Pelo prazer desse espetáculo, vou carregar as caixas de porcelana para você, Simone.

Patrão *ofendido* — Eu não sei o que tem de engraçado nisso. *Apontando para os cestos que desaparecem* — Isso é um saque.

Robert *conciliador, com um cesto* — Não leve a mal, monsieur Henri. Em troca vão carregar a porcelana para o senhor.

Madame Soupeau — Combinado. *Pega algumas latas e garrafas de vinho e leva-as aos pais de Simone* — Peguem. Peguem vocês também. E dê uns copos para seus pais, Simone. *Simone o faz; depois busca um banquinho que coloca junto ao muro e por cima dele distribui mantimentos de um cesto aos refugiados.*

Madame Soupeau — Maurice, Robert, Père Gustave, peguem alguns copos também. *Apontando para os policiais* — Percebo que o poder armado já tem. *Para a mulher com o bebê* —Tome a senhora também um gole conosco, madame. *Para todos* — Mesdames, messieurs, vamos erguer um brinde ao futuro da nossa bela França.

Patrão *que está só e excluído* — E eu? Vão beber sem mim à saúde da França? *Enche um copo e junta-se ao grupo.*

Prefeito *para a madame Soupeau* —Senhora, em nome da comunidade de Saint-Martin, agradeço a hospedaria por sua generosa doação. *Ergue o copo* — À França. Ao futuro.

Georges — Cadê a Simone?
Simone ainda está ocupada com a distribuição aos refugiados por cima do muro.

Prefeito — Simone!
Simone aproxima-se esbaforida e vacilante.

Madame Soupeau — É, Simone, pegue um copo também. Todos aqui lhe devem agradecimentos.
Todos bebem.

Patrão *para os motoristas* — Amigos de novo? Vocês pensavam que eu não ia levar os refugiados nos meus caminhões? Maurice, Robert, sou um sujeito obstinado mas capaz de apreciar as ações bem intencionadas, quando me deparo com elas. Não me importo em reconhecer meus erros. Façam o mesmo. Vamos esquecer nossa pequenas diferenças pessoais. Vamos juntos formar um bloco sólido contra o inimigo comum. Vamos selar isso com um aperto de mãos!

O Patrão começa por Robert, que sorrindo tontamente lhe estende a mão, depois Georges lhe dá a mão esquerda. Em seguida o patrão abraça a mulher com o bebê. Père Gustave estende-lhe a mão resmungando, ainda bravo. Depois o Patrão se dirige ao motorista Maurice. Este não dá sinal de estender a mão.

Patrão —La, la, la. Somos franceses ou não ?

Simone *com reprovação* — Maurice!

Maurice *vacilante dá a mão ao patrão; irônico* — Salve a nossa nova santa Joana, unificadora de todos os franceses.
O Sr. Machard dá um bofetão em Simone.

Madame Machard *explicando* — Isso é por sua falta de respeito ao patrão.

Patrão *para o Sr. Machard* — Não, monsieur. *Abraça Simone, consolando-a.* A Simone é a minha predileta, madame. Eu tenho um fraco por ela. *Aos motoristas.* Mas vamos ao carregamento, meninos! Tenho certeza que monsieur Machard também irá nos ajudar.

Prefeito *aos policiais* — Vocês também dão uma mão ao monsieur Soupeau?

Patrão *curva-se diante da mulher com o bebê* — Madame!
O grupo e a multidão que está fora se dispersa. No palco ficam apenas o Patrão, o Prefeito, Madame Soupeau, Simone, os dois motoristas e Georges.

Patrão — Crianças, não perderia esse momento por nada desse mundo. Para o inferno o caviar e o Pommard. Eu amo a união.

Maurice — E como fica a olaria?

Prefeito *cuidadoso* — É mesmo, Henri, com a olaria também deverá ser feito algo.

Patrão *desgostoso* — O que é que tem? O que mais? Bom, por mim vocês podem mandar os caminhões que não têm gasolina para a olaria. Eles podem abastecer lá. Estão satisfeitos agora?

ROBERT — Em Abbeville os alemães carregaram a gasolina dos postos na rua. Assim é claro que vão avançando rápido.

GEORGES — O nosso 132 tinha os tanques às costas, antes que olhasse para trás. Sem mais, dois regimentos viraram papinha.

SIMONE *assustada* — Mas não o sétimo?

GEORGES — Não, o sétimo não.

PREFEITO — Reservas de gasolina têm que ser destruídas, Henri.

PATRÃO — Vocês não estão se precipitando um pouco? Não se pode ir logo destruindo tudo. Quem sabe a gente não espante o inimigo. Hein, Simone? Fale você ao monsieur Chavez, que a França ainda está longe de estar perdida. *Para madame Soupeau* — E agora adeus, mamãe. É com preocupação que a deixo para trás. *Beija-a.* Mas a Simone vai ser um bom apoio para você. Adeus, Simone. Não tenho vergonha de agradecer a você. Você é uma boa francesa. *Beija-a.* Enquanto você estiver aí, nada cairá nas mãos dos alemães, disso estou certo. Não pode sobrar nada na hospedaria, você entende? Eu sei que você vai fazer tudo do meu jeito. Adeus Philippe, meu velho. *Abraça-o e pega a sua bagagem. Simone quer ajudá-lo. Ele nega ajuda com um sinal.* Deixe. Combine com mamãe o que deverá ser feito agora com as nossas provisões.

Sai para a rua.

SIMONE *corre atrás dos dois motoristas* — Maurice, Robert!

Beija o rosto dos dois. Em seguida também Maurice e Robert partem definitivamente.

VOZ DO LOCUTOR *no rádio* — E atenção, atenção! Formações de tanques alemães avançaram até Tours. *A notícia é repetida várias vezes até o final.*

PREFEITO *pálido, fora de si* — Então poderão estar aqui ainda esta noite.

MADAME SOUPEAU — Não seja uma comadre velha, Philippe.

SIMONE — Madame, vou com Georges e Père Gustave até a olaria. Vamos destruir as reservas de gasolina.

MADAME SOUPEAU — Você ouviu o que o patrão mandou. Ele pediu que não fizéssemos nada precipitadamente. Queridinha, alguma coisa você também tem que deixar ao nosso encargo.

SIMONE — Mas madame, o Maurice disse que os alemães são rápidos.

MADAME SOUPEAU — Chega, Simone. *Volta-se para sair.* Tem muita corrente de ar por aqui. *Ao Prefeito* — Eu agradeço, Philippe, por tudo que fez hoje pela hospedaria. *À porta* — A propósito, Simone, já que todos agora se foram, acho que vou fechar a hospedaria. Me devolva a chave das provisões. *Simone, profundamente desolada, entrega-lhe a chave.* Acho melhor você voltar agora para a casa dos seus pais. Fiquei muito satisfeita com você.

SIMONE *não entende* — Não posso ajudar quando a comunidade vier buscar a provisões?

Madame Soupeau entra na hospedaria sem dizer palavra.

SIMONE *depois de um silêncio, balbuciando* — Eu fui despedida, monsieur prefeito?

PREFEITO *consolando* — Temo que sim. Mas você não deveria ficar triste. Você ouviu, ela estava satisfeita com você. Isso, vindo dela, quer dizer muito, Simone.

SIMONE *com voz apagada* — É, monsieur prefeito.

O Prefeito sai confuso. Simone observa-o saindo.

SEGUNDO SONHO DE SIMONE MACHARD

Noite de 15 de junho

Música confusa e solene. Da escuridão surge um grupo que espera: o Prefeito, com um manto real, o Patrão e o Coronel, ambos com armadura e bastão de marechal; o Coronel usa um guarda-pó sobre a armadura.

CORONEL — A nossa Joana conquistou Orleans e Reims, depois de ter liberado toda a rota vinte para o avanço da tropa. É claro que devemos conceder-lhe muitas honras.

PREFEITO —Isso compete a mim, ao rei, senhor. Os dignatários da França e as grandes famílias que hoje se reúnem aqui irão se inclinar diante dela até o chão.
A partir deste momento, até o final da cena, são anunciados, por detrás do palco, os títulos e nomes dos dignatários e das grandes famílias da França, como se estivessem se reunindo.

PREFEITO — Aliás, ouvi dizer que a despediram? *Discretamente*— A pedido da rainha-mãe, da soberba rainha Isabeau, pelo que eu ouvi.

PATRÃO — Não sei nada sobre isso, não estava presente. E parece-me fora de propósito. Simone é a minha preferida. É claro que ela fica. *O Prefeito diz algo incompreensível em linguagem de sonho, aparentemente para desviar a conversa.*

CORONEL —Ela vem vindo.
Simone entra, de elmo e espada, precedida de sua guarda pessoal, formada por Maurice e Robert, e o soldado Georges. Os três usam armaduras. Da escuridão surgem os pais de Simone e os empregados da hospedaria, "o povo". A guarda pessoal afasta o povo com lanças compridas.

ROBERT — Abram espaço para a virgem.

MADAME MACHARD *esticando o pescoço para poder ver* — Lá está ela. O elmo não lhe cai mal.

PREFEITO *se adiantando* — Querida Joana, o que podemos fazer por você? Expresse um desejo, imediatamente.

SIMONE *faz uma reverência* — Em primeiro lugar, rei Carlos, eu lhe peço que a minha cidade natal continue sendo alimentada com as provisões da hospedaria. Vocês sabem, eu fui enviada para ajudar os pobres e necessitados. Os impostos terão de ser abolidos.

PREFEITO — Evidentemente. O que mais?

SIMONE— Em segundo lugar, Paris terá de ser tomada. A segunda campanha deve começar imediatamente, rei Carlos.

PREFEITO *surpreso* — Uma segunda campanha?

CORONEL — O que a velha madame Soupeau vai achar disso, a soberba rainha Isabeau?

SIMONE — Eu solicito um exército, com que eu possa derrotar o inimigo totalmente, antes do fim do ano, rei Carlos.

PREFEITO *sorrindo* — Querida Joana, estamos muito satisfeitos com você. Isso significa muito, vindo de nós. Agora já é suficiente. Alguma coisa você tem que deixar ao nosso encargo. Agora vou fechar a hospedaria, e você irá pra casa. Mas antes, você naturalmente será enobrecida. Dê-me a sua espada, a minha eu perdi, para que eu possa elevá-la a Grande Dama da França.

SIMONE *entrega-lhe a espada e se ajoelha* — Aqui está a chave.
A música confusa descreve, com órgão e coral, cerimônias religiosas distantes. O Prefeito toca solenemente o ombro de Simone com a espada.

GUARDA PESSOAL E POVO — Viva a virgem! Glória à Grande Dama da França!

SIMONE *vendo o Prefeito se afastar* — Um minuto, rei Carlos. Não se esqueça de devolver a minha espada. *Com premência* — Os ingleses ainda não foram vencidos, e os borgonheses estão juntando um novo exército, mais terrível que o primeiro. O mais difícil ainda está para vir.

PREFEITO — Muito agradecido pela oferta. E muito agradecido por tudo o mais, Joana. *Entrega a espada de Simone ao Patrão* — Guarde-a num lugar seguro em Bordeaux, Henri. Agora nós dois temos de falar em particular com a velha madame Soupeau, a soberba rainha Isabeau. Adeus, Joana, foi um prazer! *Sai com o Patrão e o Coronel.*

Simone *em grande desespero* — Mas ouçam, o inimigo está se aproximando! *A música vai decrescendo, até se tornar um murmúrio; a luz se atenua, o povo desaparece na escuridão.*

Simone *permanece imóvel, e depois* — André! Socorro! Desça aqui, arcanjo! Fale comigo! O inglês reúne um exército, a Borgonha desertou, e os nossos estão se dispersando.

Anjo *aparece sobre o telhado da garagem; em tom de reprovação* — Onde está a sua espada, Joana?

Simone *embaraçada, desculpando-se* — Eles fizeram-me Dama da Nobreza com ela e não a devolveram. *Em voz baixa, envergonhada* — Fui despedida.

Anjo — Entendo. *Após um silêncio* — Serva da França, não deixe que a mandem embora. Aguente firme. A França pede isso. Não volte agora para os seus pais, que morreriam de desgosto por causa da sua dispensa. E você prometeu ao seu irmão que iria manter o posto na garagem, porque um dia ele vai retornar. Fique, Joana! Como é que você pode abandonar o seu posto agora, quando o inimigo pode começar a invasão de uma hora pra outra?

Simone — Devemos continuar lutando, mesmo que o inimigo já tenha vencido?

Anjo — Temos brisa esta noite?

Simone — Sim.

Anjo — Não tem uma árvore lá no pátio?

Simone — Tem sim, o álamo.

Anjo — E as folhas dele farfalham ao vento?

Simone — Sim, distintamente.

Anjo — Então devemos continuar lutando, mesmo que o inimigo tenha vencido.

Simone — Mas como posso lutar, se eu não tenho espada?

Anjo — Ouça:
Quando o conquistador chegar a sua cidade
Que seja como se nada houvesse conquistado.
Que não haja ninguém que lhe entregue a chave.
Pois aquele que vem não é hóspede, é escória.
Que não encontre nenhuma refeição e mesa posta a sua espera.
Camas e cadeiras deverão ser destruídas.
O que não puderem queimar, escondam
Entornem todo o jarro de leite e enterrem todo o pão.
Que ele grite: socorro. Que se chame: monstro.
Que coma terra. Que viva no fogo.
Que não desperte compaixão de nenhum tribunal
Que não sobre nada da cidade, nem uma lembrança, nada.
Que para onde olhe não haja nada. Onde pise, vazio.
Como se aqui nunca houvera uma hospedaria.
Agora vá e destrua tudo!

O palco escurece. À música confusa juntam-se, insistentemente, as palavras do Anjo "Agora vá e destrua tudo!", e o nítido rumor de pesados tanques.

3

a

O FOGO

A velha madame Soupeau, toda de preto, e, atrás dela, a camareira Thérèse e Père Gustave, com seu traje domingueiro, aguardam no portão do pátio o comandante alemão. Georges, agora usando trajes civis, está encostado à garagem, na qual Simone, escondendo-se de madame Soupeau, escuta a conversa. De fora ouve-se o barulho dos tanques que passam.

SIMONE — Ela está muito pálida, e tem medo.

GEORGES — Ela está pensando que vai ser presa como refém e depois fuzilada. Passou a noite fora de si, e Thérèse a ouviu gritar bem alto: "Os carniceiros vão acabar com tudo!" E mesmo assim, ela ficou aqui, por avareza, e agora espera pelo comandante alemão. Eu realmente não entendo porque você não quer que ela veja você. Aconteceu alguma coisa?

SIMONE *mente* — Não, não. Só que ela iria me mandar embora se me visse, temendo que os alemães pudessem me machucar.

GEORGES *desconfiado* — É esse o único motivo por que ele não deve ver você?

SIMONE *desviando o assunto* — O senhor acha que Maurice e Robert foram alcançados pelos alemães?

GEORGES — Talvez. Afinal, por que você se mudou do seu quarto no prédio principal?

SIMONE *mente* — Mas se tem lugar nas dependências dos motoristas. O senhor acha que o André vai voltar logo?

GEORGES — É provável que sim. Será que ela não despediu você, Simone?

SIMONE *mente* — Não.

GEORGES — Aí vêm os alemães.
Da rua vem o comandante alemão, acompanhado do capitão Fétain. No portão do pátio, os dois homens trocam cordiais cumprimentos com a madame Soupeau. Não se ouve o que dizem.

GEORGES — O capitão, um fascista disfarçado, tem a honra de apresentar o arquiinimigo à madame. Grandes demonstrações de cortesia. Farejam um ao outro e pelo jeito não desgostam do cheiro alheio. O arquiinimigo é um senhor fino e educado. A madame parece imensamente aliviada. *Sussura* — Estão vindo pra cá.
Simone retrocede. Madame Soupeau conduz os dois senhores pelo pátio para dentro da hospedaria, seguidos pela camareira Thérèse.

PÈRE GUSTAVE *a quem a madame acaba de sussurar alguma coisa ao ouvido, vai até Georges e Simone* — A madame não quer mais ver a ralé do ginásio aqui na hospedaria. Os senhores alemães poderiam se aborrecer. Ao que parece, o patrão poderia muito bem ter ficado por aqui.

GEORGES — A primeira coisa que anunciaram no rádio foi: "Quem mantiver a ordem e a tranquilidade não tem nada a temer".

PÈRE GUSTAVE — Esse que está aí dentro diz "por favor" quando quer algo. "Por favor, mostre os meus aposentos ao meu ordenança".

SIMONE — Mas é o inimigo.
Père Gustave desaparece no galpão.

GEORGES — A sua prima teve outro sonho?

SIMONE — Teve, ontem à noite.

GEORGES — De novo com a virgem?

SIMONE *aquiesce* — Ela foi elevada à classe da nobreza.

GEORGES — Isso deve ter sido um acontecimento e tanto pra ela.

SIMONE — A cidade dela foi liberada dos impostos, como no livro.

GEORGES *bastante incisivo* — Mas na realidade as provisões não estão sendo distribuídas na vila, como havia sido prometido.

SIMONE *embaraçada* — Disso a minha prima não falou nada.

GEORGES — Ah, sei.

SIMONE — Monsieur Georges, quando num desses sonhos, que a minha prima às vezes tem, aparece um anjo — será que isso significa que essa pessoa deve ter morrido?

GEORGES — Acho que não. Provavelmente só significa que aquela que sonha às vezes teme que essa pessoa tenha morrido. Diga-me, o que é que a sua prima ainda tem que fazer?

SIMONE — Ainda falta muito.

GEORGES — Aconteceu alguma coisa desagradável no sonho?

SIMONE — Por quê?

GEORGES — Porque você não está contando quase nada.

SIMONE *lentamente* — Não aconteceu nada de desagradável.

GEORGES — Pergunto porque às vezes imagino que outra pessoa poderia levar esses sonhos a sério demais, Simone, e esquecer que estamos em pleno dia, e não num sonho.

SIMONE *com ímpeto* — Então não vou mais conversar com o senhor sobre os sonhos da minha prima, monsieur Georges.
A Mulher com o bebê e um outro refugiado do ginásio aparecem no pátio.

SIMONE — Eles vêm por causa da comida. Explique para eles, com delicadeza, monsieur Georges. *Ela se esconde e fica observando.*

GEORGES *dá um passo a frente* — Madame.

MULHER — Os tanques já estão aqui.

HOMEM — Tem três parados diante da prefeitura.

MULHER — Daqueles grandes. De sete metros.

HOMEM *apontando para a sentinela alemã* — Cuidado.

MADAME SOUPEAU *aparece na porta da hospedaria* — Georges! Père Gustave! Os hors d'oeuvres na sala de refeições para o senhor comandante. O que vocês querem aqui?

MULHER — É por causa dos mantimentos, madame. No ginásio ficaram vinte e uma pessoas para trás.

MADAME SOUPEAU — Mas Georges, eu já disse para você manter os mendigos longe da hospedaria.

HOMEM — O que a senhora quer dizer com mendigos?

MADAME SOUPEAU — Por que você não diz a eles que agora eles têm que se dirigir ao comandante alemão, e não mais a nós? Esses bons tempos se acabaram.

MULHER — E com essa é para gente voltar para o ginásio, depois de termos aconselhado a todo mundo a ficar aqui, para que a sua porcelana pudesse ser levada embora?

MADAME SOUPEAU — Madame, cuidado para não virar denunciadora.

MULHER — Madame, não se esconda atrás dos alemães.

MADAME SOUPEAU *chama por cima do ombro* — Honoré!

Mulher — Meu filho e eu poderíamos estar agora com a minha irmã em Bordeaux. A senhora prometeu que nos manteria, madame.

Madame Soupeau — Cedendo a uma extorsão, madame.

Capitão Fétain *coloca-se atrás dela* — E no transcurso de um verdadeiro saque! Mas agora vamos restabelecer a ordem e a disciplina, meus caros. *Indicando as sentinelas alemãs* — Quer que eu a expulse do pátio com as baionetas? Não se exalte, Marie, pense em seu coração!

Mulher — Seus porcos!

Homem *pega a mulher pela mão e a leva embora* — Madame, outros tempos virão.

Madame Soupeau — Está começando a feder a esgoto por aqui. As sarjetas dos deparamentos do norte estão inundando as nossas pacíficas vilas com as suas ratazanas. Os fregueses dos botequins nos assolam. Será preciso um sangrento ajuste de contas. Père Gustave, café da manhã para quatro pessoas.

Capitão Fétain *para Georges* — Ei, você! O prefeito virá para cá. Diga-lhe que preciso falar com ele antes que veja o comandante alemão.
Ele conduz madame Soupeau para dentro da hospedaria. Assim que desaparecem, Simone corre atrás dos refugiados.

Georges — Père Gustave! Os hors d'oeuvres para o senhor comandante!

Voz de Père Gustave *do galpão* — Entendido. Tudo pelo senhor comandante.
Simone volta, sem fôlego.

Georges — O que você disse pra eles?

Simone — Que eles podem avisar para o pessoal no ginásio que terão o que precisam. Vou arranjar as coisas hoje à noite.

Georges — É mesmo, você ainda tem a chave.

Simone — Está prometido.

Georges — Mas tenha o máximo de cuidado. Isso é roubo!

Simone — Afinal, o patrão disse: "Enquanto você estiver aqui, Simone, nada vai cair nas mãos dos alemães, disso estou certo".

Georges — Mas a senhora mamãe agora está falando de outro jeito.

Simone — Talvez ela esteja sendo obrigada.
O Prefeito aparece no portão do pátio.

Simone *precipita-se sobre ele, sussurando* — Senhor prefeito, o que vai acontecer agora?

Prefeito — O que você acha, Simone? Eu tenho uma boa nova para você: sugeri o nome de seu pai para servidor da comunidade. Você merece isso, Simone. Assim já não importa mais que você tenha perdido o emprego.

Simone *sussurando* — Senhor prefeito, é verdade que tem três tanques na praça na frente da prefeitura? *Mais baixo ainda* — É que ainda tem a gasolina.

Prefeito *distraído* — É, isso é grave. *De repente* — Mas o que é que você ainda está fazendo na hospedaria, Simone?

Simone — Mas nós temos que fazer alguma coisa com a gasolina, senhor prefeito! O senhor não pode fazer nada? A madame Soupeau certamente será perguntada a respeito.

Prefeito — Não acredito que tenhamos que temer pela madame Soupeau, Simone.

Simone — Eu poderia fazer alguma coisa. Conheço bem a olaria.

Prefeito *vagamente* — Eu espero que você não tenha alguma tolice em mente, Simone. Tenho uma grande responsabilidade pela comunidade de Saint-Martin, você sabe.

Simone — Sim, senhor prefeito.

Prefeito — Não sei por que falo assim com você, você ainda é uma menina, Simone. Mas eu acho que agora todos devem dar o melhor de si, não é mesmo?

Simone — Sim senhor, senhor prefeito. Se a olaria pegasse fogo...

Prefeito — Pelo amor de Deus. Nem pensar numa coisa dessas. E agora eu tenho que entrar. É o passo mais difícil que já dei na minha vida. *Dispõe-se a entrar. O Capitão aparece lá fora.*

Capitão Fétain — Monsieur Chavez. O senhor chegou bem na hora do café da manhã.

Prefeito — Eu já tomei café da manhã.

Capitão Fétain — Isso é lamentável. O senhor parece não se dar conta da situação. Ontem aconteceram muitas coisas desagradáveis por aqui, com a anuência das autoridades. É lamentável que não se tenha castigado imediatamente as desavergonhadas manobras de certos elementos que estão querendo se aproveitar da derrocada da França para os seus interesses egoístas. Os nosso hóspedes alemães esperam ao menos um gesto cortês de nossa parte. O comandante alemão, por exemplo, já está a par de certos estoques na olaria. Talvez seja melhor o senhor se acostumar com a idéia, Chavez. E com isso talvez o seu apetite melhore um pouco? Depois do senhor, senhor prefeito.

Prefeito *muito inseguro* — Depois do senhor, mon capitaine.
Os dois homens entram na hospedaria seguidos de Père Gustave, que saíra do galpão.

Père Gustave *entrando com as delicatessen* — Bom tempo e boa viagem! Rico se dá com rico, não é, Georges? Vendem a França como as suas delicatessen! *Sai. Simone acompanha tudo. Ela se senta.*

Georges — Simone, o que você tem? Simone!

Simone não responde. Georges, que se dispunha a sacudi-la, detém-se no meio do gesto como que paralisado. Durante o sonho acordado de Simone ouve-se repetir, fraca e mecanicamente, o "rico se dá com rico..." de Père Gustave.

SONHO ACORDADO DE SIMONE MACHARD

20 de junho

Música militar confusa. A parede dos fundos da hospedaria fica transparente. Diante de um imenso Gobelin, estão sentados o Prefeito, como rei Carlos; o capitão Fétain, como duque de Borgonha; o Comandante alemão, como general dos ingleses, com a espada sobre os joelhos; e madame Soupeau, como a rainha-mãe Isabeau. Estão jogando "skat".

Madame Soupeau — Não quero mais ver a ralé, Mylord.

Comandante Alemão — Esconda-se atrás de nós, rainha Isabeau. Mandarei expulsar todos do pátio. Então a ordem reinará. Estas eu mato.

Prefeito — Escutem! Vocês estão ouvindo um rufar de tambores no ar?
Ouvem-se ao longe os tambores de Joana.

Capitão Fétain — Não ouço nada. Jogue o seu ás de paus.
Cessa o rufar dos tambores.

Prefeito *duvidando* — Não? Duque de Borgonha, eu receio que a minha Joana se meteu em encrencas e precisa de ajuda!

Capitão Fétain — Dez de copas. Eu preciso de paz, para que eu possa vender os meus vinhos.

Comandante Alemão — Quanto custam as suas delicatessen, madame?

Madame Soupeau — Quem embaralha? Dez mil moedas de prata, Mylord.

PREFEITO — Agora eu tenho certeza. Ela está em perigo, em perigo mortal. Preciso ir socorrê-la já e destruir tudo. *Ele se levanta, com as cartas na mão.*

CAPITÃO FÉTAIN — Tenha cuidado. Se você for embora agora, será a última vez. Você não se dá conta da situação. Como é que se pode jogar, se toda hora te interrompem. Valete de paus.

PREFEITO *volta a se sentar* — Está bem.

MADAME SOUPEAU *dá-lhe uma bofetada* — Isso é pela sua arbitrariedade.

COMANDANTE ALEMÃO — Permita-me, rainha Isabeau. *Conta as moedas sobre a mesa.* Um, dois, três...

Georges sacode Simone para despertá-la de seu sonho, enquanto o Comandante alemão continua contando.

GEORGES — Simone! Agora você já sonha de olhos abertos.

SIMONE — O senhor vem comigo, monsieur Georges?

GEORGES *olhando fixamente para o seu braço enfaixado; feliz* — Simone, eu consigo mexê-lo de novo.

SIMONE — Isso é bom. Mas agora nós temos que ir até a olaria, monsieur Georges. Não temos muito tempo. Père Gustave, o senhor também precisa vir com a gente, rápido.

PÈRE GUSTAVE *que está voltando da hospedaria* — Eu? Eles pregaram um cartaz: "Quem destruir material estratégico, será fuzilado". Eles não entendem brincadeiras.

SIMONE — O prefeito é a favor.

PÈRE GUSTAVE — O prefeito é um filho da puta.

SIMONE — Mas o senhor vem junto, monsieur Georges? É pelo André. Eu nem saberia como destruir tanta gasolina. Será que é preciso pôr fogo em toda a olaria?

GEORGES — Você não entendeu: eu consigo movê-lo novamente.

SIMONE *olha para ele* — Então vocês não querem vir comigo?

PÈRE GUSTAVE — Lá vem outro.

Um Soldado alemão entra no pátio, carregando bagagem. Simone, assustada, sai correndo assim que o vê.

SOLDADO ALEMÃO *joga a bagagem no chão, tira o seu capacete, suando, e começa a se fazer entender por gestos* — Comandante? Dentro?

GEORGES *fazendo gestos* — Lá. Na hospedaria. Cigarro?

SOLDADO ALEMÃO *pega o cigarro e sorri com malícia* — Guerra scheisse.

Gesto de atirar, movimento de desprezo com a mão.

GEORGES *rindo* — Bum, bum. *Faz um peido com os lábios. Os dois riem.*

SOLDADO ALEMÃO — Comandante filha da puta.

GEORGES — O quê? Como?

SOLDADO ALEMÃO *imita o Comandante alemão com seu monóculo* — Merde.

GEORGES *compreende. Contente, imita, por sua vez, o Capitão e a madame Soupeau* — Todos merde.

Eles riem de novo. Depois, o Soldado apanha a bagagem e entra na hospedaria.

GEORGES *para Père Gustave* — Ulalá, como seria fácil se entender.

PÈRE GUSTAVE — Melhor tomar cuidado.

GEORGES — E como. Agora que recuperei o meu braço.

Da hospedaria saem o Comandante, o Capitão, o Prefeito e madame Soupeau.

Capitão Fétain — Estou feliz, senhor comandante, que tenha sido possível chegar a um entendimento tão íntimo.

Comandante Alemão — Madame, sou-lhe grato por ter colocado os seus estoques de gasolina à nossa disposição, espontaneamente. Não que a Wehrmacht precisasse deles. Mas nós os aceitaremos como prova de sua boa vontade e colaboração.

Madame Soupeau — A olaria não fica longe daqui.

Comandante Alemão — Vou enviar os tanques para lá.
O céu se tingiu de vermelho. O grupo se detém, paralisado. Explosões ao longe.

Comandante Alemão — O que é isso?

Capitão Fétain — A olaria.

b

É noite. Ouvem-se golpes contra o portão. Georges sai de seu quarto e o abre, deixando entrar o Patrão e os dois Motoristas.

Patrão — Como vai, Georges? A mamãe está bem? A hospedaria, pelo jeito, ainda está de pé. Sinto-me como depois do dilúvio. Bom dia, Simone!
Simone, em trajes sumários, sai das dependências dos motoristas. Robert a abraça. Père Gustave também aparece.

Robert — Você se instalou no nosso prédio? *Ele começa a dançar com ela, cantarolando —*
Jean, o estripador, voltou
Rose o esperava
A mamãe tomou um Chartreuse
E papai um chope.

Patrão — O que há de novo por aqui?

Georges — Temos um comandante alemão. A madame Soupeau está um pouco cansada devido às investigações por causa da olaria. O comandante alemão...

Patrão — Que investigações?

Simone — Monsieur Henri, foi tudo executado conforme a sua intenção. E ontem à noite eu também levei algumas coisas até o ginásio.

Patrão — Eu perguntei o que tem a olaria.

Georges *hesitando* — Foi destruída pelo fogo, monsieur Henri.

Patrão — Destruída pelo fogo? Os alemães? *Georges sacode a cabeça em negativa.* Uma imprudência? *Ele olha um por um. Ninguém responde.* As autoridades?

Georges — Não.

Patrão — A gentalha lá do ginásio.

Georges — Não, monsieur Henri.

Patrão *sarcástico* — Então tem um incendiário por aqui. *Uivando com se lhe tivesem cortado um pé* — Quem foi? *Ninguém responde.* Já sei, estão todos metidos nisso. *Raivoso e frio* — Quer dizer que finalmente conseguiram chegar ao crime. Isso não era difícil de se prever, depois de todas aquelas demonstrações de gratidão com que me brindaram no último dia. "Vá se foder com a sua porcelana", não é, Père Gustave? Bom, eu recolho a luva. Ainda veremos.

Georges — Foi por causa dos alemães, monsieur Henri.

Patrão *sarcástico* — Ah, sei. Claro, a olaria é minha, mas o incêndio criminoso foi contra os alemães. Então vocês, no seu ódio e na sua raiva destrutiva, ficaram tão cegos que mataram a vaca que lhes dá leite. *Abruptamente* — Simone!

SIMONE — Sim, monsieur.

PATRÃO — Diga-me imediatamente quem foi.

SIMONE — Fui eu, monsieur.

PATRÃO — O quê? Você se atreveu? *Puxa-a pelo braço.* Por ordem de quem? Quem está por trás disso?

SIMONE — Ninguém, monsieur.

PATRÃO — Não minta, ouviu? Não tolero!

GEORGES — Por favor, solte-a, monsieur Henri. Ela não está mentindo.

PATRÃO — Quem te deu a ordem?

SIMONE — Fiz isso pelo meu irmão, monsieur.

PATRÃO — Ah, o André! Ele te incitou contra o teu patrão, não foi? "Nós, os de baixo", não é? Eu sempre soube que ele era vermelho. Quem te ajudou?

SIMONE — Ninguém, monsieur.

PATRÃO — E por que você fez isso?

SIMONE — Por causa da gasolina, monsieur.

PATRÃO — E para isso você teve que pôr fogo em toda a olaria? Por que é que você não deixou a gasolina escorrer simplesmente?

SIMONE — Eu não sabia disso, monsieur Henri.

GEORGES — Ela é uma criança, monsieur Henri.

PATRÃO — Incendiários! Todos! Criminosos! Suma do meu pátio, Père Gustave! Você está demitido, Georges! Vocês são piores que os alemães.

GEORGES — Pois não, monsieur Henri. *Ele se coloca ao lado de Simone.*

PATRÃO — Alguém não falou em investigação? O que é?

GEORGES — Os alemães estão investigando.

PATRÃO — Quer dizer que isso aconteceu quando os alemães já estavam aqui?

GEORGES — Sim.

PATRÃO *precisa se sentar, desesperado* — Era o que faltava! A hospedaria está arruinada! *Apóia a cabeça entre as mãos.*

PÈRE GUSTAVE — Monsieur Henri, ontem toda a Saint-Martin falava muito bem da hospedaria. "Bem embaixo do nariz dos alemães!", diziam.

PATRÃO — Vou ser julgado pelo tribunal de guerra. Até que ponto vocês me levaram! *Desesperado* — Serei fuzilado.

SIMONE *dando um passo para frente* — Monsieur, o senhor não será fuzilado porque fui eu quem fez isso. O senhor pode vir comigo até o comandante alemão, e eu vou assumir toda a responsabilidade, monsieur.

MAURICE — De jeito nenhum.

PATRÃO — Por que não? Ela é uma criança. Ninguém lhe fará mal.

MAURICE — O senhor pode contar para os alemães que foi ela, mas nós a levaremos embora. Vista-se já, Simone.

PATRÃO — Nesse caso seremos cúmplices.

Simone — Maurice, eu tenho que ficar. André quer assim, isso eu sei.

Patrão — Mas tudo só depende de uma coisa: se ela agiu antes de os alemães chegarem ou depois. Se foi antes, é um ato de guerra. Ninguém vai poder fazer nada contra ela.

Père Gustave *servilmente* — Eles logo foram pregando um cartaz dizendo que qualquer um que cometesse um ato hostil seria fuzilado, monsieur Henri.

Patrão *para Simone* — Você viu o cartaz?

Simone — Sim senhor, monsieur Henri.

Patrão — E como era?

Simone — O papel era vermelho.

Patrão — Era mesmo? *Père Gustave concorda com a cabeça.* Agora ouça o que os alemães vão perguntar a você, Simone. Você viu o cartaz depois de colocar fogo? Nesse caso, não foi sabotagem, Simone, e ninguém vai poder te fazer mal.

Simone — Eu vi o cartaz antes, monsieur.

Patrão — Você não me entendeu. Se você só viu o cartaz depois, os alemães simplesmente vão encaminhar você ao Prefeito, porque o caso só tem a ver com os franceses, e aí você está salva, Simone. Você entendeu?

Simone — Sim, monsieur. Mas eu vi o cartaz antes.

Patrão — Ela está confusa, Père Gustave. O senhor estava no pátio naquele momento. Quando foi que a Simone saiu?

Patrão — Antes, monsieur Henri. Naturalmente antes de pregarem o cartaz.

Patrão — Pois então.

Simone — O senhor está enganado, Père Gustave. O senhor mesmo me avisou, antes que eu fosse embora, que o cartaz proibia aquilo.

Père Gustave — Eu não disse nada disso.

Patrão — É claro que não.

Maurice — O senhor não percebe, monsieur Henri, que a menina não quer saber dos seus truques? Ela não se envergonha de ter feito aquilo.

Simone — Mas o patrão só está querendo me ajudar, Maurice.

Patrão — Exatamente. Você confia em mim, Simone? Então ouça bem. A pessoa com quem vamos falar agora é o inimigo. Isso faz uma grande diferença, você sabe. Ele vai fazer muitas perguntas, mas você só vai responder o que é bom para Saint-Martin e para os franceses. Isso vai ser fácil, não é?

Simone — Sim senhor, monsieur. Mas eu não quero dizer nada de falso.

Patrão — Entendo. Você não quer dizer nenhuma inverdade. Nem mesmo para o inimigo. Muito bem. Vou fazer a sua vontade. Só lhe peço uma coisa: não diga nada, deixe por nossa conta. Deixe por minha conta. *Quase chorando* — Eu apóio você até o fim, você sabe disso. Todos nós apoiamos você. Nós somos franceses.

Simone — Sim senhor, monsieur.
O Patrão pega Simone pela mão e entra com ela na hospedaria.

Maurice — Ela não leu bem o seu livro.

4

O TRIBUNAL

a

O QUARTO SONHO DE SIMONE MACHARD

Noite de 21 de junho

Música confusa. No pátio estão o Comandante alemão, vestindo uma armadura, e Simone, como a virgem de Orleans, rodeados de soldados em armaduras pretas de escamas, com cruzes suásticas; um deles, reconhecível como o ordenança do Comandante alemão, segura um estandarte com a cruz suástica.

Comandante Alemão — Agora pegamos você, Joana de Orleans, e você será entregue a um Alto Tribunal, que vai decidir por que você deverá ser condenada a morrer na fogueira.
Todos saem, exceto Simone e o Porta-estandarte.

Simone — Que tribunal é esse?

Porta-Estandarte — Não é um tribunal comum. É um tribunal eclesiástico.

Simone — Não confesso nada.

Porta-Estandarte — Muito bem, mas a audiência já parece ter terminado.

Simone — Quer dizer que se condena antes de interrogar?

Porta-Estandarte — Sim, naturalmente.
Da hospedaria saem pessoas que aparentemente estiveram presentes à audiência e cruzam o pátio em direção à rua.

Père Gustave *enquanto atravessa o pátio, para Thérèse* — À morte! Na idade dela!

Thérèse — Pois é, ainda anteontem quem diria isso!

Simone *puxando-a pela manga* — Está aí o Hitler em pessoa?
Thérèse parece não notá-la, e sai com Père Gustave. Os pais de Simone atravessam o pátio, o pai de uniforme, a mãe vestida de preto.

Madame Machard *soluçando* — Desde bem pequena ela sempre foi tão teimosa. Igualzinho ao irmão. É um golpe terrível para monsieur Machard. Ainda mais como servidor da comunidade! Que vergonha! Saem os dois.
Os irmãos Maurice e Robert atravessam o pátio.

Robert — Ela não era feia.

Maurice — Principalmente naquele vestido azul com os babados.

Simone *puxando Robert pela manga* — Vocês viram o tribunal?

Robert *de passagem* — Sim, naturalmente.

Simone — Eu também vou vê-lo?

Robert — Certamente. Os juízes ainda vão sair para quebrar a vara sobre você. *Saem os dois.*

Voz Forte — Silêncio! Abram espaço! Terá lugar agora a condenação da virgem. Pelo Tribunal Eclesiástico dos Eminentes Bispos e Cardeais de Rouen. Para começar, a vareta será quebrada sobre a virgem.
Da entrada da hospedaria sai um juiz em suntuosos trajes de cardeal. Ele segura um breviário na frente do rosto para evitar que o reconheçam, e atravessa o pátio. Ele pára diante de um tripé de ferro, afasta o rosto, fecha o seu breviário com um golpe seco, saca uma vareta de sua manga, quebra-a solenemente e joga os pedaços dentro da caldeira.

Voz Forte — Sua Eminência, o bispo de Beauvais. Por haver libertado a cidade de Orleans: à morte.
Antes de prosseguir o seu caminho, volta-se negligentemente e deixa ver o seu rosto. É o Coronel.

Simone — Monsieur le colonel!
Um segundo juiz sai da entrada da hospedaria e repete a cerimônia.

Voz Forte — Pela libertação da cidade de Orleans e porque as ratazanas da cidade de Orleans foram alimentadas — com bens roubados: à morte!
O segundo juiz também mostra o seu rosto. É o Capitão.

Simone — Monsieur le capitaine!
Um terceiro juiz sai da entrada da hospedaria e repete a cerimônia.

Voz Forte — Pelo atentado à cidade de Paris e pela gasolina de contrabando: à morte.
O terceiro juiz é o Patrão.

Simone — Mas monsieur Henri, sou eu quem o senhor está condenando!
O Patrão faz o seu gesto de impotência, e um quarto juiz sai da entrada da hospedaria e repete a cerimônia.

Voz Forte — Pela união de todos os franceses: à morte.
O quarto juiz segura o seu breviário com tanta força que ele cai de suas mãos. Ele se abaixa apressadamente para apanhá-lo e é reconhecido: é o Prefeito.

Simone — O Prefeito em pessoa, oh, monsieur Chavez!

Voz forte — Os seus eminentes juízes têm dito, Joana.

Simone — Mas são todos franceses. *Para o Porta-estandarte* — Um engano!

Porta-Estandarte — Não, mademoiselle, o tribunal é francês.
Os quatro juízes ficaram parados na entrada do pátio.

Prefeito — Mas isso você já sabe do livro. É claro que a virgem é condenada por juízes franceses, assim é que deve ser, já que ela é francesa.

Simone *confusa* — Isso é verdade. Que eu serei condenada à morte, eu sei do livro. Mas eu gostaria muito de saber por quê. Isso eu nunca entendi direito, sabe.

Prefeito *para os juízes* — Ela exige uma audiência.

Capitão Fétain — Mas qual o sentido de uma audiência, se a sentença já foi dada?

Prefeito — Bem, então ao menos tudo terá sido investigado, o réu interrogado, tudo discutido e ponderado.

Coronel — E considerado leve demais. *Dando de ombros* — Mas muito bem, se o senhor exige.

Patrão — Se bem que não estamos preparados para isso.
Aproximam as cabeças e se consultam, cochichando. Père Gustave traz uma mesa para fora e coloca uma toalha, pratos e velas sobre ela. Os juízes se sentam à mesa.

Père Gustave — Os refugiados do ginásio estão lá fora. Eles desejam participar da audiência.

Patrão — Impossível, estou aguardando a mamãe. Ela diz que essa gente fede.

Capitão Fétain *para trás* — A audiência terá lugar a portas fechadas. No interesse do Estado.

Patrão — Onde estão as atas? Provavelmente foram perdidas por descuido, como sempre acontece conosco.

Prefeito — Onde está o promotor?
Os juízes se entreolham.

Prefeito — Sem promotor o processo não é oficial.

Patrão — Père Gustave, traga um promotor do depósito.

PÈRE GUSTAVE *aproxima-se do portão do pátio e chama para a rua* — O Alto Tribunal Eclesiástico de Rouen conclama a todos que tiverem queixas contra a virgem para expressá-las diante deste tribunal. Ninguém? *Ele repete o chamado; depois, para os juízes* — Como promotor, a rainha-mãe Isabeau, partidária do renegado duque de Borgonha e do arquiinimigo.

MADAME SOUPEAU *vestindo uma armadura de guerra, sai da hospedaria, cumprimenta os juízes, que se inclinam profundamente. Com a experiente amabilidade de grande hoteleira* — Boa noite, mon capitaine. Permaneça sentado; não se incomode. *Por sobre os ombros, em direção à hospedaria* — Uma Alsácia-Lorena para o monsieur le capitaine, bem assada. Como o senhor deseja os camponeses, marechal? O senhor está satisfeito com o atendimento desta vez, mon colonel? *Indicando para Simone* — Tudo estaria a salvo, se essa virgem de Orleans não tivesse atrapalhado as negociações. Tudo: a França, a olaria também. Os senhores são demasiadamente fracos. Quem é responsável pelas decisões aqui, a Igreja ou um serviçal da hospedaria? *Começa a gritar como louca* — Eu exijo que essa pessoa seja executada imediatamente por heresia e desobediência, bem como por causa da sua autodeterminação. As cabeças vão ter que rolar. O sangue precisa correr. Ela tem que ser exterminada sangrentamente. É preciso um exemplo sangrento. *Exausta* — Minhas gotas.

CAPITÃO FÉTAIN — Uma cadeira para a rainha-mãe.
Père Gustave traz uma cadeira.

PATRÃO — A couraça está te apertando, mamãe? Por que você está vestindo uma armadura de guerra?

MADAME SOUPEAU — Mas eu também estou em guerra.

PATRÃO — Que guerra é essa?

MADAME SOUPEAU — A minha guerra. Contra a virgem insurgente, que incitou as pessoas no ginásio.

CAPITÃO FÉTAIN *incisivo* — Pst! *Para Simone* — Com que direito você seduziu os franceses para a guerra, virgem?

SIMONE — Um anjo me deu a ordem, honorável bispo de Beauvais.
Os juízes se entreolham.

PATRÃO — Ah é, um anjo? Que anjo?

SIMONE — Da igreja. Aquele que fica à esquerda do altar.

CAPITÃO FÉTAIN — Nunca vi.

PREFEITO *amável* — Como era esse anjo, Simone? Descreva-o para nós.

SIMONE — Ele era muito jovem e tinha uma voz bonita, honoráveis senhores. Ele disse que eu deveria ...

CORONEL *interrompendo* — O que ele disse não vem ao caso. Em que dialeto ele falava? Como um homem instruído? Ou como?

SIMONE — Eu não sei. Assim como se fala.

CAPITÃO FÉTAIN — Ah, sei.

PATRÃO — Como estava vestido esse anjo?

SIMONE — Estava com uma roupa muito bonita. Seu traje era de um tecido que custa de vinte a trinta francos o metro, em Tours.

CAPITÃO FÉTAIN — Estou lhe entendendo bem, Simone, ou melhor, Joana? O anjo não era nenhum daqueles grandes anjos vistosos, cujo traje talvez custe de duzentos a trezentos francos o metro?

SIMONE —Não sei.

CORONEL — Em que estado estava o traje dele? Muito desbotado?

SIMONE — O anjo estava só um pouquinho descascado, na manga.

Coronel — Ah, sei. Descascado na manga. Como se ele tivesse que usar o seu traje também durante o trabalho, não é? Possivelmente estava rasgado?

Simone — Não, rasgado não.

Capitão Fétain — Mas estava descascado. No lugar em que estava descascado, a manga poderia estar rasgada por causa do trabalho. Talvez não se pudesse ver, porque a tinta estava descascada. Mas poderia ser que sim, não é?
Simone permanece em silêncio.

Coronel — O anjo disse alguma coisa que também poderia ser dita por uma pessoa de classe? Pense bem antes de responder.

Simone — Ele disse coisas mais gerais.

Prefeito — O anjo parecia com alguém que você conhece?

Simone *com voz baixa* — Parecia com o meu irmão André.

Coronel — O soldado raso André Machard! Meus senhores, agora está claro. Um anjo muito esquisito, pode-se dizer.

Madame Soupeau — Um verdadeiro anjo de boteco, um Gabriel da sarjeta! Pelo menos agora sabemos de onde vêm essas "vozes". Elas vêm dos bares e das fossas.

Simone — Vocês não deveriam xingar o anjo, honoráveis bispos e cardeais.

Patrão — Na página cento e vinte e quatro do livro você pode verificar que nós somos o Tribunal Eclesiástico, e, por assim dizer, a maior autoridade sobre a Terra.

Coronel — Você não acha que nós, os Altos Cardeais da França, sabemos muito melhor o que Deus quer do que um anjo qualquer que veio sabe-se lá de onde?

Capitão Fétain — Onde está Deus, Joana? Em baixo ou em cima? E de onde veio o tal anjo? De baixo. Então de quem ele é mensageiro? De Deus? Ou talvez do mal?

Madame Soupeau — Do diabo! Joana de Orleans, as vozes que você ouviu, vinham do diabo!

Simone *falando alto* — Não! Não! Do diabo não!

Capitão Fétain — Chame-o até aqui, o teu anjo! Talvez ele lhe defenda, ó grande virgem de Orleans. Contínuo, cumpra a sua obrigação.

Père Gustave *proclama* — O Alto Tribunal Eclesiástico de Rouen conclama, com este chamado, o anjo de nome desconhecido, que por várias noites apareceu para a virgem, para prestar testemunho a seu favor.
Simone olha para o telhado da garagem. O teto permanece vazio. Père Gustave repete o chamado. Simone olha angustiada para os juízes, que estão sorrindo. Então ela se agacha e, totalmente confusa, começa a bater no chão. Mas não se ouve nada, e o teto da garagem permanece vazio.

Simone — Ela não ressoa mais. O que aconteceu? Ela não ressoa! A terra francesa não ressoa mais! Aqui ela não ressoa!

Madame Soupeau *aproxima-se dela* — Mas você por acaso sabe quem é a França?

b

Manhã de 22 de junho. Sobre o arco do portão há uma bandeira francesa, a meio pau, com fumo de crepe. Georges, Robert e Père Gustave ouvem Maurice, que lê um jornal tarjado.

Maurice — O marechal diz que as condições do armistício não afetam a honra da França.

Père Gustave — Isso é um consolo para mim.

MAURICE — Sem dúvida. O marechal continua dizendo que o povo francês agora deverá se agrupar em volta dele como em torno de um pai. É preciso uma nova disciplina e ordem.

PÈRE GUSTAVE — É verdade. André já não luta mais, as armas foram depostas. Agora ele terá que ser submetido a uma severa disciplina.

GEORGES — Ainda bem que a Simone se foi.
Da entrada da hospedaria vem o Comandante alemão, sem quepe e sem cinturão, fumando o charuto do café da manhã. Ele examina os presentes com olhar indiferente e anda displicentemente até o portão do pátio. Lança um breve olhar ao seu redor, faz meia vola e retorna apressadamente para a hospedaria.

PÈRE GUSTAVE — Desde o início ele achou muito desagradável que fosse uma criança.

GEORGES — Aliás, estou surpreso que ela tenha fugido. Ela sempre fazia questão de ficar. Alguma coisa a assustou. Ela simplesmente escapou pela janela da lavanderia.
Da hospedaria vem o Patrão, esfregando as mãos.

PATRÃO — Maurice, Robert! Descarreguem as caixas com a porcelana e a prata! *Com voz baixa, depois de ter olhado em volta* — Aliás, nem vou perguntar se alguém dos meus empregados prestou alguma ajuda para uma determinada fuga hoje à noite. O que aconteceu, aconteceu, e digo até que talvez esta não tenha sido a pior solução. Não que realmente houvesse perigo. Os alemães não são canibais, e o patrão de vocês sabe lidar com eles. Hoje, durante o café da manhã, fui firme com o comandante. "Uma farsa! Antes do cartaz, depois do cartaz, para que tudo isso?! Uma criança! O que a gente quer! Talvez um pouco débil mental, um caso psicopático! Os tanques! É preciso detê-los, destruir tudo! E naturalmente os fósforos, são sempre a diversão principal. Um atentado político? Uma arte de criança"!

GEORGES *olhando para os outros* — O que significa isso, monsieur Henri, uma arte de criança?

PATRÃO — Eu também disse pra mamãe: uma criança!

GEORGES — A criança foi a única pessoa nesta hospedaria que fez a sua obrigação: além dela, ninguém mexeu um dedo. E Saint-Martin não vai esquecer isso, monsieur Henri.

PATRÃO *mal-humorado* — É melhor vocês cuidarem das suas obrigações. E descarreguem as caixas. É muita sorte que o caso esteja encerrado. Eu tenho certeza que o comandante não vai procurar por Simone por muito tempo. E agora comecem a trabalhar! É disso que a nossa pobre França precisa agora! *Sai.*

GEORGES — Que alívio: ela se foi!

MAURICE — E tudo não tinha nada a ver com patriotismo ou coisa parecida! Isso teria sido desagradável. "Os alemães não são canibais". Um belo gesto estava prestes a ser feito, entregando a gasolina para os alemães, gasolina essa que foi negada ao próprio exército, e, de repente, a plebe resolve se intrometer e ser patriótica.
Pelo portão do pátio entra o Prefeito. Ele está pálido e não responde a nenhum cumprimento, entrando na hospedaria.

PREFEITO *voltando-se* — Tem sentinelas no corredor do quarto da madame Soupeau?

PÈRE GUSTAVE — Não, monsieur Chavez.
O Prefeito desaparece.

PÈRE GUSTAVE — Provavelmente ele veio porque os alemães exigiram que o ginásio seja evacuado. Se é que não foi a madame Soupeau que o tenha exigido!

ROBERT — A nova disciplina e ordem!

PÈRE GUSTAVE — Quanto à Simone, Maurice: tem que ter sido um incêndio criminoso comum já pelo fato de a companhia de seguros ter de pagar pelo prejuízo. Isso eles não esquecem facilmente.

Entre dois soldados alemães, com as baionetas na posição ombro-arma, entra Simone pelo portão do pátio.

GEORGES — Simone! O que aconteceu?

SIMONE *pára, muito pálida* — Eu ainda estava no ginásio.

ROBERT — Você não precisa ter medo. Os alemães não vão lhe fazer mal.

SIMONE — Ontem à noite, durante a audiência, disseram que eu devo ser entregue às autoridades francesas, Robert.

GEORGES — Por que é que você não fugiu?
Simone não responde. Os soldados empurram-na para dentro da hospedaria.

MAURICE — Quer dizer que o assunto está longe de estar encerrado para os alemães. Monsieur Henri está enganado.
Do portão do pátio vêm madame e monsieur Machard, o último em uniforme de servidor da comunidade.

MADAME MACHARD — Ela já foi levada para dentro? É terrível. Monsieur Machard está fora de si. Não é só que justamente agora está vencendo o arrendamento; o que mais corrói monsieur Machard é a vergonha. Eu sempre soube que isso terminaria assim; essa mania de ler livros deixou ela maluca. E hoje de manhã, às sete horas, batem na porta e os alemães estão no pátio. "Messieurs", eu disse, "se a nossa filha não puder ser encontrada, então aconteceu alguma desgraça com ela. Incêndio criminoso ou não, ela jamais abandonaria a hospedaria. Isso por causa do irmão."
Da hospedaria vem o Patrão.

PATRÃO — Quantas dificuldades, madame Machard! Ela me custou cem mil francos. O que me custou em nervos, nem estou considerando.
Da hospedaria vem madame Soupeau. Ela puxa firmemente Simone, que hesita, pelo braço e a leva através do pátio até o depósito. São seguidas pelo Prefeito e o Capitão. Os quatro entram no depósito. Os que se encontram no pátio observam, surpresos.

PREFEITO *no portão do depósito* — Machard, vá até o ginásio e faça com que a evacuação ocorra calmamente. Explique pra eles que os alemães precisam do espaço. *Entra no depósito.*

MADAME MARCHARD — Sim senhor, senhor prefeito.
Os dois Machard saem de cabeça erguida.

ROBERT — O que eles vão fazer com ela no depósito? O que vai acontecer com ela, monsieur Henri?

PATRÃO — Não pergunte tanto. A nossa responsabilidade é imensurável. Um passo em falso, e a hospedaria se foi.

MADAME SOUPEAU *retorna com Simone do depósito, seguida pelo Prefeito e o Capitão* — Senhor prefeito, creio que agora lhe dei provas suficientes de que ela deixou aberta a porta do porão com os estoques, dentre os quais se encontravam vinhos de qualidade no valor de cinqüenta mil francos. Quantas caixas mais sumiram com isso, eu só posso imaginar. Para me enganar, ela me entregou a chave na sua presença. *Volta-se para Simone* — Simone, ouvi dizer que você mesma levou cestos cheios de alimentos para o ginásio. O que você recebeu em troca? Onde está o dinheiro?

SIMONE — Não pedi nada em troca, madame.

MADAME SOUPEAU — Não minta. E não é tudo. Naquela manhã em que o monsieur partiu, ele foi ameaçado pela ralé porque espalharam o boato de que se pretendia levar os caminhões embora. Foi você quem espalhou esse boato?

SIMONE — Eu contei isso para o senhor prefeito, madame.

MADAME SOUPEAU — Quem mais estava na sala do prefeito, quando você contou isso? Eram refugiados?

SIMONE — Sim, acho que sim.

MADAME SOUPEAU — Sei, você acha. Quando a ralé apareceu aqui, o que você lhes aconselhou, no que se refere aos estoques de alimentos da hospedaria, da qual você era empregada? *Simone não compreende.* Você os aconselhou a pegar o que queriam, ou não?

Simone — Eu não me lembro, madame.

Madame Soupeau — Sei...

Prefeito — Afinal, onde a senhora está querendo chegar, madame?

Madame Soupeau — Quem foram os primeiros a receber mantimentos, Simone? Exatamente, os teus pais. Eles se serviram muito bem.

Robert — Isso é demais. *Para madame Soupeau* — Foi a senhora mesma quem fez questão de que eles levassem as latas.

Georges *simultaneamente* — Foi a senhora mesma quem colocou os estoques à disposição do prefeito.

Prefeito — É verdade, madame.

Madame Soupeau *para Simone, sem se deixar perturbar* — Você foi indiscreta, desleal e indisciplinada. Por isso eu te despedi em seguida. Você foi embora, como eu mandei?

Simone — Não, madame.

Madame Soupeau — Em vez disso, você ficou vagabundeando por aqui, e como vingança pela tua demissão, pôs fogo na olaria. Não é?

Simone *excitada* — Mas eu fiz isso contra os alemães.

Robert — Toda a Saint-Martin sabe disso.

Madame Soupeau — Contra os alemães, é? Mas quem foi que te disse que os alemães iam ficar sabendo da existência da gasolina?

Simone — Eu ouvi quando o capitão disse isso para o monsieur prefeito.

Madame Soupeau — Ah, você ouviu que nós queríamos declarar a gasolina?

Simone — O monsieur le capitaine queria fazê-lo.

Madame Soupeau — E então você pôs fogo na gasolina, para que nós não pudéssemos entregá-la. É exatamente isso que eu queria comprovar.

Simone *desesperada* — Eu fiz isso contra o inimigo! Os três tanques estavam parados na praça da prefeitura.

Madame Soupeau — E eles eram o inimigo? Ou será que era alguém outro?

No portão do pátio aparecem duas freiras, acompanhadas por um policial da cidade.

Prefeito — O que você está fazendo aqui, Jules?

Policial — Essas senhoras são das Austeras Freiras de Sainte-Ursula.

Capitão Fétain —Eu telefonei para o Sainte-Ursula em seu nome, Chavez. *Para as irmãs* — Minhas senhoras, aqui está a Machard.

Prefeito — Como o senhor se atreveu?

Capitão Fétain — Não creio que o senhor acredite que a Machard possa continuar livre por aí, não é, monsieur Chavez? *Incisivo* — Os nossos hóspedes esperam, no mínimo, que a comunidade de Saint-Martin fique livre de elementos perigosos. O senhor parece não ter acompanhado muito bem o discurso do venerável marechal. A França vai passar por tempos de perigo. É a nossa obrigação eliminar os focos da insubordinação, contagiosos como são. Um incêndio desse tipo em Saint-Martin é suficiente, Chavez.

Maurice — Ah, somos nós que devemos fazer o trabalho sujo para os alemães. E vamos fazê-lo com alegria, não é?

Madame Soupeau *friamente* — Naturalmente eu vou requerer a confirmação da promotoria de Tours para o traslado da Machard. Simone incendiou a olaria, de propriedade da hospedaria, e isso por baixos motivos pessoais.

GEORGES — Simone e motivos pessoais!

PREFEITO *abalado* — A senhora quer arruinar a menina?

ROBERT *ameaçador* — Quem é vingativo aqui?

PATRÃO — Não comece novamente, Robert. Ela é menor de idade. Ela ficará sob a custódia das irmãs, só isso.

MAURICE *indignado* — Na câmara de tortura de Sainte-Ursula!

SIMONE *grita* — Não!

PREFEITO — Simone no instituto de débeis mentais de Sainte-Ursula! Nesse instituto de tortura mental, nesse inferno! O senhor sabe que a está condenando inexoravelmente à morte espiritual?

MAURICE *apontando para as irmãs brutais* — Olhe para essas damas.
Os rostos das monjas permanecem impassíveis como máscaras.

GEORGES — Era preferível deixar que os alemães a executassem.

SIMONE *suplicando por ajuda* — É lá que no fim a gente fica com a cabeça inchada e com a saliva escorrendo da boca, monsieur prefeito. É lá que amarram a gente!

PREFEITO *com convicção* — Madame Soupeau, eu darei o meu testemunho na audiência em Tours sobre quais foram os verdadeiros motivos dessa criança. Fique calma, Simone, todo o mundo sabe que você agiu por motivos patrióticos.

MADAME SOUPEAU *explodindo* — Ah! A pequena incendiária como santa nacional: é esse o plano? A França está salva: arde em chamas. De um lado, os tanques alemães, do outro, Simone Machard, a filha de um diarista.

CAPITÃO FÉTAIN — O seu passado, monsieur Chavez, não vai fazer com que os juízes da nova França dêem muita importância ao seu testemunho. Além disso, o caminho a Tours ultimamente anda muito inseguro para pessoas da sua espécie.

MAURICE *amargamente* — Agora ficou claro: querem limpar Saint-Martin da acusação de que aqui existam franceses.

MADAME SOUPEAU — Franceses? *Agarra Simone e a sacode* — Então você quer nos ensinar a ser patrióticos? Os Soupeau têm essa hospedaria há duzentos anos. *Para todos* — Vocês querem ver um patriota? *Apontando para o capitão Fétain* — Aqui está ele. Somos plenamente capazes de lhes dizer quando a guerra é necessária, e, também, quando a paz é melhor. Vocês querem fazer algo pela França? Muito bem. Nós somos a França, entenderam?

CAPITÃO FÉTAIN — Não se exalte, Marie. Deixe que levem a Machard de uma vez, senhor prefeito.

PREFEITO — Eu? Parece que é o senhor quem tem o poder por aqui.
Volta-se para ir embora.

SIMONE *com medo* — Não vá embora, senhor prefeito!

PREFEITO *impotente* — Cabeça erguida, Simone! *Sai aos tropeços, alquebrado.*

MADAME SOUPEAU *interrompendo o silêncio, para o Capitão* — Ponha fim a esse escândalo, Honoré!

CAPITÃO FÉTAIN *para o policial* — Eu assumo a responsabilidade.
O policial agarra Simone.

SIMONE *baixinho, com o maior medo* — Não, para Sainte-Ursula não!

ROBERT — Que sujeira! *Quer avançar sobre o policial.*

MAURICE *o detém* — Não faça bobagem, Robert. Nós não podemos

Schweyk na Segunda Guerra Mundial

Schweyk im Zweiten Weltkrieg
Escrita em 1943

Tradução: Sergio Viotti

PERSONAGENS

Schweyk, comerciante de cachorros em Praga
Baloun, seu amigo, fotógrafo
Anna Kopecka, proprietária da taberna O Cálice
Prochazka, filho de um carniceiro, que lhe faz a corte
Brettschneider, agente da Gestapo
Bullinger, das tropas SS
Müller, soldado da SS
Anna, uma criada
Kati, sua amiga
Mulher Gorda
SS, das tropas de assalto
Soldado Alemão
Freguês I
Freguês II
Homem Agachado
Homem com Muletas
Moribundo
Míope
Vojta
Homem Gordo
Médico Militar
Soldado I
Soldado II
Capelão
Velha Camponesa
A Jovem
Hitler
Himmler
Goering
Goebbels
Von Bock e comparsas

PRÓLOGO DAS ESFERAS SUPERIORES

Música marcial. Hitler, Goering, Goebbels e Himmler aparecem ao redor de um globo terrestre. Todos são de tamanho maior que o natural, exceto Goebbels, que é menor.

HITLER —

Meus senhores! Camaradas!
Já que consegui submeter com mão de ferro
A Alemanha, nosso país, pretendo agora
Conquistar o mundo inteiro.
Não é difícil. É uma simples questão,
Creio eu, de nervos, tanques e stukas.

Coloca a mão sobre o globo terrestre. Uma mancha de sangue se espalha no mesmo instante. Goering, Goebbels e Himmler gritam: "Heil Hitler!".

Eu ia me esquecendo. O tempo urge de tal forma...
Você, meu amado Chefe de Polícia e das Tropas SS,
O que é que o homem da rua acha de mim?
Eu não estou pensando apenas nos daqui,
Mas nos da Áustria e da Tchecoslováquia
(pouco importa o nome dessas terras).
Ele está do meu lado? Sumarizando: sou querido?
Que faria ele em caso de desgraça?
Ficaria do meu lado ou dava o fora?
Eu, que manejo as artes todas: vencer,
Edificar, falar e governar,
Com que olhos me olham eles?

HIMMLER — Extasiados.

HITLER —

Acha que me é fiel?
Que me seguiria até o fim?
Daria a sua vida
E, mais que isso,
O seu dinheiro pela minha guerra?
Pois no fundo eu luto para ser forte,
Mas não sou mais que um homem.

Himmler — Com isto eu não concordo.

Hitler —

Ainda bem. Mas, para voltar ao nosso assunto,
Eu me pergunto, nas noites em que a insônia
Me tortura, o homem comum da Europa,
O que é que pensa?

Himmler —

Meu Führer, alguns têm pelo senhor
A adoração que inspira um Deus; os outros,
O amor ardente que se tem por uma noiva; tal qual os alemães.

Goering, Goebbels e Himmler — Heil!

1

Na taberna O Cálice. Manhã. Schweyk e Baloun estão tomando cerveja. Anna Kopecka, a taberneira, serve bebida a um SS, que já está embriagado. Um rapaz, Prochazka, está junto ao balcão.

Kopecka — O senhor já bebeu cinco. Mais outra é que eu não sirvo, não. O senhor não está acostumado.

SS — Sirva mais uma. É uma ordem! Entendeu, não entendeu? Se for boazinha e fizer o que eu mandar, conto-lhe um segredo. Você não vai se arrepender.

Kopecka — Não quero saber de nada. Não vou lhe dar cerveja nenhuma para ouvir as suas estórias. Esses favorzinhos acabam sempre custando caro.

SS — O que é muito prudente da sua parte. Você é que é inteligente. Quem sabe desses segredos acaba levando uns tiros pela cara. Houve um atentado contra o Adolfo em Munique. Ele escapou por um fio.

Kopecka — Cale a boca. O senhor está bêbedo.

Schweyk *na mesa do lado, muito sociável* — Adolfo? Que Adolfo? Eu só conheço dois Adolfos. Tinha um que trabalhava na farmácia do Pruscha; ele agora está no campo de concentração só porque queria vender ácido muriático para os tchecos. Depois tinha Adolfo Kokoschka, que catava cocô de cachorro e que também foi parar no campo de concentração. Parece que ele andou dizendo que cocô de buldogue inglês era superior a outros tipos de cocô. Eu não tenho pena de nenhum dos dois.

SS *levanta-se e faz a saudação nazista* — Heil Hitler!

Schweyk *fazendo o mesmo* — Heil Hitler!

SS *ameaçador* — Que é que há? Não gosta?

Schweyk — Senhor SS, eu estou às suas ordens. Gosto, gosto muito.

Kopecka *trazendo a cerveja* — Tome a sua cerveja, está bem? Mas é a última. Agora sente, fique quieto e pare de gritar para todo lado os segredos do seu Führer. Ninguém quer saber nada disso. Ninguém se mete em política aqui. *Aponta para um cartaz*: "Beba sua cerveja ou Slibouvitz e não fale de política comigo. Anna Kopecka". Eu sou comerciante. Quando chega um freguês e pede uma cerveja, eu sirvo e é assunto liquidado.

Prochazka *enquanto ela volta ao balcão* — Por que é que a senhora não deixa o pessoal se divertir, dona Anna?

Kopecka — Porque depois os nazistas fecham O Cálice, seu Prochazka.

Schweyk *sentando-se* — Se eles queriam dar cabo de Hitler, até que não era má idéia.

Kopecka — Fique quieto aí, o senhor também, seu Schweyk. Não se meta nessas coisas.

Schweyk — Se isso aconteceu mesmo, vai ver que foi por causa da falta de batata. Se tem coisa que a turma não tolera é isso. Mas é tudo culpa do regime. Tem um plano de divisão para tudo. Cada molho de verdura é uma parte do talão de racionamento. Isso é que é regime. Eu ouvi dizer que o Hitler, sim, é que tem uma organização dessas. Tão perfeita que nem parece humanamente possível! Quando há abundância, é mais difícil de manter a ordem. Por quê? Por exemplo: quando eu vendo um cachorro bassê, fico com um monte de notas no bolso. Moedas de dez e de cinco, tudo misturado. Se as coisas vão mal, pode ser que eu tenha uma nota, e talvez uma moeda de dez. Desse jeito, como é que vai ficar tudo em desordem? Na Itália, quando o Mussolini tomou conta, todos os trens começaram a correr na hora. Pois é: e já fizeram uns sete ou oito atentados contra ele.

KOPECKA — Não diga besteira e beba a sua cerveja. Se acontecer alguma coisa, nós é que vamos entrar bem.

SCHWEYK — O que eu não entendo, Baloun, é que você fique com essa cara depois de ouvir essas notícias. Hoje em dia, em Praga, de tranqüilo só tem você.

BALOUN — Não é de admirar que a gente não tenha muita comida numa guerra como essa. Eu, com todos os talões de racionamento e as vinte gramas de carne por semana, não faço uma refeição decente desde o *Corpus Christi* do ano passado! *Mostrando o SS* — Eles não dão a menor pelota. Veja só como está bem alimentado. Eu vou fazer um inqueritozinho. *Ele se aproxima do SS* — Se o senhor me permite uma pergunta, me diga, que foi que andou comendo no almoço para ter ficado com tanta sede? Alguma comida apimentada, com certeza. Foi goulash?

SS — Não é da sua conta. É segredo militar. Almôndega.

BALOUN — Tinha molho, tinha? E uns legumezinhos para acompanhar? Eu não quero obrigar o amigo a dizer o que não quer dizer, mas, se era repolho, estava bem cozidinho? Isso é que é importante. É sim. Em Breslau, eu peço desculpas, mas isso foi antes do tempo do Hitler, eu comi umas almôndegas na taberna O Cisne e fique sabendo que eram muito mais gostosas do que as do Plattner.

KOPECKA *para Schweyk*— Schweyk, o senhor não pode dar um jeito de acabar com essa conversa do Baloun com o SS? Ontem aquele homem da Gestapo estava aqui, o Brettschneider — eu não sei por que ele ainda não apareceu hoje —, e o Baloun fez tantas perguntas sobre a ração dos soldados alemães, que quase ia sendo preso como espião.

SCHWEYK — A gente não pode fazer nada. Ele é viciado em comida.

BALOUN — O senhor sabe se é mesmo verdade que os alemães, aqui em Praga, recrutam voluntários para a campanha da Rússia e as rações deles são tão boas quanto as dos soldados alemães? Ou será que tudo é rebate falso?

KOPECKA — Seu Baloun, quer parar de chatear o cavalheiro? Ele não está de serviço. O senhor não tem vergonha, o senhor, um tcheco, de fazer essas perguntas?

BALOUN *com um ar culpado*— Eu não estava fazendo nada de mal. Estava perguntando só por perguntar. Eu sei o que é que a senhora acha, senhora Kopecka.

KOPECKA — Eu não acho nada. Eu só tenho o meu negócio e acabou-se. Eu só quero que os meus fregueses se comportem direito. Mas o senhor não toma jeito, seu Baloun!

SS — Você quer se alistar como voluntário?

BALOUN — Eu só queria uma informação.

SS — Se está interessado eu te levo na seção de recrutamento. A comida é o que tem de melhor, se é isso o que lhe interessa. A Ucrânia vai ser o celeiro de trigo do Terceiro Reich. Quando a gente estava na Holanda, eu mandei tantos embrulhos para casa que sobrou até para dar à minha tia. E eu não agüento ver aquela cara nem pintada. Heitler!

BALOUN *levantando-se também—* Heil Hitler!

SCHWEYK *aproximando-se dele—* Não diga "Heil Hitler". Diga "Heitler", como ele. Ele é que deve saber como se diz. Assim, você prova que já está habituado. Que diz sempre. Até dormindo.

KOPECKA *pondo um copo de aguardente na mesa do SS* — Beba mais isso aqui.

SS *abraçando Baloun* — Então você quer se alistar como voluntário para combater os bolchevistas? Isso me alegra muito! Você é uma droga de tcheco, mas até que é inteligente. Eu o levo até a seção de recrutamento.

KOPECKA *obrigando-o a sentar-se* — Beba o seu trago e vai ficar mais calmo. *Para Baloun* — Estou com uma vontade de atirar com o senhor no olho da rua! Não tem uma gota de dignidade! Por causa dessa sua mania de comer o tempo todo! Isso não é normal! Conhece aquela canção que toda gente está cantando agora? Eu canto para o senhor. Só bebeu duas cervejas. É capaz de entender. *Ela canta a "Canção da mulher do soldado nazista"* —

O que recebeu a mulher do soldado
Da vetusta cidade de Praga?
Recebeu sapatos bem altos
Saudações e sapatos bem altos
Lá da velha cidade de Praga.

E o que recebeu a mulher do soldado
De Varsóvia, à beira do Vístula?
Recebeu uma blusa de linho
Estampada e vistosa, bem polonesa,
Da cidade à beira do Vístula.

E o que recebeu a mulher do soldado
De Oslo, na terra dos fjords?
Recebeu uma gola de pele
O que muito lhe agradou, esta gola,

Lá de Oslo, na terra dos fjords.

E o que recebeu a mulher do soldado
Da opulenta Roterdã?
De Roterdã ganhou uma touca
Ficou bem de touca holandesa,
Seu presente de Roterdã.

E o que recebeu a mulher do soldado
De Bruxelas, a terra dos belgas?
Recebeu rendas raras de bilro,
Como é bom possuir raras rendas,
De Bruxelas, a terra dos belgas.

E o que recebeu a mulher do soldado
De Paris, a Cidade-Luz?
De Paris recebeu um vestido de seda
E a vizinha ralou-se de inveja
Da seda parisiense.

E o que recebeu a mulher do soldado
Da Trípoli africana?
Recebeu um pequeno amuleto
Numa linda corrente de cobre
Vinda direto de Trípoli.

E o que recebeu a mulher do soldado
Da imensidão da Rússia?
Da Rússia lhe veio um véu de viúva
Para usar no enterro do morto
Que lhe foi mandado da Rússia.

Ao fim de cada estrofe, o SS sacode a cabeça, triunfantemente. Mas, logo antes da última, desaba sobre a mesa, completamente bêbedo.

SCHWEYK — Que canção mais bonita! *Para Baloun* — Isso prova que você deve pensar duas vezes antes de fazer besteira. Você agora não vai se meter com o Hitler na Rússia só por causa das suas rações abundantes, vai? No fim, acaba morrendo gelado. Vira picolé, sua besta.

BALOUN *que, impressionado com a canção, começou a chorar, a cabeça entre as mãos*— Ah, meu Deus! Que é que vai ser de mim! Sinto tanta fome! Me ajudem, senão estou perdido de uma vez. Como é que vocês querem que eu seja patriota com o estômago vazio?

SCHWEYK — Se você jurar por Nossa Senhora que não vai se alistar só para encher o bucho, eu sei que cumprirá o juramento. *Para Kopecka* — Ele é muito católico. Então, jura ou não jura?

BALOUN — Eu não posso jurar sem nenhuma garantia. Isso de juramento é coisa séria.

KOPECKA — Que idéia! Não é maior de idade?

BALOUN — Mas sou fraquinho, fraquinho...

SCHWEYK — Se a gente pudesse meter embaixo do seu nariz um prato cheio de lingüiça e dizer: "Tome! Coma, seu miserável! Mas jure que vai ser um bom tcheco", você jurava. Eu o conheço. Mas era preciso ficar segurando o prato, firme, e tirar caso você não jurasse. Aí sim, a coisa dava resultado.

BALOUN — Pode ser. Mas tinha de segurar com força.

SCHWEYK — E você ia cumprir a sua palavra se jurasse de joelhos, com a mão em cima da Bíblia, na frente de todo mundo, não ia? *Baloun faz que "sim" com a cabeça.*

KOPECKA — Até que dá vontade de experimentar.

PROCHAZKA — Quando eu escuto a senhora cantar eu fico tonto, tonto.

KOPECKA *distraída*— Por quê?

PROCHAZKA — Amor...

KOPECKA — Como é que pode saber se é mesmo amor? Podia ser só uma idéia que tinha passado na sua cabeça.

PROCHAZKA — Dona Anna, eu sei que é. Ainda ontem, eu embrulhei a bolsa de uma freguesa em vez de uma costeleta. E levei uma bronca do meu pai só porque eu estava pensando na senhora. Tenho dor de cabeça todo dia de manhã. É amor, sim.

KOPECKA — A gente só precisa saber quanto amor existe, não é?

PROCHAZKA — O que é que a senhora quer dizer, dona Anna?

KOPECKA — O que eu quero dizer é isto: "Até que ponto *iria* esse amor?" Vai ver que não ia muito longe. *Ela faz um gesto evocando algo de pouco valor.* E não seria a primeira vez que isso acontece.

PROCHAZKA — Dona Anna, por favor, a senhora está partindo o meu coração com essas acusações impiedosas. Não seja injusta. Trata-se de um amor que iria não importa onde. Basta ser correspondido. Isso é que é preciso.

KOPECKA — Mas esse amor, por exemplo, iria até um quilo de carne defumada?

PROCHAZKA — Dona Anna, como é que a senhora pode ser tão materialista numa hora destas?

KOPECKA *voltando-se para contar as garrafas* — Está vendo? Já está achando demais!

PROCHAZKA *balançando a cabeça*— Ah... eu não entendo. Nós somos como dois barcos que se cruzam de noite...

BALOUN — Essa fome desenfreada não é só por causa da guerra, não. Já é doença antiga. Foi para ver se eu me curava disso que a minha irmã, com quem eu morava naquele tempo, fez uma peregrinação a Klokota. Pois nem Klokota adiantou coisa nenhuma! A minha irmã voltou com as crianças do santuário e foi logo contar as galinhas. Faltava uma ou duas. Eu não consegui resistir à tentação. Eu sabia que a gente precisava delas na fazenda, por causa dos ovos. Mas eu saía de casa e ficava namorando elas, hipnotizado, sentindo um buraco enorme, tudo vazio, aqui no meu estômago. Em menos de uma hora — pronto! — a galinha já estava depenada, e eu estava me sentindo ótimo! É... eu acho que não tem cura, não.

Prochazka *para Anna*— Está falando sério?

Kopecka — Não podia ser mais sério.

Prochazka — Dona Anna, para quando é que a senhora quer esse quilo de carne? Para amanhã?

Kopecka — Não acha que está fazendo as suas promessas sem pensar? Precisa tirar da loja do seu pai sem permissão e sem cartão de racionamento. Hoje em dia, isso se chama mercado negro. Se alguém descobrir, você acaba sendo fuzilado.

Prochazka — E a senhora acha que eu não ia ser capaz de correr esse risco se tivesse a certeza de que ia conseguir um favorzinho seu?
Schweyk e Baloun acompanharam a conversa.

Schweyk *aprovando*— Ainda bem. Isso sim é que é homem apaixonado. Em Pilsen, um rapaz se enforcou numa granja por causa de uma viúva que já era até meio passada, só porque ela tinha insinuado, assim, numa conversa, que ele não fazia nada por ela. E na Estalagem do Urso teve outro que cortou as veias na privada, só porque a criada tinha servido melhor outro freguês. E esse era pai de família! Uns dias depois, teve dois que se jogaram no Moldau, do alto da Ponte do Imperador Carlos, por causa de outra mulher. Mas aí tinha dinheiro no meio. Parece que ela tinha uma fortuna daquelas!

Kopecka — Seu Prochazka, eu, como mulher, devo confessar que não ouvimos falar dessas coisas todos os dias.

Prochazka — Eu sei. Amanhã, ao meio-dia, eu trago. Não vai ser tarde demais?

Kopecka — Eu não queria que o senhor corresse perigo nenhum, mas como não é para mim, é uma boa ação. Não ouviu o que a gente estava dizendo? Senhor Baloun precisa fazer uma refeição reforçada, com bastante carne, senão pode ter maus pensamentos.

Prochazka — A senhora não quer que eu corra perigo nenhum? Disse sem querer ou é mesmo verdade? Ficaria triste se eu fosse fuzilado? Não diga que não. Eu fiquei tão feliz, dona Anna! Então, está resolvido. Pode contar com a carne defumada, mesmo que isso me custe a vida.

Kopecka — Eu não vou prometer nada, seu Baloun, mas passe por aqui amanhã ao meio-dia. Tenho a impressão de que o senhor vai comer.

Baloun — Se pelo menos eu pudesse comer só mais uma vezinha, tirava esses maus pensamentos da cabeça. Prefiro esperar até ver a carne à minha frente para dar vazão à minha alegria. Eu já tive tantas decepções!

Schweyk *mostrando o SS*— Acho que quando ele acordar já deve ter esquecido tudo. Está bêbedo como um peru! *Grita-lhe ao ouvido* — Viva Benes! *O SS não dá sinal de vida.* Essa é a melhor prova de que ele apagou mesmo. Senão, de medo, já me tinha feito em pedaços.
Brettschneider, agente da Gestapo. Entra.

Brettschneider — Medo? Quem é que tem medo?

Schweyk *com aprumo*— Os SS. Sente-se com a gente, senhor Brettschneider. Uma cerveja aqui para o cavalheiro, senhora Kopecka. Está quentinho hoje, não está?

Brettschneider — Acha que eles têm medo do quê?

Schweyk — De dizer o que não devem ou deixar escapar alguma coisa comprometedora. Como é que eu vou saber? Com certeza o senhor quer ler o seu jornal em paz, e eu estou atrapalhando.

Brettschneider *sentando-se, com o jornal na mão* — Quem me diz coisas interessantes nunca me atrapalha. E a senhora, senhora Kopecka, sempre viçosa, como uma flor na primavera!

Kopecka *colocando a cerveja diante dele*— Não seria melhor dizer flor de verão?
Ela volta ao balcão.

Prochazka — Eu, no seu lugar, não permitiria certas intimidades.

Brettschneider *abrindo o jornal*— Edição especial. Cometeram um atentado contra o Führer numa cervejaria em Munique. Que me dizem disso?

Schweyk — Ele sofreu muito?

Brettschneider — Nem chegou a ser ferido. A bomba explodiu tarde demais.

Schweyk — Deve ter sido uma dessas bombas baratas. Hoje em dia se fabrica tudo em série. Não é de espantar que as coisas sejam de segunda categoria. Artigo como esse deve ser feito com amor, como no tempo dos artesãos, não concordam? Essa gente... Uma oportunidade dessas e eles não escolhem uma bomba de qualidade comprovada! É muita falta de cuidado. Uma vez, teve um açougueiro em Tchesaky Kroumlov...

Brettschneider — Falta de cuidado com o Führer? Ele quase foi morto!

Schweyk — Uma palavra como "quase" engana muito, senhor Brettschneider. Em 1938, quando nós fomos vendidos em Munique, nós "quase" entramos em guerra. Depois, quando ficamos quietinhos, "quase" perdemos tudo. Na Primeira Grande Guerra, a Áustria "quase" venceu a Sérvia, e a Alemanha "quase" venceu a França. "Quase"... A gente não pode confiar muito nessas palavras, não!

Brettschneider — Continue. Muito interessante! Senhora Kopecka, a

senhora tem uns fregueses bastante interessantes! Muito versados em política.

Kopecka — Os fregueses são fregueses. Para nós, comerciantes, isso de política não existe. Eu ficaria muito agradecida, senhor Brettschneider, se o senhor não atiçasse os meus clientes para eles falarem de política e o senhor meter todos eles na cadeia depois. E quanto ao senhor, seu Schweyk, só tem uma coisa a fazer: a gente paga a cerveja, senta e conversa sobre uma coisa e outra. Mas o senhor já falou demais para quem só bebeu duas cervejas, seu Schweyk.

Brettschneider — Eu acho que o senhor não ia considerar a morte do Führer uma grande perda para o Protetorado da Boêmia, não é?

Schweyk — Teria sido uma perda sim, ninguém vai negar uma coisa dessas! Teria sido até uma perda tremenda. Não se pode substituir Hitler pelo primeiro idiota que aparece. O Hitler é o homem mais xingado que existe. Não espanta nada que tenham querido dar cabo dele.

Brettschneider *esperançoso*— O que quer dizer com isso?

Schweyk *com grande vivacidade*— Os grandes homens são sempre mal vistos pelas pessoas comuns, como escreveu uma vez o redator daquela revista *O Jardineiro Amador*. Sabe por quê? O homem comum não está ligando para os grandes momentos históricos. Não entende nada. Para ele tudo parece exagerado, até o heroísmo. O que ele quer é dar uma chegadinha na taberna e comer uma coisinha para a barriga não ficar roncando de madrugada. Quando a gente é chefe de Estado, não adianta ficar se torturando com uma responsabilidade tão grande. O coitado já tem de dar um duro danado educando o povo, enfiando o texto dos livros históricos na cabeça de todo mundo. O homem comum é um calo nos pés dos grandes homens. É a mesma coisa que o senhor dar aqui para o Baloun, esfomeado do jeito que ele é, uma pequena salsicha de Frankfurt para o jantar. É a mesma coisa que nada. Não. Eu prefiro não saber o que os grandes dizem da gente quando estão conferenciando.

Brettschneider — O senhor acredita por acaso que o povo alemão não apóia o Führer? Acredita que eles não estão satisfeitos?

Kopecka — Cavalheiros, por favor. Mudem de assunto. Isto não tem pé nem cabeça. Com os tempos que correm, é preciso falar sério.

Schweyk *bebe um bom trago de cerveja*— O povo alemão está sempre com o Führer, senhor Brettschneider. Disso ninguém duvida. Mas, como disse um dia o marechal Goering: "Não se pode sempre compreender logo as primeiras intenções do Führer, ele é muito elevado". E Goering sabe o que diz. *Confidencialmente* — É de espantar os obstáculos que todo mundo mete na frente do Hitler cada vez que ele tem uma das suas grandes idéias. Até os seus próprios colaboradores fazem isso. Eu ouvi dizer que, no outono do ano passado, ele quis construir um edifício tão grande quanto a distância de Dresden a Leipzig, um templo à memória da Alemanha, para quando ela tivesse sido arruinada por outro plano grandioso que ele já tinha idealizado nos menores detalhes. Pois bem: o Ministério sacudiu a cabeça e disse: "Grande demais!". O que acontece é que eles não têm o sentido das coisas extraordinárias, do que pode inventar um gênio semelhante quando não tem mais nada para fazer. Para decidi-los a entrar numa Grande Guerra Mundial, o Führer teve de dizer e continua dizendo que a única coisa que queria era a cidade de Danzig. Era isso. Só isso. Não tinha outro desejo no coração. O senhor já viu como eles são, essa gente que está por cima? Os instruídos, os generais, os diretores da I. G. Farben? O que é que isso interessa para eles? São eles que pagam? E o homem comum, fique sabendo o senhor, ainda é pior. Quando a gente chega e diz que ele vai morrer por uma grande causa, isso não significa nada. Não há jeito de convencer. Ele fica mexendo e remexendo a colher na sopa, como se a comida não estivesse boa. O senhor não acha que uma coisa dessas não vai irritar um grande chefe, que teve tanto trabalho para inventar alguma coisa verdadeiramente fora do comum para essa gente, nada mais, nada menos que a conquista do mundo? Porque, afinal de contas, o que é que se pode fazer além disso? Até uma coisa dessas tem limite, como tudo tem limite. É um problema.

Brettschneider — Quer dizer que, segundo o senhor, o Führer quer conquistar o mundo e não está simplesmente sendo obrigado a defender a Alemanha contra os seus inimigos, os judeus e os plutocratas?

Schweyk — Não me interprete mal. Hitler não é um homem mal-intencionado. Para ele, conquistar o mundo é uma coisa tão normal como para nós beber uma cervejinha. Isso o diverte, e vai tentar o golpe. Isso vai. Só tenho uma coisa a dizer. Morte aos pérfidos ingleses!

Brettschneider *levantando-se* — Já disse tudo? Venha comigo à Gestapo, no Banco Petschek. Agora nós é que vamos dizer umas coisinhas.

Kopecka — Mas, afinal de contas, senhor Brettschneider, o seu Schweyk é inocente! Não disse nada demais! Não vá inventar complicações para ele!

Schweyk — Eu sou inocente. A prova é que estou sendo preso. Eu tomei duas cervejas e uma aguardente. *Ele paga e, depois, diz num tom cordial para Brettschneider* — Desculpe se eu for na sua frente? Assim o senhor pode ficar de olho em mim.

Brettschneider e Schweyk saem.

Baloun — Será que ele vai ser fuzilado?

Kopecka — Tome um traguinho de aguardente, seu Prochazka. O senhor também se assustou um pouquinho, não foi?

Prochazka — Eles não perdem tempo para encanar a gente.

2

No banco Petschek, quartel-general da Gestapo. Schweyk e Brettschneider estão diante do capitão Budwig Bullinger. Ao fundo, um soldado da SS.

Bullinger — Ao que me consta, a taberna O Cálice é um belo antro de elementos subversivos, não é?

Brettschneider *precipitado* — De forma alguma, capitão. A dona, a senhora Kopecka, é uma mulher muito fina que não se mete em política. De todos os fregueses, o único perigoso é aqui o Schweyk. Há muito tempo que eu já andava de olho nele.
O telefone na mesa de Bullinger toca. Ele levanta o fone. Ouve-se a outra voz pelo alto-falante.

Voz — Brigada Volante falando. O banqueiro Kruscha alega que não fez nenhum comentário sobre o atentado, uma vez que, já estando preso, não podia ler as notícias nos jornais.

Bullinger — É o dono do Banco do Comércio? Dê-lhe dez chicotadas no rabo. *Para Schweyk* — Então você faz parte do grupo, hein? Antes de mais nada, uma pergunta. Se você não responder imediatamente, seu porco sujo, Müller — *ele indica o SS* — vai te levar pro porão pra te ensinar, está compreendendo? Olhe aqui: é uma questão de confiança — você caga duro ou caga mole?

Schweyk — Capitão, eu tenho a honra de declarar que cago do jeito que o senhor quiser. Estou sempre às suas ordens.

Bullinger — Resposta certa! Mas você andou dizendo coisas que estão ameaçando a segurança do Terceiro Reich! Você chamou de "Guerra de Conquista" a "Guerra Defensiva" do Führer, criticou o racionamento de víveres etc. etc. Que me diz disso?

Schweyk — Foi muito. É preciso desconfiar dos excessos.

Bullinger *irônico* — Bravo! Ainda bem que você se dá conta.

Schweyk — Compreendo tudo. É preciso haver disciplina. Sem disciplina ninguém vai para a frente, como dizia o nosso capitão no 91. "Se a gente não desse duro com vocês, vocês arreavam as calças e trepavam nas árvores, como macacos!" Foi o que eu me disse esta noite, quando fui submetido a maus-tratos.

Bullinger — Ah! Você foi submetido a maus-tratos?

Schweyk — Fui sim. Na minha cela. Entrou um senhor da SS e me deu uma porrada na cabeça com um cinturão de couro. Quando ele me ouviu gemer, meteu a lanterna na minha cara e disse: "Xi! Tá errado! Não é esse aqui, não!". Ele ficou tão danado de ter se enganado, que me lascou outra porrada nas costas. Que é que se vai fazer? Errar é humano. A gente só deixa de se enganar depois de morto.

Bullinger — Muito bem. E você admite tudo o que está escrito aqui a respeito das suas manifestações?
Ele indica o relatório de Brettschneider.

Schweyk — Se Vossa Excelência quiser que eu admita, eu admito. Isso não vai me fazer mal nenhum. Mas se o senhor disser: "Schweyk, não admita nada!", eu não admito coisa nenhuma, mesmo que me façam em pedaços.

Bullinger *gritando* — Cale essa boca! Ponha esse homem daqui para fora!
Brettschneider leva Schweyk até a porta. Schweyk levanta a mão direita e diz —

Schweyk — Deus dê longa vida ao nosso Führer, Adolfo Hitler! Nós ganharemos a guerra!

Bullinger *atônito* — Você é meio idiota, não é?

Schweyk — Eu tenho a honra de declarar que sou, capitão. Não posso fazer nada. Quando eu estava fazendo o serviço militar fui dispensado por idiotice. Uma junta médica declarou oficialmente que eu não passava de um cretino.

Bullinger — Brettschneider! Você não percebeu que este sujeito é uma besta?

Brettschneider *ofendido* — Senhor capitão: as observações de Schweyk eram as de um idiota que dá um jeito de dizer as suas asnices de forma a não se poder dizer nada contra ele.

Bullinger — Você acha que o que nós acabamos de ouvir possa ser dito como manifestação de um homem que esteja em pleno uso das suas capacidades mentais?

Brettschneider — Sim, senhor Bullinger, eu ainda continuo achando que sim. Mas se o senhor, por alguma razão, não quer nada com ele, eu o levo daqui. Só quero deixar bem claro que nós, do Serviço Secreto, também não temos tempo a perder.

Bullinger — Brettschneider, você não passa de um cagão!

Brettschneider — Eu não posso admitir que o senhor diga isso de mim, capitão!

Bullinger — Pois eu gostaria que você admitisse. Não é grande coisa, e você ia se sentir aliviado. Vamos, reconheça que você não passa de um cagão.

Brettschneider — Eu não sei por que o senhor tem essa opinião a meu respeito, senhor Bullinger. Eu cumpro os meus deveres de funcionário escrupulosamente e...
O telefone toca.

Voz — Brigada Volante falando. Kruscha declarou estar disposto a admitir o seu irmão como um dos sócios do Banco do Comércio, mas desmente, categoricamente, ter feito declarações.

Bullinger — Mais dez chicotadas no rabo. É preciso que ele diga que disse! *Com tom quase suplicante para Brettschneider* — Vamos, eu não estou pedindo nada demais. Se você admitir não é desonra nenhuma. É assunto puramente pessoal. Você é um cagão. Por que não reconhece? Quer que eu peça de joelhos? *Para Schweyk* — Tente convencê-lo.

Schweyk — Eu tenho a honra de declarar, senhor capitão, que eu não gostaria de me meter nos seus assuntos particulares, se bem que compreenda o que o senhor quer dizer. Deve ser muito doloroso para o senhor Brettschneider, que é tão excelente cão de caça e que, convenhamos, não merece isso.

Bullinger *triste* — Então você também me renega, seu judas? "E o galo cantou pela terceira vez", como dizem os judeus na sua Bíblia. Brettschneider, um dia eu ainda acabo fazendo você admitir! Mas agora não tenho tempo para assuntos pessoais; ainda tenho noventa e sete casos para resolver. Ponha esse idiota daqui para fora e, por uma vez que seja, tente me trazer algum assunto mais sério.

Schweyk *aproxima-se e beija-lhe a mão* — Deus lhe pague mil vezes. Se alguma vez o senhor precisar de um cachorro, não se acanhe. Pode me procurar, por favor. Eu vendo cachorros. É o meu negócio.

Bullinger — Mande esse maluco para um campo de concentração! *Quando Brettschneider vai levar Schweyk* — Um momento! Eu quero ficar sozinho com esse homem.
Brettschneider sai aborrecido, acompanhado pelo SS.

Voz — Brigada Volante falando. Kruscha admitiu as suas declarações, mas alega não ter dito que o atentado o deixou feliz, mas sim que tanto se lhe dava. Ele tampouco teria dito que o Führer é um fantoche, mas sim um homem como qualquer outro.

Bullinger — Mais cinco, até ele confessar que ficou satisfeito e que o Führer é um fantoche sinistro. *Para Schweyk, que o olha, sorrindo docemente* — Você já foi informado que no campo de concentração nós podemos cortar os seus membros um por um, se você se fizer de besta com a gente, seu pulha?

Schweyk — Já fui informado. Parece que lá a gente é fuzilado antes de chegar a contar até quatro.

Bullinger — Quer dizer que você trabalha com cachorros? Pois bem: outro dia, no parque, eu vi um lulu de raça, com uma mancha na orelha, que me agradou muito.

Schweyk *interrompendo* — Eu tenho a honra de declarar, capitão, que eu já tive relações profissionais com esse animal. Muitas pessoas já quiseram possuí-lo. Ele tem uma mancha branca na orelha esquerda, não é? Pertence a Vojda, o conselheiro ministerial. É a menina dos olhos dele. Só come quando a gente pede de joelhos. E se não for filé de vitela, nada feito. O que prova que é de raça. Os que não são de raça são mais espertos. Mas os de raça são mais finos e quase sempre são roubados. Em geral, são tão burros que é preciso de dois a três criados para dizer quando devem dar a sua cagadinha, e que, para comer, é preciso abrir a goela. Igualzinho gente educada.

Bullinger — Chega de falar desse assunto, seu trapalhão. Vamos ao que interessa. Eu quero esse cachorro para mim.

Schweyk — Impossível! O Vojda não vende. Que tal um cachorro policial? Um desses que cheiram tudo e levam o senhor direitinho na cena do crime? Em Wereschowitz, tem um açougueiro que tem um que puxa o carrinho. Esse cachorro, como se diz, errou de profissão.

Bullinger — Eu já disse que eu quero é o lulu.

Schweyk — Se, pelo menos, o conselheiro ministerial fosse judeu, o senhor podia pegar o cachorro e não dava galho. Mas ele é ariano. Tem uma barba loira, meio amarelada.

Bullinger — Ele é tcheco puro?

Schweyk — Não é o que o senhor está pensando, não, do tipo que faz sabotagem e anda por aí xingando Hitler. Se fosse isso, não tinha problema. Era só mandar para o campo de concentração, como acontece comigo. Só que no meu caso é por engano. Mas não. Trata-se de um colaborador, e o pessoal já está até chamando ele de Quisling! No que diz respeito ao cachorro, é uma pena.

Bullinger *que tirou um revólver da gaveta e começa a limpá-lo, ostensivamente* — Eu já vi tudo. Você não quer me arranjar o lulu, seu sabotador.

Schweyk — Tenho a honra de declarar que vou conseguir, sim. *Em tom didático* — Há uma quantidade de métodos, capitão. Um pequinês, ou outro cão pequenino, a gente furta cortando a correia no meio da multidão. A um perigoso cão pastor alemão, desses cheios de manchas, a gente atrai fazendo passar perto dele uma cadela no cio. Mas uma bela salsicha bem frita também dá o mesmo resultado. Mas tem outros cachorros que são tão mimados e tão mal acostumados como arcebispos. Uma vez, tinha um *fox-terrier* sal e pimenta que eu precisava para o canil da Klamovka. Pois não é que ele não queria saber de salsichinha nenhuma? Passei três dias correndo atrás dele. Por fim, já não agüentava mais. Aí, eu tive a idéia de perguntar à dona, que estava passeando com ele, o que é que ela dava de comida para o bicho ficar tão bonito. Ela ficou toda inchada e me disse que a coisa que ele mais gostava era costeleta. Então eu comprei uma costeleta de vitela, achando que ele ia gostar ainda mais. Pois bem: o filho da mãe do cachorro nem olhou para a costeleta, justamente porque era de vitela. Só estava acostumado com costeleta de porco. E eu tive que comprar. Eu fiz ele cheirar e aí saí correndo, com o cachorro atrás de mim. E a mulher ficou gritando: "Puntik! Puntik!". Mas o Puntik não queria saber de nada. Correu atrás da costeleta até a esquina. Lá, eu passei uma coleira no seu pescoço e, no dia seguinte, ele já estava no canil da Klamovka... Mas quando as pessoas virem a mancha na orelha do cachorro, será que não vão perguntar onde foi que o senhor o achou?

Bullinger — Acho que ninguém vai perguntar onde foi que eu arranjei o meu cachorro! *Toca a campainha.*

Schweyk — Vai ver que o senhor tem razão. Depois, quem perguntasse entrava bem.

Bullinger — Eu acho que você bancou o vivo com aquela estória do certificado de idiotice. Mas eu vou deixar isso passar. Primeiro, porque Brettschneider é um cagão; e, depois, porque eu quero que você arranje aquele cachorro para minha mulher, seu sem-vergonha.

Schweyk — Tenho a honra de declarar, capitão, que o certificado está em ordem. É verdade que eu exagerei um pouquinho. É como disse aquele taberneiro de Budweis: "Eu sou epilético mas também sofro de câncer", só para esconder que tinha falido. Como se diz sempre: "Quando a gente sua num pé, sua no outro também". Ou, se o senhor prefere: "A desgraça nunca vem só".

Voz — Brigada Volante 4 falando. A merceeira Moudra nega que tenha desobedecido à ordem que proíbe aos estabelecimentos abrir antes das nove horas. Ela diz que só abriu a mercearia às dez horas.

Bullinger — Tranca essa sem-vergonha na cadeia por uns meses por excesso de obediência. *Entra um SS e Bullinger indica Schweyk.* Está livre por enquanto!

Schweyk — Antes de ir embora eu gostaria de pedir um favorzinho em nome de um senhor que está lá embaixo esperando com os outros presos. Será que ele não podia ficar separado? É muito desagradável para ele ficar misturado com os presos políticos. As pessoas podiam pensar mal dele... Ele só foi preso por tentativa de furto e homicídio contra um camponês de Holitz.

Bullinger *gritando* — Rua!

Schweyk *em posição de sentido* — Às suas ordens, capitão. Assim que eu passar a mão no lulu, trago para o senhor. Passe um bom dia!
Ele sai com o SS.

INTERLÚDIO NAS ESFERAS INFERIORES

Schweyk e Müller, o SS, vão conversando enquanto caminham do Banco Petschek até a taberna O Cálice.

Schweyk — Se eu pedir à senhora Kopecka, ela não vai dizer que não.

Eu fico muito satisfeito de ouvir o senhor dizer que o Führer não trepa nunca, de modo a se manter em forma para tratar de altas políticas, e que não bebe álcool jamais! Se ele fez o que fez foi, por assim dizer, completamente sóbrio. Muito pouca gente pode fazer uma coisa dessas. Se ele come pouco, só um pouquinho de legumes e sobremesa, isso não podia ser melhor; porque, com essa escassez toda por causa da guerra, é sempre uma boca a menos para alimentar. Eu conheci um camponês na Morávia que teve uma contração intestinal e não comia nada. Os criados dele começaram a emagrecer de um jeito que todo mundo deu de falar. Então, o fazendeiro foi de casa em casa, dizendo: "Lá em casa os meus criados comem tanto quanto eu!". Eu reconheço que a bebida é um vício, como o caso daquele comerciante de couro, em Budowa, que queria passar a perna no irmão e, num dia em que estava de porre, assinou um papel passando toda a sua herança para o outro! Ele, que queria fazer exatamente o contrário! Tudo tem o seu lado mau. Mas eu acho que há prazeres que a gente não deve desprezar. Ele não precisava deixar de trepar. Quanto a mim, eu não exijo isso de ninguém.

3

Na taberna O Cálice, Baloun está esperando a comida. Há mais dois fregueses jogando damas. Uma comerciante gorda toma um trago e a senhora Kopecka está bordando.

Baloun — Já é meio-dia e dez e nada do Prochazka. Eu sabia!

Kopecka — Dê um pouquinho mais de tempo para o homem. Nem sempre quem acorda mais cedo é o primeiro a chegar. O que é preciso é a gente andar depressa e dar tempo para os outros. Não conhece a "Canção da brisa"? *Ela canta* —
Corre para mim, meu amor,
Só tu és meu bem-amado,
E quando cair em teus braços,
Não deves ser apressado.

Quando as ameixas no outono
Estão prontas para a gente apanhar
Não querem a fúria dos ventos
Preferem a brisa a soprar.

Brisa que a gente nem sente
Tão manso é o embalo a passar
Os frutos esperam a caída
Para irem o chão afagar.

Ah! ceifador, deixa ao menos
Uma haste no lugar!
Não beba teu vinho depressa
Sorva e beije devagar.

Baloun *inquieto, aproxima-se dos jogadores* — Bela jogada! Os senhores não estariam interessados nuns cartõezinhos-postais? Eu trabalho com um fotógrafo. Nós temos uns postais extraordinários, que fazemos na moita. Uma série intitulada: "Cidades Alemãs".

Freguês I — Eu não estou interessado nas cidades alemãs.

Baloun — Então o senhor vai gostar desta série. *Ele mostra os postais com gestos misteriosos, como se fossem postais pornográficos.* Esta aqui é Colônia.

Freguês I — Olha só! Tudo arrasado! Eu fico com essa!

Baloun — Cinqüenta centavos. Mas cuidado para não mostrar para todo mundo. Gente que andou por aí exibindo esses postais foi detida pela patrulha policial. Pensaram que era pornografia e queriam confiscar.

Freguês I — Ah! Esta legenda está muito boa: "Hitler, um dos maiores construtores de todos os tempos!". E a cidade de Bremen inteiramente arrasada.

Baloun — Vendi duas dúzias desse aqui para um suboficial alemão. Ele sorria tanto que dava gosto. Eu fiquei de encontrar com ele

na praça Hawlitschek. Estava com a minha faca preparada no bolso. Ele podia me pagar com dinheiro falso. Mas não. Era um cara honesto.

Mulher Gorda — Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Kopecka — Cuidado!
Entram Schweyk e o SS, que o vem escoltando desde a Gestapo. O SS é muito alto.

Schweyk — Bom dia para todos. Este senhor não está me acompanhando oficialmente. Cerveja para dois.

Baloun — Pensei que você só ia voltar daqui a uns dois anos. Vê como a gente se engana? Em geral, o senhor Brettschneider trabalha melhor. Na semana passada, quando você não estava aqui, ele levou o tapeceiro da esquina e o homem ainda não voltou.

Schweyk — Ele deve ser um sujeito muito atrapalhado, que não dançou conforme a música. O senhor Brettschneider vai pensar duas vezes antes de se enganar comigo de novo. Eu tenho proteção.

Mulher Gorda — Foi o senhor que eles levaram ontem daqui?

Schweyk *orgulhoso* — O próprio! Do jeito que as coisas vão, a gente tem que se acomodar. É uma questão de treino. Eu lambi as botas dele. A senhora sabe o que é que eles faziam antigamente com os prisioneiros? Parece que passavam sal na cara deles; eles eram amarrados e depois soltavam um bando de cachorros em cima deles. Os bichos lambiam a cara dos coitados de um jeito que acabavam comendo! Hoje em dia não se é tão cruel. A não ser quando a gente fica com muita raiva. Mas eu ia me esquecendo... O cavalheiro aqui — *mostrando o SS*— gostaria de saber o que é que o futuro vai lhe trazer de bom, senhora Kopecka... e duas cervejas, por favor. Eu disse a ele que a senhora prevê coisas, que isso dá um pouco de medo... que eu, se fosse ele, não queria saber de nada.

Kopecka — O senhor sabe muito bem que eu não gosto de fazer essas coisas, seu Schweyk.

SS — Por que é que não gosta?

Kopecka — Porque um dom desses é muita responsabilidade. Quem é que vai garantir que o interessado não vai levar a coisa a mal? Nem todo mundo é bastante forte para agüentar. A previsão do futuro pode deprimir muito uma pessoa. No fim, quem é que fica com a culpa? Eu! Foi o que aconteceu com o fazendeiro Czaka. Ele me obrigou a dizer que a mulher ia botar chifres nele. Daí, ele foi e arrebentou com aquele espelho lindo que eu tinha, uma coisa caríssima!

Schweyk — E não adiantou nada, porque a mulher foi e botou os chifres nele mesmo. A senhora predisse a mesma coisa para o professor Blaukof, e foi batata! Sempre que ela prediz isso, acaba acontecendo. Eu acho muito estranho. Lembra, senhora Kopecka, quando predisse ao Czerlek, o conselheiro municipal, que a mulher dele... Essa também não falhou, não é?

SS — Então a senhora possui um dom extraordinário e não deve desperdiçar.

Schweyk — Eu cheguei até a pedir para ela prever o futuro do Conselho Municipal todinho. Eu não ia me espantar nada se ela acertasse tudo.

Kopecka — Com essas coisas não se brinca, seu Schweyk. A gente não explica; mas que existem, existem. São coisas sobrenaturais.

Schweyk — A senhora lembra quando disse na cara do engenheiro Bulowa que ele ia ficar despedaçado num desastre de trem? Pois é. A viúva já está casada com outro. As mulheres agüentam muito melhor as previsões. São mais duras por dentro, como se diz. Veja só o caso da senhora Laslaczek, que mora na rua Huss. Ela era tão dura que um dia o marido disse em público: "Eu prefiro qualquer coisa a viver com aquela mulher!". E foi trabalhar na Alemanha. Mas os SS também são muito duros. Pelos

menos, é o que se diz. Também, não podia ser de outro jeito, com todos esses campos de concentração e esses interrogatórios, não é? A gente precisa ter nervos de aço, não? *O SS concorda com a cabeça.* Está vendo, senhora Kopecka? Pode prever o futuro dele com toda a calma.

Kopecka — Se o senhor prometer que ele vai levar na brincadeira, sem tomar a sério, eu leio a mão dele com o maior prazer.

SS *com indecisão* — Se a senhora não gosta, como já disse que não gosta, não precisa se sentir obrigada, só por minha causa.

Kopecka *levando-lhe a cerveja* — Para mim, tanto se me dá. É melhor deixar como está. Beba a sua cerveja.

Mulher Gorda *com voz abafada, aos jogadores* — Se a senhora sofre de pés frios, use um xalezinho, faz bem.

Schweyk *sentando-se ao lado de Baloun* — Eu tenho um negócio para falar com você. Vou trabalhar para os alemães. É uma história de cachorro. Vou precisar de você.

Baloun — Eu não tenho vontade nenhuma de trabalhar.

Schweyk — Você vai entrar nuns cobrezinhos. Se você tivesse um dinheiro, com o seu apetite, ia ao mercado negro e logo arranjava alguma coisa.

Baloun — E o Prochazka que não chega! Vou ter de cair de novo nas batatas cozidas. Outra decepção igual a essa e eu acabo morrendo.

Schweyk — Eu tive uma idéia! A gente podia fundar uma pequena associação. Uns seis ou oito homens. Se cada um entrasse com a sua ração de cem gramas de carne por mês e a gente juntasse tudo, você podia almoçar.

Baloun — E onde é que você vai arranjar essa gente?

Schweyk — É verdade. Não ia funcionar. Eles vão dizer que para um sujeito como você, que faz vergonha para todo mundo, que não tem a menor força de vontade, que não tem nada de tcheco *no duro*, não compensa passar fome.

Baloun *amargo* — Eles bem que queriam me ver na merda.

Schweyk — Você não podia fazer um esforço e pensar na honra da mãe pátria quando sente a tentação e fica obcecado, pensando em mocotó, em lombo no forno, num filezinho bem passado com um pouco de repolho roxo e uns pepininhos, quem sabe? *Baloun geme.* Já pensou na vergonha que ia ser se você não resistisse?

Baloun — Eu precisava resistir. *Pausa.* Mas eu prefiro repolho a pepino, sabe?
Entra Prochazka com uma pasta.

Schweyk — Olha ele aí. Você foi muito pessimista, Baloun. Bom dia, seu Prochazka! Como vão os negócios?

Baloun — Bom dia, seu Prochazka! Que prazer vê-lo aqui!

Kopecka *para Prochazka, olhando o SS de soslaio* — Sente-se com esses cavalheiros. Eu tenho de resolver uma coisa antes. *Para o SS* — Eu acho que, apesar de tudo, a sua mão me interessa. Posso olhar? *Ela pega a mão do SS.* Exatamente o que eu pensava. Mas que mão mais interessante! O senhor tem uma mão irresistível para nós, astrólogos e quiromantes. Quantos são vocês na sua tropa, além do senhor?

SS *penosamente, como se lhe estivessem arrancando um dente* — Na minha tropa de assalto? Somos em vinte. Por quê?

Kopecka — Exatamente o que eu pensava. O senhor está ligado, na vida e na morte, a vinte pessoas.

SS — A senhora pode mesmo ver isso na minha mão?

Schweyk *que se aproxima, satisfeito* — Não faz idéia das coisas que

ela pode descobrir! Só tem um detalhe: ela é prudente. Quando não tem certeza absoluta, não diz nada!

Kopecka — Tem um fluido aqui na sua mão. O senhor deve ter muita sorte com as mulheres. A gente vê isso aqui, no seu monte de Vênus, que é um bocado desenvolvido. Para ser franca, as mulheres se atiram em cima do senhor. E logo descobrem uma surpresa agradabilíssima, uma coisa que por nada neste mundo elas desejariam ter perdido. O senhor tem um caráter sério, é até quase severo na sua maneira de ser. E tem uma linha de destino extraordinária!

SS — Como assim?

Kopecka — Não tem nada a ver com dinheiro. É muito mais. Está vendo este H formado por estas três linhas? Isto quer dizer Heroísmo. O senhor vai realizar um ato de heroísmo dentro de muito pouco tempo.

SS — Mas onde? A senhora pode ver onde?

Kopecka — Não vai ser aqui não. Nem na sua terra natal. Longe, muito longe. Mas aqui tem alguma coisa fora de comum que eu não compreendo muito bem. Tem como que um mistério envolvendo esse ato heróico, assim como se o senhor fosse a única pessoa a saber: o senhor e os que estiverem ao seu lado e ninguém mais. Depois, também ninguém mais vai saber.

SS — Como assim?

Kopecka *com um suspiro* — Isso eu não sei. Talvez num campo de batalha, num posto avançado ou qualquer coisa neste gênero. *Como tomada de grande perturbação* — Mas agora chega, não acha? Tenho de continuar o meu serviço. Foi só de brincadeira, como o senhor mesmo disse que era.

SS — Não. Não pare agora. Eu estou curioso. Quero saber mais, senhora Kopecka, sobre esse mistério.

SCHWEYK — Eu também acho que ia ser crueldade da senhora se deixasse o cavalheiro aqui morrendo de curiosidade. *Kopecka pisca-lhe o olho, de forma que o SS possa ver.* Mas vai ver que é melhor mesmo parar. Tem coisas que é preferível a gente não saber. Veja só o que aconteceu com o professor Warcek: um dia ele foi procurar no dicionário o significado da palavra esquizofrenia e acabou sendo levado para o manicômio em Ilmenau.

SS — A senhora viu mais coisas na minha mão.

KOPECKA — Eu não. Só vi o que eu disse. Me deixe.

SS — A senhora não quer é dizer o que viu. E piscou o olho para ele. Eu vi que piscou. Para ele parar de insistir. Porque a senhora não queria dizer mais nada. Assim não vai, não.

SCHWEYK — É fato, senhora Kopecka. Com os SS não vai, não. Não se pode esconder nada deles. Na Gestapo, querendo ou não querendo, eu tive que dizer tudo. E acabei confessando que desejava uma longa vida ao Führer.

KOPECKA — Mas ninguém vai me forçar a dizer coisas desagradáveis para os meus fregueses. Se eu digo, eles não voltam.

SS — Está vendo? A senhora se traiu. Sabe alguma coisa e não quer me contar.

KOPECKA — Além do mais, o segundo H não está nada claro. Quase ninguém teria notado. Uma pessoa em mil.

SS — Que é que esse segundo H quer dizer?

SCHWEYK — Me dá mais uma cerveja, senhora Kopecka. A emoção me dá uma sede!

KOPECKA — É sempre a mesma coisa. A gente diz que sim, vai e lê a mão com a maior consciência profissional. E acaba se aborrecendo. *Ela traz a cerveja para Schweyk.* Eu não sabia que ia dar com esse segundo H. Mas ele está aí. O que é que o senhor quer que eu faça? Se eu disser o que é o senhor vai ficar triste e é bobagem. De qualquer maneira, o senhor não pode fazer nada.

SS — Mas o que é que significa?

SCHWEYK *num tom caridoso*— Deve ser qualquer coisa muito grave. Eu conheço a senhora Kopecka há muito tempo e é a primeira vez que eu a vejo ficar desse jeito. E olhe que ela já encontrou cada coisa na mão das pessoas! O senhor acha que ia agüentar o golpe? Acha que é bastante forte?

SS *com voz estrangulada*— O que é que quer dizer?

KOPECKA — Se eu dissesse que esse segundo H quer dizer morte heróica — porque, em geral, é isto que quer dizer —; se eu dissesse, o senhor não ia ficar triste depois? Está vendo? Já não está se sentindo bem. Eu sabia! Três cervejas... duas coroas.

SS *paga, aniquilado*— Essa coisa de ler mão é bobagem. Isso não existe.

SCHWEYK — Concordo. Não compensa levar a sério.

SS *saindo*— Heil Hitler!

KOPECKA *falando alto para ele ouvir* — Prometa não dizer nada para os outros, hein?

SS *pára* — Que outros?

KOPECKA — Da sua tropa. Os outros vinte.

SS — Que é que eles têm que ver com isso?

KOPECKA — Bem... como eles estão ligados ao senhor na vida e na morte... Assim eles não vão ficar preocupados sem necessidade. *O SS sai resmungando.* Volte logo!

Mulher Gorda *rindo* — Muito bem, senhora Kopecka! Continue assim!

Schweyk — A tropa de assalto já está liquidada. Abra a sua pasta, senhor Prochazka. O Baloun não agüenta mais.

Kopecka — É verdade. Deixa ver aqui, senhor Rudolf. Gentileza sua ter trazido.

Prochazka *fracamente* — Mas eu não trouxe. Quando eu vi que eles levaram o seu Schweyk, fiquei muito abalado. Sonhei com isso a noite inteira. Bom dia, seu Schweyk. Está de volta? Confesso que não tive coragem. Fico amargurado por sua causa, senhora Kopecka; de fazer a senhora passar vergonha na frente dos seus amigos. Mas foi mais forte do que eu. *Desesperado* — Por favor, diga alguma coisa. Eu agüento tudo, menos este silêncio.

Baloun — Nada.

Kopecka — Quer dizer que não trouxe nada? Como é que, ainda há pouco, quando o senhor entrou, eu dei a entender que tinha de me livrar do SS, o senhor fez um sinal como se tivesse trazido a carne?

Prochazka — Eu não tive coragem.

Kopecka — Não precisa dizer mais nada. Agora eu compreendo quem o senhor é. Nós quisemos botar o senhor à prova. Essa é que era a hora de mostrar que era homem e um tcheco! Vá embora daqui, seu covarde, e nunca mais ponha os pés no meu estabelecimento!

Prochazka — É isso mesmo que mereço.
Sai, cabisbaixo.

Schweyk *depois de uma pausa*— Falando em ler mão... Krisch, o cabeleireiro de Mnischek — a senhora conhece Mnischek, não? — pois ele se fazia de quiromante nas quermesses e tomava cada porre com o dinheiro! Pois um camponês levou o Krisch para casa para ele ler a mão quando a bebedeira passasse. Antes de dormir o Krisch perguntou: “Como é o seu nome? Tire o meu livrinho de notas do bolso do paletó. Seu nome é Kunert, não é? Volte daqui a quinze minutos que eu vou deixar aqui um papel com o nome da sua futura esposa”, e logo começou a roncar. Pouco depois, acordou e escreveu uma coisa no caderninho. Aí, rasgou o que tinha escrito, atirou no chão, meteu um dedo na boca e disse: “Ainda não. Daqui a mais quinze minutos. É melhor procurar o papelzinho com os olhos vendados”. E no papelzinho estava escrito: “A sua futura esposa vai se chamar senhora Kunert”.

Baloun — Esse Prochazka é um criminoso.

Kopecka *com raiva* — Não diga besteira! Criminosos são os nazistas, que ameaçam e martirizam tanto a gente que no fim as pessoas perdem a dignidade. *Ela olha pela janela.* Esse que está chegando agora é que é criminoso, não o Rudolf Prochazka, que não passa de um homem fraco.

Mulher Gorda — Eu sempre digo. A culpa é um pouco nossa. Eu acho que a gente devia fazer outra coisa além de beber aguardente e contar piada.

Schweyk — Não se pode ser muito exigente. Já é tão duro continuar vivendo nos tempos que correm. Dá tanto trabalho sobreviver que a gente nem tem tempo de fazer mais coisas.
Entram Brettschneider e o SS da véspera.

Schweyk *alegre* — Bom dia, senhor Brettschneider! Quer uma cervejinha? Sabe que agora eu trabalho para a SS? Isso não pode me prejudicar.

Baloun *pérfido* — Tirem ele daqui!

Brettschneider — Que é que quer dizer com isso?

Schweyk — Nós estávamos falando de comida e o senhor Baloun falou no refrão de uma canção popular que ninguém conseguia se lembrar. É uma canção que a gente sempre canta nas quermesses. A letra fala de como é que se prepara aqueles rabanetes pretinhos, o senhor sabe, aqueles rabanetes pretos, grandes, da região de Mnischek. O senhor sabe o que é, não sabe? São tão conhecidos! Baloun, eu queria que você cantasse essa música para o senhor Brettschneider. Assim você fica mais calmo. Ele tem uma voz bonita! Até canta no coro da igreja!

BALOUN — Está bem. Eu canto. É a respeito de um rabanete.
Baloun canta a "Canção de como se prepara um rabanete". Durante a canção, Brettschneider, para quem todos olham, pergunta-se se vai ou não intervir. Mas, a cada vez, volta a sentar-se.

Pegue um bem preto e bem grande
E diga, contente: "Velhinho,
Agora vai ter!".
Não pegue nele sem luva:
Porque vive na lama e ela fede.

Sai para lá, seu fedido!
Some, vai!
Anda, sai!

Você pode comprar bem barato
Mas repito: tem de lavar.
Depois corte em pedaços fininhos.
Meta sal para salgar
Até o fundo.
Salga dentro
Até entrar.
Salga fora
Até suar.

INTERLÚDIO NAS ESFERAS SUPERIORES

Hitler e Goering, seu marechal, estão diante da maquete de um carro de assalto. Ambos bem maiores que o tamanho natural. Música marcial.

HITLER —

Meu caro Goering, a nossa guerra
Chega ao quarto ano! Estamos vencendo por um fio!

Mas agora atingidas novas regiões
É preciso mais tanques, mais canhões,
Soldados e aviões. Não quero mais saber
De gente que fica por aí, sem fazer nada!
Terão de trabalhar para o êxito da minha empreitada!
Por isso lhe faço esta pergunta: que pensa de mim
O homem médio da Europa? Está disposto a me
Ajudar a atingir meu fim?

GOERING —

A humanidade sempre segue os grandes
E a Europa inteira trabalha ao vosso lado
Graças ao serviço de trabalho voluntário
Que foi por mim criado.

HITLER —

Ótimo! nada mais eu posso desejar
Do que saber que todos só querem me auxiliar!

4

Um banco à margem do Moldau. Noite. Dois namorados se aproximam, abraçados, para contemplar o rio, ao fundo; depois, seguem seu caminho. Chegam Schweyk e seu amigo Baloun. Olham para trás.

SCHWEYK — O Vojta é muito estúpido com as criadas. Ela é a terceira, desde o *Corpus Christi*, e já quer ir embora. É o que todos dizem. Os vizinhos infernizam a coitada porque está trabalhando com um colaboracionista. Para ela, tanto se lhe dá voltar para casa sem o cachorro, se a culpa não for dela. Vá logo ficar sentado lá. Ela não vai querer se sentar aqui se não tiver ninguém.

BALOUN — Você não quer que eu fique segurando a salsicha?

SCHWEYK — Para você acabar comendo? Vai sentar lá, anda!
Baloun senta-se no banco. Entram duas criadas, Anna e Kati, a primeira com um lulu na corrente.

Schweyk — Desculpe, senhorita, mas... para que lado fica a rua Palacky?

Kati *desconfiada* — É só atravessar a praça Hawlitschek. Vem, Anna!

Schweyk — A senhorita vai me desculpar de novo, mas onde é que fica essa praça? Eu não sou daqui.

Anna — Eu também não sou daqui. Anda, Kati, diz você para ele.

Schweyk — Que engraçado! Quer dizer que a senhorita também não é daqui? Assim, com esse cachorrinho tão bonitinho, ninguém ia pensar que não fosse. De onde é, então?

Anna — De Protowin.

Schweyk — Então nós somos quase vizinhos. Eu sou de Budweis.

Kati *querendo levar a companheira* — Vamos indo, Anna.

Anna — Espere um pouco. Então o senhor deve conhecer o Pejchara, o carniceiro, lá em Budweis.

Schweyk — Claro que conheço! É meu irmão. Toda gente gosta tanto dele. É um homem bom, prestativo. Vende carne de primeira e sempre dá peso escolhido.

Anna — Verdade, sim.
Pausa. Kati está esperando com ar irônico.

Schweyk — Coincidência gozada, não é? Imagine só, a gente se encontrar assim, tão longe da nossa terra. Está com muita pressa? A gente tem tanta coisa para falar de Budweis... E tem um banco aqui, com uma vista tão bonita. Aquele é o Moldau.

Kati — Não diga! *Profundamente irônica* — Para mim isso é novidade.

Anna — Já tem gente sentada.

Schweyk — É um senhor que está contemplando a paisagem. É melhor tomar muito cuidado com o cachorro.

Anna — Por quê?

Schweyk — Eu não quero que se assuste, mas os alemães são loucos por cachorros, principalmente os da SS. Um cachorrinho desses, então, some assim, num piscar de olhos. Eles mandam para casa da família. Eu mesmo conheci, faz uns dias, um tal de capitão Bullinger, que estava atrás de um lulu exatamente como esse para mandar para a mulher, que mora em Colônia.

Kati — O senhor é amigo dessa gente da SS? Vamos, Anna. Para mim, chega!

Schweyk — Eu falei com ele quando fui preso. Eu tinha feito umas declarações que estavam pondo em perigo a segurança do Terceiro Reich.

Kati — É mesmo? Então desculpe o que eu disse... A gente ainda tem um tempinho, Anna. *Ela se adianta na direção do banco; os três se sentam ao lado de Baloun.* Que foi que o senhor disse?

Schweyk — *Faz um sinal, como se não pudesse falar na presença de um desconhecido, e logo acrescenta, mudando de assunto* — A senhorita gosta daqui de Praga?

Anna — Assim, assim. Mas por aqui não se pode confiar nos homens.

Schweyk — Infelizmente, é verdade. Ainda bem que a senhorita sabe como as coisas são. No interior as pessoas são muito mais honestas, não é mesmo? *Para Baloun* — A vista daqui é muito bonita, o senhor não acha?

Baloun — Assim, assim.

Schweyk — Merece ser fotografada.

Baloun — Como paisagem de fundo, ainda vai.

SCHWEYK — Um bom fotógrafo ia saber aproveitar esse panorama.

BALOUN — Pois eu sou fotógrafo. No estúdio onde eu trabalho nós temos o Moldau pintado num biombo. Mas muito mais pitoresco. Usamos para os alemães, principalmente para os SS, quando vêm tirar retrato para mandar para a família quando chega o dia de ir embora e não voltar mais. Isso não tem nada a ver com o Moldau. É uma água suja qualquer.
As moças riem, aprovando.

SCHWEYK — O que o senhor está dizendo é muito interessante. O senhor, por acaso, não podia tirar uma fotografia das moças? Só o busto, com o perdão da palavra, senhoritas, mas é assim que se chama.

BALOUN — Pode ser.

ANNA — Que ótimo! Mas não na frente daquele Moldau pintado, hein?
Todos se riem à vontade com a brincadeira. Aí, uma pausa.

SCHWEYK — Conhece essa piada? Um tcheco que estava passando na ponte do Imperador Carlos ouviu uma pessoa se afogando no Moldau, gritando por socorro. Em alemão. Sabe o que foi que ele fez? Chegou no parapeito e gritou lá para baixo: "Ei, não grite desse jeito! Devia ter aprendido a nadar em vez de ter aprendido alemão!".
As moças riem.

SCHWEYK — Pois é. É o Moldau. Em tempo de guerra acontecem umas coisas bem marotas aí nas margens.

KATI — Em tempo de paz também.

BALOUN — No mês de Maria também.

SCHWEYK — No dia de Todos os Santos também. Em pleno ar livre.

KATI — E a portas fechadas, também não acontece?

BALOUN — Se acontece! Muito!

ANNA — E nos cinemas então!
Todos riem de novo.

SCHWEYK — Pois é. É o Moldau. Sabem aquela cantiga "Henrique dormiu ao lado da esposa jovenzinha"? Na Morávia a gente canta isso muito.

ANNA — Qual? Aquela que diz assim: "Ela tinha os olhos doces e um monte de dinheiro"?

SCHWEYK — Essa mesmo. *Para Baloun* — O senhor está com um cisco no olho? Não esfregue, não. Veja o que ele tem no olho, senhorita, por favor. Vê se tira com a pontinha do lenço.

ANNA *para Schweyk* — Quer segurar a corrente, por favor? Aqui em Praga a gente precisa ter um cuidado! Tem tanta fuligem no ar!

SCHWEYK *enrola a corrente do cachorro, sem dar nó, no lampião, ao lado do banco* — Com licença. Mas agora eu tenho de ir até a rua Palacky para resolver uns negócios. Eu bem que queria ficar aqui, ouvindo a sua canção, mas não posso. Boa noite. *Ele vai embora.*

KATI *enquanto Anna procura o cisco no olho de Baloun com a pontinha do lenço*— O cavalheiro está tão apressado!

ANNA — Não tem nada, não.

BALOUN — Já está melhor. Então? A canção, como é?

ANNA — Quer mesmo que a gente cante antes de ir embora? Fica quietinho aí, lulu. No dia em que eu me livrar de você e do seu dono, bem que vou ficar contente. *Para Baloun* — Ele é do lado dos alemães... Olha, a canção é assim.
As duas criadas cantam um Moritat "Henrique dormiu ao lado da esposa jovenzinha". Enquanto isso, Schweyk, meio escondido entre os

arbustos, atrai o cachorro com uma salsicha minúscula e se afasta com ele.

Henrique se deitou com a nova esposa
Que tem os olhos doces e é bem rica.
Coitado do marido! não repousa
Porque a memória a torturá-lo fica.

E bate meia-noite. É Guilhermina,
Fantasma branco e frio, que aparece
Dizendo: "Vê, sou eu, a tua 'Mina'!

Marido como tu, ninguém esquece!
Não vim para reclamar. Eu sei que um lar
Vazio e frio, dói; e a solidão
É dura como pedra para agüentar!"
Lhe disse calmamente a aparição.

"Agora dorme em paz. Eu vou embora.
O amor de alguns compensa a dor de tantos!
Um dia vai chegar a tua hora
E então dirás também adeus aos prantos!"

BALOUN *quando elas acabam de cantar* — Mas como vocês cantam bem!

KATI — Vamos embora! Meu Deus! Onde é que está o cachorro?

ANNA — Maria Santíssima! Ele fugiu! Nunca tinha fugido antes! O que é que o senhor conselheiro ministerial vai dizer?

BALOUN — Vai telefonar para os alemães que são amigos dele e pronto. Não se preocupe. A culpa não foi sua. Com certeza, aquele moço não amarrou a corrente direito. Eu acho que vi uma sombra passando por ali quando vocês estavam cantando.

KATI — Vamos depressa à polícia.

BALOUN — Por que não passam num sábado à noite na taberna O Cálice, na rua Huss, número sete?

Elas fazem "sim" com a cabeça e se afastam rapidamente. Baloun volta a contemplar a paisagem. Os namorados de há pouco voltam a aparecer, mas já não estão mais abraçados. Logo depois, aparece Schweyk segurando o cachorro pela corrente.

SCHWEYK — Só podia ser mesmo cachorro de colaboracionista. Quando a gente está distraído, morde! Passei o diabo com ele. Quando eu estava atravessando o leito da estrada, deitou no trilho e não queria sair! Acho que queria se suicidar, esse cretino. Vamos indo. Agora unha.

BALOUN — Ele comeu a salsicha? Pensei que só comia vitela.

SCHWEYK — A guerra muda o regime de qualquer um, até de cachorro de raça. Eu só vou entregar ele para o Bullinger quando tiver o dinheiro na mão. Senão, ele me passa para trás. Se eles querem colaboração, têm que pagar.

Aparece um homem alto, de ar sinistro, que já os estava observando há algum tempo.

HOMEM — Os senhores estão passeando?

SCHWEYK — Estamos. O senhor é contra?

HOMEM — Suas identidades, por favor. *Ele mostra um distintivo. É um policial.*

SCHWEYK — Eu estou sem documento. Você tem algum?

BALOUN *negando com a cabeça*— Nós não fizemos nada!

HOMEM — Eu não me dirigi aos senhores porque tenham feito alguma coisa, mas porque têm cara de que não fazem nada. Eu estou a serviço do Trabalho Voluntário.

SCHWEYK — O senhor é um desses que ficam rondando pelos cinemas e cervejarias, catando gente para mandar para as fábricas?

HOMEM — Em que é que vocês trabalham?

SCHWEYK — Eu trabalho com cachorros.

HOMEM — Tem algum certificado provando que a sua atividade é útil para o Esforço de Guerra?

SCHWEYK — Não tenho, não, Excelência... Mas pode crer: é muito útil para a guerra, isso é. É durante a guerra que a gente tem vontade de ser dono de um cachorro, para ter um amigo nos momentos difíceis. Não é mesmo, lulu? As pessoas ficam calmas durante um bombardeio, quando os cachorros olham para elas e parece que estão dizendo: "Mas para que tudo isso?". E o cavalheiro aqui é fotógrafo. Isso talvez ainda seja mais importante para o Esforço de Guerra. Ele fotografa os soldados, para que as famílias deles possuam, pelo menos, uma foto do ente querido. Isso vale mais do que nada, o senhor não acha?

HOMEM — É melhor virem comigo. E não digam asneira.

BALOUN — Mas nós pegamos esse cachorro por ordem superior! Conte para ele!

SCHWEYK — Não tem nada para contar. Este senhor também está aqui por ordem superior. *Eles o seguem.* Quer dizer que o seu trabalho é pegar gente, é?

5

Estação ferroviária dos trens de carga, em Praga. Sentados nos trilhos estão Schweyk e Baloun, agora empregados na triagem dos vagões, a serviço de Hitler. São vigiados por um soldado alemão armado até os dentes.

BALOUN — Eu só queria saber o que foi que aconteceu com a senhora Kopecka e a sopa. Tomara que não tenha acontecido nada.

TENENTE *que, ao passar, diz ao soldado* — Sentinela! Se alguém perguntar qual destes vagões vai partir para a Baviera, lembre-se de que é o número 4268; não esqueça!

SOLDADO *em posição de sentido* — Sim, Tenente.

SCHWEYK — Os alemães são muito organizados. Agora têm uma organização como nunca houve igual no mundo. Hitler só tem de apertar um botão e lá vai — pronto! —, a China é arrasada do mapa! O papa em Roma está na lista negra dos nazistas, depois de tudo o que andou dizendo sobre eles. Não tem escapatória. E mesmo com os funcionários da SS, é a mesma coisa; basta apertar um botão e as suas cinzas são entregues para sua viúva, a domicílio, numa urna! A gente pode dizer que até tem sorte de estar aqui, com uma sentinela bem armada montando guarda para ninguém fazer sabotagem. Assim, ninguém acaba sendo fuzilado.

A senhora Kopecka chega, apressada, com as gamelas. O soldado examina o seu salvo-conduto sem grande interesse.

BALOUN — Que é que temos hoje?

KOPECKA — Costeleta com cenoura e salsichas com batatas. *Depois, em voz baixa, enquanto os homens estão comendo, as gamelas apoiadas nos joelhos* — É preciso tirar aquele cachorro lá da minha casa. Já está virando caso político! Não coma tão depressa, seu Baloun! Vai acabar ficando cheio de úlceras!

BALOUN — Comendo batata? Não tem perigo. Se fosse galinha ainda podia ser...

KOPECKA — O jornal de hoje só falava do sumiço do cachorro do conselheiro ministerial Vojta e de uma vingança da população contra um germanófilo. Agora estão procurando o ladrão para dar cabo do reduto de subversivos. É preciso tirar aquele bicho da minha taberna hoje mesmo!

SCHWEYK *enquanto vai comendo* — Isso não vai nada bem, não. Só ontem eu mandei uma carta expressa para o capitão Bullinger dizendo que queria duzentas coroas pelo cachorro, dizendo bem claro que, sem o dinheiro, não entregava, não.

Kopecka — O senhor está pondo a sua vida em jogo escrevendo esse tipo de carta, seu Schweyk.

Schweyk — Não acho, não, senhora Kopecka. Esse capitão Bullinger não passa de um crápula, mas vai entender direitinho que negócio é negócio. Senão, nada feito! Ainda mais que ele me disse que queria o lulu para mandar de presente para a mulher, que está em Colônia. Um colaboracionista não trabalha de graça, não. É justamente o contrário. Precisa até ganhar mais, se é desprezado pelos seus compatriotas. É preciso ganhar mais um pouquinho, como indenização, sabe como é. Senão, não vale a pena.

Kopecka — Como é que o senhor vai poder negociar, se está enfiado aqui?

Schweyk *amigavelmente* — Não tenho a menor intenção de passar a vida inteira aqui. Eu já custei um vagão cheinho de sabão. Não é nada difícil. Na Áustria, quando o governo proibiu as greves, o pessoal paralisou o tráfego por oito horas! Sabe o que foi que fizeram? Começaram a respeitar à risca todos os regulamentos de segurança do tráfego.

Kopecka *enérgica* — Seja como for, seu Schweyk, nada disso impede que aquele cachorro saia d'O Cálice! Eu sou um pouco protegida pelo senhor Brettschneider, que continua esperando que, um dia, eu acabe cedendo... Mas eu prefiro não contar muito com essas coisas.
Schweyk só escutou metade do que ela estava dizendo. Passam dois soldados alemães carregando um caldeirão fumegante, cheio de goulash, para a sentinela comer. Baloun, que já acabara de comer havia muito tempo, levanta-se e segue, como que num transe, fungando, o cheiro da comida.

Schweyk — Está bem. Eu vou tirá-lo de lá. Olhe só para isso.

Soldado Alemão *interpelando Baloun, com voz firme* — Alto!

Kopecka *para Baloun, que volta, nervoso e agitadíssimo* — Mas o que é isso, seu Baloun? Por que não tenta se controlar um pouco?

Schweyk — Lá em Budweis tinha um médico que sofria tanto de diabetes que só podia comer sopa de arroz. Um dia, como não agüentava mais, começou a comer escondido tudo o que sobrava na despensa, sabendo o quanto estava arriscando. Por fim, achou que continuar fazendo isso era burrice. Então pediu para a criada fazer uma refeição com sete pratos, sobremesa e tudo! Ela chorava que nem louca! Nem podia servir direito. Enquanto ele comia, mandou botar a marcha fúnebre na vitrola. A verdade é que ele morreu logo depois. A mesma coisa vai acontecer com você, Baloun. Você ainda vai acabar embaixo de um tanque russo.

Baloun *tremendo da cabeça aos pés* — Eles estão comendo goulash!

Kopecka — Eu tenho que ir embora.
Ela recolhe as gamelas e se afasta.

Baloun — Eu só quero dar uma olhadinha. *Ao Soldado, que está comendo* — Seu soldado, as rações são sempre assim fartas no exército, é? A sua é uma grandeza, hein?! Mas vai ver que só é assim quando a gente está de guarda, não é, para ficarem de olho bem aberto, senão a gente escapulia, não é? O senhor dá licença de eu dar uma cheiradinha?
O Soldado, que está sentado, continua a comer, mexendo os lábios entre dois bocados.

Schweyk — Não fique fazendo perguntas para ele, seu cretino! Não vê que ele tem de decorar o número? Senão acaba mandando o vagão errado para a Baviera! *Para o Soldado* — O senhor tem toda razão de decorar bem o número na cabeça. Acontecem tantos imprevistos! Antigamente a gente pintava nos vagões o nome dos lugares para onde eles iam; mas não adiantava, porque os sabotadores vinham, apagavam e punham outros nomes diferentes. Qual é o número mesmo? 4268, não é? Também não precisa ficar aí repetindo baixinho o tempo todo. Sabe o que deve fazer? Eu aprendi isso com um funcionário que trabalhava no departamento de registro de patentes, sabe? Ele explicou qual era o truque para um vendedor que não conseguia decorar seu número. É assim. Eu vou fazer com o seu número, para o senhor ver como é simples. 4268. O primeiro algarismo é 4. O segundo é 2. Então, já pode decorar isto: 42, quer dizer, 2 vezes 2, que vem antes, isto é, o 4; e 4 divido por 2, é 2, o algarismo que está ao lado. Agora, não se afobe: quanto é 2 vezes 4? Não é 8? É, não é? Então grave bem na memória que o 8 está no número 4268, e é o último dos 4. Agora já é fácil guardar que o primeiro algarismo é um 4, o segundo é um 2 e o quarto é um 8. Agora só precisa de um jeito de lembrar o 6, que vem logo antes do 8. Pois é a coisa mais simples do mundo! O primeiro algarismo é 4, o segundo é 2, 4 e 2 são 6! Pronto! Como o cavalheiro do registro de patentes diria, ficará com os algarismos gravados na memória por toda a eternidade. Se quiser, pode chegar ao mesmo resultado usando um sistema mais simples ainda. Eu vou usar o exemplo que ele deu, mas com o seu número. *O soldado ouviu tudo de olhos arregalados. Os lábios não paravam de mexer.* 8 menos 2 é 6. Portanto, já sabe o 6. 6 menos 2 é 4. Portanto, já sabe também o 4. Se botar o 2 entre os dois e o 8 no fim, tem 4 - 2 - 6 - 8. Mas pode também fazer de outro jeito, multiplicando e dividindo. E não é muito mais difícil, não. Veja só como é que se faz. É assim, como dizia o funcionário: 2 vezes 42 faz 84. Quantos meses tem num ano? 12. Assim, a gente tira 12 de 84 e fica 72. A gente tira mais 12 meses do ano e fica 60. Portanto, a gente já conta com um número certo, que é o 60. E pode cortar o zero fora. Então fica: 42 - 6 - 84. Mas como o zero já foi cortado, a gente pode também cortar o 4 que está no fim. E pronto! lá está o seu número de novo, sem faltar nada. Agora, para dividir, é assim que funciona. Qual era mesmo o seu número?

VOZ DE FORA — Sentinela, qual é o número do vagão que vai para a Baviera?

SOLDADO — O número?

SCHWEYK — Espere aí, que eu vou ensiná-lo usando o método dos meses. Tem 12 meses num ano, não tem?

SOLDADO *aos berros* —Qual é o número?

VOZ DE FORA — Ei, sentinela, está dormindo ou o quê?

SOLDADO *gritando*— Esqueci! *Para Schweyk* — Ah, seu cretino!

VOZ DE FORA *com violência*— O vagão tem de seguir para Passau com o trem das 12h50!

OUTRA VOZ DE FORA *mais afastada*— Deve ser esse aqui. Vamos engatar esse mesmo.

BALOUN *mais calmo, mostrando o Soldado que está olhando para os bastidores com uma cara espantadíssima* — Ele nem me deixou dar uma cheiradinha no goulash dele.

SCHWEYK — Eu acho que um vagão carregado de metralhadoras vai seguir para a Baviera. *Ponderando* — Mas vai ver que antes de ele chegar em Stalingrado, eles só estejam precisando de segadeiras por lá; e a Baviera já vai estar precisando de metralhadoras. Como é que a gente vai poder saber!...

6

Sábado à noite, n'O Cálice. Entre os fregueses estão Baloun, Anna, Kati, Prochazka e, mais afastados, dois SS. Dançam ao som da pianola.

KATI *para Baloun*— Durante o interrogatório eu disse ao senhor Brettschneider que já tinha ouvido dizer que os SS estavam procurando um cachorro. Mas não disse que sabia o seu nome; só o do seu amigo, o senhor Schweyk. Também não contei nada sobre o fato de o senhor Schweyk fingir que não o conhecia quando quis puxar conversa comigo. Não fiz bem?

BALOUN — Para mim, tanto se me dá. Vocês não vão me ver muito tempo por estas bandas. Como eu vou voltar, vai ser surpresa!

ANNA — Não seja tão pessimista, senhor Baloun! Não adianta. Aquele SS lá vai acabar vindo me tirar para dançar se eu ficar sentada aqui sem fazer nada. Por que não vem dançar comigo?

No momento em que Baloun vai se levantar, Kopecka avança, batendo palmas, chamando a atenção dos presentes.

KOPECKA — Minhas senhoras e meus senhores, são quase oito e meia. Está na hora de dançar a "Beseda" — *ela está, em parte, se referindo aos SS* —, a nossa dança popular. É verdade que nem todo mundo gosta, mas nós gostamos. Música! É por conta da casa!

Ela coloca uma moeda na pianola e os presentes dançam a "Beseda", batendo os tacões no chão ruidosamente. Baloun e Anna também dançam. O objetivo é ver se os SS vão embora. Dão encontrões na mesa onde estão sentados, procurando incomodá-los de todas as formas.

BALOUN *canta* —

Quando o relógio da igreja
Começa a bater meia-noite
Bão-ba-la-lão, Bão-ba-la-lão
As mulheres não dizem não.

Os outros em coro —

Tem bochechas para beliscar
Duas em cima e duas em baixo
Bão-ba-la-lão, Bão-ba-la-lão
As mulheres não dizem não.

Os SS se levantam vociferando e saem, aos empurrões. Uma vez terminada a dança, a senhora Kopecka volta do compartimento contíguo e começa a lavar os copos. Kati leva para a sua mesa o Freguês I que apareceu na cena 3.

FREGUÊS I — Isso de dança popular é novidade para mim aqui n'O Cálice. E todo mundo gosta muito porque a gente sabe que, enquanto está dançando, a senhora Kopecka escuta a Rádio de Moscou.

BALOUN — Eu é que tenho muito poucas danças para dançar, no futuro. Para onde eu vou não se dança o "Beseda".

ANNA — Eu ouvi dizer que nós fomos muito imprudentes indo para o parque daquele jeito. Parece que os desertores alemães atacam as pessoas!

FREGUÊS I — Só atacam os homens. Precisam das roupas dos civis. No parque de Stromovka, agora, a gente sempre encontra uma porção de uniformes alemães de manhã cedo...

KATI — E quem perde a roupa não consegue outra logo, não. O controle de fazendas proibiu a fabricação de roupas e chapéus de papel. Tem cada vez menos papel.

FREGUÊS I — Os alemães gostam é disso: de administrar. Os departamentos administrativos brotam que nem cogumelo. O que eles querem é arranjar colocação, para não ter que ir para a guerra. Eles preferem ficar enchendo os tchecos com controle de leite, controle de comida, controle de papel e não sei mais o quê. Se escondem para salvar o pêlo.

BALOUN — Eles vão se divertir um bocado comigo. Eu é que sei como é que vou acabar. Não tenho escapatória, não.

ANNA — Do que é que o senhor está falando?

BALOUN — Já vai ficar sabendo, senhorita Anna. Não conhece aquela canção chamada "As portas do pintor", que fala de um pintor que morreu na flor da idade? Podia cantar agora? Queria tanto ouvir.

ANNA *canta* —

Mil portas e mil portões
Pintava o pintor
Pintava, beijava
E fazia amor.

Agora não pinta mais
Não beija, nem vê as cores.
Nem pode ser de outro jeito,
Se dorme embaixo das flores.

Anna — Era essa mesmo?

Baloun — Era essa, sim.

Anna — Pelo amor de Deus, seu Baloun! O senhor não vai fazer nenhuma besteira, vai?

Baloun — Se soubesse o que eu vou fazer, ficava dura de medo, senhorita. Eu não vou atentar contra a minha vida, não. Vai ser pior ainda.
Entra Schweyk com um embrulho embaixo do braço.

Schweyk — Trouxe carne para fazer goulash! Não precisa agradecer. Em troca, eu quero a cama-de-vento que você guarda na cozinha.

Baloun — Deixe ver. É carne de vaca?

Schweyk *enérgico* — Tire a pata! Eu não vou desembrulhar isso aqui! Boa noite, senhoritas. Mas como, as senhoritas por aqui?

Anna — Boa noite. Nós já sabemos de tudo.

Schweyk *levando Baloun para um canto* — Que foi que você andou contando?

Baloun — Eu só disse que a gente se conhecia e que quando fingimos que não nos conhecíamos foi só de farra. Eu não sabia o que é que ia inventar. Pode ficar com a minha cama-de-vento. Você salvou um amigo à beira do abismo! Deixe só sentir o cheirinho, embrulhada mesmo. A senhora Mahler, que mora do outro lado da rua, já me ofereceu vinte coroas por ela, mas eu fiquei firme. Onde foi que você arranjou?

Schweyk — No mercado negro. Com uma parteira que recebeu do interior. Por volta de 1930 ela ajudou a mulher de um fazendeiro a dar à luz. O menino tinha um ossinho na boca. Então ela começou a chorar, dizendo: "Vocês vão ver só; nós vamos passar muita fome!". Foi isso que ela predisse! E num tempo em que os alemães nem estavam na nossa terra! Todos os anos a camponesa manda um embrulho para ela não passar muita fome. Só que este ano a parteira precisava de dinheiro para pagar os impostos.

Baloun — Tomara que a senhora Kopecka tenha páprica da boa!

Kopecka *que se aproximou deles* — Volte para sua mesa. Daqui a meia hora eu venho chamar o senhor pra ir na cozinha. Enquanto isso, finja que não aconteceu nada. *Para Schweyk, depois de Baloun ter voltado para a sua mesa* — Que carne é essa?

Schweyk *em tom reprovador* — Senhora Kopecka, eu não estou reconhecendo a senhora! *Ela pega o embrulho e olha para o interior, precavida. Schweyk vê que Baloun está conversando com as moças, agitadíssimo.* O Baloun sempre se entusiasma com muita facilidade. Ponha bastante páprica para ficar com gosto de carne de vaca. É de cavalo. *Ela o olha fundo.* Está bem: é o lulu do senhor Vojta. Era necessário, porque se um dos seus clientes se alistar no exército alemão só para comer, já pensou na desonra que ia cair sobre O Cálice?

Freguês *batendo com a mão no balcão* — Quem é que atende aqui?
A senhora Kopecka dá o embrulho para Schweyk segurar enquanto ela atende o freguês. Ouve-se um carro grande parando à porta. Logo depois entram alguns homens da SS liderados por Bullinger.

Bullinger *para Schweyk* — A sua senhoria estava certa quando me disse que eu o encontraria aqui. *Para os SS* — Botem essa gente para fora! *Para Schweyk, enquanto os SS enxotam os fregueses* — Que é que você fez com o meu cachorro, seu pulha?

Schweyk — Capitão, eu tenho a honra de lhe repetir o que estava escrito nos jornais. Não leu que o cachorro foi roubado?

Bullinger — Agora deu para ser insolente?

Schweyk — Capitão, tenho a honra de lhe declarar que não. Só queria dizer que o senhor precisa acompanhar o que os jornais publicam, senão vai haver coisas que o senhor nem vai tomar conhecimento e não vai poder tomar as medidas necessárias!

Bullinger — Eu não sei é por que fico aqui discutindo com você. É um vício da minha parte: gostar de ver até que ponto chega um homem antes de morrer.

Schweyk — De fato, capitão. Além disso, o senhor quer o cachorro.

Bullinger — Você admite que me escreveu uma carta pedindo duzentas coroas pelo cachorro?

Schweyk — Com a sua licença, capitão, admito que eu queria duzentas coroas. Mas eu pensei que, naturalmente, ia ter despesas. Isso foi antes de o cachorro ter sido roubado.

Bullinger — Isso nós vamos discutir na Gestapo! *Para os SS* — Dêem uma busca geral. Deve ter um cachorro escondido aqui!

Um SS sai. Ouve-se barulho de móveis sendo jogados no chão no compartimento contíguo, objetos que se quebram. Schweyk espera fleumático, sempre com o embrulho embaixo do braço.

Schweyk *inesperadamente* — A aguardente daqui é muito boa.

Um SS empurra um freguês, um homem baixinho, o qual, ao cair para trás, pisa no pé de uma mulher e diz: "Desculpe". Então o SS volta e lhe dá um golpe, fazendo o homenzinho cair. A um sinal de Bullinger, arrasta o homem para fora, com a ajuda de outro SS. Logo em seguida aparece outro SS trazendo a senhora Kopecka.

SS — Revistamos tudo mas não achamos nenhum cachorro.

Bullinger *para a senhora Kopecka* — Essa sua taberna, com todo o ar inocente que tem, não passa de um reduto de subversivos! Para limpar o ambiente de uma vez por todas eu vou pôr fogo nisto aqui!

Schweyk — Tem toda a razão, capitão. Heil Hitler! Senão, a gente fica tentado a se meter a insolente e começa a não obedecer às regras! Senhora Kopecka, a senhora precisa dirigir seu estabelecimento de forma que tudo seja claro como água. Como dizia o capelão Vejwoda no dia em que...

Bullinger — Cale esse bico, seu peste! Acho que vou te levar comigo. E acho que também vou fechar o seu estabelecimento, senhora Kopecka.

Brettschneider *que aparece à porta* — Capitão Bullinger, posso dar uma palavrinha em particular com o senhor?

Bullinger — Ao que eu saiba, não temos nada para conversar. O senhor já sabe muito bem o que eu penso a seu respeito.

Brettschneider — Trata-se de novas informações sobre o lugar onde possa estar o cachorro desaparecido do Vojta. Recebemos certas comunicações na Gestapo. Creio que vão interessá-lo.

Eles se dirigem para um canto e entabulam uma discussão violenta, cheia de gesticulação. Compreende-se que Brettschneider demonstra a Bullinger que é ele quem está com o cachorro. Bullinger retruca indignado, como quem diz: "Eu? Ora essa!". A senhora Kopecka voltou ao balcão onde, completamente desinteressada, volta a lavar os copos. Schweyk assiste a tudo, também desinteressado, sorrindo. Nesse momento, Baloun tenta apoderar-se do embrulho. Um dos fregueses tira o embrulho de Schweyk e o entrega a outro. O embrulho vai, de mão em mão, até chegar a Baloun, que começa a apalpá-lo sem o menor receio. Um SS acompanhou com curiosidade o trajeto do embrulho.

SS — Ei! Ei! Que é que está acontecendo aí? *Em poucos passos chega perto de Baloun e lhe tira o embrulho das mãos. Entrega-o a Bullinger* — Capitão, este embrulho foi entregue clandestinamente a um dos fregueses, esse homem que está aí.

Bullinger *abrindo* — Carne! Que o dono dê um passo à frente!

SS *para Baloun* — Ei, você aí, que abriu o pacote!

Baloun *atônito* — Veio parar na minha mão mas não é meu, não.

Bullinger — Então não é seu? Então trata-se de carne sem dono, é o que parece. *Gritando bruscamente* — Se não é sua, por que abriu o pacote?

SCHWEYK *vendo que Baloun não diz nada* — Eu tenho a honra de lhe declarar, capitão, que o imbecil deve ser inocente, senão não teria aberto para ver o que era.

BULLINGER *para Baloun* — Quem foi que lhe deu?

SS *vendo que Baloun, de novo, não responde nada* — A primeira coisa que eu notei foi que este homem – *e indica o freguês que tirou o embrulho de Schweyk* — estava passando o embrulho para outro.

BULLINGER *para o Freguês* — Onde é que você arranjou isso?

FREGUÊS *infelicíssimo* — Alguém botou na minha mão. Não sei quem foi.

BULLINGER — Ao que parece, este estabelecimento é uma filial do mercado negro. *A Brettschneider* — Senhor Brettschneider, ainda há dias o senhor disse que punha a mão no fogo aqui pela proprietária, não disse?

KOPECKA *avançando* — Meus senhores, n'O Cálice não tem mercado negro nenhum!

BULLINGER — Não tem? *Dá-lhe uma bofetada.* Vai ver se tem ou não, sua tcheca imunda!

BRETTSCHNEIDER *irritado* — Peço que não condene ninguém antes de ouvir a senhora Kopecka, a quem conheço bem e sei que não se mete em política.

KOPECKA *muito pálida* — É verdade. E o senhor não tinha o direito de me bater.

BULLINGER — E ainda retruca? *Esbofeteia-a de novo.* Levem essa mulher daqui!

Como a senhora Kopecka quer se atirar em cima de Bullinger, um SS dá-lhe um golpe na cabeça.

BRETTSCHNEIDER *inclinando-se sobre ela, que está inerte, no chão* — Vai ter que responder por isso, Bullinger. Não é assim que vai desviar a atenção de todos do caso do cachorro do Vojta.

SCHWEYK *avançando* — Eu tenho a honra de informar que posso esclarecer tudo. O embrulho não pertence a nenhum dos presentes. Eu sei porque fui eu que botei ele ali.

BULLINGER — Então foi você?

SCHWEYK — Um senhor me deu para guardar enquanto ia na privada. Pelo menos, foi onde ele disse que ia. Um homenzinho assim, nem alto, nem baixo, com uma barbicha clara.

BULLINGER *a quem a desculpa deixou surpreso* — Me explique uma coisa: você é meio bocó, não é?

SCHWEYK *sério, olhando-o firme nos olhos* — Como eu já tive a oportunidade de lhe dizer, capitão, sou mesmo. Eu não disse que tinha sido declarado oficialmente idiota por uma comissão médica militar? Foi por isso que me enxotaram do serviço de trabalhos voluntários.

BULLINGER — Mas para fazer mercado negro você tem inteligência de sobra, não é? Espere um pouco: no Banco Petschek nós vamos lhe ensinar direitinho. Mesmo que você tivesse 36 certificados, não iam lhe valer de nada.

SCHWEYK *enternecedor* — Eu tenho a honra de declarar, capitão, que sei muito bem que não iam valer nada mesmo. Desde pequeno eu tenho me metido nas maiores enrascadas só porque tento ajudar o próximo com a maior das boas vontades. Como o que aconteceu comigo em Grosslobau, naquele dia em que eu quis ajudar a mulher do porteiro da escola a dependurar a roupa lavada... Se o senhor quiser dar uma chegadinha aqui no corredor eu conto como foi que a coisa acabou. Imaginem só, eu, no mercado negro! Até pareço o Pilatos no Credo!

Bullinger *olhando-o perplexo* — Eu não sei direito por que é que eu lhe dou ouvidos... e eu sei que não é a primeira vez. Mas deve ser porque é a primeira vez que vejo um criminoso da sua espécie e isso me deixa assim hipnotizado.

Schweyk — Deve ser a mesma coisa que quando a gente dá com leão andando na rua de São Carlos, onde isso não acontece todo dia. Ou como quando o carteiro de Chotebor surpreendeu a mulher com o porteiro do prédio e apunhalou os dois na hora! E depois foi à polícia se entregar! Quando lhe perguntaram o que é que tinha feito depois, e ele disse que, quando ia saindo de casa, tinha visto um homem pelado dobrando a esquina, pensaram que ele estava pancada e o deixaram solto. Dois meses depois é que vieram a saber que, naquela mesma hora, um maluco tinha fugido do hospício fantasiado de Adão. Ninguém quis acreditar no carteiro, mas ele estava mesmo dizendo a verdade.

Bullinger *estupefato* — E eu que continuo escutando as suas asneiras! Não consigo arredar o pé! Eu sei muito bem o que é que vocês todos estão pensando: que o Terceiro Reich vai durar só mais um ano, dez no máximo. Pois fiquem sabendo que nós vamos ficar no poder por muito tempo, a vida inteira e mais dez mil anos, provavelmente. Por que é que está fazendo essa cara agora?

Schweyk — A vida inteira é muito tempo, como disse o bedel da paróquia quando se casou com a dona d'O Cisne e ela, de noite, meteu a dentadura num copo d'água.

Bullinger — Você mija frio ou mija quente?

Schweyk *conciliador* — Eu tenho a honra de lhe informar que o meu xixi é morninho.

Bullinger — Agora você vem comigo, mesmo que certas pessoas — *indica Brettschneider* — metam a mão no fogo por você... no fogo ou noutros lugares igualmente quentes.

Schweyk — Perfeitamente, capitão. É preciso haver ordem. O contrabando é um mal que só vai acabar quando não houver mais nada para ser vendido. Nesse dia, então sim, vai haver ordem mesmo. O senhor não concorda?

Bullinger — Quanto ao cachorro, nós acabaremos achando.
Sai com o embrulho embaixo do braço. Os SS algemam Schweyk e o levam.

Schweyk *ao sair, muito conformado* — Espero que não estejam decepcionados. Há clientes que cismam com um cachorro e não querem saber de outro. No fim, depois de terem virado tudo de pernas para o ar, mudam de idéia.

Brettschneider *para a senhora Kopecka, que voltou a si* — Senhora Kopecka, a senhora foi vítima de certos conflitos entre os SS e certos departamentos da Gestapo. Não posso lhe dizer mais nada. Não importa o que aconteça, está sob a minha proteção. Eu voltarei para falar à sós com a senhora sobre isso. *Ele sai.*

Kopecka *vai, cambaleando, até o balcão, onde amarra um guardanapo na testa ensangüentada* — Alguém quer cerveja?

Kati *olhando o chapéu de Schweyk, que ainda está pendurado junto da sua mesa costumeira* — Eles nem o deixaram levar o chapéu.

Freguês — Aquele lá não volta vivo, não.
Prochazka entra timidamente e parece assustar-se ao ver o pano sujo de sangue na cabeça da senhora Kopecka.

Prochazka — Que foi que aconteceu com a senhora, senhora Kopecka? Eu vi os carros da SS saindo daqui. Foram eles, é?

Vários Fregueses — Eles a atacaram a coronhadas! Disseram que aqui n'O Cálice se faz mercado negro! Ainda bem que o senhor Brettschneider, que é da Gestapo, ficou do lado dela! Senão a coitada tinha sido presa! Eles levaram um homem!

KOPECKA — Senhor Prochazka, o senhor não tem nada que fazer n'O Cálice. Aqui só entram tchecos de verdade!

PROCHAZKA — Pode crer, senhora Kopecka, que eu sofri um bocado desde aquele dia. Aprendi a minha lição. A senhora não me dá uma oportunidade?

O olhar glacial da senhora Kopecka o faz tremer e ele sai, furtivamente, roído de remorsos.

KATI — Os SS estão muito nervosos. Ainda ontem pescaram o corpo de um deles no Moldau. Tinha um buraco aqui, no lado esquerdo.

ANNA — Vale pelos tchecos todos que os alemães atiraram no rio!

FREGUÊS — E tudo isso só porque as coisas não estão indo muito bem para o lado deles na frente oriental.

FREGUÊS I — O homem que eles levaram não era o seu amigo?

BALOUN *rompendo em prantos*— A culpa foi minha! Tudo por causa dessa minha fome desenfreada! Eu já rezei tanto para a Virgem Maria, para ela me dar forças, para ela dar um jeito de fazer o meu estômago encolher, mas não adianta. Eu meti o meu amigo numa enrascada! Vai ver que acaba sendo fuzilado ainda esta noite. Se não for, é porque ele tem uma sorte danada e só vão dar cabo dele amanhã de manhã.

KOPECKA *pondo um copo de aguardente diante dele*— Tome isso! Não adianta chorar agora.

BALOUN — Que vida miserável a minha! E eu ainda fui me meter e fiz a senhora perder o seu pretendente! Outro melhor do que ele a senhora não arranja, não. Que é que a senhora quer? Nem todo mundo é herói, não. Se eu tivesse prestado aquele juramento que me pediu, a gente não tinha chegado a isto. Se eu pudesse jurar agora... hein? Será que eu podia? De estômago vazio? Ah, meu Deus, que é que vai ser de nós?

KOPECKA — Se um destes cavalheiros botar uma moeda na pianola, eu lhe digo o que é que vai ser da gente.

Um freguês faz funcionar a pianola. A senhora Kopecka canta "A canção do Moldau" enquanto enxuga os copos –

No fundo do Moldau caminham pedras.
E há três reis sepultados em Praga.
Nada no mundo cessa de mudar.
Não há noite longa que o dia não traga.

Mudam os tempos. Os planos enormes
Dos mais poderosos têm de parar.
Podem cantar como galos sangrentos!
Mudam os tempos. Não vai adiantar.

No fundo do Moldau caminham pedras.
E há três reis sepultados em Praga.
Nada no mundo cessa de mudar.
Não há noite longa que o dia não traga.

A senhora Kopecka volta ao balcão e continua a enxugar os copos.

INTERLÚDIO NAS ALTAS ESFERAS

Hitler e o general Von Bock, conhecido como "O Coveiro", estão diante de um mapa da União Soviética. Ambos muito maiores do que o tamanho natural. Música marcial.

VON BOCK —

Meu caro senhor Hitler, a frente russa
Começa a sair caro: tanques, fuzis e aviões,
Para não citar os homens! E a mim já chamam de "O Coveiro".
Eu não quero bancar o pessimista, mas acho
Que não vamos conquistar Stalingrado.

HITLER —

Senhor general Von Bock: Stalingrado será minha,
Conforme prometi aos alemães.

Von Bock —

Senhor Hitler, o inverno está chegando.
No Leste as tempestades vão cair furiosamente e tudo isto vai virar um inferno!

Hitler —

Senhor Von Bock, a ponta-de-lança será feita pelos meus aliados. O homem da rua virá em meu auxílio.
Senhor Von Bock, vai agora dar para trás?

Von Bock —

Mas as reservas...

Hitler —

Eu me encarrego delas.

7

Na prisão militar. Uma cela cheia de prisioneiros tchecos que esperam a hora do alistamento "voluntário". Entre eles, Schweyk. Estão todos nus da cintura para cima, mas todos fingem as doenças mais terríveis. Por exemplo, um está deitado no chão, como que agonizando.

Homem Agachado — Eu falei com meu advogado e ele me tranqüilizou. Eles não podem nos recrutar a não ser que nos apresentemos como voluntários. Não seria legal.

Homem com Muletas — Então para que é que o senhor fica todo agachado desse jeito, se não tem medo de ser alistado?

Homem Agachado — A gente nunca sabe...
O Homem com Muletas ri sarcasticamente.

Moribundo *deitado no chão* — Eles não vão se atrever. Nós somos todos incapacitados físicos. Além do mais, já sabem que ninguém vai muito com eles.

Míope *triunfalmente* — Uma vez me falaram de um oficial alemão, lá em Amsterdã, que estava atravessando um canal às onze da noite. Já de mau humor, perguntou a um holandês que horas eram. O holandês olhou firme para o alemão e disse: "Meu relógio parou". O alemão continuou andando e deu com outro transeunte. Antes que tivesse tempo de fazer a pergunta, o homem disse que tinha saído sem relógio. Parece que, depois disso, o alemão deu um tiro na cabeça.

Moribundo — É que ele não pôde suportar o desprezo.

Schweyk — Mas o mais comum é meterem um tiro na cabeça dos outros. Em Wezlau tinha um taberneiro que era traído pela mulher com o próprio irmão. Pois ele quis castigar os dois com desprezo, só desprezo. Como ele tinha encontrado a calcinha da mulher na charrete do irmão, pegou-a e a deixou na mesinha de cabeceira, achando que ela ia morrer de vergonha. Pois bem! Pois ela deu um jeito de o tribunal interditar o marido como não-responsável pelos seus atos; depois, vendeu a taberna e fugiu com o cunhado. Porém, de certa forma, ele tinha razão, porque a mulher confessou para uma amiga que quase teve vergonha de levar também o sobretudo do marido.

Homem Agachado — Por que é que o senhor está aqui?

Schweyk — Mercado negro. Eles podiam me fuzilar, mas a Gestapo precisava de mim como testemunha contra a SS. E eu saí lucrando com a briga entre os maiorais. Eles me chamaram a atenção para o fato do meu nome ser Schweyk com "y". Se fosse um "i" eles podiam pensar que eu era de origem alemã e me mandavam para a linha de frente.

Homem com Muletas — Agora eles estão recrutando até os presos.

Homem Agachado — Só se são de origem alemã.

Homem com Muletas — Ou os que são voluntários por serem de origem alemã, como o senhor aqui.

Homem Agachado — A única esperança é a incapacidade física definitiva.

Míope — Eu sou míope; não vejo bem. Não ia ser capaz de reconhecer os oficiais para fazer continência.

Schweyk — Por isso, não. O senhor pode ser engajado numa bateria de comunicações para informar sobre o movimento dos aviões do inimigo. Para isso até os cegos servem. Eles têm um ouvido e tanto! Olha, lá em Socz, por exemplo, tinha um camponês que furou os olhos do cachorro para o bicho ouvir mais ainda! O senhor também pode ser usado.

Míope *desesperado* — Pois em Brenow tem um limpador de chaminé que, por dez coroas, faz a gente ficar com uma febre tão grande que a gente tem vontade de pular pelado pela janela!

Homem Agachado — Isso não é nada. Em Wrechowitz tem uma parteira que, por vinte coroas, desloca a perna da gente tão bem que a gente fica manco para o resto da vida!

Homem com Muletas — Pois eu só paguei cinco coroas para deslocar a minha.

Moribundo — Eu não tive de pagar coisa nenhuma. Tenho uma hérnia estrangulada. No duro que tenho!

Homem com Muletas — Pois sim! Eles operam o senhor no Hospital de São Pancrácio e eu quero ver o que é que vai fazer depois.

Schweyk *satisfeito* — Quem ouve os senhores falando assim ia pensar que não estão com vontade de tomar parte nesta guerra em defesa da civilização contra o bolchevismo.
Entra um Soldado, que fica junto do balde.

Soldado — Já sujaram tudo de novo! Nem cagar direito vocês sabem, seus porcos!

Schweyk — Nós estávamos, justamente, falando do bolchevismo. O senhor sabe o que é bolchevismo, não sabe? Sabem que os bolchevistas são aliados da Wallstreet, e os dois, sob a orientação do judeu Rosenfeld e da Casa Branca, resolveram acabar com a gente?
O Soldado, para poder ouvir, finge que está cuidando do balde e Schweyk continua, fleumaticamente:

Schweyk — Mas eles não sabem quem nós somos. O senhor conhece a estória do artilheiro de Przemysl, em 1914, quando estava lutando contra o czar? *Canta* —

Carregava o canhão
Com fúria e paixão
Com fúria e paixão.

Uma bala passou
E as mãos lhe arrancou
E as mãos lhe arrancou.

Mas ele ficou
Carregando o canhão
Com a mesma paixão
Com fúria e sem mãos
Com fúria e sem mãos.

Os russos só brigam quando são forçados. Não têm agricultura nenhuma porque acabaram com os grandes proprietários. A indústria nacional ficou completamente arruinada por causa dessa mania de nivelar tudo por baixo. E os operários que pensam um pouquinho mais ficam amargurados vendo as boladas que os diretores recebem. Sumarizando: na Rússia não tem nada! E no dia em que tudo isso cair nas nossas mãos, já vai ser tarde demais para os americanos terem tido tempo de se meter. Não tenho razão?

Soldado — Cale a boca. Conversar é proibido.
Ele sai, furioso, com o balde.

Moribundo — Eu acho que o senhor é delator.

Schweyk *com ar inocente* — Delator? Eu? De jeito nenhum! A única coisa que eu faço é escutar regularmente a estação de rádio alemã. O senhor também devia ouvir mais vezes. É muito gozado.

Moribundo — O senhor devia dizer que é uma vergonha.

Schweyk *destacando as palavras* — É muito gozado.

Míope — Ainda por cima, ninguém tem a obrigação de lamber o rabo deles!

Schweyk — Não diga isso! É uma arte! Há muita pulga que bem que gostaria de poder lamber o rabinho do tigre porque, naquele momento, o tigre não ia poder pegá-las e elas iam se sentir um pouco mais seguras. O que é preciso é conseguir chegar ao buraquinho.

Homem Agachado — Não seja vulgar, por favor. É penoso ver esses tchecos que estão prontos a aceitar qualquer coisa.

Schweyk — Isso me faz lembrar a estória do Jaroslaw Wanijek e do vendedor ambulante que era tuberculoso. O dono d'O Cisne, lá em Budweis, um homenzarrão enorme, só tinha enchido o copo do vendedor ambulante pela metade. Como o pobre coitado não reagiu, Wanijek o chamou à ordem e disse: "Se você suportar calado uma coisa dessas, está sendo cúmplice!". E o vendedor meteu a mão na cara do Wanijek... Só isso. Agora eu vou tocar a campainha para ver se eles apressam um pouquinho essa guerra. Eu não tenho tempo a perder. *Levanta-se.*

Homem Gordo *que, até este momento, estivera sentado mais afastado* — O senhor não vai chamar ninguém, não!

Schweyk — Por que não?

Homem Gordo *categoricamente*— Porque para nós as coisas já estão andando depressa demais.

Moribundo — Tem razão. E o senhor, por que é que foi preso?

Homem Gordo — Por causa de um cachorro que me foi roubado.

Schweyk *interessado* — Não teria sido, por acaso, um lulu?

Homem Gordo — O que é que o senhor sabe disso?

Schweyk — Aposto como o senhor se chama Vojta. Estou muito satisfeito de ter conhecido o senhor antes de ir embora. *Estende-lhe a mão, mas o Homem Gordo não faz caso.* Eu me chamo Schweyk. Vai ver que o meu nome não quer dizer nada para o senhor, mas pode aceitar a minha mão. Aposto que já não gosta tanto dos alemães, já que está metido aqui.

Homem Gordo — Eu me baseei numa declaração feita pela minha criada e acusei a SS de me ter roubado o cachorro. O senhor não acha que foi o suficiente?

Schweyk — Foi. E como! Lá na minha terra, em Budweis, tinha um professor. Um aluno que ele perseguia o tempo todo acusou o professor de ficar com o jornal aberto na frente enquanto tocava órgão durante a missa. Ele era um homem muito religioso. A mulher dele sofreu um bocado quando ele a proibiu de usar saia curta. Mas depois daquela acusação fizeram tantas perguntas e o encheram tanto que o homem acabou dizendo que não acreditava mais em coisa nenhuma, nem mesmo no milagre das Bodas de Caná. Vocês vão todos marchar em fila para o Cáucaso mandando Hitler à merda. Porém, como costumava dizer o dono d'O Cisne, o importante é saber a quem a gente manda à merda, e no ambiente certo!

Homem Gordo — Se o senhor se chama Schweyk, escute aqui: ainda há pouco, quando eu ia entrando, um rapaz chegou perto de mim e só teve tempo de me cochichar: "Procure o seu Schweyk". Nem bem ele tinha acabado de falar, abriram o portão. Ele ainda deve estar lá bem embaixo.

Schweyk — Eu vou espiar para ver. Eu estava esperando mesmo que um dia, de manhã, aparecesse um grupinho de gente na porta da prisão: a dona d'O Cálice, que não ia querer perder isso, e quem sabe um sujeito gordo, reunidos ali esperando pelo Schweyk. Mas esperei em vão... Alguém pode me ajudar aqui, por favor? *Ele vai para a janela da cela e trepa nos ombros do homem com muletas para olhar para fora.* É o Prochazka. Ele não vai me ver direito. Me empresta a muleta. *Ele pega e a sacode pela janela. Parece que Prochazka o viu. Schweyk se faz compreender por meio de gestos amplos. Faz a mímica de um homem grande com barba (Baloun), gestos de alguém que se enche de comida e tem um embrulho embaixo do braço. Depois, desce dos ombros do homem com muletas.* Acharam esquisito o que eu estava fazendo? Estávamos conversando. Ele veio para isso. Eu sempre achei que ele era um homem às direitas. Quando eu gesticulei, estava repetindo o que ele tinha feito; assim ele viu que eu tinha entendido bem. Vai ver que ele queria que eu fosse para a Rússia sem um peso enorme na consciência.

Ouvem-se vozes do comando e passos que marcham, fora. Uma banda militar começa a tocar "Horst-Wessel-Lied".

Moribundo — Que foi que aconteceu? Viu alguma coisa?

Schweyk — Tem um grupo de gente parada na entrada. Deve ser um batalhão que vai para o front.

Homem Agachado — Que música medonha!

Schweyk — Até que eu acho bonita. É meio triste; mas tem uma certa força.

Homem com Muletas — Nós vamos ouvir isso muitas vezes mais. Sempre que podem, eles tocam essa marcha. A letra foi escrita por um homem que explorava mulheres. Eu queria saber o que querem dizer as palavras.

Homem Gordo — Se o senhor quiser, eu traduzo: Bandeiras hasteadas / Tropas de assalto, cerrem fileiras / Com passo firme rumo à vitória, em frente! / Os camaradas que antes de nós derramaram sangue / Marcham conosco, em pensamento, nas nossas fileiras.

Schweyk — Eu conheço uma letra diferente, que a gente cantava lá n'O Cálice.

Ele canta a "Marcha dos carneiros" acompanhado pela banda militar, mas de forma a fazer o refrão coincidir com a melodia e os primeiros versos de cada estrofe com o rufar dos tambores.

Tambores que batem
Bezerros que vão
A pele esticada
São eles que dão.
A voz do açougueiro dá a ordem! De olhos
Fechados, vão firmes, com passo marcado;
E junto com eles vão indo, nas filas,
Aqueles que o sangue já foi derramado.

Vermelhas de sangue
Levantam as mãos
E as mãos que eles mostram
Vazias estão.
A voz do açougueiro dá a ordem! De olhos
Fechados, vão firmes, com passo marcado;
E junto com eles vão indo, nas filas,
Aqueles que o sangue já foi derramado.

A cruz que eles trazem
De sangue cercada
É um triste destino
Sem glória, nem nada.
A voz do açougueiro dá a ordem! De olhos
Fechados, vão firmes, com passo marcado;
E junto com eles vão indo, nas filas,
Aqueles que o sangue já foi derramado.

Os outros prisioneiros cantaram o refrão a partir da segunda estrofe. No fim da música a porta da cela se abre e entra um médico militar.

Médico — É muito bom estarem cantando todos juntos assim! Ficarão mais felizes ainda quando souberem que eu acho que todos estão gozando de ótima saúde e aptos para servir. Todo mundo em pé! Ponham as camisas! Deixem tudo em ordem e estejam todos prontos para sair dentro de dez minutos!

Ele sai. Os presos, aniquilados, vestem as camisas.

Homem Agachado — Mandar a gente para o *front* sem exame médico é contra a lei!

Moribundo — Eu tenho câncer no estômago. Posso provar.

Schweyk *para o Gordo* — Eu acho que eles vão meter a gente em unidades diferentes só para não ficarmos juntos e não poder fazer porcarias. Por isso, então, adeus, senhor Vojta. Muito prazer em conhecê-lo. Até mais ver, n'O Cálice, às seis horas, depois da guerra. *Ele lhe aperta a mão, emocionado. A porta da cela se abre. Schweyk sai, em primeiro lugar, já em passo de ganso.* Hitler! Vamos em frente! Para Moscou!

8

Algumas semanas mais tarde. Ao fundo, as estepes russas, nevadas. Schweyk, agora um valoroso soldado de Hitler, está a caminho da sua unidade, nas proximidades de Stalingrado. Devido ao frio, está enrolado em um monte de roupas e trapos.

Schweyk *canta* —

Marchando para Jarosmersch
Começamos a pensar
"Que bom se a gente chegasse
Bem na hora do jantar!"

Ele é detido por uma patrulha alemã.

Soldado I — Alto! A senha!

Schweyk — Vitória final! O senhor pode me dizer qual é o caminho para Stalingrado? Eu tive o azar de me separar da minha unidade. Já marchei o dia inteiro.

O Primeiro Soldado examina seus documentos militares.

Soldado II *devolvendo-lhe o cantil* — Você de onde é?

Schweyk — De Budweis.

Soldado II — Então é tcheco!

Schweyk *faz que "sim" com a cabeça* — Eu ouvi dizer que as coisas não vão indo bem na linha de frente.

Os dois soldados se entreolham e caem na risada.

Soldado I — E o que foi que você perdeu lá na Tchecoslováquia?

Schweyk — Eu não perdi nada. Vim para dar uma mãozinha e defender a civilização contra o bolchevismo. Como vocês. Senão, tinham de levar uma dúzia de balas pelas fuças. Não é?

Soldado I — Você não seria, por acaso, desertor?

Schweyk — De jeito nenhum! Se eu fosse, vocês me fuzilavam na hora porque eu tinha quebrado o meu juramento e não estava morrendo pelo Führer. Heil Hitler!

Soldado II — Ora, ora! Você é um desse crentes, é? *Tira-lhe o cantil.*

Schweyk — Eu sou tão crente quanto o Tonda Novotny, um sujeito de Wysotschau, que foi se apresentar na paróquia para ser sacristão e nem sabia se a paróquia era católica ou se era protestante. Como ele viu o padre de calças e uma mulher na casa, achou melhor dizer que era protestante. Mas já tinha metido os pés pelas mãos.

Soldado I — E por que é que tinha de ser justamente Stalingrado, hein, seu aliado suspeito?

Schweyk — Porque o quartel do meu regimento é lá e eu tenho de selar a minha papelada toda. Só assim posso provar que me juntei à tropa. Senão os meus documentos ficam sem valor nenhum e eu nunca mais vou poder dar com os costados em Praga. Heil Hitler!

Soldado I — E se nós lhe disséssemos: "O Hitler que vá à merda!" e disséssemos também que queremos desertar, passar para o lado dos russos e levar você com a gente? Dizem que o russo e o tcheco são línguas muito parecidas.

Schweyk — É. Parece bastante com tcheco, sim. Mas eu acho que vocês não devem fazer isso, não. Eu não conheço a região. Só queria que me dissessem por onde é que se vai para Stalingrado.

Soldado I — Não tem confiança na gente? É por isso?

Schweyk *amistosamente* — Prefiro achar que vocês são soldados valorosos. Se fossem desertores iam querer levar alguma coisa para os russos... uma metralhadora ou qualquer coisa parecida... ou então um bom binóculo... alguma coisa que fosse útil para eles. E tinham de deixar bem à vista, aqui no alto da cabeça, senão eles disparavam na hora. Ouvi dizer que é assim que a gente tem de fazer.

Soldado I *rindo* — E você acha que eles entendem isso, mesmo que a gente não fale russo? Já vi tudo. Você é um sujeito cauteloso. Prefere dizer simplesmente: "Eu queria saber onde é que fica o meu túmulo em Stalingrado". Pode ir. É por ali. *Indica-lhe o caminho.*

Soldado II — E se alguém perguntar alguma coisa, diga que nós somos da patrulha militar, que o viramos pelo avesso. Fique firme!

Soldado I *afastando-se* — E obrigado pelo conselho, meu velho.

Schweyk — Foi de bom grado! Muito prazer!
Os dois soldados caminham depressa e se afastam. Schweyk também se afasta na direção indicada. Mas vemos que desvia e faz uma curva. Desaparece na penumbra. Quando reaparece do outro lado, pára um instante junto a uma sinalização que diz: "Stalingrado – 50 quilômetros". Meneia a cabeça e continua a andar. As nuvens que passam no céu estão vermelhas, refletindo um incêndio distante. Sempre andando, Schweyk as contempla, interessado.

Schweyk *canta* —

A gente pensava que o serviço militar
Era só para farrear —
Uma ou duas semanas de soldado
E pronto! assunto liquidado!

Enquanto Schweyk caminha, imperturbável, fumando cachimbo, as nuvens empalidecem novamente. Aparece à mesa que ele ocupava habitualmente quando ia ao Cálice, iluminada por uma luz rosada. Seu amigo Baloun está ajoelhado no chão. A Senhora Kopecka está de pé, bordando. À mesa, diante de um copo de cerveja, está Anna, a criada.

Baloun *em tom de litania* — Assim, de estômago vazio mesmo, já que todas as tentativas feitas em vários sentidos para me arranjarem carne não deram em nada, sem ter feito uma refeição digna, juro, sem mais delongas, pela Virgem Maria e por todos os santos, que eu nunca vou ser voluntário no exército nazista, com a ajuda de Deus Todo-Poderoso. Faço este juramento em memória do meu bom amigo o senhor Schweyk, que neste momento está marchando pelas estepes geladas da Rússia, cumprindo fielmente o seu dever, já que não podia ser de outro jeito. Era um homem corajoso!

Kopecka — Muito bem. Agora pode se levantar.

Anna *bebe um gole de cerveja, levanta-se e abraça Baloun* — A gente pode casar assim que os papéis cheguem de Protowin. *Para Kopecka, depois de ter beijado Baloun* – Que pena que não vai acabar bem para a senhora!
Prochazka aparece na porta com um embrulho embaixo do braço.

Kopecka — Seu Prochazka, eu não proibi o senhor de pôr os pés aqui? Está tudo acabado entre nós, já que o seu grande amor não deu para conseguir um quilo de carne!

Prochazka — E seu eu tivesse trazido? *Mostra o embrulho.* Olhe aqui: um quilo de carne!

Kopecka — Mas como? Trouxe mesmo? Mesmo sabendo que pode ser punido severamente?

Anna — Agora não precisa mais. O seu Baloun já fez o juramento sem carne, nem nada.

Kopecka — Mas a gente tem que admitir que, da parte do senhor Prochazka, é uma prova de amor sincero. Rudolf! *Ela o abraça apaixonadamente.*

Anna — Ah! o senhor Schweyk é que ia ficar contente se soubesse disso! Ele era tão bom! *Ela olha com carinho o chapéu-coco de Schweyk, que continua pendurado sobre a mesa que costumava usar.* Guarde esse chapéu com cuidadinho, senhora Kopecka. Estou certa de que seu Schweyk vai procurar por ele depois da guerra.

Baloun *cheirando o embrulho* — A gente precisa arranjar umas lentilhas. *O Cálice desaparece de novo. Do fundo da cena surge um homem bêbedo, cambaleante, enrolado em duas grossas peles de carneiro, com um capacete na cabeça. Schweyk dá de cara com ele.*

Bêbedo — Alto! Quem é você? Já vi que é um dos nossos, não um desses gorilas. Deus seja louvado! Eu sou o capelão militar Ignácio Bullinger, de Metz. Você não tem um golinho de kirsch, por acaso?

Schweyk — Tenho a honra de lhe declarar que não.

Capelão — Que coisa estranha! Não é para me embebedar que eu quero beber um golezinho, como você pode estar pensando. Confesse que foi isso que você pensou do seu capelão! Não é para mim: é para o meu carro, onde está o altar portátil. O carro enguiçou com a falta de gasolina. Em Rostov eles fazem economia até à custa de Nosso Senhor! Mas eles vão pagar caro! Quando comparecerem diante do trono do Senhor, ele vai perguntar, com uma voz trovejante: "Vocês motorizaram o meu trono. Muito bem... E a gasosa?".

Schweyk — Eu não sei de nada, seu Capelão. Pode me dizer por onde é que se vai para Stalingrado?

Capelão — Só Deus sabe. Você conhece aquela estória daquele bispo que dizia para o capitão de um navio no meio de uma tempestade: "Será que a gente sai dessa?". E o capitão respondeu: "Agora nós estamos nas mãos de Deus, Eminência". E o bispo respondeu só isto: "Então nós chegamos a esse extremo?" e começou a chorar. *Senta-se na neve.*

Schweyk — O capitão Bullinger é seu irmão?

Capelão — Para vergonha da família. Você conhece meu irmão? Não tem mesmo nem um pouquinho de kirsch... nem de vodca?

Schweyk — Não. O senhor vai morrer de frio se ficar assim sentado na neve.

Capelão — Para mim tanto se me dá. Mas eles economizam gasolina; e eu só quero ver se vão conseguir sair dessa sem a ajuda de Deus e de sua palavra divina. Na terra, no céu, no mar e alhures! Eu tive tantos conflitos de consciência antes de entrar naquela malfadada Liga dos Cristãos Nazistas. Por causa deles eu tive de deixar de considerar Nosso Senhor Jesus Cristo um judeu. Nos meus sermões eu dizia que ele era um cristão de quatro costados, com olhos azuis. Às vezes eu metia Wotan no meio e dizia que o mundo tinha de virar alemão mesmo que isso custasse rios de sangue! E eu fiz isso porque sou um canalha, um canalha renegado que traiu a sua fé só para garantir o ordenado... E apesar de tudo isso, eles não me dão gasolina suficiente! E veja onde é que eu vim parar!

Schweyk — Nas estepes da Rússia, seu Capelão! O melhor que tem a fazer é voltar comigo para Stalingrado e curar a ressaca. *Ele o levanta e o arrasta penosamente alguns metros.* Ou o senhor anda sozinho ou eu o largo aqui mesmo. Eu preciso me juntar ao meu batalhão para ajudar Hitler.

Capelão — Eu não posso deixar o altar abandonado aqui! Ia cair nas mãos dos bolchevistas, e eu? O que é que eu ia fazer depois? Eles são pagãos! Eu passei por uma cabana ainda há pouco; tinha fumaça saindo da chaminé. Acho que lá deve ter um pouco de vodca. Você dá uma coronhada com o fuzil na cabeça deles e pronto, assunto liquidado. Você é cristão alemão, não é?

Schweyk — Não, sou um cristão comum. Cuidado! Não vomite na roupa que vai virar tudo gelo!

Capelão — Ai, eu estou sentindo um frio dos infernos. Mas eu vou mostrar para todos eles como consigo me esquentar em Stalingrado!

Schweyk — Mas antes de se esquentar é preciso chegar!

Capelão — Tanto se me dá. *Calmamente, quase sóbrio* — Sabe de uma coisa — a verdade é que eu nem sei o seu nome —, sabe que eles riem na minha cara, na cara do ministro de Deus, quando eu os ameaço com o inferno? A única explicação que eu encontro é que eles devem pensar que já estão no inferno. A religião está arrasada. A culpa é de Hitler. Mas não diga a ninguém que eu disse.

Schweyk — O Hitler é um titica. E eu só estou dizendo isso porque você está bêbedo. A culpa é dos que deram a Tchecoslováquia de presente para ele com a desculpa de uma "paz para toda a vida". Mas a guerra já se esticou tanto que para muita gente já virou uma guerra para toda a vida. Está vendo como a gente pode se enganar?

Capelão — Quer dizer que você é contra a guerra para acabar com o bolchevismo ateu? Sabe o que eu vou fazer quando chegarmos a Stalingrado? Te mando fuzilar!

Schweyk — Se não engrenar uma primeira e apressar o passo, o senhor não vai chegar a Stalingrado nenhuma. Eu não sou contra a guerra, e se estou indo para Stalingrado não é por brincadeira, e sim porque, como já dizia o cozinheiro Naczek durante a guerra de quatorze, "quando a gente sente cheiro de pólvora, é porque a bóia não está longe".

Capelão — Deixa de invencionice. Lá dentro você está dizendo para você mesmo: "Eu estou me cagando para a guerra". Está escrito

na sua cara. *Ele o agarra* — Por que você é a favor da guerra? O que é que você lucra com ela? Confessa que você está se cagando para a guerra?

Schweyk *brutalmente* — Eu estou indo para Stalingrado, e você também, porque recebemos ordem, e porque, se a gente ficar aqui, a gente morre de fome. Não é lugar para ficar andando sozinho, eu já disse.

Eles continuam andando.

Capelão — A guerra é tão deprimente quando a gente tem que andar a pé. *Ele pára.* Olhe lá a cabana. Vamos. Você destravou o fuzil?

Aparece uma cabana. Eles caminham em sua direção.

Schweyk — E não faça escândalo, por favor. Eles também são seres humanos. E o senhor já está bastante mamado como está.

Capelão — Prepare o fuzil. Não discuta! São pagãos. *Saem da cabana uma velha camponesa e uma moça carregando uma criança.* Olha, elas querem fugir. Não deixe. Pergunte onde foi que elas enterraram a vodca. Olhe só o xale dela. Vou pegar para me cobrir. Estou com um frio dos diabos.

Schweyk — Está com frio porque está bêbedo. E já tem duas peles de carneiro nas costas. *Para a moça que ficou imóvel* — . Bom dia. Qual é o caminho para Stalingrado, por favor.

A moça indica uma direção, mas parece estar inteiramente fora dali.

Capelão — Ela confessou que tem vodca escondida?

Schweyk — Vá sentar ali. Eu vou conversar com elas. Depois nós vamos. Não quero saber de escândalos. *Dirige-se à mulher amigavelmente* — Por que é que vocês estão assim paradas na porta de casa? Estavam de partida? *A moça concorda com a cabeça* — . Esse seu xale é muito fininho. Não tem outra coisa para pôr? Isso é o mesmo que nada.

Capelão *sentado no chão* — Use a coronha. São todos uns macacos. Uns pagãos.

Schweyk *violentamente* — Cale a boca! *Para a mulher* — Tem vodca? Aquele senhor está doente.
Schewyk acompanhou todas as perguntas com gestos expressivos. A mulher sacode a cabeça.

Capelão *furioso* — Está sacudindo a cabeça, é? Você vai ver só uma coisa! Eu morrendo de frio e você sacode a cabeça! *Ele se levanta com dificuldade e vai cambaleando na direção da mulher com o punho fechado erguido; a mulher recua, entra na cabana e fecha a porta. O Capelão abre a porta a pontapés e entra, dizendo* — Eu vou lhe dar uma surra!

Schweyk *que tentou em vão detê-lo.* — Não entre! A casa não é sua! *Ele também entra, seguido pela velha. Ouve-se a moça gritar e ruído de luta.* Me dê essa faca! Vai ficar quieto agora? Eu lhe quebro os braços, seu sujo. Para fora, para fora! *Vemos a moça sair com a criança. Ela está usando o sobretudo do Capelão. A velha também sai. Por fim, Schweyk* — Ele pode ficar aí curando a bebedeira. E vocês dêem o fora o quanto antes.

Velha Camponesa *inclina-se até o chão diante de Schweyk, como se fazia na Rússia antiga* — Deus lhe pague, soldado. Você é um homem bom. Se eu ainda tivesse pão, lhe dava um pedaço. Pode ser que você precisasse. Para onde é que está indo?

Schweyk — Para Stalingrado, vovozinha, para entrar na luta. Pode me dizer como é que eu chego lá?

Velha Camponesa — Você é eslavo. Fala como a gente. Não veio para matar. Não está com os homens do Hitler. Deus o abençoe. *Ela o benze com gestos amplos.*

Schweyk *sem se perturbar* — Não se preocupe, vovozinha. Eu sou eslavo. Não gaste a sua bênção comigo. Eu venho de uma terra onde o povo ajuda a Alemanha.

Velha Camponesa — Deus o proteja, meu filho. Você tem o coração puro. Veio ajudar a gente. Veio para ajudar a derrotar os hitleristas.

Schweyk *com firmeza* — Não leve a mal, mas eu tenho de seguir o meu caminho. A escolha não foi minha. E eu acho, vovozinha, que a senhora é um pouco surda.

Velha Camponesa *apesar de a filha continuar a puxá-la pela manga* — Você vai nos ajudar a acabar com os bandidos! Vá depressa, soldado! Deus o proteja.
A moça arrasta a velha e ela se afasta. Schweyk recomeça a caminhar sacudindo a cabeça. A noite caiu. O céu está cheio de estrelas. De novo Schweik pára ao lado de uma sinalização, que ele ilumina com sua lanterna de mão. Lê, espantado: "Stalingrado, 50 quilômetros". Depois continua a andar. Repentinamente, um tiroteio? Schweyk pega o fuzil com as duas mãos e o levanta bem alto sobre a cabeça para se render. Mas ninguém aparece e o tiroteio pára. Schweyk começa a andar mais depressa. Quando ele reaparece ao longo dessa ronda sem fim, está sem fôlego e se senta num monte de neve, cantando.

Schweyk *canta* —
A coisa foi de amargar
Quando em Kwono nós chegamos
Por um copinho de pinga
Sem nossas botas ficamos.
O cachimbo lhe cai da boca. Ele adormece e sonha. Numa luminosidade dourada aparece a mesa de Schweyk n'O Cálice. Ao redor da mesa, sentados, estão a senhora Kopecka, de vestido de noiva, Prochazka, todo endomingado, Kati, Anna e Baloun. Diante deste um prato cheio de comida.

Kopecka — E para a ceia das núpcias, o senhor vai comer a sua carne defumada, seu Baloun. Prestou o juramento sem isso, o que muito o honra. Mas para continuar a manter o que jurou, um pedacinho de carne, de quando em quando, até que não vai mal, não é?

Baloun *comendo* — Que é que a senhora quer? Eu adoro comer! Que Deus abençoe esta comida. Esse bendito Nosso Senhor que criou todas as coisas, do Sol até o pimentão. *Mostrando o prato* — É possível que isto aqui seja pecado? Os pombos estão no mundo para voar em busca de comida e as galinhas dão bicadas na terra. O dono da taberna Husse sabia dezessete receitas diferentes de galinha ensopada: cinco com açúcar, seis com sal e quatro com recheio. "O vinho e o pão nos vêm da terra, mas eu não posso aceitar", como dizia o pastor de Budweis, que estava de regime. Ele era diabético. Em 1932, em Pilsen, eu comi uma lebre na Cervejaria do Castelo. O cozinheiro já morreu; ninguém mais vai comer lá. Nunca mais comi uma lebre tão gostosa como aquela. Com molho e umas bolinhas de carne. Em si, isto não tem nada de extraordinário. Mas tinha qualquer coisa no molho. Parece que a carne tinha ficado louca, a ponto de não se reconhecer mais, como se tivesse ficado inspirada. Era muito gostoso. Nunca mais comi nada igual. O cozinheiro levou a receita para o túmulo. Foi uma grande perda para a humanidade.

ANNA — Não se queixe. Imagine se o seu Schweyk o ouvisse agora, ele que, com certeza, nem tem batata cozida na água para comer.

BALOUN — É verdade. Aqui, a gente pode dar um jeito. Lá em Pudonitz, quando a minha irmã casou, foi um festão. Tinha umas trinta pessoas na taberna da vila, homens, mulheres e velhos. Ninguém se deu por vencido. Tinha sopa, vitela, salsicha, galinha, dois veados e dois porcos inteirinhos, enormes, da cabeça ao rabo; almôndegas, chucrute às toneladas, com cerveja para começar, e depois aguardente. Eu só me lembro que o meu prato nunca ficava vazio. E depois de cada garfada uma caneca de cerveja ou um copo reforçado de aguardente por cima. Na hora em que eles trouxeram as salsichas teve um silêncio de respeito como na igreja. Todos eram gente boa enquanto estavam lá sentados, comendo até estourar. Eu punha a minha mão no fogo por qualquer um. E tinha gente de toda espécie. Tinha um juiz, do tribunal de Pilsen, por exemplo, que na vida particular era uma fera com os ladrões e com os operários. Mas quando a gente come não fica pensando em fazer mal aos outros.

KOPECKA — E agora, em honra de seu Baloun, eu vou cantar a "Canção do Cálice". *Ela canta* —

Senta com a gente na mesa
Venha, freguês, venha se sentar.
Tem carne, tem peixe frito
Tem sopa para você tomar.
Tem de comer a fartar.

Ter casa para morar
O homem precisa de abrigo.
Seja bem-vindo, amigo!
Só custa trinta centavos.

Não precisa referência
Honra demais não é nada.
Basta ter nariz na cara
Para ser nosso camarada.

Só precisa gentileza
E bom humor nesta mesa.
Bebe um chope bem servido
E será bem recebido!
Só custa trinta centavos.

Quando o gelo derreter
— e esse dia vai chegar —
A terra será uma Casa
E os homens terão um Lar.

O Homem será mais Homem
Nenhum vai ser afastado.
Viveremos ao abrigo
Pois morremos congelados
Com nossos trinta centavos.

BALOUN — O meu avô, que era contador do Departamento de Águas e Esgotos, estava um dia na clínica de São Pancrácio, quando o médico disse que precisava fazer regime porque senão ficava cego. Ele disse: "Eu já vi tudo o que eu tinha que ver; mas ainda não comi tudo o que queria comer". *Ele pára de comer subitamente* — Meu Deus! O Schweyk é capaz de morrer de frio no meio de toda aquela neve que tem lá.

Anna — O que ele não pode fazer é dormir. É justamente quando a gente está se sentindo bem quentinho que está mais perto de morrer de frio. Pelo menos é o que me disseram.

O Cálice desaparece. Faz dia claro novamente. Começa uma tempestade de neve. Schweyk, coberto de flocos, começa a se mexer. Ouve-se o ruído de um tanque.

Schweyk *aprumando-se* — Quase caí dormindo! Agora, vamos em frente! Para Stalingrado!

Ele se levanta com dificuldade e começa a andar. Surge da neve um grande carro blindado cheio de soldados alemães, cujas caras estão brancas e azuladas sob os capacetes. Estão enrolados em todos os tipos de panos, peles e até mesmo roupas de mulher.

Soldados *cantam o "Miserere do alemão"* —

Um belo dia nosso chefe nos comunicou
Que era preciso Danzig e Varsóvia conquistar.
Atiramo-nos com tanques e aviões por cima delas
E as conquistamos em três dias.
Deus tenha piedade de nós.

Um belo dia nosso chefe nos comunicou
Que era preciso a França e a Noruega conquistar.
Atiramo-nos então por sobre as duas
E as conquistamos em cinco semanas.
Deus tenha piedade de nós.

Um belo dia nosso chefe nos comunicou
Que era preciso a Sérvia, a Grécia e a Rússia conquistar.
E fomos nós para a Sérvia, para a Grécia e até para a Rússia
E faz dois anos que estamos lutando pela vida.
Deus tenha piedade de nós.

Um belo dia nosso chefe nos comunicou
Que era preciso o fundo dos mares e o teto do mundo conquistar.

Mas não é fácil com essa tal de Rússia.
O inimigo é duro, o inverno gelado, e a viagem de volta
Ninguém sabe qual é.
Deus tenha piedade de nós
E nos leve de volta para casa.

O carro volta a desaparecer na tempestade de neve. Schweyk continua a caminhar. Aparece um indicador assinalando uma direção transversal. Schweyk não lhe dá atenção. Mas de repente pára e escuta. Depois se agacha, assovia baixinho e estala os dedos. De um arbusto coberto de neve sai um cachorro nas últimas, quase morto de fome.

Schweyk — Eu sabia que você estava escondido aí sem saber se saía ou não, não é? Você é mistura de *fox-terrier* com pastor, com um pouquinho de buldogue pelo meio. Vou te chamar de Ajax. Pare de se arrastar desse jeito e não trema tanto que isso me faz mal. *Ele continua a andar e o cachorro vai atrás.* Nós vamos para Stalingrado. Lá você vai encontrar outros cachorros. Lá sim, é que é animado. Se você quiser salvar a pele em tempo de guerra, procure passar despercebido. É preciso agir como todo mundo e não se exibir muito. Vá de mansinho, até a hora de poder dar a sua mordida. A guerra não é eterna. A paz tampouco. Depois, eu o levo para conhecer O Cálice. Mas é preciso ficar de olho no Baloun, Ajax, porque senão ele te papa. Vai ter de novo gente que vai querer ter cachorro; e a gente vai recomeçar a falsificar os *pedigrees*. O que é que você quer? As pessoas só querem raça pura! É besteira mas é verdade. Não se meta assim no meio das minhas pernas, senão eu o pego! Vamos em frente! Para Stalingrado!

A tempestade de neve se adensa e os envolve completamente.

EPÍLOGO

Schweyk, o bravo soldado de Hitler, marcha infatigavelmente rumo a Stalingrado, mas continua sempre afastado dela. Ouve-se de repente na tempestade uma música selvagem e aparece um personagem muito maior do que o natural. É aqui que se dá o encontro histórico entre Schweyk e Hitler.

Hitler — Alto! Amigo ou inimigo?

Schweyk *fazendo a saudação mecânica* — Heitler!

Hitler *através da tempestade* — O quê? Não entendi direito.

Schweyk *mais forte* — Eu disse: Heitler! Entendeu agora?

Hitler — Entendi!

Schweyk — A gente não ouve bem por causa do vento.

Hitler — De fato. Acho que é uma tempestade. Não está me reconhecendo?

Schweyk — Sinto muito, mas acho que não estou, não.

Hitler — Eu sou o Führer!
Espantado, Schweyk, que tinha ficado com o braço levantado, deixa cair o fuzil e levanta o outro braço, como se se rendesse.

Schweyk — Jesus Maria José!

Hitler — Descansar. Quem é você?

Schweyk — Eu sou Schweyk, de Budweis, onde o Moldau faz uma voltinha. Eu vim correndo para ajudar o senhor em Stalingrado. Mas eu queria fazer uma pergunta: Stalingrado, onde é que fica?

Hitler —
Como é que eu vou saber onde é que fica
Se os transportes russos não funcionam?
A estrada de Rostov até Stalingrado, no mapa
Parece tão curtinha, menor do que o meu dedo.
Agora eu estou achando que fica bem mais longe.
E esse inverno ainda por cima vem mais cedo,
A três de novembro em vez de cinco. Erramos novamente.
É uma esperteza típica dos russos, este inverno.

Se bem que eu não saiba mais qual é a frente e qual a retaguarda,
Parto do princípio: os melhores sempre vencem.

Schweyk — Pois foi exatamente isso o que aconteceu.
Como está com muito frio, Schweyk começa a bater com os pés no chão. Depois se abraça e bate com as mãos no braço.

Hitler —
Schweyk, se por acaso o Reich fracassar
A Natureza será a única culpada.

Schweyk — É. A natureza e o bolchevismo também.

Hitler *que começa uma longa explicação* –
A História nos força a escolher: Oriente ou Ocidente.
Quando Arminhius, grande herói germânico...

Schweyk — Não é melhor o senhor contar isso andando? Se a gente ficar parado aqui vai morrer de frio.

Hitler — Muito bem. Vamos.

Schweyk — Para onde?

Hitler — Vamos tentar o norte.
Eles dão alguns passos nessa direção.

Schweyk *pára e cheira* — Deve ter um bocado de mortos por aí.

Hitler — Então vamos para o leste.
Dão alguns passos nessa direção.

Schweyk *pára e cheira* — Os vermelhos estão lá.

Hitler — É verdade.

Schweyk — Não seria melhor a gente voltar para casa?

Hitler — É impossível. Os alemães estão à minha espera.

Hitler se atira sucessivamente em todas as direções. A cada vez Schweyk o faz voltar com um assovio.

HITLER — Para o sul! Para o norte! Para o oeste! Para o leste!

SCHWEYK — Se partir morre, se ficar morre também.
Os movimentos de Hitler em todas as direções se tornam mais rápidos.

SCHWEYK *começa a cantar —*

Valsa de Schweyk para Hitler
Não pode ir para trás, nem pode ir para a frente
Não pode ir nadando, nem pode ir voando,
No oeste faz frio, no leste está quente.
E eu digo, meu Führer,
Com toda a franqueza
Não sei se o enfrento
Assim, na dianteira
Ou mando uma bala
E lhe firo a traseira.
Os esforços desesperados de Hitler para se libertar se transformaram numa dança frenética.

Todos os atores entram em cena, tiram as máscaras e se encaminham para a ribalta cantando a "Canção do Moldau".
No fundo do Moldau caminham pedras.
E há três reis sepultados em Praga.
Nada no mundo cessa de mudar.
Não há noite longa que o dia não traga.

Mudam os tempos. Os planos enormes
Dos mais poderosos têm de parar.
Podem cantar como galos sangrentos!
Mudam os tempos. Não vai adiantar.

No fundo do Moldau caminham pedras.
E há três reis sepultados em Praga.
Nada no mundo cessa de mudar.
Não há noite longa que o dia não traga.

O círculo de giz caucasiano

Der kaukasische Kreidekreis
Escrita em 1943-1945

Tradução: Geir Campos

PERSONAGENS

Representantes do colcós "Galinsk":
VELHO CAMPONÊS,
CAMPONESA, JOVEM CAMPONESA,
TRABALHADOR MUITO JOVEM

Representantes do colcós "Rosa Luxemburgo":
VELHO CAMPONÊS, CAMPONESA,
MOÇA TRATORISTA, AGRÔNOMA

DELEGADO DA CAPITAL
CANTOR ARKADI TSCHEIDZÊ
GOVERNADOR GEÓRGI ABASCHVÍLI
MULHER DO GOVERNADOR
MIGUEL, FILHO DO GOVERNADOR
MÉDICO 1, DE MIGUEL
MÉDICO 2, DE MIGUEL
AJUDANTE SHALVA
PRÍNCIPE GORDO
MENSAGEIRO
SIMON CHACHAVA, SOLDADO
GRUSCHE VACHNADZE, CRIADA
ARQUITETO 1
ARQUITETO 2
JOVEM AIA
VELHA AIA
TERCEIRA AIA
AMA-SECA
COZINHEIRA
CRIADA GORDA

Moço de Estrebaria
Velha Dama
Jovem Dama
Estalajadeiro 1
Criado do Caravançará 1
Sargento
Homem 1, mercador
Homem 2, mercador
Mulher, mercadora
Laurenti Vachnadze, irmão de Grusche
Aniko, mulher de Laurenti
Sogra de Grusche
Yussuf, casado com Grusche
Menino Alto
Menino Gordo
Menina
Azdak, marginal, depois juiz
Fugitivo
Schauwa, policial
Sobrinho do Príncipe Gordo
Inválido
Capenga
Médico Acusado
Chantagista
Estalajadeiro 2
Criado do Caravançará 2
Ludowika, nora do estalajadeiro 2
Fazendeiro 1
Fazendeiro 2
Fazendeiro 3
Irakli, o bandido
Advogado 1
Advogado 2
Arauto
Velho Divorcista
Velha Divorcista

e mais: Soldados e Cavalarianos, Mendigos e Solicitantes, Músicos e Aldeões, Camponeses e Camponesas

---

1

O VALE EM QUESTÃO

Entre as ruínas de uma aldeia caucasiana bombardeada, estão sentados em círculo, tomando vinho e fumando, representantes de dois colcoses, na maioria velhos e mulheres, e também alguns soldados. No meio deles, um Delegado da Comissão Estatal de Reconstrução, da Capital.

Camponês à Esquerda *apontando* — Naquelas colinas lá, nós paramos três tanques nazistas, mas a plantação de maçãs já estava arrasada.

Velho Camponês à Direita — E a nossa linda granja: um montão de cinzas!

Moça Tratorista à Esquerda — Eu tinha de botar fogo na granja, camarada.

Pausa

Delegado — Agora vamos ao meu relatório: "Compareceram a Nukha os representantes do colcós 'Galinsk', especializado na criação de cabras, que, por determinação das autoridades, ante o avanço dos exércitos de Hitler, foi deslocado para leste com seus rebanhos, e que pretende agora voltar a instalar-se neste mesmo vale. Seus representantes inspecionaram a aldeia, e os pastos, e comprovaram um alto grau de destruição. *Os representantes à direita fazem sinais afirmativos com a cabeça.* O colcós 'Rosa Luxemburgo', vizinho, especializado no produção de frutas — *dirige-se aos da esquerda* —, propõe que as antigas terras de pastoreio do colcós 'Galinsk', um vale onde o capim é ralo, sejam dedicadas, na reconstrução, à plantação de vinhedos e árvores frutíferas". Eu, como Delegado da Comissão Estatal de Reconstrução, peço aos representantes desses dois colcoses para decidirem, de comum acordo, se o colcós "Galinsk" deve ou não voltar para este lugar...

Velho à Direita — Em primeiro lugar, mais uma vez eu quero protestar contra a limitação do tempo de discussão. Nós, do colcós "Galinsk", viajamos três dias e três noites para chegarmos até aqui e agora o tempo dos debates é apenas a metade de um dia útil...

Soldado Ferido à Esquerda — Camarada, nós já não temos mais tantas aldeias, nem tantos braços para o trabalho, nem tanto tempo disponível...

Moça Tratorista — Todos os divertimentos devem ser racionados: o fumo está racionado, o vinho está racionado, e o bate-papo também.

Velho à Direita *suspirando* — Morte aos fascistas! Então eu vou diretamente ao assunto, e explico a vocês a razão de nós querermos de volta o nosso vale. Há uma porção enorme de razões, mas eu vou começar pela mais simples. Makinéia Abakidze, desembrulhe o queijo!

Uma camponesa à direita retira de uma grande cesta um volumoso queijo embrulhado numa toalha. Aplausos e risos.

Velho à Direita — Sirvam-se, camaradas: não façam cerimônia!

Velho à Esquerda *desconfiado* — Está pensando em subornar a gente?

Velho à Direita *entre risadas* — Quem é aqui que está pensando em suborno, Surab, ladrão de vales? A gente sabe que você vai acabar ficando com o queijo e com o vale também. *Gargalhadas.* Tudo o que eu quero de você é uma resposta sincera: gostou desse queijo?

Velho à Esquerda — A resposta é : gostei!

Velho à Direita — Ora! *Amargo* — Eu bem podia ter imaginado que de queijo você não entende nada.

Velho à Esquerda — Como não? Se estou dizendo, é porque o sabor dele me agrada!

Velho à Direita — Você não pode gostar desse queijo: não é como o queijo dos velhos tempos! E por que não é bom como era antes?

Porque nossas cabras não gostam do capim que têm agora, como gostavam do que tinham antes. Quando o pasto não é pasto, o queijo não é queijo. Peço que façam constar isto em ata!

Velho à Esquerda — Mas esse queijo de vocês é excelente!

Velho à Direita — Não é excelente: é apenas medíocre. Os novos pastos não valem nada, digam os jovens o que disserem. O que eu digo é que lá não se pode viver. Nem a manhã de lá tem cheiro de manhã!

Alguns riem.

Delegado — Não leve a mal as risadas deles: isso é uma coisa que não podem compreender! Camaradas, por que é que a gente ama a terra onde nasceu? É justamente por isso: porque o pão tem mais sabor, o céu é mais azul, o ar é mais perfumado, as vozes são mais alegres, o chão é mais macio de pisar. É ou não é?

Velho à Direita — Este vale sempre nos pertenceu!

Soldado — "Sempre", como? Não há nada que tenha pertencido "sempre" a ninguém. Quando era jovem, nem você mesmo se pertencia: era pertence do Príncipe Kazbéki.

Velho à Direita — De acordo com a lei, o vale é nosso!

Moça Tratorista — Em cada caso as leis precisam ser revistas, para se ver se ainda podem vigorar.

Velho à Direita — Naturalmente. Não é importante a espécie de árvore que existe perto da casa onde a gente nasceu? E a espécie de vizinhos que a gente tem, não é importante? Nós queremos voltar, para que perto do nosso colcós estejam vocês, seus ladrões de vale! Agora podem rir outra vez.

Velho à Esquerda *rindo* — Então por que não escuta com calma o que a sua "vizinha" Kato Wachtang, nossa agrônoma, tem a dizer sobre o vale?

CAMPONESA À DIREITA — Nós ainda não acabamos de falar tudo o que temos a dizer sobre o nosso vale: nem todas as casas foram arrasadas, e da granja pelo menos os alicerces estão lá firmes.

DELEGADO — Têm direito a uma ajuda do Estado, aqui e ali: vocês sabem.

CAMPONESA À DIREITA — Camarada Delegado, aqui não há nada a negociar. Eu não posso tirar o seu gorro e lhe dar outro, dizendo "este é melhor": o outro pode ser muito melhor, mas é do seu que você gosta mais.

MOÇA TRATORISTA — Em nosso país, camarada, um pedaço de terra não é um gorro...

DELEGADO — Não vão brigar! É verdade que um pedaço de terra deve ser visto, por nós, mais como um instrumento de trabalho, com o que se produz algo de útil; mas também é verdade que deve ser reconhecido o amor que se tem por um determinado pedaço de terra. Antes de levarmos adiante a discussão, eu gostaria que os camaradas do colcós "Galinsk" deixassem bem claro o que pretendem começar a fazer com esse vale tão disputado.

VELHO À DIREITA — De acordo!

VELHO À ESQUERDA — Muito bem: deixem Kato falar!

DELEGADO — Camarada Agrônoma!

AGRÔNOMA À ESQUERDA *levanta-se, envergando uma farda militar* — Camaradas: no inverno passado, quando fazíamos luta de guerrilha nas colinas, sempre falávamos no que poderia ser feito para aumentar umas dez vezes nossa produção de frutas, assim que os alemães fossem expulsos. Eu colaborei no projeto de um sistema de irrigação: por meio de uma represa em nosso lago de montanha, poderão ser irrigados trezentos hectares de terra, ainda improdutivas. Nosso colcós poderá então dedicar-se não só a frutas como também a vinhedos. Mas esse projeto só pode ser posto em prática se dispusermos também do discutido vale do colcós "Galinsk". Os cálculos estão aqui. *Estende ao Delegado uma planta topográfica.*

VELHO À DIREITA — Escreva aí no relatório que o nosso colcós pretende começar também uma criação de cavalos!

MOÇA TRATORISTA — Camaradas, este projeto foi calculado naqueles dias e noites em que nós tínhamos de acampar nas montanhas e muitas vezes nem havia mais balas para os nossos fuzis. Até um lápis era difícil de achar!

Aplausos de ambos os lados.

VELHO À DIREITA — Nossas congratulações aos camaradas do colcós "Rosa Luxemburgo" e a todos os que lutaram em defesa da pátria!

Apertam-se as mãos e se abraçam.

CAMPONESA À ESQUERDA — Nós então pensávamos que nossos soldados, os nossos homens e os de vocês, quando voltassem, deveriam encontrar uma pátria ainda mais cheia de frutos.

MOÇA TRATORISTA — Como disse o poeta Maiakóvski: "A pátria do povo soviético deve ser também a pátria da razão"!

Os camponeses à direita, menos o Velho, põem-se de pé e estudam com o Delegado os esboços da Agrônoma. Exclamações como: "Por que a queda d'água é de vinte e dois metros?" — "Aqui a rocha tem de ser arrebentada!" — "Enfim, só é preciso cimento e dinamite." — "Fazer a água chegar cá embaixo: muita esperteza!"

TRABALHADOR MUITO JOVEM À DIREITA *ao Velho à Direita* — Aleko, eles vão irrigar todos os campos que ficam entre as colinas, olhe!

VELHO À DIREITA — Não olho nada! Eu sabia que o projeto ia ser bom. Não deixo que me encostem a faca no peito.

DELEGADO — Mas o que estão encostando no seu peito é apenas um lápis!

Gargalhadas.

VELHO À DIREITA *levanta-se compenetrado e vai olhar os desenhos* —

Infelizmente esses ladrões de vale sabem muito bem que nós, aqui da terra, não resistimos a máquinas e projetos...

CAMPONESA À DIREITA — Mas você mesmo é o pior de todos, Aleko Berecvíli, quando se trata de novos projetos: isso é mais que sabido!

DELEGADO — E então como é que fica o meu relatório? Posso escrever que vocês vão apoiar, no colcós, a cessão do seu antigo vale para a implantação deste projeto?

CAMPONESA À DIREITA — Eu apóio. E você, Aleko?

VELHO À DIREITA *debruçado sobre os desenhos* — Eu solicito que nos sejam dadas cópias dos planos, para levarmos conosco.

CAMPONESA À DIREITA — Então agora podemos nos sentar para comer. Desde que ele tenha os desenhos e possa discutir, o assunto está resolvido: sei como ele é. E os outros, dos nossos, são iguaizinhos.

Os camponeses, sorrindo, abraçam-se de novo.

VELHO À ESQUERDA — Viva o colcós "Galinsk", e boa sorte para a sua nova criação de cavalos!

CAMPONESA À ESQUERDA — Camaradas: em homenagem aos representantes do colcós "Galinsk" e ao Delegado, foi programado um espetáculo de teatro, que tem muita relação com a nossa disputa, e nele toma parte o cantor Arkadi Tscheidzê.

Aplausos.

A Moça Tratorista corre a buscar o Cantor.

CAMPONESA À DIREITA — Camaradas, o espetáculo de vocês tem de ser muito bom: nós estamos pagando por ele um vale inteiro!

CAMPONESA À ESQUERDA — Arkadi Tscheidzê sabe de cor vinte e um mil versos!

VELHO À ESQUERDA — Ensaiamos a peça sob a direção dele. Por sinal, é muito difícil poder contar com ele. Vocês, da Comissão de Planejamento, bem que poderiam providenciar para nós podermos ter o Arkadi com mais freqüência aqui pelo norte, hem, camaradas?

DELEGADO — Estamos mais voltados para a economia, propriamente.

VELHO À ESQUERDA *rindo* — Se vocês podem coordenar a redistribuição de tratores e vinhedos, por que não também a de canções?

Conduzido pela Moça Tratorista, entra na roda o Cantor, Arkadi Tscheidzê, homem robusto e de aparência simples: com ele vêm quatro músicos, trazendo seus instrumentos. Os artistas são recebidos com calorosas palmas.

MOÇA TRATORISTA — Arkadi, este é o camarada Delegado!

O Cantor saúda os presentes.

CAMPONESA À DIREITA — Sinto-me muito honrada em conhecê-lo: desde os meus tempos de escola eu já ouvia falar no seu canto.

CANTOR — Desta vez é uma peça com canções, e nela toma parte o colcós quase inteiro. Trouxemos também máscaras, como antigamente.

VELHO À DIREITA — Será uma daquelas velhas lendas?

CANTOR — É uma bem velha, intitulada "O círculo de giz", e é de origem chinesa. Mas nós vamos apresentar uma adaptação livre. — Iúri, mostre as máscaras! — Camaradas, é uma honra para nós podermos dar a vocês algum divertimento, depois de uma discussão tão difícil. Esperamos que sintam a voz do velho poeta ecoando também à sombra dos tratores soviéticos. Talvez não seja muito certo misturar vinhos diferentes, mas a sabedoria antiga e a nova combinam perfeitamente. E agora espero também que a gente possa comer alguma coisa, antes de começar o espetáculo: isso ajuda muito.

VOZES — Muito bem! — Vamos todos para o salão!

Todos saem alegremente para comer. Enquanto caminham, o Delegado dirige-se ao Cantor.

Delegado — Quanto tempo essa história vai durar, Arkadi? Eu preciso voltar para Tiflis ainda esta noite!

Cantor *sem se afobar* — São só dois episódios: duas horas.

Delegado *muito confidencialmente* — Você não podia dar um jeito de encurtar um pouquinho?

Cantor — Não mesmo.
Saem todos.

2

O MENINO DE ALTO BERÇO

Sentado no chão, na frente dos músicos, tendo nos ombros uma capa de pele de carneiro preta, o Cantor folheia um libreto usado, com pedaços de papel marcando páginas.

Cantor —

Há muito tempo, num tempo de muito sangue,
numa cidade apelidada "a Maldita",
havia um governador de nome Geórgi Abaschvíli.
Era rico como Creso.
Tinha uma linda mulher.
E tinha um filho cheio de saúde.
Na Grusínia nenhum outro governador
tinha tantos cavalos em sua estrebaria,
nem tantos mendigos à sua porta,
nem tantos soldados a seu serviço,
nem tanta gente a pedir favores na corte.
Como é que eu posso explicar a vocês
quem era Geórgi Abaschvíli?
Ele sabia aproveitar a vida.
Num domingo de Páscoa, de manhã,
o governador foi com a família
à igreja.

Do pórtico de um palácio surgem mendigos e pessoas pedindo coisas: crianças magras, aleijados, mãos sacudindo petições no ar. Atrás deles vêm dois Soldados de couraça, e logo a seguir o Governador com a família, ricamente vestidos.

Mendigos e Solicitantes — Misericórdia, Alteza! Os impostos estão pesados demais! — Alteza, perdi uma perna guerreando contra os persas, e agora como é que eu vou me arranjar? — Alteza, meu irmão está inocente, deve ser algum engano! — Estou morrendo de fome! — Alteza, por favor, dispense do serviço militar o último filho que temos! — Alteza: ouça, o inspetor de águas foi subornado!

Um criado recolhe as petições, outro distribui moedas que tira de uma sacola. Os Soldados fazem a turba recuar, estalando pesados chicotes.

Soldados — Para trás! Deixem livre a entrada da igreja!
Atrás do Governador e de sua Mulher, e do Ajudante, sai do pórtico do palácio o Filho do Governador, conduzido num luxuoso carrinho. A multidão avança de novo, para vê-lo.

Cantor *enquanto a multidão é rechaçada a golpes de chicote* —
Pela primeira vez, naquela Páscoa,
o povo ia poder ver o herdeiro:
dois doutores não arredavam passo
do menino fidalgo,
que era a menina dos olhos do senhor Governador.
Gritos da multidão: "É o menino!" — "Não me empurrem, assim não posso ver!" — "Deus o abençoe, Alteza!"

Cantor —

Até o poderoso príncipe Kazbéki
foi reverenciá-lo na porta da igreja.
Um Príncipe Gordo adianta-se e saúda a família do Governador.

Príncipe Gordo — Feliz Páscoa, Natella Abaschvíli!
Ouve-se uma ordem de comando, e um Mensageiro, coberto de pó, abre caminho, estendendo ao Governador um rolo de papéis. A um aceno do Governador, o Ajudante, um vistoso jovem, põe-se na frente do Mensageiro, fazendo-o retroceder. Faz-se uma ligeira pausa, enquanto o Príncipe Gordo olha desconfiado para o Mensageiro.

Príncipe Gordo — Que dia maravilhoso! Chovia ontem de noite, e eu só pensava: que Páscoa triste! Mas, hoje de manhã, o céu sereno! Adoro um céu sereno, Natella Abaschvíli, e um coração singelo. E o Miguelzinho: um perfeito governador, heim? Tititi! *Faz cócegas no menino.* Oi, Miguelzinho: Feliz Páscoa! Tititi!

Mulher do Governador — Arsêni, o que é que você me diz? Geórgi afinal resolveu começar a construção do novo pavilhão pela ala leste. A favela, com aqueles casebres miseráveis, vai ser toda posta abaixo, para dar lugar aos jardins.

Príncipe Gordo — Essa é uma boa notícia, depois de tantas ruins! E o que dizem da guerra, irmão Geórgi? *A um gesto contrafeito do Governador* — Uma retirada estratégica, pelo que ouvi? Ora, são pequenos contratempos, que sempre acontecem. As coisas vão às vezes bem, às vezes mal. Azares da guerra, sem maior importância, é ou não é?

Mulher do Governador — Elezinho tossiu! Geórgi, você escutou? *Ferina, aos Médicos, dois homens muito solenes que seguem de perto o carrinho.* — Elezinho está tossindo!

Médico 1 *ao Médico 2* — Permita-me lembrar, Niko Mikadze, que eu era contra aquele banho morno? — Foi um ligeiro erro na temperatura do banho, Alteza!

Médico 2 *igualmente cerimonioso* — Lamento não poder concordar, Mikha Loladze: a temperatura da água foi a prescrita pelo nosso grande e estimado Mishiko Oboladze. — Deve ter sido um golpe de ar noturno, Alteza!

Mulher do Governador — Precisam ter mais cuidado com Elezinho! Geórgi, Elezinho parece febril!

Médico 1 *inclinado sobre a criança* — Não há motivo de inquietação, Alteza: com a água do banho um pouquinho mais tépida, isso não volta a acontecer.

Médico 2 *com um olhar insidioso ao Médico 1* — Prezado Mikha Loladze, isto eu não vou esquecer. — Não tem por que se preocupar, Alteza!

Príncipe Gordo — Ai, ai, ai! É o que eu sempre digo: se eu sinto uma dor no fígado, o médico há de sentir cinqüenta nas solas dos pés! E isso apenas por estarmos vivendo numa época de brandura, porque antes era mais simples: cabeça decepada!

Mulher do Governador — Vamos para dentro da igreja, que aqui fora parece haver corrente de ar.

O cortejo, compreendendo a família do Governador e sua criadagem, cruza a porta de uma igreja. O Príncipe Gordo vai atrás. O Ajudante sai do cortejo e aponta para o Mensageiro.

Governador — Antes do culto não, Shalva!

Ajudante *ao Mensageiro* — O Governador não quer saber de notícias que possam aborrecê-lo antes do culto religioso, ainda menos se, pelo que imagino, elas não são muito animadoras. Vá até a cozinha e coma alguma coisa, amigo!

O Ajudante junta-se ao cortejo, enquanto o Mensageiro, praguejando, cruza o pórtico do palácio. De dentro do palácio vem o Soldado Simon Chachava, que se posta sob o pórtico da entrada.

Cantor —

Tranqüila está a cidade.
Pombos arrulham na praça da igreja.
Um soldado da guarda do palácio
diz piadas a uma jovem criada
que traz do rio uma coisa embrulhada.

Grusche Vachnadze, uma rapariga da criadagem, aproxima-se do pórtico do palácio, sobraçando um embrulho de grandes folhas verdes.

Simon — E a senhorita não está na igreja? Gazeteando o culto religioso?

Grusche — Eu já estava vestida e toda pronta, quando se viu que para a mesa da Páscoa faltava um ganso; e me pediram para ir buscar um, porque de ganso eu entendo um pouco.

Simon — Ganso? *Com fingida desconfiança* — Primeiro eu quero ver que ganso é esse!

Grusche parece não compreender.

Simon — Numa criada não se pode confiar: quando ela diz "eu só fui ali pegar um ganso", vai-se ver e a coisa é bem diferente!

Grusche *dirige-se resolutamente para o Soldado Simon e mostra o ganso* — Olhe aqui! Se isto não é um ganso de oito quilos, engordado com milho, quero comer as penas dele todas!

Simon — Esse é um ganso real. Quem vai comer todo ele é o próprio Governador... E a senhorita já não esteve no rio mais de uma vez?

Grusche — Só ali perto do galinheiro.

Simon — Sim, ali perto do galinheiro, descendo um pouco, no meio daqueles juncos?

Grusche — Perto dos juncos, só vou lavar roupa.

Simon *significativamente* — Certo!

Grusche — Certo, o quê?

Simon *piscando um olho* — Certo: é isso mesmo!

Grusche — E por que não haveria de lavar roupa no meio dos juncos?

Simon *rindo com exagero* — "Por que não haveria de lavar roupa no meio dos juncos?" — Essa é boa, ora, essa é muito boa!

Grusche — Eu não estou entendendo o senhor soldado: que coisa tão boa é essa de que está falando?

Simon *sonso* — Soubesse alguém o que sabe a gente, teria o sangue gelado e quente!

Grusche — Não sei o que uma pessoa pode achar que aqueles juncos têm de mais.

Simon — E se tivesse em frente alguma moita, de onde a gente pudesse ficar apreciando tudo: tudo o que pode ser apreciado quando uma certa pessoa vai "lavar roupa" entre os juncos?

Grusche — Que é que tem? O senhor soldado quer ter a bondade de me dizer claramente o que está pensando?

Simon — O que tem é que uma coisa deixa a gente ver uma outra coisa...

Grusche — O senhor soldado vai me dizer que uma vez o dia estava muito quente e eu meti os dedos dos pés dentro d'água, porque não foi nada além disso!

Simon — Um pouquinho mais: os dedos dos pés e um pouquinho mais.

Grusche — Mais o quê? O pé. E pronto.

Simon — Mais o quê? O pé e alguma coisa. *Dá risada.*

Grusche *zangada* — Você devia ter vergonha, Simon Chachava: ficar sentado no mato, esperando a gente molhar as pernas no rio quando o dia está quente! E talvez na companhia de outros soldados! *Afasta-se correndo.*

Simon *gritando atrás dela* — Eu estava sozinho, mais ninguém!

Quando o Cantor retoma a narrativa, o Soldado Simon Chachava sai correndo atrás de Grusche.

Cantor —

Está tranqüila a cidade:
por que tanta gente armada?
Está em paz o palácio do governante:
por que parece uma fortaleza?

Da porta da igreja, à esquerda, sai, a passos apressados, o Príncipe Gordo; detém-se e olha em redor. Diante do pórtico do palácio, à di-

reita, estão dois cavalarianos de couraça. O Príncipe Gordo olha-os e passa por eles devagar, fazendo-lhes um sinal; depois, sai rapidamente. Um dos cavalarianos entra no palácio, o outro continua de vigia. De vários pontos ao fundo ouvem-se gritos surdos: "Todos a postos!" — O palácio mudou de dono. Toque de sinos ao longe. Do portal da igreja sai o cortejo do Governador, que volta do culto religioso.

Cantor —

Aí o Governador volta para o palácio.
Aí o fortim dele agora é uma armadilha.
Aí já estava o ganso depenado e assado.
Aí o ganso não ia mais ser provado.
Meio-dia não era mais hora de comer:
meio-dia era agora a hora de morrer.

Mulher do Governador *de passagem* — É realmente impossível viver neste barracão, mas Geórgi naturalmente só faz construções para o Miguelzinho e para mim nada: Miguel é tudo e tudo é para o Miguel.

Governador — Você ouviu o "feliz Páscoa" do mano Kazbéki? Pois muito bem: que eu saiba, ontem à noite não choveu aqui em Nukha. Choveu onde estava o mano Kazbéki. Onde é que estava o mano Kazbéki?

Ajudante — É preciso averiguar.

Governador — É, e depressa: amanhã.
O cortejo passa pelo pórtico do palácio. O Mensageiro, que nesse meio tempo já voltou lá de dentro, encaminha-se para o Governador.

Ajudante — Excelência, não quer ouvir agora o Mensageiro da Capital? Chegou esta manhã com documentos confidenciais!

Governador *continuando a andar* — Antes de comer não, Shalva!

Ajudante *ao Mensageiro, enquanto o cortejo desaparece no interior do palácio e ficam apenas dois cavalarianos postados à esquerda* — O Governador não quer saber de assuntos militares antes do almoço, e na parte da tarde Sua Excelência estará em conferência com eminentes arquitetos que também foram convidados para o almoço. Aí estão eles! *Adiantam-se três Arquitetos, enquanto o Mensageiro retira-se, cumprimentando-os.* Meus senhores, Sua Excelência está esperando para almoçar: todo o tempo dele será dedicado aos senhores e aos grandiosos projetos novos! Venham depressa!

Um dos Arquitetos — Estamos encantados de ver que Sua Excelência ainda é capaz de pensar em construções, em meio a tantos boatos inquietantes sobre uma reviravolta infeliz na guerra da Pérsia.

Ajudante — Digamos que é por causa de tantos boatos: isso não tem a mínima importância, a Pérsia está muito longe! E os homens da nossa guarnição deixariam fazer-se em pedacinhos, pelo Governador.
Ruídos vêm do palácio: um grito lancinante de mulher, vozes de comando. O Ajudante, perplexo, dirige-se para o pórtico do palácio. Um dos Cavalarianos barra-lhe a passagem, brandindo a alabarda.

Ajudante — Que é isso, agora? Guarde essa lança, cachorro! *Enfurecido, à guarda do palácio* — Desarmem essa gente! Não estão vendo que é um golpe contra o Governador?
Os Cavalarianos não obedecem: olham para o Ajudante com frieza e indiferença, acompanhando desinteressadamente a marcha dos acontecimentos. O Ajudante arma-se e luta para entrar no palácio.

Um dos Arquitetos — Os Príncipes! Ontem à noite, na Capital, houve uma reunião dos Príncipes, que estão contra o Grão-Duque e os Governadores. Minha gente, o melhor é a gente sumir!
Os Arquitetos saem rapidamente.

Cantor —

Ó cegueira dos grandes! Sobre nucas dobradas
andam como se fossem grandes para sempre,
confiantes em punhos de aluguel
e na violência que já dura há longo tempo.
Mas longo tempo não quer dizer para sempre.
Ó mudança dos tempos: esperança dos povos!

Do pórtico do palácio sai o Governador, acorrentado, com o semblante sombrio, entre dois Soldados armados até os dentes.

CANTOR —

Até sempre, poderoso senhor!
Tenha a dignidade de ir de cabeça erguida!
Do palácio o acompanham os olhares de muitos
inimigos!
Já não vai precisar dos arquitetos: basta-lhe um
carpinteiro.
Não vai para nenhum palácio novo,
vai para um simples buraco na terra.
Dê mais uma olhadinha à sua volta, cego!

O prisioneiro olha em redor.

CANTOR —

Vê como é bom o que você foi arranjar?
Entre a missa de Páscoa e a mesa morna,
você está indo agora para lá
de onde ninguém retorna.

O Governador vai empurrado. A guarda palaciana adere ao golpe. Ouve-se um toque de alarma. Barulho atrás do pórtico do palácio.

CANTOR —

Quando desaba a casa de um graúdo,
são esmagados muitos dos pequenos:
os que compartilhar jamais puderam
da sorte dos poderosos,
em geral compartilham do azar deles.
A carruagem que se despenca no abismo
leva com ela os cavalos suados.

Do pórtico do palácio saem Criados correndo em pânico.

OS CRIADOS *na afobação* — As arcas da bagagem! Tudo no terceiro pátio! Provisão para cinco dias! — A nobre senhora está desmaiada! — Temos de carregar, ela precisa sair daqui! — E nós? Nós vamos ser mortos que nem galinhas, todo mundo sabe disso. — Jesus, Maria, como é que vai ser? — Na cidade o sangue já está correndo! — Bobagem! O Governador foi delicadamente convidado para comparecer a uma reunião dos Príncipes: estou informado, de fonte fidedigna, que tudo vai terminar num acordo entre cavalheiros.

Também os dois Médicos acorrem apressadamente ao pátio.

MÉDICO 1 *procurando fazer o Médico 2 parar* — Niko Mikadze, o seu dever de médico é dar assistência a Natella Abaschvíli!

MÉDICO 2 — Dever meu? Não: o dever é todo seu!

MÉDICO 1 — E hoje quem é que fica com o menino, Niko Mikadze: você ou eu?

MÉDICO 2 — Então você acha, Mikha Loladze, que por causa de um bebê eu vou ficar mais um minuto numa casa condenada?

Entram em luta corporal. Só se ouve dizerem: "Você não quer cumprir com o seu dever!" — "Não tem dever, nem meio dever!" — Então o Médico 2 derruba o Médico 1.

MÉDICO 2 — Vá para o inferno! *Sai.*

OS CRIADOS — Tem muito tempo até o fim da tarde: até lá, os soldados ainda não estarão bêbados. — Já se sabe se eles se amotinaram? — A guarda do palácio foi-se embora. — Então ninguém sabe o que aconteceu?

GRUSCHE — O pescador Meliva diz que na cidade foi visto no céu um cometa com a cauda vermelha, e isso é sinal de desgraça.

OS CRIADOS — Parece que se soube ontem, na cidade, que a guerra da Pérsia está completamente perdida. — Os Príncipes armaram uma grande revolução: dizem que o Grão-Duque fugiu e todos os Governadores vão ser executados. — Com os pequenos, eles não fazem nada: tenho um irmão nos Cavalarianos.

AJUDANTE *aparecendo na arcada* — Todos para o terceiro pátio! Todo mundo ajudando a arrumar a bagagem!

Dispersa-se o grupo. Simon afinal encontra Grusche.

Simon — Grusche, você: o que é que vai fazer?

Grusche — Nada. Se eu precisar, um de meus irmãos tem casa na montanha. E você?

Simon — Comigo não tem problema. *Cerimonioso, de novo* — Grusche Vachnadze, o seu interesse pelos meus planos me enche de contentamento. Recebi ordem para escoltar a senhora Natella Abaschvíli.

Grusche — Mas não houve um motim da guarda do palácio?

Simon *sério* — Houve.

Grusche — E não vai ser perigoso acompanhar essa mulher?

Simon — Em Tiflis há um ditado: "Cortar é um perigo para a faca?"

Grusche — Você não é faca; você é um homem, Simon Chachava! O que é que você tem a ver com essa mulher?

Simon — Com ela eu não tenho nada, mas recebi ordens e vou escoltá-la.

Grusche — Soldado é mesmo cabeça-dura: corre perigo por nada de nada. *Chamam-na do palácio.* Preciso ir para o terceiro pátio, e estou com pressa.

Simon — Se está com pressa, não vamos discutir mais, porque uma boa discussão exige tempo. Pode-se perguntar se a senhorita ainda tem pais vivos?

Grusche — Não. Só um irmão.

Simon — Como o tempo é curto, lá vai a segunda pergunta: a senhorita é saudável como um peixe dentro d'água?

Grusche — De vez em quando tenho uma dorzinha aqui no ombro direito, mas fora isso, não falta disposição para qualquer trabalho: nunca ninguém reclamou.

Simon — Está-se vendo: quando se trata de ir pegar um ganso, num domingo de Páscoa, quem vai é ela! Pergunta número três: a senhorita não será muito exigente? Não é das que pedem cereja em pleno inverno?

Grusche — Exigente, não. Mas quando alguém vai para a guerra sem razão e não manda notícias, aí tem zanga.

Simon — Pelo menos uma notícia há de chegar. *Chamam por Grusche, do palácio, novamente.* Para terminar, a pergunta principal...

Grusche — Simon Chachava, como eu tenho de ir para o terceiro pátio e estou com muita pressa, minha resposta é: sim!

Simon *embaraçadíssimo* — É como dizem: "Chama-se pressa o vento que derruba os andaimes." Também dizem: "Os ricos não têm pressa". Eu nasci em...

Grusche — Kutsk!

Simon — A senhorita também já andou se informando? Gozo de muita saúde, não tenho mais ninguém a sustentar, ganho por mês dez piastras, vou ganhar vinte como intendente, e peço respeitosamente a sua mão.

Grusche — Simon Chachava, para mim está bem.

Simon *tira do pescoço um fino cordão com uma pequenina cruz pendurada* — Esta cruz foi de minha mãe, Grusche Vachnadze, e o cordão é de prata: eu gostaria que você usasse.

Grusche — Muito obrigada, Simon.
Ele põe o cordão no pescoço dela.

Simon — Preciso cuidar dos cavalos, a senhorita compreende. É melhor a senhorita ir logo para o terceiro pátio, para evitar aborrecimentos.

Grusche — Pois é, Simon.

Permanecem indecisos.

Simon — Eu vou só levar a patroa até onde estão as tropas que continuam leais. Assim que a guerra terminar, eu volto: em duas ou três semanas. Espero que o tempo não custe muito a passar para a minha noiva, até eu voltar.

Grusche —

Simon Chachava, eu fico aqui esperando por você.
Pode partir sossegado para a batalha, soldado,
para a batalha de sangue e de fel,
da qual nem todos voltam:
quando voltar, aqui me há de encontrar.
Esperarei por você debaixo do olmeiro verde,
esperarei por você debaixo do olmeiro seco,
esperarei até que o último tenha voltado, e ainda mais.
Quando você voltar dessa batalha
nenhuma bota à minha porta há de encontrar,
o travesseiro junto ao meu vago há de estar,
e a minha boca sem beijo de amante.
Quando voltar, você há de dizer:
tudo está como antes.

Simon — Agradeço a você, Grusche Vachnadze. E até a volta!
Ele curva-se respeitosamente diante dela, e ela também se inclina profundamente. Depois, ela sai correndo, sem olhar para trás. Do pórtico do palácio surge o Ajudante.

Ajudante *asperamente* — Atrelem os cavalos à carruagem grande, não fiquem aí parados, seus idiotas!
Simon Chachava faz posição de sentido e sai. Do pórtico vêm dois criados, curvados ao peso de enormes arcas. Atrás deles, amparada por suas aias, vem Natella Abaschvíli, seguida de uma Ama-Seca com o Menino.

Mulher do Governador — Ninguém se importa com coisa alguma. Não sei onde estou com a cabeça. Onde está Miguel? Não o segure de mal jeito assim! Essas arcas vão para a carruagem! Alguma notícia do Governador, Shalva?

Ajudante *abanando a cabeça* — Já devem ter partido.

Mulher do Governador — Sabem alguma coisa da cidade?

Ajudante — Não, até agora tudo em paz, mas não temos um minuto a perder. Não há lugar para as arcas na carruagem. É bom a senhora levar só o que achar indispensável. *Sai rapidamente.*

Mulher do Governador — Só o indispensável! Depressa, abram as arcas, que eu vou dizendo o que preciso levar!
As arcas são postas no chão e abertas. A Mulher do Governador aponta uns vestidos de brocado.

Mulher do Governador — O verde e o outro com aplicações de pele! Onde estão os médicos? Já estou de novo com esta enxaqueca horrível, começando a me latejar nas têmporas... E também este, com botões de pérolas!
Entra Grusche.

Mulher do Governador — Aproveitando o seu tempo, não é? Vá logo buscar os jarros d'água quente!
Grusche sai correndo, voltando a seguir com os jarros de água quente, e atende aos sinais com que a patroa lhe dá ordens.

Mulher do Governador *a uma Jovem Aia* — Não vá rasgar as mangas!

Jovem Aia — Perdão, nobre senhora, não houve nada com o vestido.

Mulher do Governador — Foi porque eu não deixei: há muito tempo que estou de olho em você. Só tem cabeça para olhar o Ajudante! Mas eu lhe ensino, sua cachorra! *Espanca a Jovem Aia.*

Ajudante *voltando* — Depressa, por favor, Natella Abaschvíli! A guerra já está dentro da cidade. *Torna a sair.*

Mulher do Governador *largando a Jovem Aia* — Deus do céu! Estão pensando que eu vou cair nas mãos deles? E por quê? *Calam-se todas, e ela começa a rebuscar pessoalmente nas arcas.* E a minha jaqueta de brocado? Me ajudem! E Miguel? Está dormindo?

Ama-seca — Está, nobre senhora.

Mulher do Governador — Então deixe-o ficar aí um instante e vá ao meu quarto buscar minhas botinhas de marroquim: preciso delas, para combinar com o vestido verde. *A Ama-seca deixa o Menino e sai correndo, dizendo de passagem à Jovem Aia* — Não fique aí parada, bobalhona! *A Jovem Aia corre também.* Espere, ou mando açoitar você! *Pausa.* E o jeito como embrulharam as coisas: sem amor, sem cuidado... Quando não se pode fazer tudo pessoalmente... É nessas horas que a gente vê como são as criadas. Marsha! *Faz um sinal com a mão.* São muito boas para comer, mas gratidão vocês não têm: disso eu não vou me esquecer.

Ajudante *muito agitado* — Natella, venha logo! O nosso Illo Orbeliâni, juiz do Supremo Tribunal, acaba de ser enforcado pelos tapeceiros amotinados.

Mulher do Governador — Por quê? O vestido prateado eu preciso levar, me custou mil piastras. E este outro também, e as minhas peles. Onde está o meu vestido cor de vinho?

Ajudante *tenta tirar-lhos das mãos* — Já estourou a revolta nos subúrbios. Nós temos de sair o quanto antes. *Um Criado sai correndo.* Onde está o menino?

Mulher do Governador *chamando a Ama-Seca* — Mara! Arrume o menino! Onde foi que você se escondeu!

Ajudante *de saída* — É melhor desistirmos da carruagem e irmos a cavalo.

A Mulher do Governador remexe nos vestidos, põe alguns deles numa pilha que pretende levar, torna a tirá-los. Ouvem-se rumores, toques de tambor. O céu começa a ficar vermelho.

Mulher do Governador *remexendo as roupas em desespero* — Não acho o meu vestido cor de vinho! *Com menosprezo, à Segunda Aia* — Pegue essa pilha e ponha na carruagem! E Mara, por que não volta logo? Será que ficaram todos malucos? Bem que eu dizia: estava embaixo de tudo!

Ajudante *voltando* — Vamos, rápido! Rápido!

Mulher do Governador *à Segunda Aia* — Correndo, ponha isso na carruagem!

Ajudante — A carruagem não vai. Se a senhora não vier comigo, a cavalo, eu vou sozinho.

Mulher do Governador — Mara! Traga o menino! *À Segunda Aia* — Marsha, vá ver onde ela está! Não: primeiro ponha meus vestidos na carruagem! Ir a cavalo é uma estupidez! *Virando-se, avista os clarões de incêndio e fica estarrecida.* Está pegando fogo!

A Mulher do Governador afasta-se precipitadamente. O Ajudante vai atrás dela. A Segunda Aia segue-os, abanando a cabeça, com a trouxa de vestidos.
Do pórtico do palácio vem saindo a criadagem.

Cozinheira — Deve ser na Porta Oeste, o fogo.

Cozinheiro — Eles já foram embora. Sem a carroça de víveres. E nós, agora, como é que vamos?

Moço de Estrebaria — Pois é, esta casa vai ficar mal-assombrada por algum tempo. *À Terceira Aia* — Sulika, eu vou buscar dois cobertores, e nós caímos fora.

Ama-seca *do pórtico, com um par de botinhas* — Nobre senhora!

Mulher Gorda — Já está longe!

Ama-seca — E o menino? *Corre aonde está o Menino, pega-o no colo.* Deixaram a criança abandonada, os desumanos! *Entrega-o a Grusche.* — Fique com ele um instante! *Mentindo* — Vou dar uma olhada na carruagem. *Corre atrás da Mulher do Governador.*

Grusche — Que foi que fizeram com o patrão?

Moço de Estrebaria *fazendo o gesto da degola* — Fft!

Criada Gorda *em crise, ao ver tal gesto* — Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus! Nosso patrão Geórgi Abaschvíli! Vendendo saúde ao amanhecer, e agora... Levem-me daqui! Estamos todos perdidos, e vamos morrer em pecado: como nosso patrão Geórgi Abaschvíli!

Terceira Aia *procurando acalmá-la* — Nina, fique calma. Vamos tirar você daqui. Você não fez nada a ninguém.

Criada Gorda *enquanto é levada para fora* — Meu Deus, meu Deus, rápido, rápido, é agora: vamos embora, antes que eles cheguem, antes que eles cheguem!

Terceira Aia — Nina se preocupa mais que os patrões: ora, até as lágrimas eles têm quem chore por eles! *Descobre o rosto do menino que está no colo de Grusche.* É o menino! Que vai fazer com ele?

Grusche — Coitadinho, ficou aí abandonado...

Terceira Aia — A nobre senhora deixou o menino abandonado? O Miguelzinho, que não podia ficar exposto nem a um golpezinho de ar?
A criadagem reúne-se em volta do Menino.

Grusche — Ele está acordando.

Moço de Estrebaria — É melhor deixar esse menino aí e dar o fora! Eu nem quero pensar no que pode acontecer a quem for encontrado com esse menino. Vou apanhar nossas coisas, vocês me esperem! *Entra no palácio.*

Cozinheira — Ele tem razão: quando cismam de liquidar uma família, não deixam ninguém com vida. Eu já fiz minha trouxa.
Saem todos, com exceção de Grusche, com o Menino no colo, e duas mulheres da criadagem.

Terceira Aia — Ainda não compreendeu que o melhor a fazer é cair fora?

Grusche — A Ama-Seca me pediu para ficar com o menino um instantinho...

Cozinheira — E está pensando que ela volta, sua boba?

Terceira Aia — Largue isso da mão!

Cozinheira — Eles vão querer dar cabo do filho, mais que da mãe: é o herdeiro! Grusche, você pode ser muito boazinha, mas não é das mais inteligentes! Uma coisa eu posso garantir: se o menino estivesse com lepra, não podia ser pior! Veja lá o que você quer arranjar!
O Moço de Estrebaria reaparece com umas trouxas e entrega-as às mulheres; todos preparam-se para partir, menos Grusche.

Grusche *obstinada* — Com lepra, ele não está: o que eu estou vendo aqui é uma pobre criatura humana.

Cozinheira — Então não fique olhando muito para ele... Você é uma burra, mesmo, dessas que agüentam tudo. Se alguém diz "vá buscar uma salada quem tiver as pernas mais compridas", você vai logo correndo... Nós vamos pegar o carro-de-bois, e você também pode vir, se andar ligeiro. Jesus! Agora é um bairro inteiro que está pegando fogo!

Terceira Aia — Não arrumou as suas coisas, Grusche? Agora não tem mais tempo: daqui a pouco os Cavalarianos vão chegar no quartel...
Saem as duas mulheres e o Moço de Estrebaria.

Grusche — Eu também vou!
Grusche põe o Menino no chão, contempla-o por alguns instantes, retira das arcas próximas algumas peças de roupa e cobre-o todo, enquanto ele continua dormindo. Depois corre ao palácio, a fim de buscar suas coisas. Ouvem-se rumores de patas de cavalos e gritos de mulheres. Entra o Príncipe Gordo, com alguns Cavalarianos bêbados: um deles traz na ponta da alabarda a cabeça do Governador.

GRUSCHE — Que foi que fizeram com o patrão?

MOÇO DE ESTREBARIA *fazendo o gesto da degola* — Fft!

CRIADA GORDA *em crise, ao ver tal gesto* — Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus! Nosso patrão Geórgi Abaschvíli! Vendendo saúde ao amanhecer, e agora... Levem-me daqui! Estamos todos perdidos, e vamos morrer em pecado: como nosso patrão Geórgi Abaschvíli!

TERCEIRA AIA *procurando acalmá-la* — Nina, fique calma. Vamos tirar você daqui. Você não fez nada a ninguém.

CRIADA GORDA *enquanto é levada para fora* — Meu Deus, meu Deus, rápido, rápido, é agora: vamos embora, antes que eles cheguem, antes que eles cheguem!

TERCEIRA AIA — Nina se preocupa mais que os patrões: ora, até as lágrimas eles têm quem chore por eles! *Descobre o rosto do menino que está no colo de Grusche.* É o menino! Que vai fazer com ele?

GRUSCHE — Coitadinho, ficou aí abandonado...

TERCEIRA AIA — A nobre senhora deixou o menino abandonado? O Miguelzinho, que não podia ficar exposto nem a um golpezinho de ar?
A criadagem reúne-se em volta do Menino.

GRUSCHE — Ele está acordando.

MOÇO DE ESTREBARIA — É melhor deixar esse menino aí e dar o fora! Eu nem quero pensar no que pode acontecer a quem for encontrado com esse menino. Vou apanhar nossas coisas, vocês me esperem! *Entra no palácio.*

COZINHEIRA — Ele tem razão: quando cismam de liquidar uma família, não deixam ninguém com vida. Eu já fiz minha trouxa.
Saem todos, com exceção de Grusche, com o Menino no colo, e duas mulheres da criadagem.

TERCEIRA AIA — Ainda não compreendeu que o melhor a fazer é cair fora?

GRUSCHE — A Ama-Seca me pediu para ficar com o menino um instantinho...

COZINHEIRA — E está pensando que ela volta, sua boba?

TERCEIRA AIA — Largue isso da mão!

COZINHEIRA — Eles vão querer dar cabo do filho, mais que da mãe: é o herdeiro! Grusche, você pode ser muito boazinha, mas não é das mais inteligentes! Uma coisa eu posso garantir: se o menino estivesse com lepra, não podia ser pior! Veja lá o que você quer arranjar!
O Moço de Estrebaria reaparece com umas trouxas e entrega-as às mulheres; todos preparam-se para partir, menos Grusche.

GRUSCHE *obstinada* — Com lepra, ele não está: o que eu estou vendo aqui é uma pobre criatura humana.

COZINHEIRA — Então não fique olhando muito para ele... Você é uma burra, mesmo, dessas que agüentam tudo. Se alguém diz "vá buscar uma salada quem tiver as pernas mais compridas", você vai logo correndo... Nós vamos pegar o carro-de-bois, e você também pode vir, se andar ligeiro. Jesus! Agora é um bairro inteiro que está pegando fogo!

TERCEIRA AIA — Não arrumou as suas coisas, Grusche? Agora não tem mais tempo: daqui a pouco os Cavalarianos vão chegar no quartel...
Saem as duas mulheres e o Moço de Estrebaria.

GRUSCHE — Eu também vou!
Grusche põe o Menino no chão, contempla-o por alguns instantes, retira das arcas próximas algumas peças de roupa e cobre-o todo, enquanto ele continua dormindo. Depois corre ao palácio, a fim de buscar suas coisas. Ouvem-se rumores de patas de cavalos e gritos de mulheres. Entra o Príncipe Gordo, com alguns Cavalarianos bêbados: um deles traz na ponta da alabarda a cabeça do Governador.

Príncipe Gordo — Ali, bem no meio!

Um dos Cavalarianos trepa nos ombros de outro, pega a cabeça do Governador e ergue-se acima do pórtico do palácio.

Príncipe Gordo — Aí não é bem no meio. Um pouco mais à direita! O que eu mando fazer, meu caro, é para ser feito exatamente como eu mando. *O Cavalariano, com martelo e um prego, pendura a cabeça pelos cabelos.* — Ainda hoje de manhã, na porta da igreja, eu dizia a Geórgi Abaschvíli: "adoro um céu sereno". Mas do que eu gosto mais, mesmo, é do raio que risca o céu sereno, isso é que é! Pena terem levado o molequinho, porque eu preciso botar as mãos nele. Procurem o menino por toda a Grusínia! Dou mil piastras a quem o achar!

Enquanto Grusche aparece sob o pórtico espiando cautelosamente em redor, o Príncipe Gordo afasta-se com seus Cavalarianos. Ouvem-se de novo bater as patas dos cavalos. Grusche vem com uma trouxa e sai do pórtico para ir-se embora. Está quase do lado de fora, quando se volta para ver se o Menino ainda está no mesmo lugar. O Cantor começa a cantar, e ela permanece imóvel.

Cantor —

Enquanto se demora,
Entre a porta e o portão, ela escuta
Ou parece escutar um suave chamado: é o menino
Que lhe faz um apelo, bem claro e sem choramingar,
Pelo menos assim tinha ela a impressão de escutar:
"Moça, moça, me ajude"
— dizia, claro e sem chorar —
"porque, moça, quem faz que não ouve
um grito de socorro
e, tapando os ouvidos, se afasta, jamais há de ouvir
a voz do bem-amado, nem o canto da cotovia ao clarão da manhã, nem o doce suspiro cansado
dos que voltam da apanha das uvas ao toque do Ângelus".
Isto ouvindo...

Grusche dá alguns passos em direção ao Menino e inclina-se sobre ele.

Cantor —

... ela volta e vai ver o Menino outra vez,

junto dele se senta,
a esperar se não chega mais gente:
a mãe dele talvez, ou talvez qualquer
outro parente...
Só um pouquinho, antes de dar o fora,
pois já o perigo
é bem grande: a cidade tomada
de incêndios e gritos.

A claridade diminui, como se entardecesse e anoitecesse. Grusche foi até o palácio e voltou trazendo uma lâmpada e leite, para dar de beber ao Menino.

Cantor — Que poder fabuloso tem a vocação da bondade!

Grusche senta-se junto ao Menino, visivelmente decidida a passar a noite ali tomando conta dele. Ora acende a lampadazinha para iluminá-lo, ora procura agasalhá-lo melhor com um dos mantos de brocado. De vez em quando, põe-se à escuta e espia em redor, mas não aparece ninguém.

Cantor —

Longo tempo ficou ela assim com o menino,
sentada,
até a tarde cair, até a noite cair,
até vir a luz da madrugada e ela sentada ali
por longo tempo olhando
as pequenininhas mãos, o respirar tranqüilo,
até que veio o dia, e foi forte demais a tentação,
e ela se levantou e se abaixou,
e suspirando o menino apanhou
e para longe com ele andou.

Grusche vai fazendo todos os movimentos que o Cantor vai descrevendo.

Cantor —

Como um roubo ela consigo o tomou,
como uma ladra consigo o levou.

3

A FUGA PARA AS MONTANHAS DO NORTE

Cantor —

Quando Grusche Vachnadze saiu da cidade,
seguindo a grande estrada grusiniana
e o caminho que leva às montanhas do Norte,
sabia só cantar e comprar leite.

Os Músicos —

Como é que pode a criatura humana
escapar dos cachorros e das armadilhas?
Pelas montanhas sem vivalma lá foi ela,
pela estrada grusiniana lá foi ela,
sabendo só cantar e comprar leite.

Grusche Vachnadze vai passando, levando nas costas uma espécie de saco com o Menino, tendo numa das mãos um bastão e na outra uma trouxa, cantando.

Grusche —

Foram quatro generais
em marcha sobre o Irã.
De guerra, nada entendia o primeiro;
nem de vitória entendia o segundo;
para o terceiro, o clima era danado;
e o quarto não comandava os soldados.
Foram quatro generais,
nenhum deles chegou lá.

Lá foi Sosso Robakdze
em marcha sobre o Irã.
Teve uma guerra dura pela frente,
e uma vitória que ninguém desmente;
do clima, nada tinha a reclamar;
e bem sabia as tropas comandar.
Será Sosso Robakdze
nosso homem de amanhã.

Avista-se uma cabana de camponeses.

Grusche *ao Menino* — Meio-dia: panela no fogo, barriga vazia! Está na hora da gente comer. Agora vamos ficar sentadinhos aqui na grama até a Gruschezinha voltar com uma caneca de leite! *Põe o Menino sentado no chão e bate à porta da cabana; um velho camponês vem abrir.* Será que pode me arranjar uma caneca de leite e talvez uma broa de milho, Vovozinho?

Velho — Leite? Leite não temos. Os senhores soldados, que estão lá na cidade, levaram nossas cabras. Se está querendo leite, vá pedir aos soldados!

Grusche — Mas, Vovozinho, só uma canequinha de leite para uma criança, será que o senhor não arranja?

Velho — Só por um "Deus-lhe-pague", não é mesmo?

Grusche — Quem falou em "Deus-lhe-pague"? *Tira da bolsa.* Nós aqui pagamos principescamente! A cabeça nas nuvens e o traseiro n'água! *O Velho, resmungando, traz o leite.* Quanto é que custa a caneca, também?

Velho — Três piastras. O leite subiu de preço.

Grusche — Três piastras? Por um pingo de leite? *Sem dizer palavra, o Velho bate-lhe a porta na cara.* Miguel, você ouviu? Três piastras! Conosco eles não podem fazer isso. *Volta, senta-se e dá o seio ao Menino.* Vamos fazer mais uma tentativa. Sugue bem, Miguel: pense nas três piastras! Não tem nada aí, mas você faz de conta que está engolindo, e já é alguma coisa. *Abana a cabeça, ao notar que o menino não está mais sugando o seio. Levanta-se e torna a bater à porta.* Vovozinho, abra a porta: nós pagamos! *Em voz baixa* — Aqui se faz, aqui se paga! *Ao Velho, que abre de novo a porta* — Pensei que ia custar uma meia piastra, mas o menino precisa comer alguma coisa: Uma piastra, dá?

Velho — Duas.

Grusche — Não feche a porta de novo! *Rebusca demoradamente na bolsa.* Duas: aqui estão! Mas o leite precisa ficar mais barato, ainda temos uma longa caminhada pela frente. Isso é até um pecado: o senhor está enfiando a faca no pescoço da gente!

VELHO — Quando quiser mais leite, mate aqueles soldados.

GRUSCHE *dá de beber ao Menino* — Que brincadeira cara! Beba, Miguel: é o salário de meia semana. Esse pessoal pensa que a gente faz dinheiro com o rabo. Miguel, Miguel, em que enrascada eu fui me meter com você! *Olhando o manto de brocado em que o menino está enrolado* — Um manto de mil piastras e nem uma para o leite. Olha para o caminho percorrido. Lá, por exemplo, naquela carruagem com os fugitivos ricos: lá é que a gente deveria estar.

Diante de um caravançará, grande abrigo gratuito para caravaneiros, Grusche, enrolada num manto de brocado, com o Menino no colo, dirige-se a duas Damas elegantes.

GRUSCHE — Ah, as ilustres damas também pretendem passar a noite aqui? É horrível, como todos os lugares estão cheios, e não se arranja nenhum meio de transporte! Meu cocheiro resolveu pura e simplesmente voltar do meio do caminho, e eu tive que andar quase um quilômetro a pé. E descalça! Meus sapatos persas: aquelas botinhas, sabem? Mas por que será que não aparece ninguém?

VELHA DAMA — O estalajadeiro gosta de se fazer esperar. Depois que aconteceram certas coisas na capital, acabaram-se as boas maneiras em todo o país.

Aparece o Estalajadeiro, um homem muito austero, grisalho e de longas barbas, acompanhado de um Criado.

ESTALAJADEIRO — Queiram perdoar a um homem idoso por fazê-las esperar, ilustres senhoras. Meu netinho me chamou para ver um pessegueiro em flor, lá na ladeira, depois do milharal. Lá nós plantamos árvores frutíferas, duas cerejeiras... Mas para oeste (faz um gesto mostrando) o chão é mais pedregoso, e é aonde os camponeses levam as ovelhas para pastar. As senhoras deviam ver as flores daquele pessegueiro: são de um cor-de-rosa tão bonito!

VELHA DAMA — É muito fértil essa região.

ESTALAJADEIRO — Abençoada por Deus! Como é que estão as árvores lá no Sul? Não é do Sul que as senhoras estão vindo?

JOVEM DAMA — Permita-me dizer que não pude prestar muita atenção à paisagem.

ESTALAJADEIRO *polidamente* — Eu compreendo: a poeira... Em nossa estrada o mais aconselhável é andar a passo mais tranqüilo, a não ser que se tenha muita pressa.

VELHA DAMA — Ponha o xale no pescoço, queridinha! A aragem da noite aqui parece um pouco fria.

ESTALAJADEIRO — É que ela desce das geleiras do Yanga-Tau, minhas senhoras.

GRUSCHE — É, receio que meu filho se resfrie.

VELHA DAMA — Bem espaçoso, este caravançará! Que tal, se entrássemos?

ESTALAJADEIRO — Oh, as senhoras querem alugar quartos? Mas o caravançará está superlotado, minhas senhoras, e a criadagem toda foi-se embora. Estou desolado, mas não posso aceitar mais ninguém, nem com muito boas referências...

JOVEM DAMA — Mas nós também não podemos passar a noite aqui no meio da estrada.

VELHA DAMA *em tom seco* — Quanto é?

ESTALAJADEIRO — Bem, as ilustres senhoras hão de compreender que uma casa como esta, nos dias de hoje, quando tantos fugitivos, naturalmente muito respeitáveis, mas considerados pessoas indesejáveis pelas novas autoridades, andam por aí procurando abrigo, uma casa como esta precisa ter muita cautela, e sendo assim...

VELHA DAMA — Meu caro senhor, nós não somos fugitivas: estamos a caminho da nossa residência de verão, na montanha, e pronto. Não nos passaria jamais pela cabeça a idéia de pedir abrigo, se o nosso caso fosse assim de tanta... necessidade.

ESTALAJADEIRO *assentindo com a cabeça* — Sem dúvida, quanto a isso. Minha única dúvida é se o pequeno aposento que tenho disponível serve para as senhoras. E por pessoa cobro sessenta piastras. As três estão juntas?

GRUSCHE — De certo modo, sim: eu também preciso de pousada.

JOVEM DAMA — Sessenta piastras? É um assalto!

ESTALAJADEIRO *friamente* — Minhas senhoras, não é meu propósito assaltar, e portanto... *Dá-lhes as costas, para sair.*

VELHA DAMA — Quem foi que falou em assalto? Vamos logo! *Entra, seguida pelo Criado.*

JOVEM DAMA *em dúvida* — Cento e oitenta piastras por um quarto! *Olha para Grusche.* Com criança pequena, é impossível: e se começar a fazer manha?

ESTALAJADEIRO — O quarto custa cento e oitenta piastras, seja para duas ou para três pessoas.

JOVEM DAMA *mudando de tom, a Grusche* — Por outro lado, eu também não poderia dormir sabendo que a deixaram no meio da estrada, minha querida. Venha conosco, por favor!

Entram as três no caravançará. Do outro lado do palco aparece ao fundo o Criado com umas trouxas. Atrás dele vai a Velha Dama, depois a Jovem, e Grusche com o Menino.

JOVEM DAMA — Cento e oitenta piastras! Nunca fiquei tão irritada, desde o dia em que o meu querido Ígor foi tirado à força de casa.

VELHA DAMA — Acha que é hora de falar no Ígor?

JOVEM DAMA — Na verdade, somos quatro pessoas: porque o menino também é gente, não é? *A Grusche* — A senhora não poderia pagar ao menos a metade do aluguel?

GRUSCHE — Impossível. As senhoras estão vendo, eu tive de sumir às pressas e o Ajudante de Ordens esqueceu de me dar dinheiro suficiente.

VELHA DAMA — A senhora não tem nem sessenta piastras?

GRUSCHE — Depois eu pago.

JOVEM DAMA — E as camas, onde estão?

CRIADO — Cama, não tem. Aqui estão os sacos e as cobertas. E as senhoras têm de arrumar tudo sozinhas, dando-se por muito felizes por não estarem no fundo de uma vala, como tantos outros. *Sai.*

JOVEM DAMA — Ouviu isso? Vamos imediatamente falar com o Estalajadeiro! Esse criado precisa é de umas chibatadas.

VELHA DAMA — Como o seu marido?

JOVEM DAMA — Você é tão cruel! *Chora.*

VELHA DAMA — Como é que nós vamos fazer com isto alguma coisa que pareça uma cama?

GRUSCHE — Eu já dou um jeito. *Põe o Menino sentado no chão.* A gente aprende a fazer muitas coisas. As senhoras ainda têm a carruagem. *Limpando o chão.* Para mim, foi tudo uma surpresa tola. Antes do almoço, meu marido ainda me disse: "Minha querida Anastácia Katarinówska, vá deitar-se um pouco, você sabe que não custa a pegar uma enxaqueca!" *Estende os sacos e faz as camas; as duas Damas, vendo-a trabalhar, entreolham-se.* Eu disse ao Governador: "Geórgi, nós estamos com sessenta convidados para almoçar, e eu não tenho tempo de me deitar, a gente não pode confiar na criadagem e o Miguel Georgivitch não pode passar sem mim". *Ao menino.* Está vendo, Miguel? Tudo se arranja: é como eu disse a você! *Percebe, de repente, que as duas Damas a observam curiosamente e cochicham.* E assim não é mais no chão duro que vamos dormir: eu fiz um forro com os cobertores dobrados.

VELHA DAMA *autoritária* — Você faz camas bem demais, querida: deixe ver suas mãos!

GRUSCHE *assustada* — Que está querendo dizer?

JOVEM DAMA — Pode mostrar suas mãos a ela.
Grusche mostra as mãos às Damas.

JOVEM DAMA *triunfante* — Cheia de calos! É da criadagem!

VELHA DAMA *vai até a porta e grita* — Atendam aqui!

JOVEM DAMA — Foi apanhada, sua impostora! Vá dizendo o que estava planejando!

GRUSCHE *desconcertada* — Eu não estava planejando nada. Pensei que as senhoras talvez nos pudessem dar uma boa carona em sua carruagem. Por favor, não façam barulho: já estou indo embora!

JOVEM DAMA *enquanto a Velha Dama continua a chamar gente* — Você vai, sim, mas é com a polícia. Enquanto ela não chega, você fica. Não me saia daqui!

GRUSCHE — Mas eu ia pagar as sessenta piastras. Podem ver: tenho dinheiro aqui! *Mostra a bolsa.* Quatro pratas de dez e uma de cinco, não, mais uma de dez, somam sessenta. Eu só queria botar o menino na carruagem, estou falando a verdade.

JOVEM DAMA — Então queria ir de carruagem? Pois agora acabou-se!

GRUSCHE — Nobre senhora, eu juro: minha origem é pobre, por favor, não chame a polícia! O menino é de alto berço, veja a roupinha dele: é um fugitivo, como as senhoras!

JOVEM DAMA — Está-se vendo que é de alto berço. E o pai é príncipe?

GRUSCHE *furiosa, à Velha Dama* — Pare de gritar! Será que não tem coração?

JOVEM DAMA *à Velha* — Cuidado, ela é capaz de tudo, é perigosa! Socorro! Assassinos!

CRIADO *aparecendo* — Que está havendo aqui?

VELHA DAMA — Essa rapariga enfiou-se aqui, bancando a grande dama: talvez seja uma ladra.

JOVEM DAMA — E das mais perigosas. Queria nos matar. É um caso de polícia. Estou sentindo a minha enxaqueca chegar, ah, meu Deus!

CRIADO — Polícia, no momento, não existe. *A Grusche* — Arrume suas coisas, boneca, e desapareça que nem açúcar no formigueiro!

GRUSCHE *encolerizada, pondo o Menino no colo* — Seus desumanos! Hei de ver as cabeças de vocês penduradas no muro!

CRIADO *enxotando-a para fora* — Cale esse bico! Senão, o patrão vem aí, e com ele não tem meias medidas.

VELHA DAMA *à Jovem* — Dê uma espiada, se ela já não furtou alguma coisa!
Enquanto as Damas, à direita, verificam se nada lhes foi roubado, o Criado e Grusche encaminham-se para a saída, à esquerda.

CRIADO — Quem vê cara, não vê coração, é o que eu digo a você: de agora em diante, tome cuidado com as pessoas, antes de se abrir com elas.

GRUSCHE — Eu imaginei que a uma pessoa da mesma classe elas iriam tratar melhor.

CRIADO — Nem pense uma coisa dessas! Pode crer: não há nada mais difícil do que imitar gente vadia e preguiçosa. Se eles chegam a desconfiar que você é capaz de fazer qualquer coisa, nem que seja balançar o rabo, sozinha, você está perdida. Espere um instante: vou ver se lhe arranjo uma broa de milho e duas ou três maçãs!

GRUSCHE — É melhor não. Prefiro ir andando antes que o Estalajadeiro chegue. E se eu for caminhando a noite toda, creio que estarei fora de perigo. *Sai.*

CRIADO *falando baixinho* — Na primeira encruzilhada, dobre à direita!
Grusche desaparece.

CANTOR —

Quando Grusche Vachnadze fugiu para o Norte,
atrás dela foi a cavalaria do Príncipe Kazbéki.

OS MÚSICOS —

Como escapar descalça da cavalaria,
dos cães de fila, das armadilhas?
Caçam-na até de noite os seus perseguidores,
não conhecem fadiga, e nunca dormem
os matadores.

Dois Cavalarianos passam marchando, pela estrada, sob o comando de um Sargento.

SARGENTO — Cabeças-duras, vocês nunca hão de ser nada na vida. Por quê? Não põem boa vontade em nada do que fazem. São pequeninos detalhes, que um superior observa. Ainda anteontem, quando eu cuidava daquela gorducha, vocês ficaram tomando conta do homem, como eu mandei, e atravessaram a barriga dele: mas fizeram isso com prazer, como um bom soldado, ou apenas como quem cumpre uma ordem? Pensam que eu não vi, cabeças-duras? Vocês são como palhas secas ou como sinos que não tocam: não têm iniciativa. *Andam um pouco em silêncio.* Não pensem que não estou vendo como, a todo momento, vocês se mostram insubordinados. Já lhes disse para não capengarem, mas vocês teimam agora, só porque eu vendi os cavalos por um preço que nunca mais havia de encontrar. Vocês capengam para me darem a entender que não gostam de andar a pé: sei como vocês são. Mas isso não lhes adianta nada, é pena. Vamos cantar!

OS DOIS CAVALARIANOS —

Vou à guerra, por sombria estrada,
em casa deixando minha amada.
Dela os meus amigos vão cuidar,
enquanto da guerra eu não voltar.

SARGENTO — Mais alto!

OS DOIS CAVALARIANOS —

Se no cemitério eu for parar,
ela há de dizer, com a pá de cal:
"Aqui jazem pés que me buscavam
e braços que tanto me abraçavam".

Caminham mais um pedaço em silêncio.

SARGENTO — Um bom soldado empenha-se de corpo e alma. Para cumprir uma ordem, ele se deixa fazer em pedaços. E até com os olhos furados, ainda vê o sinal de aprovação que o sargento dele está fazendo. E só essa recompensa já é bastante, nada mais desejando. Mas pelo meu sinal de aprovação, vocês podem esperar sentados. Deus do Céu, como é que eu vou, com uns paus-mandados destes, encontrar o filhote do Governador? Isso é o que eu gostaria de saber.
Os três vão passando e desaparecem.

CANTOR —

Quando Grusche Vachnadze chegou ao rio Sirra,
já o menino pesava e era duro fugir.

OS MÚSICOS —

A aurora cor-de-rosa sobre os milharais
para quem não dormiu, é até fria demais.
Tinem latas de leite nas granjas, das quais
sobe a fumaça, com ameaças infernais
para quem foge. E com quem o menino vai,

só sente o peso dele e quase nada mais.

Grusche pára diante de uma granja.

Grusche — Você agora se molhou de novo, e sabe muito bem que não tenho mais fraldas secas para mudar. Miguel, nós vamos nos separar. Já estamos muito longe da cidade, e eles não vão se dar ao trabalho de vir até aqui por causa de um pingo de gente como você. A dona da casa deve ser boazinha, e aqui tem pelo menos o cheiro de leite. Então, Miguelzinho, eu vou esquecer que você me deu nas costas, a noite inteira, para me fazer andar mais depressa; e você também esqueça a pouca comida que teve, mas dada de muito boa vontade. Bem que eu gostaria de ficar com você mais um pouco, porque o seu narizinho é tão pequenininho, mas não há outro jeito. Eu gostaria de poder mostrar a você o primeiro coelhinho e ensinar você a não se molhar mais... Mas está na hora de voltar para casa, porque meu namorado, o soldado, já deve estar de volta, e o que é que ele vai dizer se não me encontrar lá? Isso também, Miguel, você não pode exigir de mim.

Uma Camponesa gorda chega à porta com uma lata de leite. Grusche espera que ela entre em casa, depois vai até lá perto, cautelosamente. Esgueira-se junto à porta e põe o Menino na soleira. Depois fica esperando, escondida atrás de uma árvore, até a Camponesa aparecer de novo na porta e achar o Menino.

Camponesa — Meu Jesus Cristo, o que é isto? Marido!

Camponês *aparecendo* — Que foi? Nem posso tomar minha sopa?

Camponesa *ao Menino* — Onde está sua mãezinha? Você não tem mãe? Acho que é um menino. E a roupa dele é fina: deve ser filho de gente importante. Como é que deixam, assim, na porta da gente? Ah, que tempo o de hoje!

Camponês — Se estão pensando que ele vai comer aqui, estão muito enganados. Você vai levar esse menino para o padre, lá na aldeia, e está acabado!

Camponesa — O que é que o padre vai fazer com ele? É de uma mãe que ele está precisando. Veja só: está acordando! Então não acha que podemos ficar com ele?

Camponês *gritando* — Não!

Camponesa — Eu podia deixá-lo ali no canto, pertinho da poltrona... Só precisa de um cesto; quando for para o campo, eu o levo comigo. Olhe só, como ele ri! Marido, nós temos um teto para nos abrigar, e podemos ficar com o menino. Não quero saber de mais nada!

A Camponesa leva o Menino para dentro de casa, e o Camponês vai atrás, protestando. Grusche sai de trás da árvore, dá uma risada e sai correndo na direção oposta.

Cantor — Por que toda essa alegria, moça que vai para casa?

Os Músicos —

Porque o desamparado, só por saber sorrir,
arranjou novos pais — daí minha alegria:
fiquei livre do fardo a que tão bem queria.

Cantor — E por que tanta tristeza?

Os Músicos —

Fiquei livre, mas triste
como quem foi roubada
e assim ficou sem nada.

Mal acaba de dar alguns passos, Grusche depara com dois Cavalarianos, que lhe apontam as alabardas. O Sargento vem junto.

Sargento — Rapariga, está diante das Forças Armadas. De onde veio? Quando veio? Tem alguma ligação não permitida com o inimigo? Onde está o inimigo? Que manobras ele faz nas suas costas? Que é que estão aprontando nas colinas, nos vales? O que é que eles trazem nas meias?

Grusche continua de pé, assustadíssima.

Grusche — Eles estão muito fortificados, era melhor vocês baterem em retirada.

Sargento — Estou sempre batendo em retirada, e isso eu faço na certa. Por que você está olhando tanto para as alabardas? "O soldado em campanha nunca abandona sua alabarda", é o que manda o Regulamento e vocês sabem muito bem, cabeças-duras. E então, rapariga, qual é o seu rumo?

Grusche — Vou ver meu noivo, senhor Sargento: um tal de Simon Chachava, da guarda palaciana em Nukha. Se eu escrever para ele, ele quebra os ossos de vocês todos!

Sargento — Simon Chachava, sim, eu sei quem é. Ele até me deu a chave, para eu ir de vez em quando visitar você. Cabeças-duras, nós perdemos o cartaz! Precisamos, daqui por diante, mostrar que as nossas intenções são boas. Moça, por trás desta aparência brincalhona, eu sou de natureza muito séria, e uma coisa lhe digo oficialmente: desejo ter um filho com você.

Grusche dá um pequeno grito.

Sargento — Cabeças-duras, ela já compreendeu. Que medozinho delicioso, vocês não acham? "Senhor Oficial, antes eu preciso tirar a massa do forno, depois preciso mudar minha camisola rasgada, senhor Comandante!" — Deixemos de brincadeiras, rapariga, deixemos de brincadeiras: estamos neste lugar à procura de um certo menino. Você não ouviu falar de nenhum menino aparecido por aqui com roupas finas, vindo da cidade?

Grusche — Não sei de nada.

Cantor —

Corra, menina: os matadores vêm aí!
Ampare o desamparado,
você que não tem amparo!
E foi assim que ela fez.

Grusche volta-se de repente e sai correndo, tomada de pânico. Os Cavalarianos entreolham-se e vão atrás dela, praguejando.

Os Músicos —

Sempre nas horas de maior perigo
é que se vê o verdadeiro amigo.

Na granja, a Camponesa gorda está curvada sobre o cesto do Menino, quando Grusche entra correndo.

Grusche — Depressa, esconda o menino! Os Cavalarianos vêm aí. O que eu deixei na sua porta não é meu: é filho de gente muito importante!

Camponesa — Vêm aí, quem? Que Cavalarianos?

Grusche — Não faça perguntas, não perca tempo: esse é o menino que eles estão procurando.

Camponesa — Em minha casa eles não têm nada que procurar. Mas com você quero ter uma conversinha!

Grusche — Tire as roupas finas dele. Podem nos comprometer!

Camponesa — Roupas finas para cá, roupas finas para lá... Mas nessa casa quem manda sou eu, e não venha cuspir na minha sala! Por que você abandonou o menino? Isso é um grande pecado!

Grusche *olhando para fora* — Eles estão ali atrás das árvores. Eu não devia ter corrido: acho que ficaram zangados. E agora, como é que eu faço?

Camponesa *espia rapidamente para fora e fica estarrecida* — Jesus, Maria! Os Cavalarianos!

Grusche — Eles estão procurando o menino.

Camponesa — E se invadirem a casa?

Grusche — Não é preciso a senhora entregar: diga que ele é seu filho!

Camponesa — Pois sim!

Grusche — Se a senhora entregar, vão atravessá-lo com as alabardas.

CAMPONESA — E se fizerem questão de levá-lo? Todo o dinheiro da colheita está aqui em casa...

GRUSCHE — Se a senhora entregar, vão fazer picadinho dele, aqui no meio da sua sala. O único jeito é dizer que é seu filho.

CAMPONESA — Sim, e se eles não acreditarem?

GRUSCHE — Tem de falar com convicção...

CAMPONESA — Vão pôr fogo no teto sobre as nossas cabeças.

GRUSCHE — Por isso, é melhor dizer que o filho é seu. O nome dele é Miguel. Não sei se fiz bem em lhe contar isso.
A Camponesa faz que sim, com um sinal de cabeça.

GRUSCHE — Não adianta dizer sim com a cabeça. Nem tremer tanto, que eu daqui estou vendo.

CAMPONESA — Está bem.

GRUSCHE — Já que está bem, vamos parar com isso. *Sacode-a.* A senhora não tem filhos?

CAMPONESA *murmurando* — Um, na guerra.

GRUSCHE — Talvez até seja um dos Cavalarianos. Será um desses que estripam crianças? A senhora vai ter de falar firme com ele: "Nada de confusão com alabardas aqui na minha sala! Foi para isso que eu te criei? Vê se dobra essa língua, quando fala com sua mãe!"

CAMPONESA — É verdade, comigo ele não pode.

GRUSCHE — A senhora me promete dizer que o filho é seu?

CAMPONESA — Prometo.

GRUSCHE — Eles estão chegando.

Batem à porta. As duas mulheres não respondem. Entram os Cavalarianos. A Camponesa inclina-se numa profunda saudação.

SARGENTO — Aqui está ela! O que foi que eu disse? É o meu faro: descobri logo. Tenho uma perguntinha a lhe fazer, moça: por que fugiu de mim? Pensou que eu queria alguma coisa de você? Aposto que era alguma coisa feia... Vamos, diga!

GRUSCHE *enquanto a Camponesa continua a fazer curvaturas intermináveis* — Eu tinha deixado o leite no fogo e de repente me lembrei.

SARGENTO — Pensei que fosse por imaginar que eu a estava olhando com más intenções. Como se eu fosse capaz de conceber uma coisa dessas entre nós. Um olharzinho um tanto sensual, está percebendo?

GRUSCHE — Isso eu não percebi.

SARGENTO — Mas até que podia acontecer, não podia? Vamos confesse! Eu podia muito bem ser um pouco... Vou ser franco com você: eu podia imaginar uma porção de coisas, se estivéssemos os dois sozinhos. *À Camponesa* — Não tem nada que fazer lá fora? Dar comida às galinhas?

CAMPONESA *caindo subitamente de joelhos* — Senhor Soldado, eu não estava sabendo de nada. Não ponha fogo em minha pobre casa!

SARGENTO — Que está dizendo?

CAMPONESA — Eu não tenho nada a ver com isso, senhor Soldado: foi ela que deixou na minha porta, eu juro!

SARGENTO *avista o Menino e solta um assobio* — Ah, o pequenino está naquele cesto, cabeças-duras: as mil piastras são minhas! Arrastem a velha lá para trás e amarrem bem: tenho a impressão de que vai haver um interrogatório.
A Camponesa deixa-se levar em silêncio pelos subalternos.

Sargento — A senhora está com um menino que eu preciso tirar das suas mãos. *Dirige-se para onde está o cesto.*

Grusche — Senhor Oficial, esse aí é meu filho. Não é o que o senhor anda procurando.

Sargento — Quero ver com meus olhos. Inclina-se sobre o cesto.
Grusche olha desesperadamente em redor.

Grusche — É meu filho, é meu filho!

Sargento — Roupinhas finas...
Grusche atira-se em cima do Sargento, querendo tirar-lhe o Menino. Ele repele-a e volta a inclinar-se sobre o cesto. Ela corre os olhos em torno, em desespero, vê uma acha de lenha, levanta-a e dá uma pancada na cabeça do Sargento, que desaba no chão. Ela apanha o Menino rapidamente e sai correndo.

Cantor —

E assim, fugindo aos Cavalarianos,
depois de andar por mais de vinte e dois dias,
ao pé da geleira de Yanga-Tau,
Grusche Vachnadze adotou o Menino.

Os Músicos —

Ela, que não tinha amparo,
adotou o desamparado.

Grusche Vachnadze, agachada à beira de um riacho meio congelado, apanha água na concha da mão desocupada e asperge-a sobre o Menino.

Grusche *cantando* —

Ninguém quis cuidar de ti
e eu tive que te cuidar;
tu, sem teres mais ninguém,
por maus dias de um mau ano
tiveste que me aturar.

Te ensinei com paciência,
até sair sangue dos pés,

porque o leite era tão caro...
E comecei a te amar.
(Ah, nunca mais te deixar!)

Te dispo a camisa fina,
te enrolo num pano velho,
e te lavo e te batizo
na água branca da geleira.
(É uma bênção verdadeira!)

Grusche tira as roupas finas do Menino e enrola-o num pedaço de pano velho.

Cantor —

Quando Grusche Vachnadze, fugindo da Cavalaria,
chegou à passarela da aldeia, na encosta de leste,
cantando a "Canção da ponte podre",
arriscava as duas vidas.

Sopra um vento. Na penumbra do crepúsculo, ergue-se a passarela. Um dos cabos está arrebentado e meio pendente sobre o abismo. Dois Homens e uma Mulher, mercadores, estão indecisos diante da passarela, quando aparece Grusche com o Menino. Enquanto isso, um dos Homens, com uma vara, tenta puxar o cabo pendente.

Homem 1 — Tem tempo, senhorita: não vai atravessar por essa passarela...

Grusche — Mas eu preciso atravessar com o menino para o lado de lá: meu irmão está esperando!

Mulher — "Preciso": o que quer dizer "preciso"? Eu também preciso atravessar, porque preciso comprar dois tapetes em Atum, e um eu preciso vender, porque o marido dela precisou morrer, minha santa! Mas eu posso fazer o que preciso? E ela também pode? Andrei já está há duas horas tentando pegar aquele cabo, e, se ele conseguir, como vamos fazer para amarrá-lo? É o que eu me pergunto.

Homem 1 *pondo-se à escuta* — Façam silêncio! Parece que escutei alguma coisa.

GRUSCHE *em voz alta* — Podre é que a passarela não está, e eu vou atravessar!

MULHER — Eu não faria uma coisa dessas, nem que estivesse com o Diabo atrás de mim. Por quê? Porque é suicídio!

HOMEM 1 *chamando a altos brados* — Olá!

GRUSCHE — Não grite! *À Mercadora* — Fale com ele para não gritar!

HOMEM 1 — É lá para baixo, que eu estou gritando: talvez alguém se tenha perdido.

MULHER — E por que não havia de gritar! Há alguma coisa errada com você? Será que andam à sua procura?

GRUSCHE — Tenho uma coisa a dizer a vocês: os Cavalarianos andam atrás de mim, porque eu matei um deles.

HOMEM 2 — Levem as mercadorias para longe daqui!
A Mulher esconde uma saca atrás de uma pedra.

HOMEM 1 — Por que não disse isso antes? *Aos outros* — Se eles pegarem a moça, vão fazer picadinho dela.

GRUSCHE — Me ponham na passarela: preciso atravessar!

HOMEM 2 — Isso não pode: são setecentos metros de altura!

HOMEM 1 — Mesmo se conseguisse pegar a corda, seria uma loucura. A gente poderia agüentar a corda com as mãos, mas os Cavalarianos seriam capazes de fazer a mesma coisa e atravessar também.

GRUSCHE — Saiam da minha frente!
Gritos de alguém chamando na distância: "Olá, vocês aí em cima!"

MULHER — Eles já vêm aí perto. Mas você não pode atravessar a passarela com essa criança: ela não vai suportar o peso. E dê uma olhadinha lá para baixo!

Grusche olha para o abismo. Lá de baixo fazem-se ouvir novos chamados dos Cavalarianos.

HOMEM 2 — Setecentos metros.

GRUSCHE — Mas os Cavalarianos ainda são piores!

HOMEM 1 — Com a criança é que não pode ir. Se andam à sua procura, arrisque sua vida, mas não a do menino.

HOMEM 2 — Com o menino, o peso é muito maior.

MULHER — Talvez precise mesmo atravessar. Deixe o menino comigo, que eu tomo conta, e vá sozinha pela passarela.

GRUSCHE — Isso eu não posso: nós nunca nos separamos. *Canta* —

É fundo o despenhadeiro
e a ponte é frágil, filhinho,
mas não foi nenhum de nós
que escolheu este caminho.

Vamos pois continuar,
que é o melhor para você.
Tenho pão para lhe dar
e é o que você vai comer.

Vamos reparti-lo em quatro
pedaços, e três são seus:
sejam grandes ou pequenos,
vamos dar graças a Deus!

GRUSCHE — Agora vou experimentar!

MULHER — É um desafio aos desígnios de Deus.
Ouvem-se gritos que chamam de baixo.

GRUSCHE — Só peço uma coisa a vocês: joguem fora essa vara, senão eles puxam a corda e vão atrás de mim!
Grusche põe o pé na passarela oscilante e a Mulher solta um grito

quando ela parece que vai romper-se, mas Grusche continua avançando e alcança a terra firme do outro lado.

HOMEM 1 — Ela passou!

MULHER *que caíra de joelhos rezando, e agora se encolerizava* — Passou, mas em pecado!
Irrompem os Cavalarianos, o Sargento com uma bandagem na cabeça.

SARGENTO — Viram por aqui uma rapariga com um menino?

HOMEM 1 *enquanto o Homem 2 joga a vara no despenhadeiro* — Vimos, sim. Lá está ela! E a passarela não agüenta o peso de vocês.

SARGENTO — Cabeças-duras, vocês me pagam!
Grusche, do outro lado, ri e mostra os Cavalarianos ao Menino; depois vai-se embora, deixando para trás a passarela. Venta.

GRUSCHE *olhando para Miguel* — Do vento, você não precisa ter medo: ele só uiva, assim, como um cachorro triste. Só o que ele faz é ir empurrando as nuvens, e às vezes fica um pouquinho frio.
Começa a cair neve.

GRUSCHE — E a neve, Miguel, não é tão má também: ela é que cobre os pinheiros pequenos, para eles não morrerem no inverno. E agora vou cantar uma canção para você, preste bem atenção! *Canta* —

Teu pai é ladrão,
tua mãe não presta,
mas diante de ti se curvará
muita gente honesta.

Vai dar milho aos potros
o filho da onça,
e o filho da serpente vai dar leite
para muitas mães.

4

NAS MONTANHAS DO NORTE

CANTOR —

Sete dias sem rumo a moça andou,
pelas geleiras e vales andou.
"Se achar a casa do mano — pensou —,
ele vai levantar-se e me abraçar:
— Irmã, você aqui? — vai perguntar.
— Estão há tanto tempo à sua espera!
Aqui minha mulher e aqui a casa
que nós ganhamos quando nos casamos.
Traga seu filho para a mesa e coma!"
O irmão morava numa linda várzea.
Estava exausta, ela, quando chegou.
E da mesa o irmão se levantou.

Um gordo casal de camponeses acaba de sentar-se à mesa: Laurenti Vachnadze já está de guardanapo no pescoço quando Grusche, amparada por um Peão, e muito pálida, entra com o Menino.

LAURENTI — Grusche, de onde você veio?

GRUSCHE *fraca* — Atravessei a passagem de Yanga-Tau, Laurenti...

PEÃO — Eu a encontrei caída em frente ao celeiro. Tinha um menino com ela.

CUNHADA — Vá escovar o cavalo baio! *Sai o Peão.*

LAURENTI — Esta é Aniko, minha mulher.

CUNHADA — Pensamos que você estivesse empregada em Nukha.

GRUSCHE *que mal consegue manter-se em pé* — Era lá que eu estava.

CUNHADA — Não era um bom emprego? Pensávamos que fosse dos melhores.

Grusche — O Governador foi assassinado.

Laurenti — É, parece que houve barulho. Sua tia também nos disse isso, você se lembra, Aniko?

Cunhada — Aqui conosco é uma tranqüilidade. O pessoal que mora na cidade está sempre fazendo agitação. *Vai até a porta e chama* — Sossa, não tire o bolo do forno ainda não, está me ouvindo? Sossa, onde foi que você se meteu? Sai gritando.

Laurenti *apressado, em voz baixa* — Esse menino tem pai? *Enquanto Grusche balança negativamente a cabeça* — Eu já sabia! Precisamos dar um jeito. Aniko é muito religiosa.

Cunhada *voltando* — Ah, essas criadas! *A Grusche* — Você trouxe uma criança?

Grusche — É meu filho. *Tem um desmaio, Laurenti reanima-a.*

Cunhada — Jesus, Maria, José! Ela está doente, o que é que a gente vai fazer?

Laurenti faz menção de levar Grusche para o banco da lareira, mas Aniko faz um sinal significativo, indicando um saco preto na parede.

Laurenti *levando Grusche para perto da parede* — Sente. Fique sentada aqui. Foi só uma fraqueza.

Cunhada — Se não for escarlatina!

Laurenti — Ela estaria coberta de manchas. É fraqueza, Aniko, pode ficar descansada. *A Grusche* — Sentada é melhor, não é?

Cunhada — Então o menino é seu?

Grusche — É meu.

Laurenti — Ela vai encontrar-se com o marido.

Cunhada — Ah, bom... Laurenti, a carne vai esfriar! *Laurenti senta-se e começa a comer.* Comida fria não lhe faz bem: a gordura não deve ser comida fria. Você tem o estômago fraco, está cansado de saber disso. *A Grusche* — Se o seu marido não está na cidade, onde será que ele está?

Laurenti — Ela disse que se casou do outro lado da montanha.

Cunhada — Se é assim, do outro lado da montanha... *Senta-se para comer também.*

Grusche — Laurenti, acho que você vai ter de me levar para algum lugar...

Cunhada *mais inquisitorial* — Se for a febre, nós todos vamos pegar! Seu marido tem granja?

Grusche — Ele é soldado.

Laurenti — Mas tem a granja do pai dele, sim, uma granjinha.

Cunhada — Mas ele não está na guerra, então?

Grusche *com dificuldade* — Está na guerra, sim.

Cunhada — E você vai fazer o quê, na granja?

Laurenti — Quando voltar da guerra, é para lá que ele vai.

Cunhada — E você vai ficar lá, desde agora?

Laurenti — Vai esperar por ele.

Cunhada *dá um grito agudo* — Sossa, olhe o bolo!

Grusche *no delírio da febre* — Granja... Soldado... Esperar... Sente-se... Coma...

Cunhada — É escarlatina!

Grusche *pondo-se de pé* — É isto mesmo: ele tem uma granja.

LAURENTI — Aniko, eu acho que é uma crise de fraqueza. Você não quer ir dar uma olhada no bolo, meu bem.?

CUNHADA — Mas quando é que seu marido vai voltar, se o que diz é que a guerra está apenas começando? *Vai correndo e gritando para o fundo da cena* — Sossa, onde foi que você se meteu? Sossa!

LAURENTI *levanta-se rápido e vai aonde está Grusche* — Daqui a pouco você vai ter uma cama no quarto. Ela é uma boa alma, mas só depois de comer.

GRUSCHE *estende-lhe o Menino* — Pegue!

LAURENTI *pegando o Menino e espiando em redor* — Só não podem ficar por muito tempo: ela é muito religiosa, você sabe.
Grusche desmaia de novo, e o irmão torna a levantá-la.

CANTOR —

A moça estava bem doente, mesmo.
O irmão poltrão teve de dar-lhe abrigo.
O outono foi passando, veio o inverno:
inverno tão longo, tão curto inverno.
Ninguém também precisava saber,
os ratos não precisavam roer,
nem precisava vir a primavera.

Grusche está no quarto de despejo, junto ao tear. Ela e o Menino, agachados no chão, estão enrolados em cobertores. Grusche tece e canta.

GRUSCHE *cantando* —

Amado meu, amado meu,
agora que vais para a guerra
e vais lutar contra o inimigo,
não fiques muito na linha de frente,
nem fiques muito nas linhas de trás:
na frente vermelho é o fogo,
atrás vermelha é a fumaça.
Vê se te encaixas na linha do meio,
talvez à sombra do porta-bandeira.

Morrem os da frente,
morrem os de trás;
os do meio é que voltam para casa.

GRUSCHE — Miguel, nós precisamos ser espertos! Se ficarmos aqui quietinhos que nem baratas, a cunhada é capaz de esquecer que tem gente em casa. E assim podemos ficar por aqui até que o inverno passe e a neve se derreta. Também não chore por causa do frio: ser pobre e não gostar de sentir frio é uma antipatia.
Entra Laurenti e senta-se perto de Grusche, sua irmã.

LAURENTI — Por que é que estão aí tão encolhidos, que nem cocheiros? Será que o quarto é frio demais?

GRUSCHE *tirando depressa o xale* — Laurenti, aqui não faz frio nenhum.

LAURENTI — Se fosse frio demais, você e o menino não deveriam ficar aí sentados: Aniko jamais se perdoaria. *Pausa.* Espero que o sacerdote não tenha feito a você nenhuma pergunta a respeito do menino...

GRUSCHE — Ele bem que perguntou, mas eu não disse nada.

LAURENTI — Fez bem. Eu gostaria de falar de Aniko: é uma boa alma, só que é muito, muito sensível. As pessoas mal começam a falar da casa e ela fica logo apavorada. Tudo ela sente tão profundamente, você nem imagina. Uma vez a empregada do curral apareceu na igreja com um furo na meia; desde esse dia, a minha querida Aniko só vai à igreja com dois pares de meias. É incrível, mas as famílias de antigamente eram assim. *Põe-se à escuta.* Você tem certeza de não haver ratos por aqui? Se houvesse, vocês aqui não poderiam ficar. *Ouvem-se pingos d'água a cair do teto.* É uma goteira?

GRUSCHE — Deve ser algum tonel mal fechado.

LAURENTI — É isto mesmo: deve ser algum tonel... Já faz meio ano que você está aqui, não faz? Mas eu estava falando de Aniko. É claro que não disse nada a ela sobre os Cavalarianos, porque ela tem o coração muito fraco. Ela não sabe que você não pode ir procurar outro lugar, daí os comentários dela ontem. *Ouvem-se de novo os pingos d'água caindo.* Você poderia imaginar que ela se preocupasse com o seu soldado? Ela me perguntou: "E se ele voltar e não a encontrar lá?" — e passou a noite acordada. Eu explico a ela: "Ele só volta com a primavera". — Ela é muito boazinha. *Os pingos vão caindo mais depressa.* Quando você acha que ele vai voltar? Faz alguma idéia? *Grusche não responde.* Antes da primavera é que não vai, você também não acha? *Grusche continua em silêncio.* Estou vendo que nem você acredita mais que ele volte... *Grusche não diz nada.* Mas quando chegar a primavera e a neve derreter, aqui e nos desfiladeiros, você não vai poder mais ficar, porque podem aparecer os que andam à sua procura e todo mundo vai fofocar sobre um menino sem pai...

O barulho dos pingos que caem do teto é agora forte e contínuo.

Grusche — É.

Laurenti *solícito* — Deixe eu dizer o que vamos fazer. Você precisa de um lugar para onde ir, e, como tem o menino — *suspira* —, vai precisar também de um marido, para o pessoal não ficar falando. Eu me dei ao trabalho de procurar, com todo o cuidado, um marido bem de acordo com a situação, e achei um, Grusche! Conversei com uma senhora que tem um filho, exatamente do outro lado da montanha, e uma granjinha, já está tudo combinado...

Grusche — Mas eu não posso me casar com homem nenhum: estou comprometida com Simon Chachava.

Laurenti — Eu sei. Mas pensei em tudo. Você não precisa agora de outro marido na sua cama, é só no papel. E o que arranjei foi um marido assim: o filho da tal senhora, com quem eu conversei, está nas últimas. Não é formidável? Já está dando o último suspiro. E tudo direitinho como nós havíamos afirmado: "um marido do outro lado da montanha"! Assim que você chegar lá, ele dá o último suspiro e você fica viúva. Que tal?

Grusche — Eu só preciso de papel com estampilha por causa do Miguel.

Laurenti — Um carimbo e uma estampilha, e está tudo resolvido! Sem isso, nem o Xá da Pérsia pode provar que é o Xá. E você vai ter onde morar.

Grusche — Quanto é que a tal senhora leva nisso?

Laurenti — Quatrocentas piastras.

Grusche — E onde foi que você arranjou tanto dinheiro?

Laurenti *com a consciência pesada* — Aniko Milchgeld.

Grusche — Lá ninguém sabe quem nós somos... Eu aceito!

Laurenti *levantando-se* — Vou já correndo levar a notícia à tal camponesa. *Sai às pressas.*

Grusche — Miguel, você me arranja cada uma! Acabo sendo para você como o pé de pera é para o pardal. E tudo porque uma boa cristã não pode deixar de se abaixar e apanhar uns pedaços de pão, para que nada se perca. Miguel, naquele domingo de Páscoa, em Nukha, a melhor coisa que eu poderia ter feito era dar o fora o mais depressa possível. Agora estou aqui, feito uma boba.

Cantor —

O noivo estava morrendo,
quando a noiva apareceu.
Esperando à porta, a sogra
bem depressa a fez entrar.
A noiva trazia um filho, que durante o casamento
foi escondido pelas testemunhas.

Um cômodo dividido em dois por um tabique. De um lado, uma cama; atrás de um mosquiteiro está deitado, rígido, um homem muito doente. Pelo outro lado entra a Sogra, trazendo Grusche pela mão. Atrás delas, Laurenti com o Menino.

Sogra — Depressa, depressa, senão ele vai cair duro das nossas mãos antes da cerimônia! *A Laurenti* — Mas o senhor não me disse que ela já tinha uma criança: isso não estava combinado.

LAURENTI — Que diferença faz? *Referindo-se ao agonizante* — Para ele tanto faz, no estado em que está.

SOGRA — Ele, talvez. Mas eu é que não vou poder suportar essa vergonha: nós somos gente honesta. *Começa a chorar.* O meu Yussuf não há de ser casado com uma mulher que já tem criança.

LAURENTI — Está bem: dou mais duzentas piastras. Que a granja volta a ser da senhora depois, está escrito no contrato; mas minha irmã tem o direito de morar pelo menos dois anos aqui.

SOGRA *enxugando as lágrimas* — O dinheiro mal dá para as despesas do enterro. Espero que ela também me possa dar uma mãozinha no trabalho. E agora, aonde foi o monge? Ele ficou de bater na janela da cozinha. O povoado inteiro vai cair em cima da gente, se souber que Yussuf está nas últimas, ai meu Deus! Vou ver se acho o monge, mas a criança ele não pode ver!

LAURENTI — Eu tomo cuidado para ele não ver o menino... Mas por que um monge e não um padre?

SOGRA — É tudo a mesma coisa. Fiz mal em pagar a ele a metade dos honorários antes da cerimônia: agora deve estar no botequim. Minha esperança... *Sai correndo.*

LAURENTI — Ela é sovina: achou que um padre ia sair muito caro e preferiu chamar um monge, para pagar menos.

GRUSCHE — Diga ao Simon Chachava para vir aqui em cima assim que ele aparecer.

LAURENTI — Vou dizer. *Referindo-se ao doente* — Não quer dar uma espiada nele?
Grusche, de novo com Miguel no colo, abana a cabeça negativamente.

LAURENTI — Ele nem se mexe. Tomara que não tenhamos chegado tarde demais.
Laurenti e Grusche põem-se à escuta. Do outro lado, entram vizinhos que olham em redor e colocam-se junto às paredes, começando a murmurar orações em voz baixa. Entra a Sogra com o Monge.

SOGRA *depois de uma olhadela significativa ao Monge* — Cá estamos todos. *Inclina-se em cumprimento aos Convidados.* Por favor, tenham paciência, é só um instantinho! A noiva do meu filho veio da cidade e a cerimônia vai ser muito simples, além de urgente. *Entra com o Monge no quarto de dormir* — Pensei que estivesse perdido por aí! *A Grusche* — A cerimônia pode ser resolvida num instante. Os documentos estão aqui. Eu e o irmão da noiva... *Depois de tirar Miguel do colo de Grusche, Laurenti procura passar despercebido ao fundo. A Sogra faz sinal para ele sair.* Eu e o irmão da noiva somos as testemunhas.
Grusche inclina-se diante do Monge. Vão os três para junto da cama. A Sogra abre o mosquiteiro. O Monge começa a rezar em latim o texto cerimonial. Entrementes Laurenti aparece com o Menino para ver a cerimônia, dando a entender que é para o Menino não chorar, mas a Sogra lhe acena inflexível para levar o Menino para longe. Em dado momento, Grusche procura pelo Menino com os olhos e Laurenti lhe faz sinais com a mãozinha de Miguel.

MONGE — Tu aceitas por marido este homem, e prometes ser para ele uma esposa fiel, dedicada e boa, permanecendo ao lado dele até que a morte vos separe?

GRUSCHE *piscando o olho para o Menino* — Sim.

MONGE *ao Agonizante* — E tu aceitas por esposa esta mulher, e prometes ser para ela um marido fiel, dedicado e bom, permanecendo ao lado dela até que a morte vos separe?
Como o Agonizante não responde, o Monge repete a pergunta e olha em redor.

SOGRA — Aceita, sim. Não escutou o "sim" que ele respondeu?

Monge — Assim, eu vos declaro marido e mulher, unidos pelo sacramento do matrimônio!... E agora vamos à extrema-unção?

Sogra — Nada disso! O casamento já custou muito dinheiro. E agora eu tenho que atender aos convidados. *A Laurenti* — Não foi setecentos, que combinamos?

Laurenti — Seiscentos! Conta o dinheiro. Não vou ficar aqui com os convidados, para entrar em contato não sei com que espécie de gente. Então, Grusche, até à vista! E quando minha irmã, enviuvando, quiser me visitar, há de receber as boas-vindas de minha mulher, senão quem vai se zangar sou eu!

Sai Laurenti, passando pelos Convidados, que o olham com indiferença.

Monge — Pode-se saber que criança é essa?

Sogra — Criança? Não vejo aqui nenhuma criança. E você também não está vendo nenhuma, entendeu? Ou vai querer que eu também tenha visto umas certas coisas nos fundos do botequim? *Aos Convidados* — Façam o favor de entrar!

Passam todos ao quarto, depois que Grusche pegou de novo o Menino e o repôs ao chão. Ela é então apresentada aos vizinhos.

Sogra — Esta é minha nora. Felizmente chegou a tempo de rever o nosso querido Yussuf ainda com vida.

Convidada 1 — Já faz um ano que ele caiu de cama, não faz? Quando o meu Vassíli foi recrutado, ele ainda estava conosco para as despedidas.

Convidada 2 — É uma coisa horrível, para uma granja, quando o milho está em espiga nos pés e o granjeiro está de cama. Seria um alívio para ele, se o sofrimento não se prolongasse mais. Penso eu.

Convidada 1 *confidencialmente* — A princípio imaginamos que ele fingia estar de cama para fugir do serviço militar, a senhora compreende. E agora aí está ele, nas últimas!

Sogra — Façam o favor de sentar-se e comer uns bolinhos...

A Sogra faz sinal a Grusche, e as duas passam para o quarto de dormir, onde apanham no chão alguns pratos com bolinhos. Os Convidados, entre eles o Monge, sentam-se no chão e começam a conversar em surdina.

Convidado 1 *a quem o Monge passa uma garrafa que trazia embaixo da batina* — O senhor diz que existe uma criança? Como é que o Yussuf foi fazer isso?

Convidado 3 — Ela pelo menos teve a sorte de chegar a tempo de se casar, no estado em que ele estava.

Sogra — Já estão começando a fofocar, enquanto comem os bolinhos do velório; se ele não morrer hoje, amanhã vou ter de fazer mais bolos.

Grusche — Eu faço.

Sogra — Ontem, quando os Cavalarianos passaram por aqui, e eu saí um bocadinho para ver o que era, voltei logo e ele já estava que nem um cadáver. Foi por isso que mandei chamar você. Ele não vai durar muito. *Põe-se à escuta.*

Monge — Meus caros convidados das núpcias e do funeral! É com emoção que estamos aqui reunidos, entre um leito nupcial e um leito de morte, pois a esposa está vindo para a alcova quando o esposo está indo para debaixo da terra. O esposo já se lavou dos pecados, e a esposa aí está para o que der e vier. Pois no leito nupcial jaz uma última vontade que se faz pecaminosa. Ah, como são diferentes, meus caros, os destinos das pessoas! Um morre para poder ter um teto sob o qual se abrigar, e a outra casa-se para que a sua carne retorne ao pó de que foi feita. Amém!

Sogra *depois de ouvir tudo* — Ele está indo à forra. Eu não devia ter chamado um tão barato, pois é nisso que dá. Um mais careiro havia de se comportar melhor. Lá em Sura tem um que vive em odor de santidade, mas naturalmente cobraria uma fortuna. Um sacerdote de cinqüenta piastras não pode mesmo ser muito solene, e cinqüenta piastras é o que ele vai receber, religiosamente, nem mais um vintém. Quando fui lá no botequim buscá-lo, ele estava fazendo um discurso, aos berros: "A guerra acabou, cuidado com a paz!" — Vamos lá para dentro!

Grusche *dando um bolinho a Miguel* — Coma um bolinho e fique quieto aí, Miguel! Agora somos gente de muito respeito.

Grusche e a Sogra levam para os Convidados os pratos de bolos. Yussuf, o agonizante, levanta-se da cama e põe a cabeça para fora do mosquiteiro, olhando para as duas mulheres. Depois torna a afundar-se na cama. O Monge tira dos bolsos da batina mais duas garrafas e estende-as aos Convidados mais próximos. Entram três Músicos, a quem o Monge faz um sinal zombeteiro.

Sogra *aos Músicos* — Que estão fazendo aqui, com esses instrumentos?

Os Músicos — O irmão Anastásius — *apontam o Monge* — nos disse que havia uma festa de casamento aqui...

Sogra *ao Monge* — Então você ainda me traz mais três, para me azucrinar? Os senhores também não sabiam que ali no quarto está um homem à beira da morte?

Monge — É uma tarefa muito sedutora para um artista: ao mesmo tempo, marcha nupcial e marcha fúnebre, uma bem alto e a outra bem baixinho.

Sogra — Então pelo menos toquem alguma coisa, já que ninguém vai lhes tirar a comida da boca!

Os Músicos tocam uma melodia mista. As mulheres servem bolinhos.

Monge — O trompete tem um som de choro de bebê, e o que é que o tamborzinho anda batucando pelo mundo?

Convidado 1 *perto do Monge* — Que tal se a noiva mexesse um pouco as cadeiras?

Monge — As cadeiras ou a caveira?

Convidado 1 *cantando* —

Senhorita Bunda-Bela
casou com um agonizante,
dizendo que o casamento
é a coisa mais importante.
Mas era tudo piada:
esqueceu a certidão,
e as velas aproveitou
para outra iluminação.

A Sogra põe o bêbado para fora. A música pára. Os Convidados ficam sem jeito. Pausa.

Os Convidados *em altas vozes* — Já sabem da última? O Grão-Duque está de volta! — Mas os príncipes ainda estão contra ele. — Ah, o Xá da Pérsia, dizem, formou um exército enorme para restabelecer a ordem na Grusínia. — Como é que pode ser isso, se o Xá da Pérsia é inimigo do Grão-Duque? — Mas é mais inimigo da desordem. — Em todo caso, a guerra terminou: nossos soldados já estão voltando.

Grusche deixa cair o prato de bolinhos.

Convidado 1 *a Grusche* — Está sentindo alguma coisa? Deve ser tanta preocupação, por causa do Yussuf! Sente-se aqui e descanse um pouco, meu bem!

Grusche levanta-se vacilante.

Os Convidados — Agora vai ser tudo como dantes. — Só que os impostos vão aumentar, para pagar as despesas da guerra.

Grusche *com voz sumida* — Alguém falou que os soldados estão voltando?

Convidado 2 — Quem falou fui eu.

Grusche — Não pode ser verdade!

Convidado 2 *a uma das Convidadas* — Mostre a ela o xale que compramos de um soldado! É da Pérsia.

GRUSCHE *examina o xale* — É lá que eles estão.
Faz-se uma longa pausa. Grusche ajoelha-se, como que a fim de catar os bolinhos. Puxa pela gola da blusa a cruz de prata do seu colar, beija-a e põe-se a rezar.

SOGRA *enquanto os Convidados observam Grusche em silêncio* — Que é que você tem? Não quer mais dar atenção aos nossos convidados? Que temos nós com as bobagens da cidade?

OS CONVIDADOS *voltando a falar alto, enquanto Grusche, de cara no chão, continua rezando* — Selas da Pérsia, a gente pode conseguir dos soldados por uma bagatela. — Só os comandantes de um lado é que ganham a guerra, mas os soldados perdem dos dois lados. — Ao menos esta guerra terminou: já é uma grande coisa os nossos homens não serem forçados ao serviço militar. *Yussuf, o Agonizante, está levantando na cama, espiando tudo.* O que a gente precisava, agora, eram mais duas semanas de tempo firme. — Nossa plantação de peras, este ano, não deu quase nada.

SOGRA *servindo bolinhos* — Por favor, comam mais alguns bolinhos! Não façam cerimônia! Tem mais, lá dentro.
A Sogra volta para o quarto com o prato vazio. Não vê o filho Yussuf e curva-se para apanhar no chão um prato cheio, quando ele começa a falar a meia-voz.

YUSSUF — Quantos bolinhos a senhora ainda vai entuchar na garganta deles? Está pensando que eu cago dinheiro?
A Sogra dá uma volta e crava os olhos nele, perplexa. Yussuf sai de trás do mosquiteiro.

YUSSUF — Estão dizendo que a guerra acabou?

CONVIDADA 1 *amavelmente a Grusche, no outro ambiente* — A mocinha tem alguém nos campos de batalha?

CONVIDADO 2 — É uma boa notícia a volta deles, não é?

YUSSUF — Não fique aí arregalando os olhos! Onde está a criatura que a senhora me arranjou para noiva?
Como não obtém nenhuma resposta, Yussuf afasta-se da cama e caminha, vacilante, em camisolão, passando pela Sogra e aparecendo no outro ambiente. A Sogra vai atrás dele, tremendo, com um prato de bolinhos nas mãos.

OS CONVIDADOS *ao darem com os olhos nele, aos gritos* — Jesus, Maria, José! O Yussuf!
Todos ficam pasmados, as mulheres precipitam-se para a porta de saída. Grusche, ainda de joelhos, ergue a cabeça para ver Yussuf.

YUSSUF — Pensam que vão comer até estourar, seus urubus? Fora daqui, antes que eu os expulse a cacetadas!
Os convidados saem às pressas do recinto.

YUSSUF *sombrio, a Grusche* — Um imprevisto nos seus cálculos, heim?
Como ela não diz nada, ele volta-se e apanha um bolo de milho no prato que a Sogra tem nas mãos.

CANTOR —

Que confusão, a mulher descobrir que o que mais
tem é homem:
durante o dia é o menino, durante a noite é o
marido,
e dia e noite é o namorado que vem vindo.
Os casados se olham, parte a parte. O quarto é
pequenino.

Yussuf está nu, sentado numa alta tina de madeira, e a Sogra joga água nele com uma caneca. No quarto ao lado, Grusche está de cócoras perto de Miguel, que brinca com umas palhas da esteira.

YUSSUF — Isto é trabalho para ela, não é para a senhora. Onde ela se meteu?

SOGRA *chama* — Grusche! Yussuf está chamando!

GRUSCHE *a Miguel* — Estão faltando ainda dois buracos para você completar.

YUSSUF *quando Grusche entra* — Esfregue minhas costas!

GRUSCHE — O senhor não sabe fazer isso sozinho?

YUSSUF — "O senhor não sabe fazer isso sozinho?" — Pegue a escova, diabo! Você é minha mulher ou é uma estranha? *À Sogra* — Está fria demais!

SOGRA — Vou correndo buscar água quente.

GRUSCHE — Deixe que eu vou...

YUSSUF — Fique aí. *A Sogra sai apressada.* Esfregue com força! E não me faça essa cara! Não há de ser a primeira vez que se vê um homem nu: esse seu filho não é obra e graça do Espírito Santo!

GRUSCHE — O menino não veio por amor, se é a isso que está se referindo.

YUSSUF *olhando-a com sarcasmo* — Você até que nem tem jeito disso...

Grusche deixa de esfregar-lhe as costas e afasta-se. Entra a Sogra.

YUSSUF — Bela peça a senhora me arranjou: para minha mulher, uma mulher da vida!

SOGRA — Boa vontade é que ela não tem muita.

YUSSUF — Jogue a água com cuidado! Ai! Com cuidado, eu disse! *A Grusche* — Para mim não seria surpresa, se você tivesse feito algumas das suas na cidade: do contrário, que estaria fazendo aqui? Mas não vamos falar nisso. Eu também não falei nada contra o bastardo que você me pôs dentro de casa. Mas com você mesma é que já estou perdendo a paciência: é uma coisa contra a natureza... *À Sogra* — Mais! *A Grusche* — Mesmo que o seu soldadinho apareça, você agora é uma mulher casada.

GRUSCHE — Eu sei.

YUSSUF — Mas o seu soldadinho não vai voltar mais, pode perder as esperanças!

GRUSCHE — Isso é que não...

YUSSUF — Você está complicando a minha vida: estou casado e não tenho mulher. Onde você se deita, eu não me deito; nem posso procurar nenhuma outra. De manhã, quando eu vou para a lavoura, estou morto de cansaço; de noite, quando vou para a cama dormir, estou aceso como o diabo. Deus deu um sexo a você, e o que é que você faz dele? O que a granja me rende não dá para eu gastar com mulheres na cidade, e isso também não seria solução. Mulher foi feita para carpir e abrir as pernas: é o que diz a nossa folhinha. Está me ouvindo?

GRUSCHE — Estou. *Calmamente* — Mas não é justo dizer que estou complicando a sua vida.

YUSSUF — Não é justo? *À Sogra* — Mais água! *A Sogra joga mais.* Ai!

CANTOR —

Sentada à beira do rio, lavando a roupa,
dentro d'água ela via a própria imagem
e a sua face cada vez mais pálida
a cada nova passagem da Lua.

De pé na beira do rio, torcendo a roupa,
dos juncais ela ouvia a própria voz
e era uma voz cada vez mais sumida
a cada nova passagem da Lua.

Falsos pretextos, suspiros, suor e lágrimas
em quantidade cada vez maior.
E o seu menino cada vez maior
a cada nova passagem da Lua.

Grusche está agachada à beira de um riacho e mergulha na água umas peças de roupa. A certa distância brincam algumas crianças. Grusche fala com Miguel.

Grusche — Pode ir brincar com os outros, Miguel, mas não deixe fazerem você de bobo só porque é o menorzinho.
Miguel faz sinal afirmativo e vai para onde estão as outras crianças, tendo início uma brincadeira.

Menino Alto — Hoje vamos brincar de decapitação. *A um Menino Gordo* — Você é o Príncipe e fica dando risada. *A Miguel* — Você é o Governador. *A uma Menina* — Você é a mulher do Governador, e chora quando cortam a cabeça dele. E eu decapito — *mostra uma espada de pau* — com isto aqui! Primeiro a gente leva o Governador para o palácio. O Príncipe vai na frente e a Mulher atrás...
Forma-se o cortejo, o Menino Gordo vai na frente dando risada, vão a seguir Miguel e o Menino Alto, e atrás de todos a Menina chorando.

Miguel *parando* — Também quer cortar cabeça!

Menino Alto — Quem corta sou eu. Você é o menor de todos, e o papel de Governador é mais fácil: é só ajoelhar e deixar-se decapitar, muito simples.

Miguel — Também quer espada!

Menino Alto — A espada é minha. *Dá-lhe um pontapé.*

Menina *gritando para Grusche à distância* — Ele não quer brincar com a gente.

Grusche *rindo* — Filho de pato já nasce nadando, dizem.

Menino Alto — Você pode ser o Príncipe: é só saber dar risada.
Miguel abana a cabeça.

Menino Gordo — Eu dou risada melhor. Deixe-o cortar a cabeça de uma vez, depois você corta, depois eu.
O Menino Alto entrega a Miguel, contrafeito, a espada, e ajoelha-se. O Menino Gordo sentou-se, bate nas coxas e dá grandes gargalhadas. A Menina chora o mais alto que pode. Miguel ergue a espada e, na hora de decapitar, cai para trás.

Menino Alto — Ora! Vou mostrar a você como se faz.
Miguel sai correndo, perseguido pelos outros. Grusche ri, ao vê-los assim. Quando se volta, o soldado Simon Chachava está na outra margem do riacho, com a farda em farrapos.

Grusche — Simon!

Simon — Grusche Vachnadze?

Grusche — Simon!

Simon *cerimonioso* — Que a saúde e a paz de Deus estejam com a senhorita.

Grusche *levanta-se com alegria e faz uma profunda saudação* — Que a paz de Deus esteja com o soldado, e louvado seja Deus por trazê-lo de volta são e salvo!

Simon — Tinham carne melhor que a minha e por isso não me comeram, foi o que disseram os tubarões.

Grusche — O cozinheiro diz que é esperteza, o herói diz que é sorte.

Simon — E como vão as coisas por aqui? O inverno foi razoável, os vizinhos são atenciosos?

Grusche — O inverno foi um pouco rigoroso, e os vizinhos são como sempre, Simon.

Simon — Pode-se perguntar se uma certa pessoa tem ainda o costume de pôr as pernas dentro d'água, quando lava roupa?

Grusche — A resposta é "não", por causa dos olhos atrás das moitas.

Simon — A senhorita está falando de uns soldados, mas quem está aqui é um Intendente do Exército.

Grusche — E isso não quer dizer vinte piastras?

SIMON — Com direito a alojamento.

GRUSCHE *com lágrimas subindo aos olhos* — Atrás do quartel, entre os pés de tâmaras...

SIMON — Exatamente. Estou vendo que o pessoal está informado.

GRUSCHE — Está mesmo.

SIMON — E não esquece de nada. *Grusche abana a cabeça.* Então a porta gira bem nas dobradiças, como se diz? *Grusche olha-o em silêncio e abana de novo a cabeça.* Que foi que houve? Alguma coisa errada?

GRUSCHE — Simon Chachava, eu não posso mais voltar para Nukha. Aconteceu uma coisa.

SIMON — Que foi que aconteceu?

GRUSCHE — Aconteceu que eu matei um Cavalariano.

SIMON — Grusche Vachnadze deve ter tido boas razões para isso.

GRUSCHE — Simon Chachava, agora eu tenho outro nome.

SIMON *após uma pausa* — Não estou entendendo.

GRUSCHE — Quando é que as mulheres mudam de nome, Simon? Mas uma coisa eu quero deixar bem esclarecida: entre mim e você nada mudou, pode acreditar...

SIMON — Como, nada mudou, se tudo é diferente?

GRUSCHE — Como é que eu posso explicar, com tanta pressa e um riacho no meio? Você não quer atravessar pela pinguela?

SIMON — Talvez não seja mais necessário.

GRUSCHE — É mais do que necessário, Simon. Atravesse logo!

SIMON — A senhorita está querendo dizer que a gente chegou tarde demais?

Grusche olha em desespero para Simon, o rosto molhado de lágrimas. Simon olha fixamente para a frente: tinha um pedaço de pau na mão e começa a cortá-lo.

CANTOR —

Há coisas que a gente diz
e coisas que a gente cala.
O soldado chegou; mas de onde veio, ele não diz.
Vamos tentar escutar o que ele pensa e não fala:

Iniciou-se a batalha de madrugada
e ao meio-dia era carnificina.
O primeiro caiu na minha frente,
o segundo caiu atrás de mim,
o terceiro caiu bem ao meu lado.
Dei um pulo por cima do primeiro,
deixei ficar para trás o segundo,
e o capitão trespassou o terceiro.
Dos meus irmãos, um morreu de arma-branca,
outro morreu no meio da fumaça.
Saí com a nuca pegando fogo,
as mãos geladas de frio nas luvas
e os pés gelados de frio nas botas.
Comi o pão que o Diabo amassou,
bebi sopa de urtiga, minha cama
eram as pedras do leito do rio.

SIMON — No gramado eu estou vendo um gorro: será talvez de alguma criancinha?

GRUSCHE — É sim, Simon: eu não lhe esconderia isso. Mas, por favor, não se zangue: não é filho meu!

SIMON — Diz o ditado: quando o vento sopra, geme em todas as frestas de uma vez. A senhora não precisa dizer mais nada.

Grusche abaixa a cabeça e não diz mais nada.

Cantor —

A saudade chegou, sem fazer-se esperar.
A jura se quebrou: por que não explicar?
O que ela pensa e não fala, vamos tentar escutar:
Soldado, enquanto estavas na batalha,
tua batalha de sangue e de fel,
achei uma criança abandonada,
e aí meu coração não resistiu.
Fiquei com pena e tomei conta dela,
catei migalhas de pão pelo chão,
me desgracei pelo que nem meu era:
um estranho. Alguém tinha que ajudar.
Precisa ser regada a árvore tenra.
Se o pastor dorme, o bezerrinho perde-se
e ao seu mugido não há quem atenda.

Simon — Me devolva a cruz que lhe dei! Ou, melhor, jogue-a dentro do riacho!

Simon volta-se para partir.

Grusche — Simon Chachava, não vá embora! Esse menino não é meu, não é meu filho! *Ela escuta as crianças chamando.* Que foi crianças?

Vozes — São os soldados! Vão levar Miguel!

Grusche fica atônita. Aproximam-se dela dois Cavalarianos, trazendo Miguel.

Cavalariano — Temos ordem de levar para a cidade este menino, que foi encontrado sob a sua guarda, pois acredita-se que ele é Miguel Abaschvíli, filho do Governador Geórgi Abaschvíli e de sua mulher, Natella Abaschvíli. Aqui está o papel com o carimbo.

Saem levando o Menino.

Grusche *correndo atrás, aos gritos* — Por favor, deixem o garoto: é meu filho!

Cantor —

Lá se foram os Cavalarianos

carregando o menino tão querido,
e lá se foi a coitada, atrás deles,
para a cidade cheia de perigos.

A mãe legítima queria agora
de volta o menino, e a mãe adotiva
faz-se valer da força do direito.
Quem é que vai decidir a questão?
Com quem é justo que fique o menino?
O juiz será bom, será ruim?
A cidade era incêndio infernal.
E Azdak era o juiz do Tribunal.

5

A HISTÓRIA DE UM JUIZ

Cantor —

Ouçam agora a história do juiz:
de como ele chegou a ser juiz,
de como ele proferia a sentença,
e enfim que tipo ele era.
Naquele estranho domingo de Páscoa,
em tempo de grande revolução,
quando se viu destronado o Grão-Duque,
e seu governador, Geórgi Abaschvíli,
pai do menino, foi decapitado
Azdak, o escrivão da aldeia, achou
no mato um fugitivo e, às escondidas,
em sua casa pobre o abrigou.

Azdak, esfarrapado e meio embriagado, ajuda um Fugitivo, disfarçado de mendigo, a entrar em sua choupana.

Azdak — Não bufe assim! Você não é cavalo. E para escapar da polícia não adianta sair correndo feito um esquilo na primavera. Fique quieto aí, faça o que estou dizendo! *Agarra o Fugitivo, que recomeçara a espernear como se quisesse atravessar a parede da choupana.* Sente-se e coma: tome um pedaço de queijo! *Tira* *um queijo de um caixote escondido sob uns trapos e o Fugitivo começa a comer avidamente.* Faz muito tempo que está sem comer? *O Fugitivo resmunga.* Por que está fugindo assim, cagão? O policial nem chegou a ver você.

FUGITIVO — É capaz.

AZDAK — Tudo isso é cagaço? *Fugitivo olha-o sem compreender.* Calças cheias? Ficou apavorado? Heim? Não mastigue assim, que nem um porco ou um grão-duque: isso é uma coisa que eu não suporto! Só gente muito importante é que a gente precisa agüentar como Deus quis. Não é o seu caso. Já ouvi dizer que o presidente de um tribunal soltava peidos altíssimos, em pleno mercado, só para mostrar que tinha opinião própria e era independente. Vendo você comendo aí, agora, me vem à cabeça uma porção de idéias engraçadas. Por que não diz nem uma palavra? *Duro* — Me deixe ver sua mão! Está surdo? Mostre a mão! *O Fugitivo estende a mão trêmula.* Que mão branquinha! Você nunca foi mendigo! É um impostor, é uma mentira ambulante! E eu escondendo você aqui, pensando que era uma pessoa séria... Está fugindo de quem, se é um dos ricos também? Pois isso é o que você é, não queira me tapear: estou vendo, na sua cara, que você tem alguma culpa no cartório! *Levanta-se.* Que está esperando, espancador de roceiros?

FUGITIVO — Eu, perseguido. Favor muita atenção: eu fazer proposta.

AZDAK — Vai me fazer o quê? Uma proposta? É o cúmulo do descaramento! Ainda quer me fazer propostas! O sugado puxa o dedo sangrando e a sanguessuga ainda vem com uma proposta... Fora daqui, já disse!

FUGITIVO — Compreender ponto de vista, convicção. Pagar cem mil piastras uma noite. Sim?

AZDAK — Está pensando que pode me comprar? Só com cem mil piastras? É pouco... Digamos cento e cinqüenta mil! Onde estão?

FUGITIVO — Natural não estar aqui comigo. Chegar logo. Esperar, não duvidar.

AZDAK — Duvido, sim. Dê o fora daqui!
O Fugitivo fica algum tempo parado e a seguir encaminha-se para a porta. Ouve-se uma Voz do lado de fora.

VOZ DE FORA — Azdak!
O Fugitivo dá meia-volta e caminha para o canto oposto, onde permanece imóvel.

AZDAK *grita* — Não quero conversa. *Vai até à porta.* Farejando de novo por aqui, Schauwa?
O policial Schauwa responde com admoestações.

SCHAUWA — Você pegou outro coelho, Azdak. Já havia prometido não me fazer mais isso.

AZDAK *ríspido* — Não discuta coisas que você não entende, Schauwa! O coelho é um bicho perigoso e nocivo, que rói as plantas, especialmente as hortaliças, e portanto deve ser combatido e exterminado!

SCHAUWA — Azdak, não fale assim comigo! Se não tomar providências contra você, eu perco o meu emprego. Sei que você tem um bom coração...

AZDAK — Tenho bom coração coisa nenhuma! Quantas vezes vou ter de repetir que sou um homem de espírito?

SCHAUWA *matreiro* — Eu sei, Azdak: é um homem superior, e você mesmo é o primeiro a dizer. Mas quero só fazer uma pergunta, como cristão e como ignorante: quando alguém rouba um coelho do Príncipe, o que é que eu, como policial, devo fazer com o contraventor?

Azdak — Schauwa, Schauwa, que vergonha! Você vem e me faz uma pergunta, e não há nada mais tentador que uma pergunta. Se você fosse uma mulher como a Nunowna, uma criatura vil, e me viesse aqui mostrar as coxas, como a Nunowna mostra, e aí me perguntasse: o que é que eu faço com a minha coxa, que está me machucando, mas ela não tem culpa, que faria você? Ora, ora... O que eu peguei foi um coelho, mas você agora está querendo pegar um homem. O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, e o coelho não, você sabe disso muito bem. Eu me alimento de coelhos, mas você se alimenta de gente, Schauwa, e Deus vê e julga tudo. Schauwa, está na hora de você ir para casa e arrepender-se. Não, espere: acho que tenho uma coisa para você! *Volta os olhos para o Fugitivo, que aguarda a tremer.* Não, não é nada, não é nada mesmo... Vá para sua casa e arrependa-se! *Bate-lhe a porta na cara, e fala com o Fugitivo* — Está espantado, heim, porque não o entreguei? Mas a essa besta de policial eu não entregaria nem um percevejo, tanto é o nojo que ele me dá! Não trema assim, por causa de um policial! Tão velho e tão covarde. Pode acabar de comer o seu queijo, mas como gente pobre, senão eles acabam pegando você. Quer que eu lhe ensine como a gente pobre faz? *Força o outro a sentar-se e torna a lhe pôr na mão um pedaço de queijo.* O caixote é a mesa. Ponha os cotovelos na mesa, e agarre o queijo com as duas mãos, como se fossem tirá-lo de você a qualquer momento. Onde é que está a sua segurança? Segure a faca como se fosse uma foice pequena, e não olhe para o queijo com tanta avidez: tenha muito cuidado, porque de repente ele pode sumir, como tudo que é bom. *Observa-o.* Estão perseguindo você, e isso conta a seu favor; mas como é que eu vou saber que não estão enganados a seu respeito? Uma vez, em Tiflis, enforcaram um turco que era proprietário de umas terras; ele ainda pôde provar que só pagava aos meeiros a quarta parte do que produziam, e não metade como seria de esperar, e que assim os explorava em dobro, como faziam os outros, com um zelo acima de qualquer suspeita, mas ainda assim foi enforcado, como um malfeitor, só porque era turco e contra isso ele nada podia fazer... Uma injustiça! Foi parar na forca, como Pilatos no Credo. Mais uma coisa: em você eu não tenho nenhuma confiança!

Cantor —

Assim Azdak abrigou o velho mendigo:
e era o Grão-Duque em pessoa, o Estrangulador.

E então Azdak pediu ao policial,
envergonhado, que o levasse para Nukha,
a fim de ser julgado pelo tribunal.

No pátio do Tribunal, três Cavalarianos estão bebendo, de cócoras. Entra Azdak, acorrentado, puxando Schauwa atrás de si.

Azdak *em altos brados* — Eu ajudei o Grão-Duque a fugir: o Ladrão-Mor, o Estrangulador-Mor! Estou aqui para ser acusado com o máximo rigor, em sessão pública, em nome da Justiça!

Cavalariano 1 — Que ave rara é essa?

Schauwa — É o nosso escrivão Azdak.

Azdak — Sou um infame, um traidor, um miserável! Conte, Pé-chato, que eu mesmo pedi para ser conduzido à Capital, acorrentado, porque por engano dei pousada ao Grão-Duque, em outras palavras, o Gatuno-Mor, como tarde demais ficou provado por este documento que achei num canto da minha choupana. *Os Cavalarianos examinam o documento.* Nem é preciso ler: vejam, a própria caligrafia diz tudo! *A Schauwa* — Conte a eles como foi que obriguei você a andar depressa comigo, metade da noite, para ficar tudo bem esclarecido!

Schauwa — E tudo sob ameaça, Azdak: não foi bonito da sua parte.

Azdak — Cale esse bico, Schauwa, que você não entende nada. Estamos chegando a uma nova era, que vai desabar em cima de você como uma tempestade, e você está perdido: os policiais vão sumir do mapa, pfft! Tudo vai ser pesquisado e descoberto. E todo mundo vai se acusar espontaneamente, porque do povo ninguém vai poder fugir. Schauwa, diga a eles como foi que eu gritei na rua dos Sapateiros — *repete a cena com grandes gestos, olhando de soslaio para os Cavalarianos* — "Eu dei pousada ao Larápio-Mor, sem saber! Meus irmãos, me castiguem!" — E era assim que eu tomava a iniciativa.

Cavalariano 1 – E o que é que eles respondiam?

SCHAUWA — Na rua dos Açougueiros ficaram com pena dele, na rua dos Sapateiros morreram de rir, e foi só.

AZDAK — Mas com vocês a coisa é diferente: eu sei que vocês são de ferro. Onde está o Juiz, meus irmãos? Eu preciso ser processado.

CAVALARIANO 1 *apontando um enforcado* — O Juiz está aí. E pare de nos chamar de irmãos, porque esta noite nós estamos com os ouvidos muito sensíveis!

AZDAK — "O Juiz está aí." É uma resposta que na Grusínia ainda não tínhamos ouvido. Cidadãos, onde está Sua Excelência, o Senhor Governador? Aponta para a forca. Sua Excelência está aí, forasteiro! Onde está o Cobrador Geral de Impostos? E o Chefe do Recrutamento? E o Patriarca? E o Chefe de Polícia? Aí, aí, aí, aí, aí! Irmãos, de vocês era isso o que eu esperava!

CAVALARIANO 2 — Devagar! De nós você esperava o que, pardal?

AZDAK — O que aconteceu na Pérsia, irmão, o que aconteceu na Pérsia!

CAVALARIANO 2 — E o que aconteceu na Pérsia?

AZDAK — Há quarenta anos. Enforcados, todos: vizires, cobradores de impostos... Meu avô, que era um homem esquisito, viu tudo: durou três dias e por toda parte.

CAVALARIANO 2 — E quem ficou governando, quando o Vizir foi enforcado?

AZDAK — Um camponês.

CAVALARIANO 2 — E quem ficou comandando o exército?

AZDAK — Um soldado raso.

CAVALARIANO 2 — E quem ficou pagando o pessoal?

AZDAK — Um tintureiro: um tintureiro pagava os soldos e salários.

CAVALARIANO 2 — Não seria talvez um tapeceiro?

CAVALARIANO 1 — E por que foi que tudo isso aconteceu, você, da Pérsia?

AZDAK — Por que foi que tudo isso aconteceu? É necessário algum motivo especial? Por que você se coça tanto, amigo? É a guerra! Guerra longa demais! E Justiça, nenhuma! Meu avô costumava cantar uma canção que dizia como foi que aconteceu, lá. Eu e meu amigo, o Policial aqui, vamos cantar para vocês. *A Schauwa* — Segure bem a corrente, que é o seu serviço! *Canta, preso à corrente que Schauwa segura* —

Por que não sangram mais os nossos filhos?
Nossas filhas, por que não choram mais?
Por que só se vê sangue de novilhos
no matadouro, e junto ao lago Urmi
só nos salgueiros se escutam os ais?

Se o Rei quer novas terras conquistar,
o camponês dá a ele os seus trocados.
Se ao teto do Mundo ele quer chegar,
as choupanas que fiquem sem telhados!
Nossos meninos vão aos quatro ventos,
e os grandes ficam em casa sentados.
Os chefes das tropas se congratulam,
enquanto estão se matando os soldados.
O ouro dos pobres não deve ser falso,
porém os sabres podem ser quebrados.
Perdida está a batalha, mas o preço
dos elmos precisa ser liquidado.

É assim, não é assim?

SCHAUWA — Sim, sim, sim: é bem assim!

AZDAK — Vocês querem que cante até o fim?
O Cavalariano 1 faz sinal afirmativo.

CAVALARIANO 2 *a Schauwa* — Ele não ensinou essa canção a você?

Schauwa — Ensinou, mas a minha voz não é boa.

Cavalariano 2 — Ahn .. *A Azdak* — Cante mais!

Azdak — A segunda parte fala da paz. *Canta* —

Estão repletas as repartições,
há funcionários na rua sentados.
Se o frio passa por cima das margens,
para trás deixa os campos devastados.
Quem manda são os ricos, que não sabem
nem as botas sozinhos descalçar;
não sabem contar nem de um até quatro,
mas oito empregos sabem ocupar.
Quem planta milho e sai para vender,
só acha gente querendo comer.
Os tecelões esquecem os teares
e perambulam sem o que fazer.

É assim, não é assim?

Schauwa — Sim, sim, sim: é bem assim!

Azdak —

E assim não sangram mais os nossos filhos,
e assim nossas filhas não choram mais.
Assim só se vê sangue de novilhos
no matadouro, e junto ao lago Urmi
só dos salgueiros se escutam os ais.

Cavalariano 1 *após uma pausa* — E essa canção, você vai cantar na cidade?

Azdak — Que mal há nisso?

Cavalariano 1 — Está vendo aquele vermelhão lá longe? *Azdak olha: há um clarão vermelho no céu.* É na entrada da cidade! Os tecelões também pegaram a "doença da Pérsia", quando o príncipe Kazbéki mandou cortar a cabeça do Governador Abaschvíli, começaram a indagar se o Príncipe Kazbéki também não estava

com a pança cheia demais. E hoje ao meio-dia enforcaram o Juiz da comarca. Mas nós fomos lá para fazer mingau deles, à razão de duas piastras por tecelão, você está compreendendo?

Azdak *após uma pausa* — Estou.
Azdak olha atemorizado para os Cavalarianos, vai saindo de mansinho, e senta-se no chão, com a cabeça entre as mãos.

Cavalariano 1 *ao Cavalariano 3, depois que todos bebem mais um pouco* — Preste bem atenção ao que vai acontecer!
Os cavalarianos 1 e 2 vão na direção de Azdak e barram-lhe a saída.

Schauwa — Eu não acredito que ele seja um mau sujeito, meus senhores: aqui e ali uma galinha roubada, vez por outra um coelho, talvez...

Cavalariano 2 *encaminhando-se para Azdak* — Veio aqui jogar verde para colher maduro, não foi?

Azdak *olhando-o* — Nem sei mais o que eu vim fazer aqui...

Cavalariano 2 — Não é um desses que apóiam os tecelões? *Azdak faz que não com a cabeça.* E o que é que quer dizer essa canção?

Azdak — É uma canção do meu avô, que, além de estúpido, era ignorante.

Cavalariano 2 — Vá lá... E o tintureiro que pagava os soldados?

Azdak — Isso foi lá na Pérsia.

Cavalariano 2 — E o seu complexo de culpa, por não haver enforcado o Grão-Duque com suas próprias mãos?

Azdak — Eu já não disse que deixei ele escapar?

Schauwa — Disso eu sou testemunha: ele deixou o Grão-Duque escapar.
Os Cavalarianos arrastam Azdak, aos gritos, para o cadafalso. Mas, lá chegando, soltam-no, caindo na gargalhada. Azdak começa a fazer a mesma coisa, e daí a pouco está rindo mais alto que eles. Tiram-lhe as

correntes. Todos põem-se a beber. Entra o Príncipe Gordo com um rapaz, seu Sobrinho.

CAVALARIANO 1 *a Azdak* — É a sua nova era, que vem vindo aí!
Novas gargalhadas.

PRÍNCIPE GORDO — Qual é a graça de que faz vocês rirem tanto, meus amigos? Permitam-me dizer uma palavra a sério! Os Príncipes da Grusínia derrubaram ontem de manhã o governo do Grão-Duque, e mataram todos os Governadores, mas infelizmente o Grão-Duque em pessoa conseguiu escapar. Nas horas difíceis que atravessamos, os nossos tecelões, sempre agitados, não resistiram à tentação de armar um levante e enforcar o meritíssimo Juiz da nossa comarca, Illo Orbeliani, tão querido de todos. Tss, tss, tss... Meus amigos, o que nós precisamos ter na Grusínia é paz, muita e muita paz! E justiça! Eu lhes trago aqui o nosso querido Bizerían Karbéki, meu sobrinho, uma pessoa de muita capacidade, para ser o novo Juiz ... Mas, como eu sempre digo: quem decide é o povo!

CAVALARIANO 1 — Quer dizer que quem escolhe o Juiz somos nós?

PRÍNCIPE GORDO — Isso mesmo! O povo é que escolhe a pessoa certa. Podem trocar idéias, meus amigos! *Os Cavalarianos ajuntam-se, com as cabeças quase se tocando.* Pode ficar tranqüilo, garotão, que o lugar já é seu! E, assim que o Grão-Duque for apanhado, não vamos ter mais de mostrar o rabo para essa ralé toda.

CAVALARIANOS *entre eles* — Eles estão de calças na mão porque o Grão-Duque ainda não foi apanhado. — E isso é uma coisa que nós devemos a esse escrivão da aldeia, que o deixou escapar. — Eles não se sentem muito seguros, e vêm com essa história de "meus amigos" e "quem decide é o povo". — Mas chance é chance, e desta vez a chance é nossa. — Vamos perguntar ao escrivão da aldeia o que é que ele entende de justiça! Ei, moleza!

AZDAK — Isso é comigo?

CAVALARIANO 1 *continuando* — Que é que você acha de ter o sobrinho dele como Juiz?

AZDAK — E é a mim que perguntam? Não é a mim que vão perguntar, é?

CAVALARIANO 2 — Por que não? É tudo uma brincadeira!

AZDAK — Se é que eu estou entendendo bem, vocês querem submeter o rapaz a uma prova: é isso? Se tivessem um criminoso disponível, o candidato então poderia dar uma prova das suas habilidades, se fosse o caso: não é o que estão imaginando?

CAVALARIANO 3 — Vamos ver... Nós temos à mão os dois médicos do Governador. Podemos ir buscá-los...

AZDAK — Espere! Isso não resolve: não devem ir buscar criminosos de verdade, porque o juiz não é juramentado. O juiz pode ser uma besta, mas tem que ser juramentado, para não haver lesão da Justiça, que é uma entidade muito delicada: assim como o baço, que às vezes leva uma pancada à toa e logo traz a morte. Vocês podem muito bem enforcar os dois médicos, sem que haja lesão da Justiça, por não haver um Juiz. A Justiça deve ser pronunciada com uma porção de precauções, porque ela é muito cheia de melindres. Quando um Juiz, por exemplo, condena uma mulher pelo crime de ter roubado uma broa de milho para o filho, e ele está sem a toga, ou se ele se coça até acima do joelho, levantando a beca de maneira a ficar com uma terça parte do corpo a nu, nesse caso considera-se viciado o julgamento e lesada a Justiça. Para ministrar a Justiça, vale mais uma toga e barrete, sem juiz, do que um juiz sem toga e barrete. A Justiça escapole, sem deixar traço, a menos que sejam tomadas todas as precauções. Vocês não iriam saber se um vinho é bom dando-o a um cachorro para beber, porque então não restaria mais vinho.

CAVALARIANO 1 — Então o que é que você sugere, gaforinha?

AZDAK — Eu vou fazer o acusado, e digo a vocês como. *Diz alguma coisa ao ouvido do Cavalariano.*

Cavalariano 1 — Você?
Todos caem na gargalhada.

Príncipe Gordo — Chegaram a alguma decisão?

Cavalariano 1 — Nós decidimos fazer um teste. O nosso amigo aqui vai fazer o papel de acusado, e aqui está uma cadeira para o Juiz.

Príncipe Gordo — Não se costuma fazer isso, mas por que não? *Ao Sobrinho* — É uma formalidade, garotão. Quem foi que você aprendeu que chega primeiro: quem corre muito ou quem corre pouco?

Sobrinho — Quem pisa de mansinho, tio Arsêni!
O Sobrinho senta-se na cadeira, o Príncipe Gordo coloca-se atrás dele. Os Cavalarianos sentam-se em degraus. Entra Azdak, com o andar inconfundível do Grão-Duque.

Azdak — Haverá no recinto alguém que me conheça? Eu sou o Grão-Duque!

Príncipe Gordo — É quem?

Cavalariano 2 — O Grão-Duque, muito conhecido dele.

Príncipe Gordo — Muito bem.

Cavalariano 1 — Está aberta a sessão!

Azdak — Ouçam-me: sou acusado de ter provocado a guerra. Isso é ridículo. Ridículo, repito! Minha palavra basta? Se não basta, eu trouxe a dos advogados, uns quinhentos. *Faz um sinal, como se tivesse atrás dele uma legião de advogados.* Estão faltando cadeiras para os meus advogados.
Os Cavalarianos riem, o Príncipe Gordo ri também.

Sobrinho *aos Cavalarianos* — Vocês desejam que eu julgue este caso? Devo dizer que me parece quando menos um tanto fora de propósito, em matéria de bom gosto, quero dizer...

Cavalariano 1 — Adiante!

Príncipe Gordo *rindo* — Dá-lhe duro, garotão!

Sobrinho — Está bem. É o povo da Grusínia contra o Grão-Duque. Que tem o acusado a alegar em sua defesa?

Azdak — Várias coisas. Naturalmente eu também já li que a guerra está perdida. A guerra foi declarada por mim a conselho de grandes patriotas, como o tio Kazbéki. Peço o testemunho do tio Kazbéki.
Os Cavalarianos riem.

Príncipe Gordo *afavelmente aos Cavalarianos* — É formidável, ele, não é?

Sobrinho — Petição rejeitada! Naturalmente o réu não pode ser acusado só pelo fato de ter declarado uma guerra, pois isso todos os soberanos fazem. A acusação é de ter comandado mal a guerra.

Azdak — Tolice! Quem comandou a guerra não fui eu. Eu nomeei comandantes. A guerra foi comandada pelos Príncipes. Que meteram os pés pelas mãos, naturalmente.

Sobrinho — Está querendo negar que detinha o comando supremo?

Azdak — De modo algum. Eu sempre fui comandante-em-chefe. Desde o dia em que nasci, eu já descompunha a ama-de-leite. Fui criado cagando para os outros. E acostumado a mandar. Sempre mandava os criados roubarem dinheiro do meu cofre. Os oficiais só batem nos soldados quando eu mando. Os latifundiários só se deitam com as mulheres dos camponeses quando eu dou ordens muito rigorosas. O tio Kazbéki, aqui presente, só tem essa barrigona porque eu mando.

Os Cavalarianos *batendo palmas* — Muito bem! — Viva o Grão-Duque!

Príncipe Gordo — Dê uma boa resposta a ele, garotão! Eu estou aqui do seu lado!

Sobrinho — Vou responder de acordo com a dignidade deste tribunal!

Azdak — Perfeitamente. Ordeno a Vossa Meritíssima que dê prosseguimento ao interrogatório.

Sobrinho — A mim, não tem nada que ordenar. Pretende então dizer que os Príncipes o obrigaram a declarar guerra? E como pretende provar que os mesmos Príncipes meteram os pés pelas mãos?

Azdak — Não armaram homens em número suficiente, gastaram dinheiro à toa, forneceram cavalos doentes, na hora do ataque iam embriagar-se nos bordéis. Posso citar o tio Kazbéki como testemunha.
Os Cavalarianos riem.

Sobrinho — Está pretendendo chegar à incrível alegação de que os Príncipes deste país não lutavam?

Azdak — Absolutamente. Os Príncipes até que lutavam muito: lutavam pelos contratos de provisões de guerra!

Príncipe Gordo — Assim é demais: esse gaiato está falando como um tapeceiro!

Azdak — É mesmo? Diga somente a verdade!

Príncipe Gordo — À forca! À forca!

Cavalariano 1 — Calminha! Continue, "Alteza"!

Sobrinho — Silêncio no recinto! Agora eu vou proferir a sentença: o réu deve ser pendurado pelo pescoço. Por ter perdido a guerra. Sessão encerrada! Sem apelação! Evacuem o recinto!

Príncipe Gordo *histericamente* — Evacuem! Evacuem! Evacuem!

Azdak — Rapaz, siga o meu conselho, não saia por aí falando abertamente com essa voz estridente e esquisita: ninguém lhe dá emprego de cão de guarda, se o seu uivo é de lobo. Deu para entender?

Príncipe Gordo — À forca!

Azdak — Quando a gente percebe que os Príncipes falam a mesma linguagem do Grão-Duque, a gente enforca o Grão-Duque e os Príncipes também. E ainda cobra as custas do processo. Motivo: a guerra perdida, mas não para os Príncipes. Os Príncipes afinal ganharam a guerra deles: receberam três milhões oitocentos e sessenta e três piastras em pagamento de uns cavalos que nunca foram fornecidos.

Príncipe Gordo — À forca!

Azdak — Mais oito milhões duzentas e quarenta mil piastras pela manutenção de tropas que nunca foram recrutadas.

Príncipe Gordo — À forca!

Azdak — Assim, saíram todos vencedores. Guerra perdida só para a Grusínia, que não está presente a este tribunal.

Príncipe Gordo — Meus amigos, eu acho que já chega! *A Azdak* — Urubu, pode ir caindo fora! *Aos Cavalarianos* — Creio que agora, meus amigos, já podem nomear e juramentar o novo Juiz.

Cavalariano 1 — Podemos, sim. Tragam a toga do Juiz! *Um deles sobe nas costas de outro e tira a toga do enforcado. E agora ao Sobrinho* — Dê o fora daí, para a cadeira certa poder receber a bunda certa! *A Azdak* — Suba você, e ocupe a cadeira do Juiz! *Azdak hesita.* Vá, homem, sente-se nela! *Cavalarianos levam Azdak e obrigam-no a sentar-se na cadeira do Juiz.* Se os Juízes sempre foram uns vagabundos, por que é que um vagabundo não pode ser Juiz também? Põem-lhe nos ombros a toga e na cabeça o fundo de palha de um garrafão. É um Juiz direitinho, sem tirar nem pôr!

CANTOR —

Estava em guerra civil o país
e em grande insegurança os soberanos.
Azdak foi assim feito Juiz
por decisão dos Cavalarianos,
e como Juiz trabalhou dois anos.

CANTOR E MÚSICOS —

Enquanto o grande incêndio
ia lavrando
e as cidades em sangue se afogando,
saíam dos buracos mais escuros
aranhas e esfaimadas sanguessugas.
No castelo um magarefe mandava,
à frente do templo um herege estava,
e o velho Azdak, de toga e barrete,
era quem a justiça interpretava.

Azdak está sentado na cadeira de Juiz, descascando uma maçã. Schauwa limpa o recinto com um espanador. De um lado estão um Indivíduo em cadeira de rodas, o Médico acusado e um Capenga em molambos; do outro lado, um rapaz acusado de Chantagista. Um Cavalariano monta guarda, com o estandarte dos Cavalarianos.

AZDAK — Tendo em vista o grande número de casos, o Tribunal vai fazer julgamento de dois em dois. Antes de começar, uma pequena observação: quem recebe as custas sou eu. *Estende a mão, mas só o Chantagista tira o dinheiro do bolso e dá a ele.* Eu me reservo o direito de cobrar de uma das partes aqui presente — *olha para o Inválido* — uma multa por falta de consideração ao Tribunal. *Ao Médico* — Você é médico, e está sendo acusado por você — *aponta o Inválido* — Acha que o médico é culpado da sua doença?

INVÁLIDO — Com toda a certeza: tive um ataque de apoplexia por causa dele.

AZDAK — Seria um caso de negligência profissional...

INVÁLIDO — Mais do que negligência. Eu emprestei dinheiro a esse homem, para os estudos dele; ele nunca me reembolsou em nada, e eu, quando soube que ele estava atendendo a pacientes grátis, tive um ataque de apoplexia.

AZDAK — Com razão. *Ao Capenga* — E você, o que deseja aqui?

CAPENGA — Eu sou o paciente, Meritíssimo.

AZDAK — A sua perna não foi bem tratada?

CAPENGA — Não a que precisava tratamento: eu tinha reumatismo na perna esquerda e ele operou a direita. Por causa disso, eu fiquei capengando.

AZDAK — E isso foi grátis?

INVÁLIDO — Inteiramente grátis, uma operação de quinhentas piastras! A troco de nada: só por um "Deus lhe pague"... Mas os estudos desse homem, quem pagou fui eu! *Ao Médico* — Foi na Faculdade que você aprendeu a fazer operações de graça?

MÉDICO — Meritíssimo, é de praxe realmente, antes de qualquer operação, cobrar os honorários, porque os pacientes pagam com mais boa vontade antes que depois, o que é humanamente compreensível. No caso presente, eu pensei, quando fiz a operação, que os honorários já haviam sido pagos ao meu ajudante. E esse foi o meu engano.

INVÁLIDO — O "engano" dele! Um bom médico não se engana: examina bem, antes de operar!

AZDAK — Isso é verdade. *A Schauwa* — E no outro caso, de que se trata, senhor Promotor Público?

SCHAUWA *voltando-se solícito* — Chantagem, Meritíssimo.

CHANTAGISTA — Egrégio Tribunal, sou inocente! Eu queria apenas tomar uma informação do latifundiário meu vizinho, se ele havia de fato violentado a própria sobrinha. Ele me convenceu de que não faria uma coisa dessas, e só me deu algum dinheiro para eu poder custear as lições de música do meu tio.

AZDAK — Ahn... *Ao Médico* — No seu caso, doutor, não tem nenhuma atenuante a apresentar, não é mesmo?

MÉDICO — Meritíssimo, o mais que eu posso alegar é que errar é humano.

AZDAK — Mas você não sabe que um bom médico, cônscio das suas responsabilidades, deve ter todo o cuidado quando se trata de receber dinheiro? Já ouvi dizer que um médico chegou a tirar mil piastras de um dedo destroncado, diagnosticando um delicado problema de circulação, fato que talvez passasse despercebido a um facultativo menos preparado; num outro caso, o mesmo médico, graças ao seu desvelo profissional, transformou uma insignificante vesícula biliar numa inesgotável mina de ouro. Doutor, o senhor não tem desculpa! Uxu, o atacadista de cereais, mandou o filho estudar Medicina, para aprender a fazer bons negócios, de tão bom que era para isso o ensino em nossas Faculdades de Medicina. *Ao Chantagista* — Como é o nome do tal latifundiário?

SCHAUWA — Ele deseja que o nome dele não seja citado no processo.

AZDAK — Então eu vou proferir as sentenças! A chantagem ficou provada perante o Tribunal, e você — *ao Inválido* — está condenado a pagar mil piastras de multa, se tiver um segundo ataque, o médico fica obrigado a tratá-lo de graça, devendo fazer qualquer amputação, se for o caso. *Ao Capenga* — Você receberá, como indenização, uma garrafa de conhaque francês. *Ao Chantagista* — Você vai dar a metade do dinheiro ao Promotor Público, para que o nome do tal latifundiário não conste dos autos do processo, e além do mais deverá seguir o conselho de estudar Medicina, pois já demonstra uma acentuada vocação para esse ofício. E você, Médico, por esse engano imperdoável no exercício da profissão, está absolvido. Passemos aos casos seguintes!

CANTOR E MÚSICOS —

Ai, não há boa sentença
barata como se pensa,
e uma sentença mais cara
também nem sempre compensa.
O direito é como um gato
metido dentro de um saco.
Por que pedir a um terceiro
para nos fazer justiça,
quando, por pouco dinheiro
Azdak também faz isso?

De um caravançará à beira da estrada sai Azdak, seguido pelo Estalajadeiro, de longas barbas grisalhas. Atrás vêm Schauwa e o Criado arrastando a cadeira de Juiz. Um Cavalariano toma posição, com o estandarte.

AZDAK — Ponham a cadeira ali! Pelo menos ali tem ar e até um pouquinho do vento que sopra dos limoeiros. Faz muito bem à Justiça o ar livre: o vento sopra por baixo da saia dela, e a gente pode ver o que ela traz escondido. Schauwa, parece que nós comemos demais. Essas viagens de inspeção cansam a gente. *Ao Estalajadeiro* — O caso é com a sua nora?

ESTALAJADEIRO — Meritíssimo, o caso é com a honra da família. Estou aqui por procuração de meu filho, que foi ao outro lado das montanhas, a negócios. Este é o criado que cometeu o crime, e esta é a minha nora, merecedora de toda compaixão.

Entra a Nora, uma viçosa criatura, coberta com um véu.

AZDAK *sentando-se* — Primeiro, as custas! *O Estalajadeiro, suspirando, entrega-lhe o dinheiro.* Cumpridas as formalidades, vamos ao caso: foi violência sexual?

ESTALAJADEIRO — Meritíssimo, eu peguei o malandro na cavalariça, bem na hora em que ele estava ajeitando a nossa Ludowika deitada na palha...

AZDAK — É muito boa a sua cavalariça: excelentes cavalos! Especialmente um pequeno alazão, que me agradou muito!

ESTALAJADEIRO — Naturalmente, em nome de meu filho, eu pedi logo a Ludowika um juramento...

AZDAK *sério* — Mas o alazão, como eu ia dizendo, me agradou muito.

ESTALAJADEIRO *com frieza* — É mesmo? — Ludowika me jurou que o Criado forçou-a a deitar-se.

AZDAK — Ludowika, tire o véu! *Ela obedece.* Ludowika, você é simpática ao Tribunal. Diga direitinho o que aconteceu.

LUDOWIKA *com um jeito estudado* — Quando entrei na cavalariça, para dar uma olhada no potrinho novo, o criado me falou, com segundas intenções: "Está quente, hoje", e pôs a mão no meu seio esquerdo. Eu disse: "Não faça isso", mas ele continuou a me apalpar de um modo imoral, me fazendo ficar fora de mim. Antes que eu pudesse me dar conta dos seus propósitos pecaminosos, ele já estava em cima. Foi aí que meu sogro apareceu, e sem saber de nada, foi logo dando pontapés.

ESTALAJADEIRO *esclarecendo* — Em nome do meu filho!

AZDAK *ao Criado* — Reconhece que foi você quem começou?

CRIADO — Sim, Meritíssimo.

AZDAK — Ludowika, você gosta de doces?

LUDOWICA — Gosto: sementes de girassol...

AZDAK — Gosta de ficar uma porção de tempo sentada na banheira?

LUDOWICA — Meia hora, mais ou menos.

AZDAK — Senhor Promotor Público, ponha sua faca no chão, lá! *Schauwa obedece.* Ludowica, vá lá e apanhe a faca do Promotor!
Ludowica vai, rebolando as ancas, e apanha a faca do chão.

AZDAK *apontando para ela* — Estão vendo, como rebola? A parte criminosa está revelada, a violência sexual comprovada. Foi pela gulodice, principalmente em matéria de doces, e pelo tempo que leva sentada na banheira, pela preguiça e pela carne fofa que tem, que você acabou sendo violentada, por intermédio desse pobre rapaz. Acha que pode andar por aí com um traseiro desses e passar pelas malhas da Justiça? Isso é uma agressão premeditada, com uma arma das mais perigosas. Está condenada a entregar a este Tribunal o pequeno cavalo alazão que seu sogro costuma montar em nome do filho! E depois, Ludowica, vamos nós dois até à cavalariça, para que o Tribunal possa fazer um exame do corpo de delito!

Pela estrada principal da Grusínia, Azdak é carregado pelos Cavalarianos, em sua cadeira de Juiz, de lugarejo em lugarejo.
Atrás dele vão Schauwa, arrastando a forca, e o Criado, puxando o pequeno alazão.

CANTOR E MÚSICOS —

Enquanto os de cima brigam,
os de baixo rejubilam:
não ouvem tanto muxoxo
nem tanto me-dá-me-dá.
Pelas torcidas estradas
da Grusínia, com seus falsos
critérios, vai sempre em frente o
Juiz dos Pobres, Azdak.

Tira um bocado dos ricos
e reparte entre a gentalha.
O selo dele é o borrão
que o pingo do lacre espalha.
Sempre sob a proteção
da ralé, seguindo vai
o bom-mau Juiz, o Pai
dos grusinenses, Azdak.

O tribunal de Azdak está instalado numa taberna. Três Fazendeiros ricos estão de pé, diante de Azdak, a quem Schauwa traz vinho. A um canto, uma Camponesa Velha. Pela porta aberta e do lado de fora, aldeões curiosos vêm espiar. Um Cavalariano, com o estandarte, monta guarda.

AZDAK — Com a palavra o senhor Promotor Público!

SCHAUWA — A questão gira em torno de uma vaca. A acusada tem no estábulo uma vaca pertencente ao fazendeiro Suru. Em poder dela foi também encontrado um presunto roubado. E o fazendeiro Schuteff teve mortas algumas de suas vacas, quando intimou a acusada a pagar a cerca de um pasto.

OS FAZENDEIROS — Trata-se do meu presunto, Meritíssimo! — Trata-se da minha vaca, Meritíssimo! — Trata-se da minha cerca, Meritíssimo!

AZDAK — Vovozinha, o que é que a senhora tem a dizer?

CAMPONESA VELHA — Meritíssimo, faz cinco semanas que bateram na minha porta, de madrugada, quase clareando o dia. Era um homem barbudo, com uma vaca, e me falou assim: "Cara senhora, eu sou o milagroso São Bandido, e lhe trago esta vaca em memória do seu filho que morreu na guerra. Trate bem dela!"

OS FAZENDEIROS — Era o ladrão Irakli, Meritíssimo! — Era o cunhado dela, Meritíssimo! — O ladrão de gado! — O incendiário! — Ele devia ser decapitado!

Vem de fora o grito de uma das mulheres. Os curiosos assustam-se e recuam. Entra o bandido Irakli, com um machado enorme.

OS FAZENDEIROS — Irakli! *Fazem o sinal da cruz.*

IRAKLI — Muito boas-tardes, meus amigos! Têm um copo de vinho?

AZDAK — Senhor Promotor Público, um caneco de vinho para o nosso visitante! E quem é você?

IRAKLI — Eu sou um eremita peregrino, Meritíssimo, e fico muito agradecido por sua generosa dádiva. *Esvazia o caneco trazido por Schauwa.* Mais um!

AZDAK — Eu sou Azdak. *Põe-se de pé e faz uma curvatura, ao mesmo tempo que o bandido Irakli curva-se também.* Este tribunal apresenta as boas-vindas ao eremita forasteiro. Pode continuar, avozinha!

CAMPONESA VELHA — Meritíssimo, na primeira noite eu não pude saber se São Bandido fazia milagres mesmo: era só aquela vaca. Alguns dias depois vieram os empregados dos fazendeiros, querendo levar minha vaca. Mas acabaram dando a volta, diante da minha porta, e foram embora sem a vaca, levando cada qual no alto da cabeça um calombo do tamanho de um ovo: aí eu fiquei sabendo que São Bandido havia tocado no coração deles e feito deles criaturas muito boas.

O bandido Irakli ri alto.

FAZENDEIRO 1 — Eu sei o que foi que fez os homens mudarem de idéia.

AZDAK — Muito bem, depois você nos diz. Continuando!

CAMPONESA VELHA — Meritíssimo, outro que se tornou um bom sujeito foi o fazendeiro Schuteff, que é o diabo em figura de gente, como todo mundo sabe. Mas São Bandido mudou o sentimento dele, de tal modo que ele deixou de me cobrar o arrendamento e a cerca do meu pequeno pedaço de terra...

FAZENDEIRO 2 — Porque minhas vacas estavam levando estocadas mortais, nos pastos.

O bandido Irakli ri.

CAMPONESA VELHA *a um sinal de Azdak* — E depois foi um presunto que entrou voando pela minha janela, numa dessas manhãs. Bateu bem nos meus rins. O Meritíssimo pode ver que ainda nem posso andar direito. *Dá alguns passos, Irakli ri.* E agora eu pergunto, Meritíssimo: alguma vez uma criatura pobre como eu pôde ter um presunto, a não ser por milagre?

O bandido Irakli começa a soluçar.

AZDAK *saindo de sua cadeira* — Avozinha, essa é uma pergunta que o Tribunal sente calar no fundo do coração. Tenha a bondade de sentar-se na minha cadeira!

A Camponesa Velha senta-se hesitante na cadeira do Juiz. Azdak senta-se no chão, com seu caneco de vinho.

AZDAK —

Avozinha, para mim seu nome é Mãe Grusínia:
a que foi maltratada e roubada, cujos filhos
a guerra arrebatou, e que em meio a tantos murros
não perdia a esperança e chorava quando alguém
lhe trazia uma vaca, e achava que era milagre
não lhe baterem mais... Julgue-nos,
mas com clemência!

Aos gritos, aos Fazendeiros — Está provado que vocês não acreditam em milagres, cambada de hereges! Cada um de vocês está condenado a pagar quinhentas piastras de multa, por heresia. Dêem o fora!

Os Fazendeiros vão saindo, desajeitados.

AZDAK — E a senhora, avozinha, e você, forasteiro, venham esvaziar um caneco de vinho com o Promotor Público e com Azdak!

CANTOR E MÚSICOS —

A justiça ia ele repartindo
como quem parte pedaços de pão,
para o povo pisar em terra firme
ainda que sobre os destroços das leis.
E os comuns e os humildes afinal
tinham alguém que podiam comprar
de mãos vazias: o juiz Azdak.

Assim pesou ele, por setecentos
e vinte dias, com falsa balança,
queixas de mil, falando a língua deles.
Na curul de juiz, tendo a seu lado
as traves de uma forca, lá ia Azdak
impondo o seu direito folheado.

CANTOR —

E o tempo da desordem terminou,
e ao seu lugar o Grão-Duque voltou,

voltou a Mulher do Governador,
um tribunal bem outro se instalou,
muita gente morreu, se incendiou
novamente uma parte da cidade,
e o nosso Azdak aí se apavorou.

A cadeira de Juiz está novamente instalada no Palácio da Justiça. Azdak, sentado no chão, ajeita os sapatos, conversando com Schauwa. Por cima do muro vê-se passar, na ponta de uma alabarda, a cabeça do Príncipe Gordo.

AZDAK — Schauwa, os seus dias de serviço, talvez até os minutos, estão contados. Fiz o que pude para agüentar você com os freios de aço da razão, que acabaram tirando sangue da sua boca. Esporeei você com argumentos sensatos, e chicoteei você com a lógica. Você é por natureza uma criatura fraca, e quando se tem a malícia de lhe apresentar um argumento, você cai logo em cima para devorá-lo: não sabe se controlar. Seu temperamento leva você a lamber as mãos de um ser superior, mas pode haver uma porção de seres superiores, e aí é que entra o seu livre-arbítrio: você é capaz de se deixar levar pelos instintos, que são baixos, ou pela intuição, que não engana e que ensina você a pisar nas caras das pessoas com as solas grossas dos seus pés. Acabou-se o tempo da confusão e da desordem, e não veio a Idade de Ouro, para mim tão bem descrita na "Canção do caos", que nós vamos agora cantar, juntos, em memória do tempo horrível que passou. Sente-se aí e não saia do tom! Não tenha medo: ela pode muito bem ser ouvida, porque o estribilho é muito popular. *Canta* —

Os fidalgos se lamentam e os da plebe estão contentes.
Diz a cidade: "Deixai-nos expulsar os prepotentes!"
Repartições saqueadas, listas de empregos rasgadas.
Às grandes mós dos moinhos, os senhores amarrados.
Já estão vendo a luz do dia
os que antes não viam nada.
Urnas de ébano quebradas, e da madeira de sésamo,
tão preciosa, agora tábuas de cama são recortadas.
Quem antes não tinha pão, já tem seu próprio celeiro.
Quem esmolava migalhas, agora espalha dinheiro.

SCHAUWA — Oh, oh, oh, oh!

AZDAK —

Meu general, onde está? Não tem ordens para dar?
Ninguém reconhece mais os filhos dos potentados.
A filha da grande dama agora serve à criada.
Escondem-se na despensa os senhores deputados.
Dorme agora em boa cama
quem junto ao muro dormia.
Quem remava uma canoa, agora tem um navio
que vão olhar, sem o ter, os proprietários antigos.
Cinco homens, que eram mandados
pelo patrão, já respondem:
"Vá o senhor mesmo, que nós,
aonde íamos, já chegamos!"

SCHAUWA — Oh, oh, oh, oh!

AZDAK — Meu general, onde está? Não tem ordens para dar?... Pois é mais ou menos o que ia acontecendo conosco, se a Ordem fosse descurada por mais algum tempo. Mas agora o Grão-Duque, com a vida salva pela besta que eu sou, voltou para a Capital, e os persas deram a ele um exército para restabelecer a ordem. Os subúrbios já estão pegando fogo. Me traga aquele livro grosso, que eu sempre faço de almofada para sentar! *Schauwa apanha em cima da cadeira de Juiz um grande livro, que Azdak se põe a folhear.* Isto aqui é o Código das Leis, e você é testemunha de que eu sempre fiz uso dele.

SCHAUWA — Pelo menos para sentar em cima.

AZDAK — Agora acho melhor procurar dentro dele alguma coisa que me possa servir. Sempre fiz de conta que não percebia as culpas dos pés-rapados, e isso é capaz de me custar caro. Sempre ajudei os pobres a se agüentarem nas pernas magras, e agora podem me enforcar por embriaguez. Sempre tive olho grande nos bolsos dos ricaços, e isso não se faz. Mas não posso me esconder em lugar nenhum, porque sempre ajudei a todo mundo e todo mundo me conhece.

SCHAUWA — Vem gente aí.

AZDAK *levanta-se às pressas e encaminha-se vacilante para a cadeira* — Está tudo acabado. Mas não vou dar a ninguém o prazer de me mostrar a grandeza humana. Peço a você, de joelhos, que não vá embora, por piedade! Estou com a boca seca, com medo de morrer.

Entra Natella Abaschvíli, a Mulher do Governador, com o Ajudante e um Cavalariano.

MULHER DO GOVERNADOR — Shalva, quem é essa criatura?

AZDAK — Um homem de boa vontade, Alteza, que está aqui para servir.

AJUDANTE — Natella Abaschvíli, a viúva do Governador assassinado, acaba de voltar, e está à procura do filho dela, Miguel Abaschvíli, de dois anos de idade. Ela tem conhecimento de que o menino foi levado para a montanha, por uma pessoa da antiga criadagem.

AZDAK — O caso vai ser resolvido como Vossa Alteza mandar.

AJUDANTE — Parece que a tal pessoa faz o menino passar por filho dela.

AZDAK — Será decapitada, se Vossa Alteza mandar.

AJUDANTE — É só.

MULHER DO GOVERNADOR *saindo* — Não gostei da cara desse homem.

AZDAK *acompanhando-a à porta com profundas reverências* — Tudo se resolverá, Alteza. É só Vossa Alteza mandar!

6

O CÍRCULO DE GIZ

CANTOR —

Vejam agora como foi julgada a questão
do filho de Abaschvíli, o ex-Governador,
em que se identifica a verdadeira mãe
pela famosa prova do círculo de giz!

Na sala do Tribunal, em Nukha. Cavalarianos entram com Miguel e atravessam o recinto, saindo com ele pelo fundo da cena. Outro Cavalariano, com sua alabarda, impede que Grusche cruze a porta enquanto o Menino é levado para fora; depois, deixa-a passar. Ao lado dela está a antiga Cozinheira do ex-Governador Abaschvíli. Ao longe, barulho de luta e clarões de incêndio.

GRUSCHE — Ele é muito esperto: já toma banho sozinho.

COZINHEIRA — Você está com sorte: esse aí não é um Juiz de verdade, é o Azdak, um beberrão que não sabe de nada. Os maiores ladrões já foram absolvidos por ele. Como ele mistura tudo, e os ricos nunca dão a ele dinheiro bastante, às vezes um de nós pode sair ganhando.

GRUSCHE — Hoje eu estou precisando mesmo de sorte.

COZINHEIRA — Então não invoque o nome dela em vão! *Persigna-se.* Acho melhor rezar depressa um terço, para o Juiz não estar bêbado. *Põe-se a orar, com movimentos surdos de lábios, enquanto Grusche olha em vão à procura do Menino* — Só não entendo por que você faz tanta questão de ficar com ele, nos dias de hoje, se não é seu filho.

GRUSCHE — Ele é meu, sim; quem criou fui eu!

COZINHEIRA — Você nunca pensou no que poderia acontecer quando ela voltasse?

GRUSCHE — No começo pensei em devolver o menino a ela, depois pensei que ela não ia voltar mais...

COZINHEIRA — A roupa dos outros também esquenta, é ou não é? *Grusche confirma com a cabeça.* Vou testemunhar como você quer, só porque você é uma pessoa de bem. *Recordando* — Eu fiquei dando de mamar a ele, por cinco piastras, e Grusche veio buscar o menino no domingo de Páscoa, à noite, em plena revolução. *Olha para o soldado Chachava, que se aproxima.* Mas para o Simon você criou um problema: já falei com ele, e ele não é capaz de entender.

GRUSCHE *sem vê-lo* — Se ele não é capaz de entender, eu agora não posso fazer nada.

COZINHEIRA — Já entendeu que o menino não é seu filho; mas que você queira tomar o lugar dos pais, e não largue isso de lado, correndo até perigo de vida, isso ele não entende mesmo.

Grusche dá com os olhos em Simon e o cumprimenta.

SIMON *austero* — Eu gostaria de comunicar à moça que estou pronto a jurar que o pai desse menino sou eu.

GRUSCHE *baixinho* — Muito obrigada, Simon.

SIMON — Ao mesmo tempo gostaria de comunicar que não estou assumindo nenhum compromisso, e a moça também não.

COZINHEIRA — Não adianta: ela está casada, você sabe.

SIMON — Isso é com ela, e não precisa ficar repetindo.

Entram dois Cavalarianos.

OS CAVALARIANOS — Onde está o Juiz? — Alguém viu o Juiz por aqui?

GRUSCHE *que virou o rosto, escondendo-se* — Fique na minha frente! Eu não devia ter vindo a Nukha. Se dou de cara com o Cavalariano que golpeei na cabeça...

Um dos Cavalarianos, que vieram trazendo o Menino, aparece.

Cavalariano — O Juiz não está aqui.
Os outros continuam procurando.

Cozinheira — Espero que não tenha havido nada com esse Juiz. Com outro, para você ter alguma chance, só depois que a galinha criar dentes.
Aparece outro Cavalariano.

Cavalariano *que antes perguntou pelo Juiz, informando* — Só tem dois velhos e um menino. O Juiz sumiu!

Os Outros Cavalarianos — Vamos continuar procurando!
Os dois primeiros Cavalarianos saem às pressas, o terceiro fica parado em pé. Grusche dá um grito. Ele volta-se: é o Sargento, com uma enorme cicatriz que toma todo um lado do rosto.

Cavalariano *à porta* — Que foi, Schotta? Você conhece a moça?

Sargento *depois de olhar demoradamente* — Não.

Cavalariano *à porta* — Dizem que ela roubou o filho de Abaschvíli. Se você souber de alguma coisa, Schotta, vai poder ganhar um bom dinheiro.
O Sargento sai praguejando.

Cozinheira — Foi ele? *Grusche confirma com a cabeça.* Acho que não vai dar com a língua nos dentes, pois assim teria de confessar que andou querendo pegar o menino.

Grusche *aliviada* — Já tinha quase esquecido que fui eu quem salvou o menino de cair nas garras deles...
Entra a Mulher do Governador, com o Ajudante e dois Advogados.

Mulher do Governador — Graças a Deus, pelo menos aqui não tem povo: cheiro de povo me dá enxaqueca, e eu não agüento.

Advogado 1 — Por favor, nobre senhora, tenha o máximo cuidado com o que disser, até arranjarmos outro Juiz!

Mulher do Governador — Mas eu não disse nada demais, Illo Schuboladze. Eu adoro o povo, com a simplicidade que tem; é só o cheiro que me dá enxaqueca.

Advogado 2 — Pouca gente vem assistir. A maior parte da população está trancada a sete chaves, para fugir da agitação dos subúrbios.

Mulher do Governador — É essa aí a figura?

Advogado 1 — Por favor, nobre Natella Abaschvíli, abstenha-se de qualquer referência injuriosa, até estarmos certos de que o Grão-Duque nomeou o novo Juiz e assim ficamos livres do atual, a pessoa mais baixa que já se viu metida numa beca. Parece que as coisas estão progredindo, veja só!
Cavalarianos entram no recinto.

Cozinheira — A mulher do Governador seria capaz de arrancar todos os cabelos que você tem na cabeça, se não estivesse informada de que Azdak é a favor dos humildes: ele julga pela cara.
Dois Cavalarianos começam a passar uma corda por cima de uma trave. Entra então Azdak, acorrentado, e atrás dele, também acorrentado, Schauwa. Por fim, os três Fazendeiros ricos.

Um dos Cavalarianos — Tentativa de fuga, heim? *Bate em Azdak.*

Um dos Fazendeiros — Tirem a beca dele, antes de enforcar!
Cavalarianos e Fazendeiros tiram as roupas de Azdak de Juiz, deixando à vista as ceroulas e a camiseta rasgadas. Então um deles dá-lhe um empurrão.

Cavalariano *jogando-o para cima do outro* — Você não estava querendo um bocado de justiça? Lá vai!
Aos gritos de "Segura!" e "Isso eu não quero!", vão empurrando Azdak, para um lado e para outro, até que ele desaba no chão; então põem-no de pé e levam-no para baixo da corda com o nó corrediço.

Mulher do Governador *que batia palmas freneticamente durante o jogo de empurra* — Esse homem me pareceu antipático desde que o vi pela primeira vez.

Azdak *arquejando e sangrando* — Não enxergo nada, me dêem um pedaço de pano!

Outro Cavalariano — Que é que você está querendo ver?

Azdak — As caras de vocês, cachorros! *Limpa com a ponta da camiseta o sangue dos olhos.* Meus cumprimentos, cachorros! Como vão vocês, cachorros? Como é que vai o mundo dos cachorros: está fedendo bem? Tem uma bota nova para vocês lamberem? Continuam mordendo-se uns aos outros, cachorros?

Entra um Arauto coberto de poeira, tira de uma bolsa de couro uns papéis e os examina rapidamente. Depois, interfere.

Arauto — Parem! Trago aqui uma mensagem do Grão-Duque, contendo as novas nomeações.

Sargento *berrando* — Sentido!

Todos os Cavalarianos tomam posição de sentido.

Arauto — Quanto ao novo Juiz, diz aqui: “Nomeamos para o cargo de Juiz um homem a quem se deve agradecer por ter salvo a vida mais preciosa para o país, um homem que em Nukha é conhecido como Azdak”. Quem é?

Schauwa *apontando Azdak* — É aquele, embaixo da forca, Excelência.

Sargento *berrando* — Que diabo está havendo aqui?

Um Cavalariano — Com licença, peço permissão para esclarecer que esse Meritíssimo já era Meritíssimo antes, e foi denunciado por esses fazendeiros como inimigo do Grão-Duque.

Sargento *aos Fazendeiros* — Evacuem! Evacuem o recinto! *Eles são levados para fora, entre abundantes reverências.* E tenham cuidado, para o Meritíssimo não vir a ter outros aborrecimentos! *Sai com o Arauto.*

Cozinheira *a Schauwa* — Ela estava batendo tantas palmas: espero que ele tenha visto.

Advogado 1 — É uma catástrofe.

Azdak caíra desacordado. Reanimam-no, e ele volta a si; tornam a vestir nele a beca e a toga de Juiz, e ele afasta-se cambaleante do grupo de Cavalarianos.

Os Cavalarianos — Não foi por mal, Meritíssimo! — O que é que o Meritíssimo deseja?

Azdak — Nada, meus cachorrinhos sem dentes. Podem lamber minhas botas, agora. *A Schauwa* — Você já está absolvido! *Tiram-lhe as correntes.* Vá me buscar um vinho tinto, doce! *Schauwa sai.* Saiam todos, que eu tenho um caso a julgar! *Saem os Cavalarianos. Entra Schauwa de volta com um caneco de vinho. Azdak bebe a grandes goles.* Alguma coisa para o meu traseiro! *Schauwa traz o Código e ajeita-o no assento da cadeira de Juiz. Azdak senta-se.* Já estou recebendo as custas!

As faces dos litigantes, que estavam agrupados com um ar de grande preocupação, iluminam-se com um sorriso de alívio. Há um cochicho.

Cozinheira — Que azar!

Simon — “Um poço não se enche com gotas de orvalho”, diz o ditado.

Os Advogados *aproximando-se de Azdak, que se mostra muito impaciente* — É uma questão inteiramente ridícula, Meritíssimo! — A parte contrária raptou o menino e agora recusa-se a entregá-lo!

Azdak *com a mão espalmada diante deles, e olhando para Grusche* — É uma pessoa muito atraente. *Recebe mais dinheiro.* Está aberta a sessão, e espero que me digam a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade. *A Grusche* — Você, principalmente!

Advogado 1 — Egrégio Tribunal! O sangue, diz a voz soberana do povo, é mais espesso que a água. Tão antiga sabedoria...

Azdak — O Tribunal deseja saber em quanto montam os honorários dos senhores advogados.

Advogado 1 *perplexo* — Como, Meritíssimo? *Azdak esfrega maliciosa-*

mente os dedos indicador e polegar. Ah, sim: quinhentas piastras, Meritíssimo, respondendo à inusitada pergunta do Tribunal.

AZDAK — Todos ouviram? Inusitada pergunta! Mas eu só perguntei porque, sabendo que são advogados bem pagos, agora vou lhes dar mais atenção.

ADVOGADO 1 *com uma reverência* — Obrigado, Meritíssimo. Egrégio Tribunal! Os laços de sangue são os mais poderosos de todos os laços. Mãe e filho: haverá ligação mais profunda? Pode alguém se interpor entre uma mãe e um filho? Egrégio Tribunal! Ela o concebeu no mais sagrado êxtase do amor, carregou-o em seu ventre, alimentou-o com seu próprio sangue, pariu com dor. Egrégio Tribunal! Já se tem visto como até a cruel fêmea do tigre a quem se tiram os filhotes anda errante pelas montanhas, sem descansar, sem comer, até ficar reduzida à própria sombra. A natureza...

AZDAK *interrompendo, a Grusche* — Que resposta você tem a dar, a isso e a tudo mais que o senhor Advogado vai dizer ainda?

GRUSCHE — O menino é meu.

AZDAK — Só? Espero que possa provar. Em todo caso, acho bom me dizer por que acredita que eu devo dar o menino a você.

GRUSCHE — Eu o criei na melhor forma de ciência e consciência. Nunca deixei que ele ficasse sem comer. Sempre dei a ele um teto. E, por causa dele, tenho tido aborrecimentos de toda sorte; até perdi meu emprego. Mas nunca pensei na minha própria comodidade. Ensinei-o a ser amável com todas as pessoas, e a amar o trabalho, desde o começo, mas ele é muito pequenino ainda.

ADVOGADO 1 — Meritíssimo, é muito significativo que essa pessoa não alegue nenhuma espécie de laço de sangue entre ela e o menino.

AZDAK — O Tribunal toma conhecimento.

ADVOGADO 1 — Obrigado, Meritíssimo. Peço permissão para que uma mãe, profundamente humilhada, que já perdeu seu extremado esposo, e que teme agora perder o filho, dirija algumas palavras a Vossa Meritíssima! A nobre senhora Natella Abaschvíli...

MULHER DO GOVERNADOR *mansamente* — Meu senhor, um cruel destino me põe na contingência de suplicar a Vossa Meritíssima que me devolva o meu amado filho. Não me cabe pintar aqui o quadro das amarguras de uma mãe roubada: as angústias, as noites sem sono, as...

ADVOGADO 2 *aparteando* — É incrível a maneira como se trata esta senhora: proibida de entrar no palácio do marido, privada dos rendimentos dos seus bens, bens esses que lhe são friamente declarados como pertencentes ao herdeiro, e ela nada pode fazer sem o filho. Nem aos advogados ela pode pagar! *Ao Advogado 1, que, aflito com o aparte, lhe faz gestos frenéticos para que se cale* — Meu prezado Illo Schuboladze, por que não dizer que se trata realmente dos bens dos Abaschvíli?

ADVOGADO 1 — Por gentileza, meu caríssimo Sandro Oboladze! Nós tínhamos combinado... *A Azdak* — Está naturalmente claro que, do resultado deste processo, dependerá também a reentrada de nossa nobre constituinte na posse dos consideráveis bens dos Abaschvíli; mas eu quero frisar esse "também", porque, em primeiro plano, coloca-se a tragédia humana de uma mãe, conforme Natella Abaschvíli ia descrevendo com todo o direito no preâmbulo do seu comovente depoimento... Mesmo que não fosse o herdeiro de todos os bens, o menino Miguel Abaschvíli jamais deixaria de ser o filho muito amado de nossa constituinte!

AZDAK — Um momento! A referência aos bens da família é recebida por este Tribunal como uma prova de interesse humano.

ADVOGADO 2 — Obrigado, Meritíssimo. Meu prezado Illo Schuboladze, em todo caso podemos provar que a pessoa com quem está o menino não é a verdadeira mãe dele! Peço vênia para submeter à apreciação deste Tribunal os fatos em sua verdade nua e crua. O menino Miguel Abaschvíli, por uma série de circunstâncias lamentáveis, ficou abandonado, por ocasião da fuga de sua mãe. A jovem Grusche, que trabalhava na cozinha do palácio, achava-se presente, naquele domingo de Páscoa, e era fácil de observar o carinho com que ela cuidava do menino...

Cozinheira — A patroa só estava preocupada com os vestidos que ia poder levar!

Advogado 2 *impassível* — Quase um ano mais tarde, Grusche apareceu com um menino, numa aldeia montanhesa, e contraiu matrimônio com...

Azdak *a Grusche* — Como foi que você chegou lá em cima?

Grusche — A pé, Meritíssimo, e o meu menino comigo.

Simon — O pai sou eu, Meritíssimo.

Cozinheira — Eu fiquei dando de mamar a ele, Meritíssimo, por cinco piastras...

Advogado 2 — Este homem é noivo de Grusche, Meritíssimo, e o que ele diz não merece fé deste egrégio Tribunal.

Azdak — Foi com você que ela se casou, na aldeia da montanha?

Simon — Não, Meritíssimo: lá, ela se casou com um camponês.

Azdak *chamando Grusche com um aceno* — Por quê? *Referindo-se a Simon* — Ele não é bom de cama? Diga a verdade!

Grusche — Ele e eu nunca fomos para a cama. Só me casei por causa do menino: eu queria dar um teto a ele. *Referindo-se a Simon* — Meu noivo estava na guerra, Meritíssimo.

Azdak — Mas agora ele bem que gostaria de morar com você, não?

Simon — Eu queria fazer uma petição...

Grusche *zangada* — Já não sou livre, Meritíssimo.

Azdak — E o menino, como é que você explica: é filho de uma puta? *Grusche não responde.* Estou fazendo uma pergunta: que filho é esse? É filho de um vagabundo da rua ou é rebento de uma família importante?

Grusche *magoada* — De qualquer um.

Azdak — Pergunto o seguinte: desde pequenino ele já tinha traços refinados?

Grusche — Tinha um nariz no meio da cara.

Azdak — "Tinha um nariz no meio da cara": eu considero da maior importância, esta sua resposta. De mim, costumam dizer que eu nasci de um parecer judicial e fui cair num galho de roseira. São lendas, necessárias ainda hoje. Mas eu vou abreviar o julgamento, para não ouvir mais as mentiras de vocês. *A Grusche* — As suas, principalmente! Posso imaginar o que vocês — *ao grupo de acusados* — andaram tramando para me tapear, eu conheço vocês: são uns impostores!

Grusche *de repente* — Eu acredito mesmo que o senhor vai abreviar tudo: vi muito bem o dinheiro que puseram na sua mão!

Azdak — Cale essa boca! De você, eu cobrei alguma coisa?

Grusche *enquanto a Cozinheira tenta contê-la* — É porque sabe que eu não tenho nada.

Azdak — Isto mesmo: de gente igual a você, que nem tem o que comer, eu não cobro coisa alguma. E, por causa disso, eu vou morrer de fome? Vocês querem que se faça justiça, mas não querem pagar por ela, querem? Quando vão ao açougueiro, sabem que têm de pagar; mas quando procuram o Juiz, vão como quem vai para um velório.

Simon *em voz alta* — "Quando se ferra o cavalo, o carrapato estica as pernas", diz o ditado.

AZDAK *aceitando a provocação, de bom grado* — "Mais vale uma jóia no estrume, do que uma pedra na água corrente."

SIMON — "Bonito dia! Vamos pescar? Disse o anzol à minhoca."

AZDAK — "O dono de mim sou eu, disse o criado, e cortou o pé fora."

SIMON — "Eu amo a vocês todos como um pai, falou aos camponeses o Czar, e o próprio filho mandou degolar."

AZDAK — "O pior inimigo do idiota é ele mesmo."

SIMON — Mas "o peido é assim porque não tem nariz."

AZDAK — Dez piastras de multa, por linguagem indecorosa perante o Tribunal: para aprender a respeitar a Justiça!

GRUSCHE — Bonita Justiça! A gente é castigada só porque não sabe fazer discurso enrolado, como aquela mulher e os advogados dela.

AZDAK — É mesmo: vocês são estúpidos demais, e é justo que levem sempre na cabeça.

GRUSCHE — E o senhor ainda quer entregar o menino nas mãos daquela dona, tão fina que com certeza não vai ter coragem nem de mudar as calcinhas sujas dele! De justiça o senhor não entende mais que eu, fique sabendo!

AZDAK — Não deixa de ser verdade: sou um homem sem preparo, e minhas calças estão remendadas embaixo da beca, pode olhar se quiser. O negócio comigo é comer e beber, fui criado num colégio de padres. E, além do mais, você vai ter que pagar uma multa de dez piastras por desrespeito ao Tribunal. Por outro lado, demonstra ser uma pessoa bastante obtusa, ao me pôr de prevenção contra você, em vez de procurar cair nas minhas boas graças, me coçando um pouco as costas. Vinte piastras!

GRUSCHE — Mesmo que tenha de pagar trinta piastras, ainda quero dizer mais uma coisa sobre essa sua justiça, seu pimentão encharcado em álcool. Como é que tem coragem de vir para cima da gente com essa arrogância toda, como quem tem um rei na barriga? Quando sua mãe botou você no mundo, não estava previsto que ela ainda acabaria levando de você uns bolos de palmatória nas juntas dos dedos, por ter surripiado um bolo de milho não se sabe onde... E agora não tem vergonha de querer me ver tremendo na sua frente? Você se deixou transformar em lacaio para evitar que acabem tirando as casas que seus patrões roubaram; mas, desde quando as casas pertencem aos percevejos? E você ainda fica aí, tomando conta, enquanto nossos homens são arrastados para a guerra, seu vendilhão!

Azdak pôs-se de pé, começando a ficar excitado. Com um pequeno malhete, bate na mesa, um tanto contrafeito, como a pedir silêncio; mas como as ofensas de Grusche continuam, ele perde a paciência.

GRUSCHE — Você não me faz sentir o mínimo respeito: para mim, é igual a um ladrão ou um assassino qualquer, de faca em punho, pronto a fazer o que lhe der na telha. Vai me tirar o menino, aposto cem contra um, mas uma coisa eu lhe digo: para um cargo como o seu, só deviam nomear infanticidas e agiotas, como castigo, porque sentar uma pessoa em cima dos semelhantes ainda é pior do que pendurar numa forca!

AZDAK *sentando-se* — Agora a multa é de trinta piastras! Não vou continuar batendo boca com você aqui, como se fosse num botequim, para não manchar minha dignidade judiciária. E também já perdi toda a simpatia pelo seu caso. Onde está o casal que queria se divorciar? *A Schauwa* — Traga logo os dois, que isso a gente resolve em menos de um quarto de hora.

ADVOGADO 1 *enquanto Schauwa vai saindo* — Nobre senhora, não é preciso dizer mais nada: nossa causa está ganha.

COZINHEIRA *a Grusche* — Você foi destratar o Juiz, ele agora vai tirar o menino de você.

Entra um casal de Velhos muito idosos.

MULHER DO GOVERNADOR — Shalva, me dá o vidrinho de perfume!

Azdak — Já estou recebendo as custas. *Os Velhos não entendem.* Então vocês dois querem se separar? Há quanto tempo estão juntos?

Velha — Quarenta anos, Meritíssimo.

Azdak — E por que querem separar-se agora?

Velho — Não temos simpatia um pelo outro, Meritíssimo.

Azdak — Desde quando?

Velha — Desde o primeiro dia, Meritíssimo.

Azdak — Vou tomar conhecimento do propósito de vocês e proferir minha sentença depois que terminar um outro caso. *Shauwa conduz os dois Velhos a um plano de fundo.* Preciso do menino! *Faz sinal a Grusche para aproximar-se e inclina-se para o lado dela, sem animosidade* — Já vi a idéia que você faz da Justiça. Não acredito em você: o menino não é seu filho... se fosse, mulher, você não gostaria que ele tivesse uma vida de rico? É só dizer agora que não é seu filho, e num instante ele vai ser dono de um palácio, com uma porção de cavalos na estrebaria, uma fila de mendigos na porta, uma porção de soldados lutando por ele, e uma porção de gente solicitando favores na corte... Que tal? O que é que você me diz disso? Então não quer que ele seja rico?

Grusche não responde.

Cantor — Ouçam agora o que, na sua fúria, Grusche pensava mas não dizia. *Canta* —

Botas de ouro teria,
os humildes pisaria,
muita maldade faria,
e de mim talvez riria.
Ai, que é duro, noite e dia,
ter de pedra o coração.
Deve ser uma agonia
ser mal com o poder na mão.

Mais vale temer a fome
que os de barriga vazia.
Mais vale temer as sombras
que a claridade do dia.

Azdak — Acho que entendo você, mulher.

Grusche — O menino, eu não entrego: quem criou fui eu e ele está acostumado é comigo.

Schauwa entra com o Menino.

Mulher do Governador — A roupa dele é um trapo!

Grusche — Não é verdade. Só não me deram tempo de vestir nele a camisa nova.

Mulher do Governador — Parece que saiu de algum chiqueiro!

Grusche *fora de si* — Porca eu não sou, mas sei de gente que é! Onde foi que você largou seu filho?

Mulher do Governador — Você apanha, sua vagabunda! *Faz menção de agredir Grusche, mas é contida pelos Advogados.* É uma criminosa! Precisa levar umas chibatadas, imediatamente!

Advogado 2 *fechando-lhe a boca* — Nobilíssima Natella Abaschvíli, a senhora já havia prometido... Meritíssimo, são os nervos da reclamante...

Azdak — Da reclamante e da reclamada! O Tribunal ouviu todos os argumentos, e ainda não chegou a nenhuma conclusão clara quanto a quem seja a verdadeira mãe do menino. Em minha qualidade de Juiz, tenho a obrigação de descobrir alguém que seja uma mãe para ele. E vou fazer uma prova. Schauwa, arranje um pedaço de giz e trace um círculo no chão! *Schauwa traça no chão um círculo, com o giz.* Ponha o menino dentro do círculo! *Schauwa põe o Menino dentro do círculo, e o Menino sorri para Grusche.* Agora a reclamante e a reclamanda tomem posição perto do círculo, as duas! *Grusche e a Mulher do Gover-*

nador aproximam-se do círculo. Segurem o menino pelas mãos! A verdadeira mãe há de mostrar força bastante para tirar o menino de dentro do círculo.

ADVOGADO 2 *apressado* — Egrégio Tribunal, eu protesto contra essa forma de colocar os bens dos Abaschvíli, estreitamente ligados à sorte do menino herdeiro, na dependência de uma espécie de duelo tão duvidoso! E acrescento ainda: minha constituinte não dispõe de força que se iguale à dessa rapariga acostumada ao trabalho braçal.

AZDAK — Pois ela me parece muito bem nutrida. Puxem!

A Mulher do Governador acaba arrancando o menino de dentro do Círculo: Grusche não faz nenhuma força, e fica olhando, parada.

ADVOGADO 1 *cumprimentando a Mulher do Governador* — Que foi que eu disse? Os poderosos laços do sangue!

AZDAK *a Grusche* — Que foi? Você não fez força nenhuma!

GRUSCHE — Eu não estava segurando bem. *Corre para junto de Azdak.* Meritíssimo, retiro tudo que disse do senhor e peço que me perdoe. Eu só queria tomar conta do menino até ele saber falar: ele só sabe ainda umas duas ou três palavras.

AZDAK — Não queira influenciar o Tribunal! Aposto que você também não sabe mais de umas vinte palavras... Bem, vamos repetir a prova e acabar com isso de uma vez!

As duas mulheres tomam posição novamente.

AZDAK — Puxem!

Grusche solta de novo a mão do Menino.

GRUSCHE *em desespero* — Eu, que fiz tudo por esse menino, agora vou ser obrigada a machucá-lo? Não posso!

AZDAK *levantando-se* — Por esta prova, o Tribunal chegou à conclusão de quem é a verdadeira mãe. *A Grusche* — Pode pegar o menino e levar com você, mas aconselho a não ficar com ele nesta cidade. *À Mulher do Governador* — E a senhora, desapareça da minha vista antes que eu a condene por falso testemunho! Os bens da família Abaschvíli passam à propriedade do Município, que se encarregará de custear com eles a construção de um parque para as crianças: elas estão precisando, e eu determino que se denomine "Jardim de Azdak".

A Mulher do Governador fica apalermada, e é afinal conduzida pelo Ajudante, enquanto os dois Advogados vão saindo. Grusche permanece imóvel, e Schauwa traz o Menino para perto dela.

AZDAK — E aqui eu dispo a minha beca de Juiz, que me esquenta demais. Também não dou para grande figura. Mas ainda convido vocês para uma ligeira dança, no capinzal, como despedida. E, na minha bebedeira, quase ia me esquecendo de uma coisa: o divórcio, que tenho de assinar!

Utilizando a cadeira como mesa, rabisca qualquer coisa num papel e prepara-se para sair. Já começou a música para dançar.

SCHAUWA *lendo o papel* — Não está certo: quem o senhor separou não foi o casal de velhos, foi Grusche e o marido.

AZDAK — Será que errei na separação? Seria uma pena, mas palavra de Juiz não volta atrás, e fica como está, senão seria o caos. Convido vocês para a minha festa, pois uma dancinha só pode fazer bem a todos. *A Grusche e Simon* — Vocês dois ficam me devendo quarenta piastras.

SIMON *abrindo a bolsa* — Ainda está barato, Meritíssimo. E muito obrigado!

AZDAK *guardando o dinheiro* — Acho que estou precisando.

GRUSCHE — É melhor a gente sair da cidade ainda hoje, não é, Miguelzinho? *Tenta pôr o Menino nas costas. A Simon* — Você gosta dele?

SIMON *pondo o Menino nos ombros* — É com prazer que faço isto: gosto, sim.

GRUSCHE — Agora vou lhe dizer uma coisa: eu só peguei o menino porque nós tínhamos ficado noivos naquela Páscoa. Ele é filho do amor. Vamos dançar, Miguel!

Grusche dança com Miguel. Simon tira a Cozinheira para dançar. Os dois Velhos dançam também. Azdak permanece pensativo, cada vez mais encoberto pelos dançarinos. De vez em quando ele ainda pode ser visto, à medida que aumenta o número de pares que dançam.

CANTOR —

Foi nessa noite que Azdak sumiu
e não foi visto mais.
O povo da Grusínia, todavia,
não o esquece jamais:
por muitos anos as sentenças dele
ficaram na lembrança
como marcos de uma Idade de Ouro
em que a Justiça era quase perfeita.

Os dançarinos vão saindo. Não se vê mais Azdak.

CANTOR —

E vocês, que escutaram bem a história
do círculo de giz,
escutem sempre com todo o respeito
o que mais um velho diz:
as coisas devem antes pertencer
a quem cuidar bem delas,
as crianças às mulheres mais ternas
para crescerem belas,
a carruagem ao melhor cocheiro
para bem viajar,
e o vale aos que o souberem irrigar para bons frutos dar.